N. 175
APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

O Amor por principio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

Viver para outrem. *Viver ás claras*

AS ULTIMAS CONCEPÇÕES

DE

AUGUSTO COMTE

OU ENSAIO DE UM

COMPLEMENTO AO CATECISMO POZITIVISTA,

ORGANIZADO POR

R. TEIXEIRA MENDES

EM

Treze conferencias nas quais um Apostolo da Humanidade explica a uma Mulher os textos do Mestre, dispostos em dois grupos de *dialogos*, separados por duas *meditações intimas*.

RIO DE JANEIRO
NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
Templo da Humanidade
30, Rua Benjamin Constant, 30
JUNHO DE 1898
ANO CX DA REVOLUÇÃO FRANCEZA E X DA REPUBLICA BRAZILEIRA

N. 175

APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

O Amor por principio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

Viver para outrem. *Viver ás claras*

AS ULTIMAS CONCEPÇÕES

DE

AUGUSTO COMTE

OU ENSAIO DE UM

COMPLEMENTO AO CATECISMO POZITIVISTA,

ORGANIZADO POR

R. TEIXEIRA MENDES

EM

Treze conferencias nas quais um Apostolo da Humanidade explica a uma Mulher os textos do Mestre, dispostos em dois grupos de *dialogos*, separados por duas *meditações intimas*.

RIO DE JANEIRO
NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
Templo da Humanidade
30, Rua Benjamin Constant, 30
JUNHO DE 1898
ANO CX DA REVOLUÇÃO FRANCEZA E X DA REPUBLICA BRAZILEIRA

Prefacio

ERRATA

Alem de alguns erros tipograficos que o leitor perceberá facilmente, devemos assinalar os seguintes:

Pag. 136, fim: *permanecia*, em vez de *permanencia*.

Pag. 201, Setima conferencia; titulo: Instituição definitiva da FILOZOFIA POZITIVA, em vez de Instituição definitiva do DOGMA POZITIVO.

Pag. 375, linha 23: *fê-lo* em vez de *fê-la*.

Pag. 403, linha 28: *mais* em vez de *menos*.

Pag. 421, linha 10: *concebais* em vez de *concebei*.

Pag. 556, 17ª: POITIERS, em vez de ROCHEFORT.

Pag. 583, linha 10: apreciação *especial*, em vez de apreciação *social*.

primeiro momento, a dificuldade da empreza que ouzava tomar sobre mim. Foi quando tratei de realizá-la, que ela patenteou-me toda a sua magnitude. Com efeito, sendo tal APENDICE destinado a com-

pletar o CATECISMO, era imprecindivel que ele tivesse uma autoridade equivalente, ficando o seu conteúdo acima de qualquer suspeita, quanto á sua ortodoxia. Em segundo lugar, cumpria-me expôr as mais trancendentes concepções de nosso Mestre de modo que o leitor encontrasse aqui a refutação dos sofismas com que os inimigos do genero humano estorvão hoje o acendente do Pozitivismo.

A primeira condição só podia ser eficazmente preenchida mediante a transcrição das proprias palavras de nosso Mestre. Quanto á segunda, impunha o dever de apreciar a evolução do seu pensamento em cada assunto, respeitando sempre a obrigação que já era traçada para uma incontestavel autenticidade. Rezultava logo dahi, não só o aumento do volume deste APENDICE, mas tambem a necessidade de uma minucioza revizão dos escritos quaisquer dos Fundadores da nossa Religião. Só tal revizão bastaria para explicar, em grande parte, a demora havida entre o anuncio deste opusculo e a sua atual publicação, a vista dos poucos lazeres que as minhas funções especiais e apostolicas me deixavão.

Não ficárão, porem, nisso os obices com que tive de lutar. Era precizo que o espirito do CATECISMO se prolongasse atravez do APENDICE. tornando-o tambem um opusculo essencialmente feminino, e no qual se sentissem as mesmas influencias. Em uma palavra, cumpria expender as ultimas concepções de nosso Mestre, reprezentando sempre o homem pensando sobre a preponderancia afetiva da mulher, o coração pondo os problemas que o espirito devia rezolver. Isto indicava que se ligassem os trechos de nosso Mestre mediante um dialogo similhante áquele que prezidiu á compozição do CATECISMO, mantendo

por toda parte, explicita ou latente, a supremacia dos seus tres Anjos, sob o acendente continuo da sua terna e imaculada Inspiradora.

Percebi finalmente que era do meu dever utilizar-me aqui, tanto quanto o comportassem as minhas forças, das regras peculiares ás compozições normais fazendo a logica afetiva intervir na propria expressão. Algumas explicações são, porem, necessarias para que o leitor comprehenda similhante intervenção. Eis porque rezervei para este lugar os esclarecimentos a que me refiro, e que aliás completão as indicações que, a tal respeito, se achão no CATECISMO, dando ao mesmo tempo, a unica das concepções de nosso Mestre, que não tive ensejo de expor no corpo deste opusculo.

A apreciação do aperfeiçoamento aludido bazeia-se no que nosso Mestre denominou a *teoria subjetiva dos numeros*, isto é, o estudo das leis numericas da existencia humana. Ordinariamente se atribûi á instituição dos numeros um carater essencialmente objetivo, imaginando que forão eles sugeridos pela contemplação do Mundo, e o seu primitivo surto devido ás aplicações cosmologicas de que são sucetiveis. Entretanto é facil mostrar que, pela sua origem, seu mais eminente destino, e seu dezenvolvimento inicial, tais abstrações são sobretudo subjetivas. Com efeito, a noção direta que o Mundo nos oferece é a de *pluralidade* sem distinção de graus; o *cahos*, em uma palavra. São as dispozições afetivas da Humanidade que reagem espontaneamente sobre a inteligencia e levão esta a lançar as primeiras bazes da concepção de *ordem*, substituindo ao *cahos* objetivo, o *arranjo* subjetivo.

Este começa pela fixação dos *seres* ou *grupos*

dos seres que nos afetão de modo a constatar com clareza a sua prezença ou a sua auzencia. Ora quando se trata dos seres izolados, o reconhecimento dessa prezença ou dessa auzencia exige apenas uma mera intuição. Quanto aos grupos, porem, a simples inspeção já não basta para decidir si se contempla ou não o mesmo conjunto, por menos que os seus elementos constitutivos avultem ou nos sejão pouco familiares. Com efeito, o conjunto póde mudar sem que possamos verificá-lo imediatamente: já porque saião alguns elementos ou entrem novos: já porque varie a dispozição mutua dos elementos constitutivos do grupo; já pelo concurso destas duas circunstancias. De sorte que o problema de decidir si se tem diante de si o mesmo grupo, tomando unicamente em conta a existencia e diversidade geral dos elementos respetivos, decompõe-se em duas ordens de questões irredutiveis, a saber: 1.° reconhecer si houve variação do grupo pela adjunção ou subtração de algum elemento; 2° verificar si houve alteração pela mudança na pozição dos elementos.

A solução da primeira questão conduziu a instituir a *numeração*; a da segunda fórma o objeto da teoria das *permutações, arranjos, combinação, e repartições*. Apezar da conexão de ambas, a ultima é evidentemente mais dificil do que a primeira, que, sendo a unica primitivamente considerada, é tambem a unica com a qual nos devemos ocupar atualmente. Ora, para distinguir com precizão os grupos maiores ou menores, basta supôr neles os seres arrumados de modo que possamos formar uma escala na qual cada grupo, deferindo do seguinte e do anterior por um só objeto, essa diferença seja apanhada com facilidade. A idéia abstrata desses grupos, isto

é, a noção deles desprezando-se a natureza dos seres componentes para só considerar o fato da *coexistencia*,—eis o que constitũi o *numero*.

Isto posto, cumpre-nos indicar como é o espirito levado a tal apreciação. Para descobri-lo, comecemos por observar que durante um periodo imemorial do estado fetichista, a nossa especie não conta alem de *tres*. *Quatro* surgiu tardiamente; e surgiu sobretudo por meio de *dois*, conforme o atesta a sua difinição popular: *dois e dois são quatro*; ou por meio de *cinco* e de *um*, conforme o indica a notação romana, na qual *quatro é cinco menos um* (IV). *Cinco* correspondendo ao numero de dedos de uma das mãos, deve ter sido um dos grupos mais remotamente notados; e o seu sinal romano (V) parece ser uma simplificaçao do dezenho da mão aberta com o polegar afastado. Note-se que a palavra *mão* é por vezes sinonima de *cinco*, como na contagem das folhas de papel.* Segundo essa ultima origem, o advento de

* Transcreveremos a este propozito, o seguinte trecho do *Esboço grama-'cal da lingua guarany* do Dr. Batista Caetano, observando que, por falta de ;arateres especiais, não podemos reproduzir a grafia das palavras indigenas:

« Os adjetivos numerais erão todos derivados ou compostos e muito limitados; a muito puxar contavão até *vinte*, mas propriamente a numeração hegava só até *quatro*. No Paraguay *petein* ou *nhepetein* ou *monhepetein* 1 (ele or si, faz ele por si); *mocõi* 2 (faz par); *mbokapi* 3 (por vertice); *yrundi* ou *ioyrundi* 4 (faz pares). Na costa uzavão de *oyepe* ou *yepe* (ele per si) para 1, das outras dezignações para 2, 3, 4, só com diferença na escrita; alem disto .nchieta dá para 4 *oyoyrundic*. Para *cinco* os tupis uzavão de *che-po* (minha ião) e os guaranis de *y rundi hae nirui* ou *ace-po* (mão da gente); uns e ou-'os empregavão ainda *ambo* ou *a-po* mão da gente, deixando *che-pó* (minhas mãos) para *dez*, e *che-po che-pi* para *vinte* (minhas mãos; meus pés).

« Para exprimir dez Figueira dá *opacombó*, todas as mãos, ao passo que 'ontoya dá *ace-pó mõcõin*, duas mãos de gente, dezignando *cinco* por *ace-pó ?etein*, uma mão de gente; vinte ele expressa por *ace-pó ace-pi abé*, mãos de 'ente pés de gente tambem, e por *mbo mbi abé*, mãos e pés.» (*Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Vol. VI. Fac. n. 1, pg. 7, 1878-1879).

quatro constitûi a primeira manifestação teorica da *subtração*, como da decima quinta lei de Filozofia Primeira. Isto faz ver que, antes de formarem uma escala, os grupos forão apanhados izoladamente : já notamos a percepção de *cinco* antes de *quatro* e depois de *tres*; *dois cinco* ou *dez* devia ter sido inspirado pela contemplação das duas mãos. Estas com os pés levárão a *quatro cinco* ou *vinte*, o que foi o germen da contagem por quatro como se vê ainda hoje no francez, quatro vinte ou oitenta.

É portanto incontestavel que todas as nossas concepções numericas rezultárão das abstrações carateirizadas pelos vocabulos, *um*, *dois*, *tres*. Ora, Jorge Leroy demonstra, nas suas *Cartas sobre os animais*, que estes, a partir das aves pelo menos, chegão a instituir essa arimetica rudimentar. O inicio de toda a evolução abstrata sendo assim comum ás especies superiores, o sentimento habitual dessa conformidade deve dezenvolver mnito a nossa confraternização biocratica.

Convem observar, porem, que trata-se aqui da *contagem abstrata*, isto é, da concepção dos grupos independente do conhecimento dos seres que os compõe. Porque a *fixação concreta* das pluralidades póde ir mais longe, mesmo entre os animais. Com efeito, durante a criação, as aves percebem quando lhes falta um dos filhos ou lhes ajuntão outros, por mais numeroza que seja a ninhada.

O que precede mostra como o conjunto da filozofia arimetica consiste em reconhecer o modo do advento e o surto primordial destes tres numeros, a respeito dos quais o exame da evolução individual não deixa a minima duvida. De fato, a *unidade* rezulta da operação mental pela qual distinguimos a

existencia de certo ente da dos demais que com ele se achão. Essa separação é feita em breve pelos animais cuja conservação exige uma solicitude especial, e tanto mais depressa quanto mais melindrozo é o seu organismo. Sob a instigação do instinto nutritivo, o filho não tarda em precizar a noção da sua mãi, como um ser distinto de tudo mais. Quando o que o cerca ainda é um *cahos*, a mãi já lhe dá o sentimento da *fixidez*, e a noção da *unidade*; apenas tal noção tem, na sua estréia, um cunho *concreto* e *absoluto*, porque essa imagem é a unica que ele destaca no acervo confuzo e indiferente do Mundo.

Nas especies superiores, similhante instigação teorica do instinto nutritivo não tarda em estimular o surto do altruismo, mediante a expansão do seu orgão mediano, a *veneração*. A criança sente que a sua mãi distingue-se, para ela, de todos os seres, não só quanto ás suas exigencias vegetativas; mas tambem quanto ás suas necessidades amorozas. Assim o sentimento e a noção de *unidade*, instituidos pelo egoismo mais grosseiro, enobrecem-se pelo altruismo, que poderia mesmo tê-los inspirado, si a nossa situação planetaria fosse assáz favoravel para experimentarmos as doçuras do amor antes de sofrermos os aguilhões da fome. A evolução da Humanidade tende para esse rezultado, proporcionando á mulher uma pozição que cada vez mais lhe permite revelar-se ao filho, antes como a fonte das suas emoções carinhozas, do que como o manancial das suas satisfações vegetativas. Graças ao desvelo materno, o aleitamento vai se tornando para a criança apenas o mais energico dos afagos de que é alvo. Seja como fôr, o encanto dos instintos altruistas prevalecem insensivelmente, de modo a transformar a unidade no simbolo abstrato

do *amor* e da *sinteze*, de que a mãi é a reprezentação concreta. Convem notar demais que a noção da *unidade* tem então, como preponderante, o carater *ordinal* e não o sentido *cardinal*: a mãi aprezenta-se como *primeiro* ente, como *principal* ser mais do que como *ente só*, *ente izolado*, *ente unico*.

Tal é a verdadeira origem da concepção pela qual se inicia a nossa cultura teorica. Ela é, portanto, essencialmente subjetiva, isto é, inspirada espontaneamente pelo sentimento que determinou a concentração intelectual indispensavel, e consagrada ao conhecimento do ente que nos reprezenta normalmente a Humanidade. Pouco importa que exista ou se perceba um unico Céu, um unico Sol, e uma unica Lua; quando o animal vem a prestar atenção ao Céu, ao Sol, e á Lua, já ele possûi o sentimento e quiçá a noção de unidade que a solicitude materna lhe inspirou.

O numero *dois* é adquerido por um processo analogo. Nas especies em que os sexos são separados, unicas nas quais possamos conceber noções abstratas, desnecessarias ás existencias que, não tendo sentimentos generozos, não precizão de idéias gerais, o pai constitûi frequentemente o auxiliar da mãi durante a educação da prole. O filho é, portanto, levado a associar o tipo paterno á imagem materna, subordinando aquele a esta, como lhe sendo mais necessaria e mais cara. Tornando-se assim distinto dos demais entes, mesmo similares, o cazal inspira ao produto da sua união o sentimento e a noção de *dois* isto é, de *arranjo*, de *combinação*. O amor conjugal favorece mesmo essa evolução, porque a ternura da espoza se compraz em fazer convergir a atenção do filho para o eleito do seu coração. Esse sentimento

e essa noção confundem-se então com os que hoje ligamos á palavra *ordem*, em consequencia da fixidez que carateriza o grupo que os sugeriu. Ao mesmo tempo esse novo ente que o sentimento dezagregou do cahos objetivo, impele a noção de unidade para o seu carater *relativo*, isto é, abstrato.

Eis como *dois* torna-se espontaneamente o simbolo teorico da *ordem*, isto é, do *arranjo imutavel*, que, na sua noção sistematica, supõe sempre o concurso da Humanidade e do Mundo, cada um dos quais é respetivamente caraterizado, no par conjugal, pela mãi e pelo pai. A subordinação que a criança institûi deste para com aquela, apreciando instintivamente a correlação de ambos para consigo, corresponde á subordinação subjetiva do Mundo para com a Humanidade. Enquanto que a preponderancia fizica do pai sobre a mãi carateriza a supremacia objetiva do Mundo, que só nos afeta, cada vez mais, atravez da Humanidade, da mesma sorte que o marido inflûi sobre o filho por intermedio da mulher. Notaremos finalmente que a imutabilidade sendo um carateristico da ordem exterior, mais do que da ordem humana, o tipo da *ordem* se concentra fóra de nós, de modo a tornar o pai a imagem concreta dela.

Importa observar, como a propozito de *um*, que *dois* possûi então mais o carater *ordinal* do que a significação *cardinal*; isto é, marca mais a *jerarchia* do que a *pluralidade*, conforme o indica a palavra *segundo*, sinonima de *assistente*, *auxiliar*, *ajudante*. *

* Ha uma experiencia familiar que não deixa duvida a este respeito. Quando as crianças começão a preocupar-se com a *contagem*, até dois ou mesmo tres anos de idade e mais, si se lhes dão *dois* objetos sucessivamente e se lhes pede *um*, elas entregão o *primeiro* recebido; si se lhes pedem *dois*, elas restituem o *segundo* adquirido. É mais tarde que elas percebem que *um* é qualquer dos *dois*; e que *dois* dezigna o grupo de ambos.

Repare-se demais que, antes de adquirir o carater *abstrato*, a noção de *dois* fixou-se com acepções *concretas*, e *especiais* portanto, como o indicão os vocabulos: *cazal*, *par*, *junta*, *parelha*, *gemeo*, *ambos*, *outro*, *um e outro*, *etc*. Em todos estes cazos a noção da *coexistencia* é complicada por idéias accessorias que não permitem aplicar tais apelativos sinão a certos grupos de *dois*. Note-se finalmente que, na *linguagem vulgar*, quer falada quer escrita, nunca os numeros que estamos considerando tem uma significação puramente abstrata. Com efeito, eles indicão sempre o *sexo* ao mesmo tempo que o modo de coexistencia, de acordo com as variantes *primeiro*, *primeira*; *um*, *uma* *; *segundo*, *segunda*; *dois*, *duas*; *ambos*, *ambas*, *outro*, *outra*. O cunho de inteira abstração só é adquirido pelo simbolos arimeticos, 1, 2.

Tais considerações fazem reconhecer facilmente a origem não menos subjetiva do numero *tres*. Ele surge desde que a criança, adquirindo o sentimento de si mesma, percebe o contraste entre si e os seus progenitores. Similhante aquizição marca o advento decizivo do carater abstrato da unidade, em consequencia da sua dupla aplicação ao izolamento ficticio do pai primeiro, e depois do filho. Ao mesmo tempo a maneira pela qual se realiza essa operação, dá a criança o sentimento de *sucessão*; enquanto as grandes modificações que ela vai assistindo efetuarem-se em si, e que contrastão com a inalterabilidade dos seus pais, inspirão-lhe o sentimento e a noção de *evolução*, isto

* Em portuguez, *só* é invariavel; mas *sòzinho* já não é. Aliás na lingua mãi, o latim, bem como em varias linguas ocidentais, *só* muda com os *sexos*. Nas linguas antigas, cuja constituição é mais concreta do que a das modernas, esses *numerais* e mesmo *tres* e ás vezes *quatro* aprezentão até *tres fórmas*, o *masculino*. o *feminino*, e o *neutro*; alem das variações provenientes das *relações* ou *cazos* em que se achão na fraze.

é, de sucessão de estados que tendem para um tipo determinado. Porque ela percebe em breve que as transformações por que está passando a fazem aproximar-se do estado imutavel que supõe nos seus acendentes. E a superioridade reconhecida destes a induz a identificar similhante sentimento com o de *aperfeiçoamento* continuo. De modo que *tres* torna-se o simbolo abstrato da noção de *progresso*, concretamente reprezentado pelo filho. Tal é tambem o germen da noção de *tempo*, ou de sucessão abstrahindo dos objetos que se sucedem e supondo-a indefinidamente repetida, isto é, continua.

Chegado a esse ponto, o surto das concepções arimeticas e a constituição da escala respetiva exigem a consolidação e o dezenvolvimento da existencia social. Mas já então as aplicações objetivas confundem-se com os motivos subjetivos que continuão sempre a fornecer a fonte das inspirações essenciais. Sem entrar em detalhes a este respeito, limitar-nos-emos a caraterizar os dois elementos capitais de similhante evolução.

O primeiro refere-se á maneira pela qual forão instituidos os grupos superiores a *tres*. Ordinariamente se pensa e se ensina que os numeros *quatro*, *cinco*, *seis*, *sete*, *etc.*, rezultárão da junção de uma nova unidade á pluralidade anterior. Mas similhante conjetura é manifestamente inexata, como o atesta o exame da linguagem comum, e o indica a *lei-mãi* da Filozofia Primeira. Os menores numeros consecutivos a tres forão obtidos, no começo, por intuição imediata de certos grupos, como vimos acima, a respeito de *cinco*, *dez*, e *vinte*; ou formados pela combinação dos anteriores, *um*, *dois*, *tres*, entre si e consigo mesmo, conforme os tipos *dois* e *tres*. Aquele

é formado pela união da unidade consigo mesma, e o outro pela união da unidade com este rezultado. Similhante processo foi inspirado pelo espetaculo social, que foi chamando a atenção para grupos maiores, concretamente definidos. Assim *quatro* carateriza o grupo formado por dois cazais sem filhos. A existencia de um chefe comum a essas duas familias, ou o advento de um filho a uma delas, determinou a concepção de *cinco*, expressão de duas combinações seguidas ou reunidas por uma sinteze, bem como da união de uma combinação com uma progressão. *Seis* rezultou do ajuntamento de duas familias de tres membros (duas progressões); ou tres familias sem filhos (uma progressão de combinações); ou finalmente a reunião de uma familia com filhos a outra que os não tivesse, sob um chefe comum (reunião de uma progressão com uma combinação seguida de uma sinteze.)

Atinge-se dest'arte ao numero *sete*, que é o maior numero que se póde comodamente formar combinando só os tres primeiros: reunião de duas familias com filhos sob um chefe (duas progressões, precedidas, seguidas, ou separadas por uma sinteze); ou ajuntamento de tres familias das quais só uma com filhos (duas combinações, precedidas, seguidas, ou separadas por uma progressão). É esta propriedade que explica a sua preponderancia na principal numeração concreta, relativa ao menor grupamento dos dias ou *semana*. Da comparação desses grupos assim precizados surgem as duas distinções dos numeros em *impares* e *pares*, e depois em *primos* e *não-primos*. Os numeros impares devem o seu assinalamento ao fato de reprezentarem a *decizão*, de dissiparem as duvidas, e impedirem a irrezolução, porque nos gru-

pos que eles caraterizão não póde haver empate. Eles são tidos entre os chinezes por *celestes* e os pares por *terrestres*.

A diferença entre os numeros primos e não-primos rezulta da sua comparação com os tres iniciais, *um*, *dois*, *tres*, os quais não podem decompôr-se igualmente sinão em unidades. *Cinco* revelou uma aptidão até certo ponto equivalente, por assinalar um grupo que não póde ser decomposto em grupos iguais entre si, atributo que tambem pertence a *sete*. Para separar esses numeros em partes iguais é precizo rezolvê-los em unidades. Mediante tal distinção, é intuitivo que as propriedades dos numeros podem ser deduzidas dos atributos inherentes aos que são primos, considerados como raizes dos que o não forem.

Até nosso Mestre, essa concepção dos numeros primos tinha um carater absoluto que Ele fez dezaparecer, instituindo a mesma distinção quanto ao lugar que compete aos numeros primos na respetiva escala. Chamou de *simplesmente primos* os que compõe a serie natural dos numeros primos; *duplamente primos*, os que compõe a serie obtida considerando unicamente os que ocupão lugares primos naquela; *triplicemente primos*, os que estão no mesmo cazo em relação á segunda serie; e assim por diante. Vê-se por ahi que as series primas de diversas ordens começão sempre pelos numeros *um*, *dois*, *tres*. *Sete* é o primeiro numero duplamente primo depois destes; e *treze*, o primeiro triplicemente primo depois deles. Atendendo a esse conjunto de propriedades subjetivas dos tres primeiros numeros, que os tornão os numeros por ecelencia, nosso Mestre os denominou *sagrados*.

A nossa segunda explicação refere-se á instituição das *unidades compostas*, sem a qual não era possivel o surto objetivo das especulações numericas, e, portanto, toda a evolução teorica. Basta examinar e maneira pela qual se instituírão os menores numeros superiores a tres, e mesmo tres, (dois e um), para ver que foi na contemplação de si mesma que a Humanidade hauriu similhante noção. Já acima mostramos que os numeros *quatro*, *cinco*, *seis*, *sete*, etc., forão compostos, mediante o grupamento dos numeros sagrados como se tinhão acumulado as unidades para formar estes. Mas uma instituição tão implicita não era suficiente para o advento decizivo das unidades coletivas, que exigírão um surto mais pronunciado da existencia social. Foi de fato a fragmentação espontanea das tribus em familias, e o concurso de tribus diversas assim constituidas, nas expedições primitivas, que sugeriu tão capital sistematização. Todo o esforço especulativo consistiu em tornar uniforme a taxa de grupamento das familias e tribus abstratas, organizando estas com aquelas, como as primeiras provinhão dos individuos. A numeração concreta,—as medidas das linhas, superficies, volumes, pezos, tempo, moedas,—antes da reforma revolucionaria, mostra quão tardiamente foi instituida similhante uniformidade.

A escolha instintiva dessa taxa, em virtude do habito espontaneo de contar pelos dedos, conduziu á numeração decimal para os calculos abstratos, apezar do numero dez não satisfazer ao conjunto das condições subjetivas e objetivas mais convenientes a tal destino. As ultimas não podião aliás tornarem-se patentes sinão muito mais tarde. Assinalada teoricamente por Leibnitz e demonstrada empiricamente

pela revolução franceza a necessidade da escolha de outra baze, nosso Mestre instituiu, sob o impulso preponderante dos motivos religiozos, a numeração septimal, como sistema definitivo. Dest'arte harmonizou Ele a numeração abstrata com a principal numeração concreta, diretamente rezultante das exigencias do culto : —a contagem do tempo.

Quanto ás outras medidas concretas, forão estabelecidas utilizando-se das propriedades dos menores numeros primos, combinando sempre as exigencias objetivas e subjetivas. Transcreveremos, a este respeito as proprias palavras de nosso Mestre, observando que os trechos seguintes encerrão apenas os apanhados essenciais de uma doutrina que seria especialmente explicada no SISTEMA DE INDUSTRIA POZITIVA.

O MESTRE.—Em virtude dos habitos recentemente consagrados pela reforma decimal, posso essencialmente reduzir esta indicação ás medidas lineares, tanto circulares como retilineas. Convem primeiro ligá-las entre si aperfeiçoando a relação atual do modulo fundamental para a circunferencia terrestre, conforme a preferencia universal que merecem os numeros primos. Eis como vi-me conduzido a dividir o quarto do meridiano em um numero de partes igual ao produto dos sete menores fatores primos, todos elevados sómente a primeira potencia, salvo o segundo *dois* e o quinto *sete*, que se achão cubados. Similhante partilha fornece um modulo retilinio maior que o metro francez, e quazi equivalente aos seis setimos da antiga toeza. Sem me ocupar aqui com uma nomenclatura rezervada a meu volume final (SISTEMA DE INDUSTRIA POZITIVA), limito-me a esta definição, que, mediante as indicações seguintes, permitirá

ligar ao planeta humano todas as nossas medidas li neares, e, desde então, as suas derivações quaisquer. *

É precizo, desse modulo, fazer diretamente emana seis outras unidades de cumprimento, tres acima e tre abaixo, multiplicando ou dividindo por quatorze par passar de cada uma á seguinte. Segundo esta regra, for mar-se-ão as sete unidades respetivamente apropriada ás arias, aos volumes, e mesmo aos pezos, quando centro de cada grupo estiver convenientemente derivado segundo as leis geometricas, da baze linear, ou dos seu anexos normais. Deve-se depois conceber o dia compost de vinte oito horas, cada uma das quais comprehend cincoenta e seis minutos, subdivididos do mesmo modo O quarto do circulo, que deve ser astronomicamente di vidido como o tempo, se partilha em noventa e un graus, compostos cada um de cincoenta e seis minutos similhantemente decomponiveis. ** Extendida até a termometro, a numeração concreta faz ainda ahi preva lecer os fatores primos, atribuindo tambem noventa um graus ao intervalo comprehendido entre o gelo fun dente e a agua fervendo.

Estudada no seu conjunto, essa constituição nume ral mostra-se diretamente superior á que se acha oficial mente instalada no povo central. Para motivar a prefe rencia, basta observar a aptidão da instituição septimal não sómente para fazer, melhor do que a decimal, con

* A escolha dos nomes dos grandes reprezentantes da evolução soci para dezignar os mezes, e do de *Carlosmagno* para caraterizar a moeda prin cipal, indica que a nomenclatura metrica, nas siencias e artes cosmicas, ser feita pela mesma fórma.—R. T. M.

* * O que dá trezentos e sessenta e quatro graus para a circonferenci inteira, ou quazi um grau por dia para o movimento anual da Terr com mais aproximação do que na divizão teocratica do circulo em tre zentos e sessenta graus. Noventa e um é o produto de sete por treze. — R. T. M.

cordar o abstrato e o concreto, mas tambem para fundar a unidade numeral aperfeiçoando a harmonia concreta. Nada pôde determinar nunca a extensão oficial da reforma franceza ás divisões conexas do dia e do circulo, naturalmente ligadas á constituição do calendario donde surgiu o conflito que a fez abortar. Bastaria similhante cazo para confirmar especialmente a superioridade geral dos planos livremente emanados de um pensador sintetico sobre os projetos analiticos de um comitê temporalmente poderozo. Pela influencia só da educação enciclopedica, o sacerdocio regenerador terá em breve obtido, sem apoio politico, a adoção ocidental da numeração pozitivista, ao passo que a instituição revolucionaria não pôde jamais prevalecer sinão oficialmente.

A nossa constituição numeral parece a principio inferior áquela que a preparou provizoriamente, em não serem as diversas medidas de cada especie frações setimais umas das outras. Á inspeção de tal reproche, deve-se prezumir que ele não é de modo algun fundado, pois que eu podia facilmente evitá-lo escolhendo sete em lugar de quatorze para a subordinação mutua das unidades homogeneas. Todavia, alem da bissecção, quiz sobretudo tornar assim essas unidades mais distintas do que o são na instituição decimal, na qual a ecessiva facilidade de reduzir uma a outra neutraliza o principal oficio de uma diversidade diretamente destinada a multiplicar os pontos de partida. É precizo ligar mais valor á nitidez desses tipos do que á simplificação, menos real do que aparente, de calculos que raras vezes são complicados, e cujas dificuldades não podem jamais afetar espiritos normalmente educados. Por não ter previsto a extensão universal da educação enciclopedica, a construção provizoria preocupou-se cegamente com consi-

derações secundarias, menosprezando a principal de
tinação da reforma numeral.

Historicamente apreciada, tal renovação deve esp
cialmente manifestar o irrevogavel advento do verd
deiro sacerdocio, unico apto para fazer normalment
prevalecer qualquer instituição sucetivel de universal
dade real. Vê-se o espirito pozitivo, afinal tornado sin
tetico, obter um acendente incompativel com a su
preparação analitica, que o subordinava sempre ao
governos mesmos aos quais inspirava demaziada con
fiança. Regeneradas pela religião relativa, a verdadeir
siencia e a san filozofia terão assim constatado a sua apti
dão para reconstruir o poder teorico, sobrepujando, en
um cazo especialmente decizivo, as rezistencias obstina
damente emanadas dos destroços academicos e metafi
zicos. Depois de ter dignamente consagrado as aspira
ções populares de todos os tempos e de todos os lugares,
o culto da Humanidade realiza tambem os votos de elite,
espontaneamente condensados no ultimo pensador a
quem a anarchia moderna permitiu a universalidade sis-
tematica. * O seu duplo programa quanto á linguagem e
á numeração acha-se normalmente absorvido no poziti-
vismo, que lhe fornece uma solução deciziva, necessa-
riamente diferente do projeto provizorio cuja eficacia
teve de restringir-se a assignalar a questão. (SINTEZE
SUBJETIVA, 132-135)

Tendo assim explicado suficientemente a teo-
ria subjetiva dos numeros no que diz respeito á insti-
tuição destes, e dado mesmo as suas aplicações exte-
riores mais comuns, resta-nos completá-la, mostrando
que, a vista dos seus uzos mais eminentes, eles são

* Leibnitz, nacido a 21 de Junho de 1646 e morto a 17 de Novembro
de 1716.— R. T. M.

tambem mais subjetivos do que objetivos. Com efeito, sob o aspeto abstrato, a não ser nos fenomenos matematicos e astronomicos, bem como nos mais simples da fizica propriamente dita, o emprego dos numeros é por toda parte mais logico do que sientifico. Eles servem então para fixar as nossas concepções como meros artificios metodicos, e não para medir realmente fenomenos inaccessiveis a toda avaliação preciza. No ponto de vista concreto, é sobre o uzo deles que repouza a existencia humana, para cuja regularização fornecem, sob o impulso do sentimento, o unico meio capaz de dissipar o arbitrio, a duvida, e a indecizão. A eficacia de similhante concurso é racionalmente prevista em virtude da suprema modificabilidade do organismo humano, assim como da preponderancia continua do altruismo sobre o egoismo. E a necessidade dessa intervenção nos menores cazos rezulta do aforismo: *nada é indiferente perante o sentimento;* o que nos mostra como o indefinido só aproveita á revolta dos pendores inferiores contra a supremacia dos atributos mais nobres. Graças a similhante auxilio, pelo qual a Logica liga-se diretamente á Moral, a arimetica adquire uma dignidade que a nenhuma outra parte da escala objetiva compete.

Tais são as considerações que erão indispensaveis para que se pudesse comprehender o aperfeiçoamento logico geral que a matematica introduziu na existencia especulativa, e que nosso Mestre caraterizou pela seguinte fórma:

O MESTRE. — Reagindo sobre o conjunto da filozofia segunda, o espirito matematico deve pois esboçar a apreciação numerica da existencia humana e a construção do metodo trancendente, conquanto só a ultima

faze enciclopedica possa acabar essas duas obras. Pertence excluzivamente ao porvir dezenvolver tais realiza-ções, quando a siencia fundamental, religiozamente combinada com todas as outras, estiver suficientemente votada á sua melhor destinação na sua cultura sacerdotal. Todavia, eu posso caraterizar já essa influencia indireta da regeneração matematica ligando-lhe um aperfeiçoamento logico que agora experimentei de modo a realizar aqui o anuncio inserido no terceiro capitulo do tomo final da minha principal obra. Examinado sinteticamente, ele consiste em uma sorte de calculo univerSal, a um tempo algebrico e numerico, apropriado para secundar o conjunto da elaboração mental facilitando simultaneamente a concepção e a expressão. A sua explicação obriga-me a fazer conhecer primeiro o plano que afinal institui para todas as compozições importantes, e plenamente praticado em todo o curso do volume que acabo.

Deve-se considerar esse plano como essencialmente inspirado pela teoria subjetiva dos numeros, que o meu primeiro capitulo suficientemente caraterizou, sobretudo quanto aos numeros primos, sobre os quais ela é principalmente fundada. Relativamente a cada volume verdadeiramente sucetivel de formar um tratado distinto, é precizo normalmente instituir sete capitulos, alem da introdução e da concluzão, e compôr cada um de tres partes. Nessa distribuição fundamental, que limita-se a precizar e sistematizar uzos espontaneamente surgidos, as duas divizões comportão titulos caraterísticos, algumas vezes condensados em uma só palavra. Examinada quanto ao terço de qualquer capitulo, a regra consiste em partilhá-lo em sete secções, compostas cada uma de sete grupos de frazes, separadas pelos alineas uzados. Normalmente formada, a secção oferece

um grupo central de sete frazes, precedido e seguido de tres grupos de cinco: a secção inicial de cada parte reduz a tres fazes tres dos seus grupos simetricamente colocados; a secção final dá sete frazes a cada um dos grupos extremos.

Sob esse aspecto, a minha regra de compozição aproxima a proza da regularidade poetica, a vista da minha redução anterior do maximo de toda fraze a duas linhas manuscritas ou cinco impressas, isto é, duzentos e cincoentas letras. A medida que a preparação humana se realizou, o aperfeiçoamento da expressão sucitou prescrições mais precizas, sobretudo caraterizadas pela partilha dos cantos em estancias na população mais estetica. Normalmente construidos, os grandes poemas formão treze cantos, decompostos em partes, secções e grupos como os meus capitulos, salvo a inteira igualdade dos grupos e das secções; substituindo o verso á fraze, essa extensão equivale á da principal epopéia. Todavia, a diferença de estrutura assim regulada entre os volumes poeticos e os tomos filozoficos é mais aparente do que real; porque a introdução e a concluzão de um poema devem comprehender cada uma tres dos seus treze cantos. Confundidos para sempre no oficio sacerdotal, as duas sortes de compozições tendem para o mesmo plano, conquanto a segunda, menos perfeita e mais frequente, comporte uma execução menos severa e mais dezenvolvida.

Depois de ter assás caraterizado a constituição numerica do volume normal, é precizo explicar diretamente a coordenação algebrica das secções, dos grupos ou estancias, e das frazes. Reduzindo cada fraze á inicial da sua primeira palavra, e cada grupo á da sua primeira fraze, eu reprezento cada secção por uma palavra de sete letras, cada uma das quais torna-se a inicial da

palavra que determina um dos grupos correspondentes. Na escolha dessas palavras, admito igualmente os verbos e os nomes, tanto adjetivos como substantivos: estes são, segundo os cazos, abstratos ou concretos, individuais ou coletivos: todos podem indiferentemente emanar das cinco linguas ocidentais que possuo. Examinadas quanto á sua estrutura, as palavras peculiares ás secções devem sempre oferecer letras distintas e necessarias, a menos que não sejão concretas, e sobretudo pessoais; quanto aos grupos, essa dupla condição não é indispensavel, conquanto eu a tenha preenchido sempre tanto quanto possivel. Normalmente destinada a fazer melhor surgir e reter a concatenação do pensamento e do discurso, ela deve sobretudo convir ao primeiro cazo; no segundo, similhante rezultado torna-se tão superfluo como impraticavel. Toda a eficacia do metodo repouza sobre a escolha das duas sortes de palavras, que devem sempre oferecer uma significação sintetica ou simpatica e referirem-se, o mais possivel, á seção ou parte correspondente. Ele exige que esses titulos sejão tanto pronunciados como escritos; aplicando o Espaço a sua dupla reprezentação, na qual a impressão fonica completa o efeito grafico, segundo o exemplo espontaneamente oferecido pelos poetas aos filozofos.

A eficacia desse regimen, sugerido pelo tipo matematico, rezulta do concurso normal de duas influencias continuas, uma moral, outra mental. Ele tende, mediante uma nobre escolha das palavras sistematicas, a reanimar, na metade comunicavel da elaboração intelectual, os grandes sentimentos que devem exeluzivamente dirigir o seu periodo puramente interior, conducente aos titulos gerais dos capitulos e suas partes. Examinados sob esse aspeto, os nomes concretos, tanto coletivos como individuais, são ordinariamente preferi-

veis, como sendo mais sinteticos e simpaticos: deve-se no entanto moderar o seu emprego, que comumente reduzi a tres por parte, afim de cóncentrar os efeitos. Toda a coordenação das secções consiste em fazê-las sucederem-se segundo iniciais fixas, alfabeticamente consecutivas, salvo as letras pouco favoraveis: tomei A, B, C, D, F, G, H para o interior de um volume qualquer: L, M, P, R, S, T, V, para a introdução e a concluzão. * Com essas quatorze letras, posso honrar suficientemente todos os grandes nomes do calendario ocidental, no conjunto dos quatro tomos peculiares á construção cujo primeiro volume acabo.

É precizo mentalmente explicar a eficacia de tal regimen em virtude de dois fenomenos cerebrais, dos

* Convem aqui recordar o seguinte trecho da carta que nosso Mestre escreveu ao seu dicipulo Alfredo Sabatier, em 20 de Cezar de 69, (12 de Abril de 1857):

« Aprovo, como plenamente conforme ao verdadeiro espirito do meu novo sistema de compozição, a emenda que me submeteis, a propozito do vosso opusculo, para a coordenação das secções de um mesmo capitulo ou terço de capitulo, substituindo á sucessão alfabetica das iniciais de secção, a das letras de uma palavra bem escolhida. Os meus terços de capitulo tendo todos sido caraterizados por um titulo sumario, por vezes condensado em um termo unico, não tinha sentido a necessidade de tal aperfeiçoamento, a minha atenção concentrara-se sobretudo na construção de cada secção. Todavia reconheço a justeza das vossas objeções sobre a sucessão sempre alfabetica das diversas secções, salvo para a introdução e a concluzão, que diretamente relativas ao conjunto do tratado, mal podem admitir uma palavra especial. É portanto provavel que, começando, no primeiro venerdia de Fevereiro proximo, o segundo volume da minha SINTEZE SUBJETIVA, praticarei a vossa emenda, afim de aperfeiçoar a coordenação especial dos meus terços de capitulo, mas sem restringir-me aos nomes concretos, individuais ou mesmo coletivos, e rezervando-me como sempre a faculdade de empregar tambem termos abstratos, substantivos ou mesmo verbos, que serão algumas vezes preferiveis. As pequenas compozições, nas quais os capitulos não são divididos em tres partes caraterísticas, são as unicas que devem excluzivamente coordenar as secções por palavras concretas, e de ordinario pessoais. Assim concebida a vossa emenda merece a minha in-

quais o primeiro foi assás caraterizado pela minha principal obra e o segundo não é contestavel. Por um lado, o orgão da linguagem funciona mais rapidamente do que o aparelho meditativo; por outro, ele tende a condensar cada palavra na inicial, que muitas vezes a reproduz involuntariamente. Elaborada convenientemente, a combinação dessas duas leis mentais com a lei moral que subordina o pensamento e o discurso ao sentimento, póde explicar assás todos os efeitos do regimen que exponho. Afim de melhor julgá-lo, deve-se tambem notar que uma fraze não é a principio caraterizada pela sua primeira palavra, cuja mudança faz azadamente evitar os embaraços que parecem inherentes a tais praticas. O habito superará depressa esses estorvos aparentes, que impelem, como as prescrições poeticas, a aperfeiçoar simultaneamente a expressão e a concepção; eu o senti desde o segundo capitulo do volume em que introduzi este sistema de compozição.

Estudada historicamente, esta instituição logica não é tão distituida de antecedentes como a principio parece. O pai da historia grega forneceu o seu primeiro esboço espontaneo, consagrando ás diferentes muzas as diversas partes da sua grande compozição. A toda digna dedicatoria pertence um oficio equivalente para com o conjunto da obra que ela inaugura: o meu regimen sistematiza e dezenvolve esse uzo, aplicando-o a cada grau de elaboração, depois de ter completado o concreto pelo

teira aprovação não sómente quanto ao cazo que vó-la sugeriu, mas para o conjunto do metodo construtivo, cuja aplicação normal ela aperfeiçoa; ao mesmo tempo que previne fastidiozas repetições. Si as reflexões que terei, naturalmente, lugar de fazer a este respeito, antes de retomar a minha grande construção final, conduzirem-me, como o prezumo, á consagração dessa propozição, terei prazer, anunciando-a no prefacio do volume em que a aplicarei diretamente, em referí-la ao eminente dicipulo teorico que dignamente a imaginou. (*Revista Ocidental*—Tomo V, 1880, p. 93-94).

abstrato. Devemos enfim notar a pratica espontaneamente comum a todas as literaturas, sobretudo modernas, nas quais, nas pequenas compozições, os poetas muitas vezes subordinárão a sucessão das iniciais dos seus versos á das letras de um nome celebrado. Si esse triplice antecedente de modo algum podia bastar para instituir o regimen que descrevi, deveu naturalmente concorrer para isso com o impulso matematico, e facilitará a apreciação do tipo seguinte, que convem ao ultimo terço do sexto capitulo;

ABUELOS (ama, bénis, use, esprits, lucem, orb, senil).
BATAVES (baser, ancre, tarea, aboutir, ville, erial, socii).
CROMVEL (chefs, régir, osare, madurar, vigor, éveil, ligar).
DILECTA (divin, idoli, fieta, educare, casta, terre, acque).
FULGIDA (fuego, udita, lauri, général, imagi, déité, almas).
GERMINA (gemma, essor, roots, materna, inani, nurse, asido).
HOMINES (humiles, orare, morti, italien, naifs, épuré, stabili).

Subordinado á religião da Humanidade, este metodo não teria podido surgir antes do pozitivismo, e não comporta uma plena eficacia sinão nas almas verdadeiramente regeneradas. Similhante instituição está diretamente ligada ás duas bazes essenciais da fé final, a indivizibilidade de uma verdadeira sistematização, e a influencia da simpatia sobre a sinteze. Eu ficaria portanto sorprehendido que ele fosse imediatamente sentido alhures que não entre os pozitivistas completos, isto é, religiozos, aos quais ele oferece uma aplicação universal e permanente da sua formula sagrada, combinando o amor com a ordem para o progresso. Ele dezenvolve então a unidade real e a continuidade normal fazendo sempre concorrer os tres elementos da natureza humana para a elaboração simultanea do pensamento e do discurso. Todas as dignas emoções da vida privada podem assim secundar os impulsos peculiares á vida publica

para dissipar a funesta sequidão do trabalho teorico sem alterar a contenção que ele exige.

Tal instituição deve finalmente completar a constituição da linguagem humana, sistematizando a combinação espontanea dos seus dois oficios gerais quanto á comunicação e elaboração dos pensamentos. Fazemos assim concorrer a construção mais popular para as mais eminentes compozições; porque a eficacia desse regimen repouza sobre o sentido das palavras que emprega, ao passo que as notações algebricas são puramente arbitrarias. Ele dezenvolve a aptidão logica dos sinais, a um tempo fonicos e graficos, combinados com as imagens, sob a presidencia continua dos tres instintos simpaticos, então aplicados aos detalhes da sinteze cujo conjunto primeiro inspirárão. Todos os habitos assim contrahidos subordinão o trabalho teorico ao principio, moral, mental, e pratico, da Humanidade, de quem procedem os diversos meios de compozição, e cuja invocação especial vem sempre renovar a fonte afetiva dos esforços especulativos. Extendida aos sete idiomas ocidentais, antigos e modernos, pela obrigação de evitar as repetições, primeiro entre os grupos de um mesmo capitulo, e sobretudo entre as secções de um mesmo volume, este metodo dezenvolve as simpatias ocidentais e prepara a lingua universal.

Conquanto tenha a principio surgido para a elaboração filozofica, similhante instituição convem mais a compozição poetica, melhor apta para dezenvolver a eficacia mental do sentimento, e naturalmente disposta a se regularizar. Examinado sob este aspeto, este regimen deve então absorver a lei da rima, principal carater da versificação moderna, e fonte primordial dos seus diversos aperfeiçoamentos gerais. As estancias ou grupos tendo doravante sete versos, a sua estrutura e a sua sucessão

combinarão os dois modos peculiares á epopéia italiana, aliando a unidade da oitava á continuidade do terceto, pelo cruzamento das rimas e encadeamento das estrofes. Sempre o primeiro verso de uma estancia rima com o ultimo da precedente, cujas duas consonancias são igualmente repetidas no conjunto de tres estrofes, nas quais a consecutividade compensa a alternancia: o encadeamento abraça todas as secções de um mesmo canto.* Então o trabalho poetico completa a regularização cujo primeiro tipo forneceu ; ele aceita dignamente um acrecimo de severidade que carateriza e dezenvolve a sua superioridade normal sobre o trabalho filozofico, que só a sistematização universal podia regularizar.

O conjunto deste regimen tende a concentrar a compozição, estetica ou teorica, nas almas capazes de apreciar a sua eficacia sem temer-lhe o rigor. Ele seria alhures inaccessivel, e poderia até tornar-se prejudicial sucitando a difuzão e a divagação para preencher os seus quadros imutaveis, que só convêm ás grandes inteligencias, fortemente preparadas, nas quais essas fórmas secundão a convergencia e a concizão. Porem similhante concentração do trabalho especulativo está diretamente em conformidade com o estado normal da Humanidade, que reduz a classe comtemplativa ao sacerdocio digno de reprezentar as duas populações subjetivas junto da

* Esta fraze foi corregida de acordo com a *errata* constante da carta acima mencionada. Eis aqui o *Especimen da sucessão das rimas no conjunto de tres estancias*, dado por nosso Mestre :

justice	bonté	partage	valeur
chanté	courage	douleur	sagesse
proprice	beauté	nuage	etc.
fierté	volage	bonheur	
novice	pureté	visage	
sureté	servage	pâleur	
clarté	hommage	vainqueur	

população objetiva. Importa á harmonia social que as melhores fórmas de compozição, filozofica ou poetica, a interdição ás mediocridades, e a tornem mesmo ecepcional nas almas seletas, afim de melhor aplicar todos os esforços á vida ativa, tanto espiritual como temporal...

....

Convencido que o advento do clero pozitivo tornou-se agora a principal necessidade da reorganização ocidental, cujo fundamento religiozo lancei, ocupei-me diretamente com regular as suas condições teoricas, enquanto elaborava a sua realização sistematica. Vè-se na minha setima circular, o anuncio das tezes enciclopedicas, sempre escolhidas livremente, mediante as quais julgarei a aptidão e a instrução dos verdadeiros aspirantes ao sacerdocio da Humanidade, quando a moralidade deles estiver suficientemente constatada. Mas a condensação definitiva da jerarchia teorica, em tres graus sientificos fundamental, preparatorio, e final, permite reduzir esse julgamento a tres tezes impressas, Logica, Fizica, e Moral, com tres mezes de intervalo, publicamente seguidas cada uma de um exame oral. Por ahi achão-se a um tempo simplificadas e aperfeiçoadas a preparação e a apreciação, simultaneamente tornadas mais sinteticas, sem sucitar lacuna alguma, que a semana comprehendida entre a teze e o exame não poderia jamais dissimular. A concentração das provas está por tal forma ligada á condensação enciclopedica que um do meus melhores discipulos teoricos foi espontaneamente conduzido a uma quando lhe fiz previamente conhecer a outra. Elas permitem que a elite do publico ocidental secunde a dificil função que doravante me toca para compor um clero verdadeiramente digno de aplicar a religião universal á terminação necessaria da revolução moderna. Todavia, os estorvos que deve agora experi-

mentar o cumprimento das tres provas, das quais nada póde jamais dispensar, faz melhor sentir o valor da reação indireta que a regeneração matematica ha de exercer sobre as almas incapazes do sacerdocio mas suceti-veis do apostolado regular.

Ás minhas duas ordens de auxiliares, mais diferentes de situação do que de natureza, recomendo o ensaio do sistema de compozição acima instituido mediante uma aplicação deciziva. Naturalmente destinados a secundar a instalação do pozitivismo por publicações algumas vezes extensas, os padres e os apostolos sentirão o valor de um regimen que facilita e aperfeiçoa a elaboração simultanea do discurso e do pensamento. Eles deverão, nesses cazos, antes de começar um capitulo, escolher os seus vinte e um nomes de secções, donde surgirão, no principio de cada parte, os de todos os grupos correspondentes, pondo primeiro os dois extremos e o meio de cada secção. Mas, depois de haver maduramente efetuado essas escolhas, a sua fixidez torna-se indispensavel para a eficacia de um metodo destinado sobretudo, sob o aspeto teorico, a dissipar a hezitação prevenindo o arbitrio. Afim de assegurar a preponderancia normal dos sons sobre as fórmas, importa, quanto ás letras equivocas, aplicá-las aos grupos segundo a mesma pronuncia que nas secções correspondeates. (SINTEZE SUBJETIVA, p. 754-766)

O conjunto dos esclarecimentos que precedem determina as condições a que tinha de atender para o conveniente dezempenho da melindroza tarefa de que fui incumbido. Eles explicão diretamente o plano geral deste opusculo, cujo modo de realização resta -me agora especificar, motivando o grau de aproximação que me foi accessivel no proseguimento do

ideal assim definido. Oxalá os verdadeiros dicipulos de nosso Mestre considerem tal grau suficiente ao fim para que é destinado este APENDICE.

Desde que me era prescrita a forma dialogal, as regras expostas por nosso Mestre no CATECISMO indicavão-me sem hezitação os interlocutores que convinhão. Eu não podia, sem temeraria prezunção, continuar a supôr um dialogo entre o Fundador do Pozitivismo e a sua incomparavel Padroeira. Tal construção exigiria, sob pena de um malogro extremamente deploravel, capacidade de muito superior á minha. Para facilitar este trabalho importava limitar-me a imaginar um cazo assás proximo da realidade, idealizando o mais comovente, para mim, dos epizodios da minha carreira evangelica. Eis porque supuz que a serie de conferencias tinhão lugar entre uma mulher e um simples apostolo, conforme o modo pelo qual realizei uma das primeiras expozições do CATECISMO.

Tendo de aprezentar as teorias de nosso Mestre mediante os seus proprios trechos, apenas ligados e explicados segundo as exigencias do Publico a quem se dirige este APENDICE, eu era espontaneamente levado a reproduzir aquele inolvidavel ensino. Similhante circunstancia dissipou espontaneamente a dificuldade fundamental que se opunha á execução do meu projeto, porque permitiu-me invocar as palavras do Fundador, sem atribuir á minha catecumena a minima desconfiança para com aquele que a estava iniciando. Assim, este opusculo reprezenta um apostolo da Humanidade ensinando as ultimas concepções pozitivistas a uma mulher a quem já instruíra em nossa religião, mediante a explicação do CATECISMO. Foi a minha continua preocupação evitar o

mais possivel dizer por mim o que constasse explicimente dos trechos de nosso Mestre, e não interrompê-los sem que julgasse haver necessidade real de algum esclarecimento. A natureza dialogal deste opusculo obrigou-me todavia, algumas vezes, a separar as partes de uma mesma expozição, por breves intervenções, mais estetica do que teoricamente exigidas. A vista destas cautelas, creio poder garantir a perfeita fidelidade deste volume; aceitarei, entretanto, com o mais sincero reconhecimento, os reparos das pessoas simpaticas, quer as suas observações se refirão ao fundo quer á fórma do muito pouco que ele tem de meu.

Quanto ás regras da compozição normal, considerei-as como inexequiveis para mim, nas condições sobretudo em que tive de planejar, encetar, e mesmo concluir este trabalho. Limitei-me por isso unicamente ao dever de ligar todo o dialogo a palavras simpaticas ou sinteticas, algumas vezes em conexão com o assunto, e outras vezes auxiliando-me apenas pela emoção geral que me despertavão. Nada sendo indiferente ao coração, e a submissão sendo a baze do aperfeiçoamento, pensei que a obrigação que assim me impuz não seria totalmente destituida de eficacia. Para a decompozição das palavras, ora referi-me a sua analize literal, ora a sua separação silabica; alem de que liguei ás vezes pelo mesmo vocabulo as observações consecutivas dos dois interlocutores, ou de um só. Atento aos escolhos que nosso Mestre assinalou no emprego das regras dessa ordem, esforcei-me por não ser difuzo, subordinando consienciozamente a expressão á concepção. Os outros, porem, e não eu, poderão decidir até onde consegui o fim que tive em vista.

A obrigação de reproduzir os textos de nosso Mestre levou-me finalmente a decompôr este opusculo em treze dialogos e duas meditações solitarias. Não era possivel diminuir o numero das conversações, sem torná-las demaziado longas, tomando para tipo as do Catecismo. E para converter os *estudos intimos* em dialogos, seria precizo interromper as expozições correspondentes, com observações que nos parecêrão perfeitamente escuzadas. Com efeito, o texto respetivo apenas exige raras notas, afim de ser comprehendido por quem tiver a preparação que rezulta da instrução anterior.

O advento da Republica em nossa Patria veio dar á atividade do Apostolado Pozitivista novo impulso, oferecendo-lhe um meio politico mais accessivel. Conquanto este opusculo fosse planejado e començado sob o regimen imperial, só foi continuado e concluido depois do abalo regenerador por que ultimamente passou o Brazil. O rezultado é que ele aparece como o termo da faze inicial da propaganda pozitivista entre nós, e o começo do seu surto normal. Este foi, de fato, inaugurado pela supressão da teologia oficial e a organização sistematica da igreja pozitivista do Brazil, de modo a abraçar todos os que entre nós concorrem, em qualquer grau, para a regeneração humana.

Assim considerado, este Apendice define precizamente a nossa ortodoxia, patenteando o modo pelo qual comprehendemos a crecente harmonia da incomparavel vida do nosso supremo Pai Espiritual. Portanto, a continuidade da nossa ação fica a coberto, tanto quanto em nós cabe, das eventualidades cuja perspetiva mais nos alarmaria. Porque, combinando o Catecismo com este Apendice, as almas amantes

encontrarão integralmente a doutrina de nosso Mestre, exposta por Ele mesmo. Ficarão, pois, de posse de todos os elementos necessarios á sua conversão e ao seu prozelitismo, sem que lhes seja imprecindivel uma instrução especial que rarissimas vezes é atualmente exequivel.

Ha muito que o conseguimento de similhante propozito me preocupava, no intuito de garantir o exito do nosso apostolado, proporcionando aos nossos irmãos o equivalente do concurso que lhes prestava na consolidação das suas convicções. Inquietava-me principalmente a sorte das gerações que ora despontão, e ás quais algumas mortes prematuras dos atuais pozitivistas poderião privar de similhante auxilio, expondo-as ás ciladas do revolucionarismo, e sobretudo á ingratidão dos falsos dicipulos de nosso Mestre. Jamais havia eu, porem, precizado similhante voto, a que a realização deste Apendice veio dar o mais satisfatorio cumprimento que me era licito almejar.

Não posso terminar este prefacio sem assinalar o supremo objetivo que condensou todas as minhas aspirações na execução do prezente volume. Pretendi com ele levantar um troféu de amor e reconhecimento á terna e imaculada Senhora sob cujo bemdito influxo surgiu e elaborou-se a Religião da Humanidade. Incapaz de nada fazer por mim, que pudesse testemunhar-lhe, de uma maneira condigna, o amor que lhe devemos pelos seus inexhauriveis beneficios, e a nossa profunda admiração pela sua grandeza sem par, contentei-me com reunir, na carreira triunfal de nosso Mestre, os monumentos da gloria da sua suave Padroeira. Si, ao terminarem a leitura deste opusculo, as almas afetuozas sentirem

-se compenetradas da ecelencia incomparavel d'Aquela em quem a Humanidade rezumiu os tezouros da sua graça, julgar-me-ei como tendo satisfatoriamente cumprido o mais santo dos votos inspirados por uma grata ternura filial. Com efeito, bem cedo concentrei na adoração da nossa soberana Mãi Espiritual todos os esforços de qualquer atividade evangelica, reputando como insuficiente e precaria a ação que não redundasse em dezenvolvimento do seu culto. Amá-la dignamente, — eis o unico sintoma decizivo de uma conversão real; de sorte que todo o Pozitivismo se condensa praticamente em ser-se capaz de aplicar-lhe com sinceridade a qualificação e o voto que nosso Mestre incessantemente repetia:

Vergine-Madre! Figlia del tuo Figlio!
Amem te plus quam me, nec me nisi propter te!

R. TEIXEIRA MENDES.
(42 rua Benjamin Constant)
Nacido, a 5 de Janeiro de 1855, em Caxias (Maranhão)

Rio de Janeiro, mercuridia 25 de Cezar de 105 (17 de Maio de 1893).

P. S. Tendo este opusculo sido publicado alguns anos depois da sua primitiva redação, considerei do meu dever modificar em alguns pontos o texto original, corregindo certos topicos e sobretudo fazendo alguns aditamentos. Julguei contudo que não convinha mudar a primitiva data da sua concluzão, porque, apezar de importantes, tais aperfeiçoamentos não alterárão essencialmente o trabalho anterior, conservado em quazi a sua totalidade.

Rio de Janeiro, 13 de Shakespeare de 109 (22 de Setembro de 1897).

AS ULTIMAS CONCEPÇÕES DE AUGUSTO COMTE

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA CONFERENCIA

APANHADO SOBRE A INCORPORAÇÃO DO FETICHISMO
NO POZITIVIMO,

SERVINDO DE COMPLEMENTO Á

TEORIA GERAL DA RELIGIÃO.

A Mulher.— Recordo-me, meu pai, que, explicando o CATECISMO, aludistes, por vezes, ás concepções posteriores de nosso idolatrado Mestre. O dezejo de iniciar-me prontamente no Pozitivismo vos levou contudo a cingir-vos primeiro ao comovente opusculo que Ele dedicara ao meu sexo. Senti então que essa marcha era a mais adequada á minha situação, porque mantinha em sua integridade um preciozo dialogo, sobre o qual teria de meditar na vossa auzencia. Atualmente, porem, que essa iniciação está concluida e me acho plenamente convertida, peço-vos que me exponhais, tanto quanto julgardes conveniente, os acrecimos dados mais tarde á nossa religião. Lembrando-me da grande lei que faz consistir, por toda parte, o verdadeiro progresso no dezenvolvimento da ordem correspondente, prevejo que essas novas concepções terão tido por fim instituir de modo mais

cabal a unidade moral que já conheço. Inclino-m
por isso a pensar que a insuficiencia de minha ins
trução não será um obstaculo ao feliz exito do ensin
que de vós espero. Aguardo todavia a vossa decizã
para regular por ela as minhas aspirações intelec
tuais, que se rezumen em aprender o que me julga
des necessario e accessivel.

O Apostolo.— Concebestes perfeitamente, mi
nha filha, o carater e o alcance das instituições qu
forão o objeto das ultimas meditações de nosso sant
Fundador. Limitando-vos a considerá-las como de
tinadas a consolidar a unidade moral, implicitament
sentistes que elas devião ter tornado mais sintetic
o nosso dogma e mais sinergico o nosso regimen.
O acendente universal do sentimento não permit
por um lado, que os dois ultimos rezultados sejã
obtidos sem que haja previamente um aumento n
coordenação afetiva. Tão pouco é possivel imagina
nesta um melhoramento qualquer que não seja log
seguido de uma convergencia maior nas opiniões
nos atos. Isto basta para dissipar os escrupulos sug
ridos pela vossa modestia; porque a instrução atua
só consegue de ordinario, como sabeis, robustece
as fantazias metafizicas, atrofiando o amor e fomen
tando tanto a prezunção como a cubiça. Livre es
pontaneamente dessa cultura daninha, a vossa inte
ligencia virgem conserva as aptidões intrinsecas qu
formão o carateristico da civilização ocidental, e qu
assegurárão a presteza de vossa conversão. Deveis
pois, confiar na docilidade do vosso espirito, tant
mais quanto a veneração que votais a nosso Mestr
e os conhecimentos que já tendes pelo nosso CATE
CISMO fornecem a melhor preparação para o fim qu
tendes em vista.

A Mulher.— Sustentada por esta animação, conto, meu pai, conseguir uma iniciação que muitas vezes me aprezentárão como superior ao meu sexo. O objeto de nossas conferencias sendo naturalmente indicado pelo plano do CATECISMO, prezumo que me explicareis hoje os aperfeiçoamentos introduzidos na nossa *Teoria geral da religião*. Fizestes-me observar, a propozito das aptidões afetivas do Pozitivismo, (1) que o carater relativo do nosso dogma permitia extender a adoração normal ás plantas, á Terra, aos astros, e até ao Espaço. Induzida por indole a amar a esses companheiros e testemunhas de nossas alegrias e de nossas dores, acolhi o vosso anuncio com intima satisfação. Agora parece-me chegado o momento de saber como nosso Mestre alcançou enfim conciliar as tendencias dos corações femininos e as inspirações dos genios poeticos com as exigencias teoricas dos verdadeiros filozofos.

O Apostolo.— Inauguraremos de fato esta segunda serie de conferencias pelo estudo da sublime concepção que assegurou a plenitude da unidade religioza, mediante a assimilação do fetichismo pelo pozitivismo. Nelas seguiremos o costume, adotado nas anteriores, de lermos em comum os textos de nosso Mestre, interrompendo a leitura para fazer os comentarios que julgardes precizos ou me parecerem convenientes. Este sistema tem a dupla vantagem de manter originalmente un ensino incomparavel, e de permitir que possais, com melhor fruto, meditá-lo na vossa intimidade. Serei levado no entanto, algumas vezes, a aprezentar-vos, como hoje, reflexões preliminares, para estabelecer a continui-

(1) CATECISMO POZITIVISTA, pag. 46 da tradução brazileira, 1ª edição.

dade entre as noções que já possuirdes e os aperfeiçoamentos que houvermos de considerar.

A Mulher.— Alem dos motivos que acabais de assinalar, o sistema de ensino por vós preferido teve para mim sempre o encanto de instituir uma adoravel convivencia com entes aos quais me acho preza pela mais viva ternura filial. Mesmo agora, que nosso Mestre vai ser o unico interlocutor subjetivo, esse encanto não será alterado; pois terei continuamente prezentes ao meu espirito, como o são ao meu coração, as angelicas inspiradoras das concepções que me forem transmitidas. O santo influxo de tão augusto patrocinio tornar-me-á mais apta para compreender não só as palavras de nosso Mestre, como as vossas. Rogo-vos, pois, que comeceis dando-me as explicações previas cuja conveniencia me fizestes sentir.

O Apostolo.— Esta grata evocação não é menos precioza a mim do que a vós, minha cara filha, para elevar-me a altura da dificil missão que as condições sociais me impuzerão. Refletí que temos de acender ao fastigio da racionalidade a que a plenitude da simpatia transportou o Fundador da Religião da Humanidade, emancipando-o de todos os preconceitos teoricos, mesmo sientificos. Nenhum auxilio póde, portanto, ser mais eficaz aos verdadeiros apostolos do Pozitivismo do que a assistencia feminina, eternamente simbolizada na incomparavel Trindade que avivava em nosso Mestre o sentimento desta verdade suprema:— *nada ha de real no mundo sinão amar*. Só a falta de tão imprecindivel concurso póde explicar os sofismas inspirados pelo egoismo áqueles que tentão aferir as concepções normais pelas regras de uma mentalidade prepara-

toria. Tereis, de fato, ocazião de reconhecer em breve que o defeito de relativismo constitûi o principio cardeal dos obstaculos que os falsos pozitivistas encontrão na constituição definitiva de nossa religião. Imbuidos dos habitos que a siencia herdou dos antecedentes teologico- metafizicos, eles procurão obter pelas leis a reprezentação absoluta da realidade, que até então fôra tentada por meio das vontades ou das entidades. A tanto os arrasta a secreta revolta do espirito, pretendendo ir alem de uma rigoroza indução, em vez de ceder aos reclamos do coração, sempre compativeis com o conjunto dos dados a coordenar.

A Mulher.— Dando-me esta explicação, não tornais sómente mais intensa a gratidão que já consagro Áquela a quem nosso Mestre denominava a sua nobre e terna Clotilde. O meu coração sente ao mesmo tempo crecer a profunda humildade de que ficou tomado ao saber a enorme responsabilidade com que a nossa religião investiu o meu sexo. Nutro, porem, a esperança de que a intima convivencia com os seus melhores orgãos, me habilitará a preencher suficientemente a mais melindroza das funções que o Destino póde distribuir aos servidores de nossa Deuza.

O Apostolo.— Postos assim sob a tutela dos anjos universais, começarei chamando a vossa atenção para o estado em que recebestes o dogma fundamental da Humanidade. O nosso CATECISMO evidenciou que esse dogma rezume todas as nossas concepções, esteticas, teoricas, e praticas. Similhantemente ficou provado que essa referencia do conjunto de nossos pensamentos ao Gran-Ser, isto é, a sinteze subjetiva, constitûi a unica unidade mental

a que possamos jamais aspirar. Instituido esse fe
cundo principio logo depois de sua regeneração mo
ral, não havia ainda entretanto nosso Mestre tirad
todas as suas consequencias, quando compoz o se
opusculo feminino. Tornou-se por isso incompleto
nosso culto, e as suas lacunas repercutírão sobre
constituição dogmatica e pratica da religião final
Incessantemente preocupado, porem, com estabelece
uma unidade inalteravel, cujas condições a sua ado
ração pessoal de mais em mais lhe patenteava, co
seguiu o Fundador do Pozitivismo reparar tais si
nões. Foi esse o alvo de suas derradeiras locubra
ções, como ides ver.

A lacuna cultual da Sinteze Subjetiva, conform
se acha instituida no CATECISMO, provem de que
tanto a ordem concreta, como a ordem abstrata
não se prendem diretamente á Humanidade pel
sentimento. Basta notar que a união desta com
ordem concreta, isto é, com o Mundo, só rezulta al
das necessidades praticas do Ente Supremo que
levão a interessar-se excluzivamente pelos sere
cuja atividade afeta a sua existencia. Escapão
esse modo unicamente os animais que, por identi
dade de constituição cerebral, achão-se plenament
incorporados á especie humana. Relativamente
ordem abstrata, isto é, á sistematização dos fen
menos independentemente das sédes, a ligação co
o Gran-Ser provem então só do fato de aprezenta
a Humanidade, alem dos atributos que lhe são pr
vativos, o conjunto dos que fórmão todo o apanagi
da maioria dos entes. Tendo em vista o princip
capital de que as leis involuntarias que caraterizã
essa ordem constituem o principal apoio do altruism
na sua luta contra a personalidade, estabelece-se,

certo, entre ela e a Humanidade um laço afetivo. Incapaz, porem, de sucitar uma imagem adequada, essa noção não proporciona um sentimento habitual e profundo do alcance de similhante verdade, e torna, portanto, demaziado imperfeita a reação moral do Destino, definido então apenas por uma serie de formulas.

A Mulher.— Naturalmente, eu nunca seria capaz de perceber essas lacunas si não m'as houvesseis apontado; creio, porem, que, uma vez assignaladas, nenhuma alma simpatica deixará de almejar a sua reparação.

O Apostolo.— Si tal correção fosse inexequivel, a sinteze final seria, minha filha, inferior em capacidade afetiva, e, portanto, intectual e pratica, á sinteze inicial. Uma expansão ingenua do sentimente faz, no fetichismo individual ou coletivo, a união entre o homem e o Mundo atingir as proporções de verdadeira identificação. As faculdades da alma humana afigurando-se então serem partilha de todos os entes, institûi-se espontaneamente uma troca contínua de afetos, pensamentos, e atos entre o homem e a Terra. Vigorando por tempo suficiente, esse fetichismo dezenvolve-se, e a mesma comunicação estabelece-se para com o Céu, a séde aparente do Sol, da Lua, e dos demais astros, cujo prestigiozo influxo, e cuja regular existencia fazem surgir a noção do Destino. Instintivamente esboça-se assim o culto da ordem abstrata, tanto quanto o comporta a natureza concreta da civilização primitiva. Unido implicitamente á idéia do Espaço, o Céu é uma criação subjetiva, embora inseparavel nesse momento das imagens concretas dos astros. Muitos seculos antes de qualquer teologismo, o subjetivismo inicial pre-

parou dest'arte a invenção e o culto dos deuzes e mais ficções peculiares ás tentativas objetivas que se lhe seguírão, quando o surto da razão teorica levou a Humanidade a sondar a espessura da abobada siderea.

A Mulher.— Concluo dahi, meu pai, que a ação e a concepção recebião do sentimento, na infancia de nossa especie, um auxilio direto que hoje falta ao trabalho e á siencia. Infelizmente, a ser assim, os nossos recursos cerebrais diminuirão justamente quando a atividade e a meditação, tornando-se mais dificeis, exigem do coração mais poderozo concurso. Tal abandono afigura-se-me tanto mais lamentavel quanto, o fetichismo sendo inevitavelmente a religião da infancia, essa situação cava um abismo entre as massas sociais de diversa idade que formão o Publico, e rompe a continuidade da vida de cada individuo. Entretanto sinto que a natureza e as condições da existencia da Humanidade, longe de colocarem seu estado adulto em pozição inferior á sua infancia, lhe asseguarão, sob qualquer aspeto, o pleno dezenvolvimento de suas aptidões e vantagens primitivas.

O Apostolo.— Remontando, de fato, á sua verdadeira origem, é facil de perceber que as deficiencias do espirito moderno, comparado com a plenitude da mentalidade fetichica, só dimanão dos vicios teologico-metafizicos, que o preambulo sientifico não pôde eliminar. Instituido oportunamente, o estudo pozitivo da Humanidade e do homem, revelou (2) como vistes, a dependencia subjetiva das leis fizicas para com as leis intelectuais, pois que as primeiras

(2) CATECISMO POZITIVISTA, pag. 123 da tradução brazileira, 1ª edição.

só podem ser apanhadas por meio das segundas. A subordinação, finalmente, destas ás leis morais veio completar o regimen relativo, patenteando que a independencia apregoada do espirito reduzia-se a colocá-lo sob a preponderancia indecoroza dos moveis egoistas, em detrimento tanto da moralidade como da racionalidade de nossas concepções.

Similhante concluzão conduz-nos logo á instituir o regimen final da razão humana combinando os dois termos extremos da evolução do Gran-Ser, pela incorporação do Fetichismo no Pozitivismo. O homem não tendo percebido em si sinão vontades que supoz arbitrarias, julgou que a atividade de todos os seres emanava de impulsos analogos aos seus. Constatando, porem, a Humanidade, relações constantes entre os *fenomenos* de que os seres são séde, julgárão os mais adiantados de seus servidores que a concepção inicial podia e devia ser totalmente desprezada. Imaginárão, pois, não só que os entes estavão subordinados ás dispozições fatais que constituem a ordem abstrata, mas tambem que os acontecimentos compostos que caraterizão a ordem concreta rezultavão unicamente de leis imutaveis. É facil, no entanto, convencer-se que o absolutismo da segunda hipoteze a torna tão inadmissivel como a primeira, sem que aliás aquela possa invocar os titulos que abonão a racionalidade inaugural desta. Toda pretenção a uma sinteze que não fôr francamente relativa, de modo a tornar-se uma instituição confessa do Gran-Ser, no intuito de reprezentar a ordem de acordo com o conjunto de suas conveniencias, morais, intelectuais, e fizicas, ecede manifestamente os dados a nosso alcance, e só póde perpetuar a instabilidade cerebral em que se acha o Ocidente.

A Mulher.— Agora percebo, meu pai, como a cauzalidade fetichica, extendendo a todos os seres as vontades inteligentes incontestaveis em alguns, e a concepção dos sientistas, transportando para a ordem concreta as propriedades irrecuzaveis da ordem abstrata, incorrem, si bem que por motivos opostos, no mesmo vicio logico.

O Apostolo.— Assim é, minha filha, porque só a exata contemplação da Humanidade permite acalmar as flutuações da inteligencia, mostrando a conciliação, tão possivel quanto imprecindivel, das inspirações fetichistas com as meditações sientificas. Unico ponto de partida de todas as nossas explicações, foi a sua vontade inteligente que levou a atribuir a mesma faculdade a todos os seres, como foi a necessidade por Ela sentida de regras para regular a sua existencia que a conduziu a procurar leis por toda parte. Graduando sempre as suas construções teoricas pelas suas precizões, sobretudo morais, Ela tentou harmonizar as duas fontes de ordem, subalternizando, durante o monoteismo ocidental, a dispozição imutavel ao arranjo voluntario, como o indica a noção de *milagre*. Uma intuição ainda insuficiente da Fatalidade determinou então essa escala de dependencia, bem como a difuzão contraditoria das faculdades humanas pela ordem abstrata, concentrada no tipo divino. Sob esse regimem ficou, todavia, em breve patente a supremacia do Destino, tanto em relação aos fenomenos exteriores, como em relação aos atributos mais eminentes do Gran -Ser. Tornou-se ao mesmo tempo evidente a irracionalidade de qualquer sinteze que não fosse subjetiva, isto é, consientemente instituida pela e para a Humanidade. Obtido similhante estado, a solução do

problema filozofico exigia a sua fuzão no problema religiozo, o que requeria que o amor regenerasse Aquele que foi e eternamente será o supremo interprete de nossa Deuza.

A Mulher.— Coube, como sei, á nossa glorioza Padroeira universal o merito dessa sublime transformação moral que permitiu a nosso Mestre fundir em uma só as formulas do dever e da felicidade. O prestigio das reliquias que lhe ficárão de sua meiga Inspiradora foi-lhe sem duvida fazendo sentir cada vez mais profundamente o encanto das ficções, por meio das quais a materia paresse partilhar de nossas mais delicadas emoções. Mas as vossas palavras me induzem a supôr que a incorporação do Fetichismo no Pozitivismo constitũi uma operação mais intima do que essa mera anexação da poezia primitiva ao nosso culto. Trata-se, com efeito, segundo creio, de uma rejuvenecencia da concepção inicial do Mundo, imaginando-o, á similhança da Humanidade, como animado por vontades sempre sujeitas ás leis, em vez de julgá-lo completamente entregue a impulsos arbitrarios, conforme a crença inspirada pela idéia que a principio formamos de nós mesmos. Esse contraste se me afigura, porem, dever determinar outras distinções entre o fetichismo espontaneo e a sua sistematização pozitivista, sem que eu possa aliás precizar meus vagos presentimentos a tal respeito.

O Apostolo.— Foi mais direta do que pensais a participação da suave Colaboradora de nosso Mestre, na sublime instituição que imprimiu á nossa religião o pleno relativismo indispensavel á sua completa universalidade. É Ele mesmo quem nos revela a filiação de suas idéias em tal assunto, na

seguinte passagem da *Invocação* com que termina a sua POLITICA POZITIVA:

O MESTRE.— Dificilmente teria eu conduzido tua incomparavel modestia a reconhecer tua participação capital no conjunto do tomo terceiro, cujo dominio é o que mais escapa ás tuas preparações especiais. Mas, si nos tivesse sido dado realizar o nobre dezejo que espontaneamente me testemunhaste com relação ao estudo sintetico da historia, tu sentirias agora quanto me ajudaste a sistematizar minhas concepções dinamicas. Bastaria para isso que compreendesses que a sinteze historica rezume-se necessariamente na instituição de uma conexidade direta entre os dois termos extremos da iniciação humana, o fetichismo e o pozitivismo. A admiravel canção (3) que eu recito todas as manhans ha nove anos carateriza tanto a poezia fetichica como tua santa novela (4) anuncia a idealização pozitiva. Sob esse concurso espontaneo, tu não poderias recuzar reconhecer tua par ticipação involuntaria na minha construção da filozofia da historia, conquanto similhante reação escape ainda a meus melhores dicipulos. (POLITICA POZITIVA, IV, 549)

O Apostolo.— Instituida por este modo a comparação imediata das duas fazes estremas da evolução humana, nosso Mestre foi apanhando cada vez mais nitidamente as suas afinidades, e expurgando ao mesmo tempo o Pozitivismo dos vestigios do absolutismo com que o espirito teologico impregnara a tranzição sientifica. Não nos sendo jamais permitido penetrar a natureza intima dos corpos, Ele reconhe-

(3) *Os Pensamentos de uma Flor.* Reproduzidos no primeiro tomo da POLITICA POZITIVA.— T. M.

(4) *Lucia.* Reproduzida no primeiro tomo da POLITICA POZITIVA.—T. M.

ceu a legitimidade logica das concepções que melhor nos proporcionassem a apreciação do conjunto de nossas relações para com o Mundo; quer essas concepções comportassem uma demonstração pozitiva, quer nos fosse apenas impossivel contestar a sua realidade. Dando assim completa expansão ao genio relativo que lhe fez, desde o seu primeiro surto filozofico, proclamar a racionalidade normal das construções subjetivas elaboradas pelas siencias particulares, o seu culto permitiu-lhe enfim sistematizar o dominio da ficção. Instaurando, pois, o regimen definitivo da inteligencia, Ele fez ver, na sua SINTEZE SUBJETIVA, que a incorporação do Fetichismo no Pozitivismo era exigida por nossas necessidades, afetivas, teoricas, e praticas, devendo, porem, efetuar-se mediante uma avizada atribuição das faculdades humanas a tudo que nos rodeia. O conjunto das condições á satisfazer em tal assimilação rezume -se, como já percebestes, em substituir o modelo individual, que o homem inicialmente fornece, pelo tipo coletivo que rezulta da contemplação final da Humanidade.

Assim, cumpre, em primeiro lugar, imaginar que por toda parte as vontades peculiares aos entes são subordinadas ás leis fatais que dominão os acontecimentos de que os mesmos entes são séde. Reduzido por esta forma o arbitrio a fazer variar a intensidade dos fenomenos, cujo arranjo estatico e dinamico perziste inalteravel, convem ainda não conceber a inteligencia sinão na animalidade, o seu surto não podendo mesmo operar-se sinão mediante o dezenvolvimento da existencia social. Isto sanciona a apreciação vulgar que faz da inteligencia o privilegio do Gran-Ser; mas patenteia tambem a subordi-

nação dela ao amor, sem o qual toda a vida coletiva é impossivel, e que, portanto, constitûi o principio da superioridade mental de nossa especie. Tal restrição nos é imposta pelo dever de simplificar nossas hipotezes, mesmo ficticias; visto que a inteligencia é um atributo indispensavel apenas nos e tes que podem modificar a sua conduta conforme sua situação. Esta aptidão não se encontrando na materia, a supozição da inteligencia nos corpos inorganicos, seria uma superfetação prejudicial á sua afetuozidade; pois que, dado o seu colossal poder nada lhes faltaria então para proporcionar-nos uma melhor existencia, cazo tivessem por nós o amor que lhes atribuimos.

A Mulher.— Limita-se, portanto, o nosso fetichismo a emprestar aos corpos o sentimento; porquanto a siencia já nos patenteou que a atividade um atributo universal. Esta supozição nenhuma dificuldade me oferece, vindo apenas sistematizar as tendencias espontaneas a que muitas vezes me entrego nos meus intimos devaneios. Ser-me-ia, porem, extremamente grato, assim como recuzamos a inteligencia aos corpos sem vida, izentá-los tambem dos instintos egoistas, dos quais julgo que igualmente não carecem.

O Apostolo.— De fato, minha filha, os impulsos pessoais sendo requeridos pelos cuidados imprecindiveis de nossa dificil conservação individual, e a existencia dos entes inorganicos não solicitando iguais esforços, haveria uma infração do preceito já citado em atribuir-lhes tais moveis. Instintivamente guiados por suas emoções, os poetas emprestárão á materia todas as nossas paixões. A fetichidade pozitiva não póde, porem, proceder como

quando se atribuia tambem á natureza o conjunto de nossas faculdades intelectuais. Sob a influencia do genio pozitivo, ao mesmo tempo simpatico e real, o espirito fetichico terá de purificar-se, segundo as exigencias que o transformárão de inspiração absoluta em coordenação relativa.

Precizo ainda completar este apanhado geral da teoria com que nos estamos ocupando, fazendo -vos observar que a identificação fetichica não é limitada á ordem concreta. As necessidades morais, mentais, e mesmo praticas, exigem que se assimile tambem a ordem abstrata ao Gran-Ser, recorrendo para esse fim a uma instituição plenamente subjetiva. Chegou nosso Mestre a esse rezultado, dezenvolvendo e sistematizando, como depois vereis, a noção do Espaço, o Grande-Meio com que a espontaneidade individual e coletiva acaba sempre por envolver a Terra e a Humanidade.

A Mulher.— O que acabais de dizer leva-me, meu pai, á pedir-vos uma explicação que reputo depender desta teoria da sistematização das ficções. Mais de uma vez tenho encontrado pessoas, sobretudo entre as de meu sexo, que, entuziasmadas pela moral pozitiva, objetão todavia não poder conformar-se com a total eliminação das idéias teologicas com que forão educadas. Entendem que a nossa religião devia manter similhantes noções, desde que o Pozitivismo confessa a impossibilidade de afirmar ou negar sientificamente a realidade delas. Respondo, de ordinario, conforme me ensinastes, que a prevalecer tal motivo conviria tambem conservar a crença nas ficções politeistas, igualmente inaccessiveis á investigação sientifica. O argumento que dahi rezulta não lhes parece, porem, concludente;

e por isso dezejava conhecer os motivos que nos fazem recuzar ás fabulas teologicas a incorporação que concedemos a outras ficções.

O Apostolo.— Deveis para isso, minha filha, relativar primeiramente a propria noção de ficção, não restringindo esse epiteto ás concepções cujo carater fantastico fôr verificavel. Inaccessibilidade a todo exame sientifico, eis o que estabelece a distinção entre os mitos e as construções verdadeiras. Dahi rezulta logo que não podemos deixar de classificar como puramente ideais as crenças teologicas quaisquer. Esta circunstancia não basta todavia para eliminá-las, pois a plena racionalidade exige até a manutenção de instituições meramente subjetivas, como sejão o Espaço, a *inercia*, os *atomos*, etc. Requer-se, porem, para tal, que essas instituições não combinem elementos antinomicos que as tornarião irracionais. Outrosim, cumpre que a sua contemplação nos facilite a coordenação da existencia real, já permitindo o estabelecimento de regras gerais, já auxiliando a cultura dos nossos moveis altruistas. Tais requizitos não se encontrando nas chimeras teistas, o seu serviço acha-se esgotado desde que a evolução humana faz sentir que a objetividade delas é inverificavel.

Com efeito, as fantazias teologicas quer politeistas, quer sobretudo monoteistas, tendem a afastar da Terra e dos nossos similhantes, os nossos afetos e pensamentos, determinando um regimen que só indiretamente permite a cultura moral. Alem disso, erigem em tipo de adoração, e portanto de imitação, entes essencialmente caprichozos, capazes de violar as leis naturais, tanto mais arbitrariamente, quanto mais se refinou a essencia divina. Basta-

vão esses predicados para fundamentar a excluzão de similhantes mitos, que, como vêdes, só pódem diretamente estimular o egoismo naqueles que se comprazem na sua contemplação. Acrece, porem, que, no cazo do monoteismo, as faculdades supostas no chefe supremo da jerarchia celeste são até contraditorias, e só lhe forão outorgadas porque não se tinha apreciado o papel delas na organização humana. Notai, para comprehender similhante incoherencia, que o tipo de Deus foi construido tomando, por abstração, algumas de nossas funções cerebrais e supondo-as simultaneamente engrandecidas ao infinito. Importava, porem, antes de tudo, ver si a supozição de uma delas ilimitada não prescrevia a anulação das outras. Similhante ponderação só ocorreu entretanto a nosso Mestre, que, caraterizando as principais diferenças entre o novo Gran-Ser e o antigo, assim se exprimia:

O Mestre.— Este foi sempre simples e absoluto, obretudo desde o estabelecimento da unidade teolo-ica. Pelo contrario, o verdadeiro Ser Supremo é, por ua natureza, relativo e composto. Dahi rezultão necesariamente a onipotencia de um e a intima dependen-a do outro, fontes respetivas dos destinos, provizorio definitivo, peculiares aos dois sistemas religiozos.

Com efeito, esta completa autocracia tornava a oncepção de Deus profundamente contraditoria, e por onseguinte temporaria. Porquanto, um exame aprofun-ado nos interdiz de conciliar uma tal onipotencia, quer m uma inteligencia sem limites, quer com uma bon-de infinita. Alem de que as nossas verdadeiras medita-es não constituem sinão um prolongamento de nossas servações, aquelas só são destinadas a suprir a insufi-

ciencia destas. Si pudessemos sempre colocar-nos circunstancias mais favoraveis a nossas pesquizas, teriamos precizão alguma de inteligencia, e apreci mos tudo por simples inspeção. A onipotencia excl portanto, a onisiencia. Sua incompatibilidade com perfeita bondade é ainda mais direta e mais evide Todos os nossos dezignios reais, e por consequencia o curso de nosos sentimentos, referem-se, com efeito nossos diversos obstaculos fundamentais, para adapt -nos a uns e modificar outros. As vontades de um que fosse verdadeiramente todo poderozo reduzir-se- pois a puros caprichos, que não comportarião nenh verdadeira sabiduria, sempre relativa a uma nec dade exterior de apropriar os meios ao fim. (POLIT POZITIVA, I, p. 408-409)

O Apostolo.— Alem disso, como nosso Mest ponderou em outro logar:

O MESTRE.— Para que esse ente todo poder não nos fosse inferior pelo coração ou pelo esp o mundo que ele construira não deveria oferec nenhuma dessas imperfeições radicais que os sofism monoteicos jamais puderão dissimular. (*Ibid* III, p. 432)

A Mulher.— Creio, meu pai, que o conj desta explicação é suficiente para dissipar nas al sinceras qualquer hezitação sobre a radical in patibilidade das fantazias teologicas com a m altruista e a razão pozitiva.

O Apostolo.— É precizo, não obstante, pre nir-vos contra as decepções por que haveis de pas constatando que muita gente de cuja honesti não poderieis duvidar, perzistirá, apezar de

argumentos, aferrada á sua antiga fé. Dominadas pelos seus velhos preconceitos, as pessoas são comumente incapazes de mudar de opinião enquanto não são arrastadas por uma massa social assás consideravel e ativa, ou por uma paixão que as absorva completamente. Os mais concludentes raciocinios mal as afetão em qualquer outra hipoteze, porque, sobretudo em vosso sexo, a ineficacia de tais argumentos em relação ás individualidades que gozão de seu maximo conceito gera a suspeita de conterem algum sofisma que só a falta de luzes lhes impede dissipar.

O fim que tinha em vista com este preambulo parecendo-me suficientemente atingido, passarei a repetir-vos textualmente as palavras de nosso Mestre, limitando-me, por hoje, ás considerações iniciais da *Introdução* da sua SINTEZE SUBJETIVA. Rezervarei para o decurso da leitura as outras explicações que se tornarem precizas em vosso proveito. Bastará, para nada omitir de essencial, que não heziteis em pedir-me os esclarecimentos que vos parecerem indispensaveis.

A Mulher.— Interromper-vos-ei, todavia, meu pai, o menor numero de vezes possivel, porque lembro-me que o ensino pozitivista não tem por fim izentar-nos de meditação propria. Sei, alem disso, que não deixareis de prestar-me espontaneamente o vosso auxilio quando, apezar do meu silencio, o julgardes oportuno.

O MESTRE.— Subordinar o progresso á ordem, a analize á sinteze, e o egoismo ao altruismo; tais são os tres enunciados, pratico, teorico, e moral, do problema humano, cuja solução deve constituir uma unidade completa e estavel. Respetivamente peculiares aos tres elementos de nossa natureza, esses tres modos distintos

de pôr uma mesma questão são não sómente conexos mas equivalentes, atenta a dependencia mutua entre a atividade, a inteligencia, e o sentimento. Apezar de sua coincidencia necessaria, o ultimo enunciado sobreleva-se aos outros dois, por ser o unico relativo á fonte direta da comum solução. Porque, a ordem supõe o amor, e a sinteze não póde rezultar sinão da simpatia: a unidade teorica e a unidade pratica são pois impossiveis sem a unidade moral; assim a religião é tão superior á filozofia como á politica. O problema humano póde finalmente reduzir-se a constituir a harmonia afetiva, dezenvolvendo o altruismo e comprimindo o egoismo: desde então o aperfeiçoamento subordina-se á conservação, e o espirito de detalhe ao genio de conjunto.

Conquanto minha principal obra (POLITICA POZITIVA) tenha irrevogavelmente instituido esta maneira, unica verdadeiramente religioza, de conceber todas as questões reais, não lhe foi possivel elaborar suficientemente as soluções correspondentes. Terminando-a, caraterizei separadamente cada um dos tres tratados que a devem completar durante a ultima metade de minha segunda carreira. Minha construção final deve aqui começar manifestando a intima conexão das tres compozições assim prometidas para 1856, 1859, e 1861. Os dois tomos da principal serão especialmente consagrados á harmonia moral, ao passo que o volume precedente e o volume seguinte devem respetivamente dezenvolver a preponderancia normal do sentimento sobre a inteligencia e a atividade. O que o fim da minha *Politica pozitiva* anunciou, para maior nitidez, como tres tratados separados vai pois formar as tres partes, distintas porem conexas, de uma mesma obra, que se tornará o complemento sintetico de minha construção religioza. (SINTEZE, p. 1-2)

O Apostolo.— Vou ler-vos, minha filha, o trecho da POLITICA a que alude nosso Mestre nesta passagem:

O MESTRE.— Terminando este grande tratado, sou naturalmente conduzido a reproduzir a indicação final de minha obra fundamental (SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA) quanto á elaboração rezervada á minha segunda vida. Das quatro compozições que devi então anunciar, acabo de executar, em sete anos, a mais extensa, a mais dificil, e a mais importante. As outras tres achão-se assás caraterizadas, no terceiro capitulo deste volume, para que eu esteja dispensado aqui de insistir nelas de modo especial. Assim vai abrir-se, antes de meu retiro normal, um ultimo periodo septenario de plena atividade teorica, produzindo: em 1856, o *Sistema de logica pozitiva*, ou *Tratado de filozofia matematica*; em 1859, o *Sistema de moral pozitiva*, ou *Tratado da educação universal*; e o *Sistema de industria pozitiva*, ou *Tratado da ação total da Humanidade sobre seu planeta*, em 1861. Similhante conjunto constitúi uma elaboração complementar cuja extensão equivale á da construção que acabo de terminar. Sem que ela possa oferecer tamanha dificuldade nem importancia, seria deploravel que a morte ou a mizeria me impedissem de cumprir uma promessa já formulada, em 1822, no meu opusculo fundamental. Devo portanto considerar o prezente tratado como a baze de um complemento necessario, aplicando-me a diviza com felicidade atribuida a Cezar, e que convem tanto aos dignos teoristas como aos grandes praticos:

Nil actum reputans si quid superesset agendum.

POLITICA POZITIVA, IV, p. 542-543)

A Mulher.— Infelizmente verificou-se a unic irreparavel dessas duas alternativas cada qual mai augustioza!

O Apostolo.— Sentireis cada vez mais, a me dida que proseguirmos nesta leitura, a imensidad de uma catastrofe que ha de misturar sempre melancolicos acentos os inos com que o porvir gl rificará o eterno Redentor eleito pela Humanidad

O MESTRE.— Nesta *Sinteze subjetiva*, eu dev tudo coordenar pelo principio da Humanidade, que nha *Politica* tirou de minha *Filozofia*; o estado n mal da natureza humana achar-se-á ahi diretamen caraterizado sob cada aspeto fundamental. Minha pri cipal obra tendo irrevogavelmente determinado o fu de conformidade com o conjunto do passado, eu pos agora dezenvolver assás este quadro para constituir tipo necessario da regeneração universal. Assim, mi *Sinteze* rezulta de minha *Politica*, como esta de nha *Filozofia*; de maneira a completar a grande logia que deve dirigir a reorganização espiritual do dente. A doutrina regeneradora, primeiro filozofi depois religioza, estando suficientemente estabeleci é precizo expôr diretamente o conjunto das concep peculiares ao estado normal da Humanidade. Sem complemento, o sacerdocio universal não poderia gu assás os ocidentais para o porvir deduzido do passa afim de terminar uma revolução que, mais intelect do que social, exige a inteira renovação de nosso en dimento. Formulando os principais pensamentos nossos decendentes regenerados, institúi-se o unico capaz de superar os preconceitos e os sofismas de n contemporaneos anarchicos e retrogrados. Devo realizar esta operação como o termo decizivo da mis

assinada ao conjunto de minha carreira por meus opusculos primitivos, onde já tinha diretamente em vista a reconstrução pozitiva do poder espiritual.

Todos os espiritos que assimilárão assás a minha filozofia e a minha politica poderão comprehender e saborear similhante sinteze. Aos outros ela não ofereceria sinão concepções que lhes parecerião ideais, por não haverem eles apreciado previamente as suas bazes reais. Mas, conquanto a minha ultima obra deva ser menos lida do que as duas precedentes, ela produzirá, sobre o publico de elite, uma impressão mais deciziva. As almas destinadas a conduzir o mundo sentir-se-ão assim retemperadas, como a minha, vivendo com os nossos decendentes, no meio dos quais revivem necessariamente os nossos melhores antecessores. Este intimo comercio com o porvir deduzido do passado deve proporcionar aos regeneradores um irrezistivel acendente sobre um prezente que a anarchia e a retrogradação izolão de sua fonte e de sua destinação. Eis como as almas de elite poderão dignamente adquirir uma confiança verdadeiramente inabalavel, que, quando elas estiverem assás ligadas, as fará logo prevalecer em um meio que sua incoherencia e sua degradação tornão incapaz de uma rezistencia ativa. Para obter tal imperio, é precizo apreciar assás a força e a realidade do quadro geral dos pensamentos futuros, sentindo, de coração e de espirito, sua ligação continua com o conjunto das evoluções anteriores.

Conquanto não possa diretamente endereçar-se sinão á inteligencia, similhante sinteze abraça tambem o sentimento, e mesmo a atividade, pois que expõe as concepções que se referem tanto áquele como a esta. A segunda e principal parte é especialmente consagrada á preponderancia normal do coração, dezenvolvendo

primeiro o seu surto natural, e depois a sua cultura artificial. Os pensamentos correspondentes são ahi sistematicamente reprezentados como superiores a todas as outras noções, teoricas ou praticas. Nas suas duas partes extremas, a sinteze final não regula a inteligencia ou a atividade sinão por meio de sua digna subordinação ao sentimento. Este não poderá melhor prevalecer sinão pelos quadros puramente poeticos cuja elaboração não poderia tocar-me, conquanto possa conceber-lhes a natureza e prever-lhes o advento.

Relativamente ao futuro que ela carateriza, esta sinteze é destinada a guiar o conjunto da educação universal, conforme as indicações finais da minha principal obra. Para que possa diretamente dezempenhar este oficio, bastará preencher, em tempo oportuno, as lacunas gerais que tenho agora de deixar. Na sua ultima parte, a enciclopedia concreta ou pratica se achará suficientemente caraterizada. Mas a enciclopedia abstrata ou teorica não poderia ser assás instituida pelas outras duas, que serão sómente relativas a seus dois termos extremos. Todavia, a siencia fundamental e a siencia final achando-se plenamente constituidas, meus sucessores poderão facilmente extender a sistematização até as siencias intermediarias, entre as quais o par fizico-chimico é o unico que terá de exigir grandes trabalhos.

Essas lacunas provizorias não poderão impedir que a minha construção final exerça, sobre o prezente, sua reação necessaria, diciplinando, de conformidade com o porvir, as forças surgidas do passado. A anarchia ocidental concerne sobretudo á inteligencia, cuja dezordem constitúi a principal fonte das alterações do sentimento e dos desvios da atividade. Minha *Sinteze subjetiva* está, portanto, em harmonia especial com as precizões essenciais da situação moderna, na qual o espirito teo-

rico é só o que se tornou diretamente perturbador. Ela deve fazer-lhe naturalmente sofrer uma irrezistivel diciplina, primeiro regenerando sua fonte matematica, em seguida constituindo sua destinação moral. Depois de haver radicalmente retificado as especulações mais gerais, ela fará convenientemente prevalecer as teorias mais eminentes, nas quais a ação se acha imediatamente ligada á contemplação. É precizo mesmo considerar as lacunas intermediarias como podendo a principio facilitar a correlação direta dos dois termos extremos. Si os pensadores antigos e modernos fizerão muitas vezes coexistir as especulações matematicas e as meditações morais antes que sua conexidade tivesse podido ser apreciada, essa dupla cultura deve ativamente prevalecer quando a ligação está estabelecida.

Posso portanto considerar as lacunas atuais da sinteze final como incapazes de alterar sua principal eficacia, quer em relação ao porvir, quer mesmo quanto ao prezente. Considerada no seu conjunto, ela é tão pratica como teorica, perzistindo sempre moral; esses atributos achão-se diretamente combinados pela sua principal parte; as outras duas são respetivamente votadas ás concepções mais abstratas e mais concretas. Dos quatro volumes que vão compôr minha ultima obra, dois regulão a contemplação, primeiro a mais simples, depois a mais nobre, e dois instituem a ação, primeiro a mais eminente, depois a mais grosseira; o tratado medio concerne ao mesmo tempo a uma e outra.

A natureza e a destinação de minha obra complementar estando assás indicadas, devo dezenvolver esta introdução caraterizando a construção da sinteze subjetiva, a instituição da logica pozitiva, e a coordenação da filozofia matematica. (SINTEZE, p. 2-6)

O Apostolo.— Aqui terminando, por hoje, a nossa leitura, cumpre-me indicar-vos, minha filha, o objeto das nossas futuras conferencias. Ligando-as ao plano do CATECISMO, como o presentistes, o assunto delas se prenderá sucessivamente ao culto, ao dogma, e ao regimen, alem de uma concluzão relativa á politica exigida pelo Prezente. Impõe-nos similhante marcha apenas uma inversão cronologica na meditação das obras de nosso Mestre. Assim é que começareis aprendendo, na primeira parte desta *Introdução*, a adoração que devemos á Terra e ao Espaço como extensão da que votamos á Humanidade. Não proseguiremos, porem, no estudo das partes seguintes, antes de vos ter aprezentado a concepção definitiva do dogma pozitivo, mediante o quadro da evolução mental de nosso Mestre e a explicação da Filozofia Primeira. Só depois retomaremos a apreciação da *Introdução* da SINTEZE SUBJETIVA, que acabará de caraterizar a constituição de nossa fé. Apoiada nesta serie de preparações a utopia da Virgem-Mãi vos oferecerá finalmente o rezumo do regimem futuro, ao passo que a teoria do prezente vos indicará como poderemos acelerar o advento da ordem normal.

PRIMEIRA PARTE

Explicação da Sinteze Subjetiva

SEGUNDA CONFERENCIA

TEORIA RELIGIOZA DA TERRA

PRIMEIRO COMPLEMENTO DA

TEORIA DA HUMANIDADE

A Mulher.—O plano que me traçastes, na nossa conferencia preliminar, indica-me, meu pai, que, na primeira parte desta *Introdução*, nosso Mestre sistematiza o culto que a nossa infancia espontaneamente consagra á Terra e ao Espaço. Deprehendi tambem de vossas palavras que me esplicarieis hoje essa dupla adoração. Entretanto os dois cazos me afetão de modo bem diverso; pois que a Terra desperta-me sempre emoções vivas e nitidas, enquanto que o Espaço apenas me deixa num enleio indefinido, quando o contemplo.

O Apostolo.— A diferença que assinalais em vossas emoções corresponde realmente, minha filha, a uma distinção profunda entre os dois cazos, embora se trate em ambos de sistematizar o fetichismo, incorporando-o no pozitivismo. De fato, o culto da Terra, rezumindo a concepção normal da ordem con-

creta, familiar ao vosso sexo, a expozição de nosso Mestre raros esclarecimentos exige, alem das consi derações que já tive ocazião de aprezentar-vos. Essa preparação deixa, porem, de ser suficiente, tratand -se de instituir a teoria do Espaço, que condensa noção da ordem abstrata, habitualmente alheia ás vossas preocupações. Limitar-nos-emos, por isso, a ler agora a concepção sagrada da Terra, rezervando para a proxima conferencia o estudo religiozo do Espaço, criação que, até o Pozitivismo, só os geometras havião imperfeitamente utilizado. Naturalmente sereis então levada a propor-me as dificuldades que hoje se vos antolhão de um modo confuzo.

A Mulher.— Só posso assegurar-vos, meu pai, que envidarei todos os meus esforços para melhor refletir, durante o intervalo que me proporcionais, sobre as noções que já possuo em tal assunto. É mesmo de esperar que a nossa leitura atual me forneça elementos que poderei utilizar para similhante estudo.

O Mestre.— Afim de que a sinteze subjetiva seja verdadeiramente completa, é precizo que a ordem concreta e a ordem abstrata se achem nela igualmente referidas á Humanidade, que rezume ambas. Mas seria impossivel preencher essa condição sem uma digna combinação entre os dois termos extremos da evolução humana, os quais devem necesssariamente concorrer para constituir o estado normal da nossa especie. Póde-se considerar o fetichismo como tendo espontaneamente introduzido a subjetividade que o pozitivismo deve fazer sistematicamente prevalecer na sinteze universal. Respetivamente apreciados, os dois modos sinteticos não diferem sinão em que o primeiro fica absoluto, por-

que o seu tipo é pessoal, ao passo que o segundo torna-se relativo adotando o tipo social. Entre as duas sintezes subjetivas, o teologismo tentou instituir uma sinteze essencialmente objetiva, que nenhumamente póde ser incorporada ao estado normal, conquanto tenha sido longotempo necessaria á existencia preparatoria.

Nada poderia melhor caraterizar os dois regimens extremos do que a sua tendencia expontanea a fazer sempre prevalecer, um as vontades, o outro as leis, conforme a natureza dos tipos correspondentes. A esse titulo, eles serião inconciliaveis sem uma subordinação apropriada ás necessidades sucessivas de nossa infancia e de nossa madureza. Enquanto prevalece a razão concreta, as leis fornecem ás vontades um suplemento que é só o que póde impedir uma flutuação indefinida. Deve-se similhantemente conceber as vontades como sendo o unico meio de completar as leis no tocante a todas as noções que não são puramente abstratas. Institui-se o regimen da maturidade segundo o da infancia subordinando a ordem voluntaria á ordem legal, cuja preponderancia é fundada na sua generalidade superior.

Parece que a razão teorica e a razão pratica explorão o mesmo dominio, pois que concordão em considerar os acontecimentos, para prevê-los ou modificá-los. Mas a primeira os estuda independentemente dos seres correspondentes, afim de apanhar-lhes as leis gerais, ao passo que a segunda não os separa jamais dos corpos, cuja existencia quer melhorar. A este respeito, a diversidade dos dois dominios rezulta do contraste entre a simplicidade de um e a compozição de outro. Generalizando por abstração, a teoria izola cada fenomeno de todos aqueles de que é realmente acompanhado, para reuni-lo aos efeitos similhantes

que comportão todos os outros cazos, mesmo hipoteticos. Em sentido inverso, a pratica especifica toda ação segundo o conjunto das circunstancias capazes de afetá-la; o que constitúi um ponto de vista mais conforme ao do sentimento, sempre diretamente sintetico, por ser espontaneamente relativo aos entes.

Sem a abstração teorica, nunca poderiamos instituir as leis gerais, unico meio que nos permite previzões capazes de guiar nossa intervenção. Deve-se igualmente reconhecer que a concreção pratica é indispensavel para proporcionar a nossas concepções uma suficiente realidade. Guiada pela ordem abstrata, a razão concreta tem sempre necessidade de completar as indicações dela, as quais, por si mesmas, serião habitualmente chimericas, por não ter podido tomar em conta as circunstancias peculiares a cada cazo. Não obstante, sem as luzes teoricas que circumscrevem nossos ensaios, o genio pratico esgotar-se-ia em tateamentos indefinidos, tão estereis quão enfadonhos. Considerando que cada grupo de fenomenos jamais póde ser inteiramente fixo, reconhece-se que a imutabilidade das leis naturais não poderia convir aos acontecimentos compostos, e fica sempre limitada a seus elementos irredutiveis.

Tal é a necessidade que, no estado normal da razão humana, exige uma combinação permanente entre o dogmatismo e o empirismo. Ela não póde ser instituida sinão mediante uma suficiente incorporação do fetichismo no pozitivismo, completando a ordem legal pela ordem voluntaria. As leis sendo sempre restritas ao dominio abstrato, as explicações concretas ficarião impossiveis sem a assistencia das vontades.

Não se deve receiar que essa aliança possa jamais alterar a pozitividade penozamente atingida pela razão

humana, pois que as vontades achão-se ahi constantemente subordinadas ás leis, a vista da preponderancia normal da generalidade sobre a especialidade. Não obstante, tal subordinação não póde ser plenamente instituida sinão mediante uma hipoteze fundamental concernente á concepção subjetiva da ordem exterior. (SINTEZE, p. 6-8)

O Apostolo.— Antes de ir mais longe, minha filha, devo premunir-vos contra os sofismas que estas reflexões ocazionárão. Declarando-se pozitivistas, alguns revolucionarios mal curados do academicismo ouzárão atacar a exatidão dos conceitos que acabais de ouvir, sob o pretexto de que eles importão a negação da existencia das leis concretas que nosso Mestre alhures admitiu. Lembrar-vos-ei hoje, por unica resposta a essas fatuas criticas, uma passagem deste mesmo volume que vos li em nossa ultima entrevista. Ao tratar, porem, dos aperfeiçoamentos introduzidos na concepção geral do nosso dogma, vos indicarei a refutação direta dessas pedantescas declamações, tão irracionais, como irreverentes.

A Mulher.— Inuteis para mim, pois não tenho a pretenção de ser mais escrupuloza do que Aquele a quem devo a salvação, sinto, todavia, que tais esclarecimentos hão de servir-me para dissipar as objeções que ás vezes me fazem pessoas bem intencionadas.

O Apostolo.— Dizeis bem, minha filha: foi tendo justamente em vista o vosso prozelitismo que apressei-me em assinalar-vos similhantes desmandos. Estas palavras de nosso Mestre bastarão muitas vezes para que as almas verdadeiramente assimilaveis reduzão ao seu justo valor tão futeis apreciações.

O MESTRE.— *Todos os espiritos que assimilarão assás a minha filozofia e a minha politica poderão comprehender e saborear similhante sinteze. Aos outros ela não ofereceria sinão concepções que lhes parecerião ideais, por não haverem eles apreciado previamente as suas bazes reais.* Mas, conquanto a minha ultima obra deva ser menos lida do que as duas precedentes, ela produzirá, sobre o publico de elite, uma impressão mais deciziva. As almas destinadas a conduzir o mundo sentir-se-ão assim retemperadas, como a minha, vivendo com os nossos decendentes, no meio dos quaes revivem necessariamente os nossos melhores antecessores. Este intimo comercio com o porvir deduzido do passado deve proporcionar aos regeneradores um irrezistivel acendente sobre um prezente que a anarchia e a retrogradação izolão de sua fonte e de sua destinação. Eis como as almas de elite poderão dignamente adquirir uma confiança verdadeiramente inabalavel, que, quando elas estiverem assás ligadas, as fará logo prevalecer em um meio que sua incoerencia e sua degradação tornão incapaz de uma rezistencia ativa. Para obter tal imperio, é precizo apreciar assás *a força e a realidade do quadro geral dos pensamentos futuros*, sentindo, de coração e de espirito, sua ligação continua com o conjunto das evoluções anteriores. (*Ibid.* p. 3-4)

A Mulher.— Dói realmente pensar que haja existido quem, prezando-se de pozitivista, possa ter levantado duvidas acerca das concepções finais do nosso Mestre, sobretudo a vista dessa sentença previa. O que acabais de ler parece-me de sobra para fazer com que os discipulos sinceros humilhem-se de suas hezitações, reconhecendo nellas ainda uma prova da mediocridade que os impediria sempre de

sahir por si da situação revolucionaria. Inspirando-lhes uma profunda gratidão por Aquele a quem se atrevem a julgar, esse sentimento da fraqueza propria os levaria a uma meditação compungida, cuja nobreza nossa santa Padroeira proclamou neste sublime preceito:— *É indigno dos grandes corações espalhar a perturbação que sentem.*

O Apostolo.— Sugerida pelo egoismo, essa triste revolta obteria espontaneamente do publico o olvido com que a Posteridade a aguarda, si a massa ativa dos ocidentais não participasse da dezordem moral dos iusurgidos. Eivados, porem, das mesmas pretenções de tudo aferir pela sua mesquinha razão sem condições morais e mentais de competencia, e vitimas de secreta inveja contra toda superioridade, os nossos contemporaneos acolhem indiscretamente as criticas que os lizongeão. São esses carateristicos de um delirio cronico que constituem todo o apoio, tão ruidozo quanto efemero, dos sofistas de nosso tempo.

A Mulher.— Lamentando esses frutos da insubordinação, volvamos, pois, meu pai, aos ensinos de nosso Mestre. É grato ao meu coração esperar que a nossa fé consiga ainda triunfar a tempo de impedir a completa perdição da maioria desses mizeros transviados. Imagino ouvir neste momento a nossa compassiva Padroeira repetir-nos estas duas de suas preciozas sentenças: *Não ha, na vida, nada irrevogavel sinão a morte; os maus precízão muitas vezes mais de piedade do que os bons.*

O Mestre.— A subjetividade primitiva transporta a todas as existencias o conjunto dos atributos humanos, cuja distinção permanece longotempo inaprecia-

vel. Tal hipoteze não póde convir ao estado normal, pois que confunde uma atividade qualquer com a vida peculiar aos seres organizados, que não poderião subzistir sinão em um meio mais fixo do que eles. Mas para conservar á nossa maturidade as vantagens afetivas, e especulativas, peculiares ao regimen da nossa infancia, basta modificar a fetichidade espontanea, mediante a decomposição pozitiva do tipo humano. Entre o sentimento e a atividade, a inteligencia constitúi um intermediario que, apezar de sua fraqueza propria, muda radicalmente o conjunto da existencia devida aos dois principais atributos. Não devendo jamais aspirar ás noções absolutas, podemos instituir a concepção relativa dos corpos exteriores dotando cada um deles das faculdades de sentir e de agir, contanto que lhes tiremos o pensamento, de sorte que suas vontades sejão sempre cegas.

Limitada ao Gran-Ser, assistido por seus dignos servidores e por seus livres auxiliares, a inteligencia, impulsionada pelo sentimento, guia a atividade de maneira a modificar gradualmente uma fatalidade cujos agentes tendem todos constantemente para o bem sem poder conhecer-lhe as condições Dissipando os prejuizos teologicos que reprezentavão a materia como essencialmente inerte, a siencia tendeu a restituir-lhe a atividade que o fetichismo havia espontaneamente consagrado. A restituição não tornou-se entretanto completa sinão quando o pozitivismo sistematicamente afastou os fluidos metafizicos que, sob a anarchia moderna, dissimulárão a verdadeira existencia dos corpos. Todavia, a arte, superior á siencia, não se póde contentar com a atividade que basta a esta para reprezentar a ordem exterior afim de modificá-la. Aspirando á sinteze pela simpatia, a poezia tem precizão de assimilar o mundo ao

homem tanto quanto o permite o conjunto das noções emanadas da filozofia. (*Ibidem*, p. 8-9)

A Mulher.— Estimaria, meu pai, saber o que vêm a ser os fluidos metafizicos aos quais nosso Mestre acaba de aludir.

O Apostolo.— Uma simples indicação vos bastará, minha filha, para que ajuizeis de similhantes ficções, cujo destino se acha ha muito esgotado, conforme nosso Mestre mostrou na sua FILOZOFIA. (3) Levado pela necessidade de instituir, para a ordem exterior, uma sinteze objetiva que dispensasse provizoriamente a cosmogonia teologica, Descartes concebeu o Espaço como constituido por uma substancia mais subtil que o ar, e cujos turbilhões explicavão os movimentos celestes, como podeis ver em um imortal opusculo de Fontenelle. (4) Este eter pareceu a alguns sientistas suficiente para cauzar todas as propriedades fizicas dos corpos; ao passo que outros o substituírão por fluidos diversos, propostos ás vezes aos pares, para produção de um só fenomeno, como no caso da eletricidade.

A Mulher.— Reconhecendo que não precizo de maiores esclarecimentos para comprehender esta passagem, peço-vos que continueis a vossa leitura.

O MESTRE.—Não se poderia jamais provar que um corpo qualquer não sente as impressões que sofre e não quer as ações que ezerce, conquanto se mostre desprovido da faculdade de modificar a sua conduta segundo a sua situação, principal carater da inteligencia. Nada impede mesmo de supôr que o sentimento e a vontade, como a atividade correspondente, pertencem ás meno-

(3) SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, I, II.

(4) *Entretiens sur la pluralité des Mondes*.

res moleculas, sem depender do arranjo material, o qual não afeta sinão a manifestação e a intensidade dos rezultados. Em tal estado, a pozitividade não difére da fetichidade sinão recuzando á materia uma inteligencia por demais confundida no começo com o sentimento para que sua separação fosse possivel antes que o surto coletivo tivesse caraterizado a aptidão especulativa. Afastando todos os prejuizos teoricos, tanto sientificos como teologicos ou metafizicos, peculiares á iniciação humana, a sabiduria final institúi a sinergia bazeando-se em uma sinteze fundada na simpatia, concebendo toda atividade como dirigida pelo amor para a harmonia universal. Nossa maturidade acha-se assim conduzida a consagrar e dezenvolver as dispozições fundamentais de nossa infancia, superando os entraves rezultantes do carater absoluto das concepções primitivas. (*Ibidem*, p. 9-10)

A Mulher.— É bem consolador, meu pai, saber que nada se opõe pozitivamente á crença de que as menores particulas materiais são dotadas de sentimento. Lembrando-me mesmo do que aprendi em nosso CATECISMO, acerca da composição chimica de todos os seres, (5) sinto-me arrastada á admitir que essa ficção está mais proxima da realdade do que a hipoteze arida que a siencia me fornecera. Os elementos sendo os mesmos por toda parte, não se me afigura crivel que os entes compostos gozem de atributos essencialmente distintos das propriedades de seus constituintes. Izenta de preocupações teoricas, me identificarei facilmente com um pensamento segundo o qual a propria morte não póde destruir os afetos dos entes que um dia nos amárão. Até pare

(5) CATECISMO POZITIVISTA, p. 160 da tradução brazileira, 1ª edição.

ce-me que, incorporando-se continuamente na Humanidade, a materia retempera, pela vida, as suas qualidades simpaticas.

O Apostolo.— Mesmo a inteligencia, minha filha, hoje privilegio do Gran-Ser, não deve ser concebida, conforme ides ver, como pertencendo-lhe excluzivamente de um modo absoluto. Aspeto algum essencial de nossa natureza não podendo ser desprezado em uma coordenação religioza definitiva, nosso Mestre reconheceu a necessidade de satísfazer a nossa curiozidade espontanea em relação aos tempos prehumanos. Radicalmente vedada ao criterio sientifico, e accessivel apenas á idealização poetica, a reprezentação de tais idades deve ter um cunho francamente subjetivo, em vez de ostentar a capcioza objetividade fatuamente tentada pelos academicos. Tirando, pois, ás nossas concepções os vislumbres de teologismo peculiares á transição moderna, o pozitivismo institûi uma bipotese complementar que combina diretamente a siencia e a poezia, assinalando os limites respetivos de ambas. Importa, porem, não esquecer nunca o carater subjetivo de similhante construção, sob pena de ver-se falhada a diciplina mental que ela é destinada a consolidar. Recomendo-vos, por isso, minha filha, que vos compenetreis habitual e profundamente da plena relatividade da nova sinteze, por mais verozimil que vos pareça similhante criação.

A Mulher.— Darei sempre, meu pai, ao meu fetichismo esse cunho de consiente subjetividade que, segundo creio, é mais imprecindivel á sua eficacía moral do que mesmo a sua utilidade mental. O meu sexo, pelo menos, sente frequentemente que o absolutismo tortura mais o seu coração do que

a sua inteligencia, pelos obstaculos que muitas v
zes levanta ás solicitações da simpatia. Rogo-vc
pois, que retomeis a exposição de nosso Mest
que só interrompi por um movimento de entuziasm

O MESTRE.— Nós podemos mesmo levar os priv
legios da relatividade até a aperfeiçoar a fetichidade si
tematica supondo que a natureza do mundo era outro
mais aproximada do que hoje da do homem. O me
deve ser considerado como privado de inteligencia afi
de que se torne compativel com o dezenvolvimento
Humanidade. Reunido á mobilidade de compozição q
sempre o acompanha, sem que se possa aliás explic
uma ligação nulamente reciproca, o pensamento su
taria, nos corpos ambientes, uma agitação contin
que nossa existencia, sobretudo coletiva, não poder
suportar. Mas é permitido supôr que o nosso planeta,
os outros astros habitaveis, forão dotados de intelige
cia antes que o dezenvolvimento social houvesse se t
nado neles possivel. Então a Terra votava suas forç
a preparar a morada da Humanidade, cujo surto n
podia cumprir-se sinão em uma séde morta de esgot
mento em virtude desses longos esforços, mais pr
porcionados á potencia material do astro do que á s
aptidão espiritual.

Fóra da imutavel fatalidade, podemos sempre co
ceber modificações que, conquanto secundarias pa
com o nosso meio, reagem profundamente sobre o co
junto de nossa existencia. Obrigada a suportar consta
temente as leis fundamentais da vida planetaria,
Terra, quando era inteligente, podia dezenvolver a s
atividade fizico-chimica de maneira a aperfeiçoar a
dem astronomica mudando os seus principais coeficie
tes. Nosso planeta pode assim tornar a sua orbita men

ecentrica, e desde então mais habitavel, concertando uma longa serie de explozões analogas áquelas donde provêm os cometas, segundo a melhor hipoteze. (6) Reproduzidas com sabiduria, as mesmas comoções, secundadas pela mobilidade vegetativa, pudérão tambem tornar a inclinação do eixo terrestre mais conforme ás futuras necessidades do Gran-Ser. Por mais forte razão, a Terra, póde então modificar a sua figura geral, que não está acima de nossa intervenção sinão porque o nosso acendente espiritual não dispõe de um poder material assás consideravel.

Estendidas a todos os astros de nosso mundo, essas ficções permitem caraterizar-lhes a existencia anteriormente ás revoluções imaginadas pelos teoristas mais audazes, sempre restritos á ordem atual, por falta de uma suficiente separação entre o concreto e o abstrato. Cada planeta deve assim ter aperfeiçoado sua constituição material, durante sua plenitude vital, tanto quanto o permitirão sua inteligencia e sua situação. Seus progressos podem ter sido simultaneos, e mesmo concertados, pois que todos, sob uma comum fatalidade, tendião para preparações convergentes, em vista das socialidades respetivas, cujo surto exigia por toda a parte modificações conexas. A medida que cada planeta se melhorava, sua vida esgotava-se por excesso de inervação, mas com o consolo de tornar seu devotamento mais eficaz quando a extinção das funções especiais, primeiro animais, depois vegetativas, o reduzisse aos atributos universais de sentimento e de atividade. Tal é, relativamente aos tempos anteriores, o complemento geral que convem ao fetichismo sistematico, no qual a existencia material se acha finalmente assimilada ao

(6) Conjetura de Lagrange. Vide a este respeito, a ASTRONOMIA POPULAR do nosso Mestre, p. 155.

tipo humano tanto quanto o permitem nossos conhecimentos e o exigem nossas precizões. (*Ibidem*, p. 10-11)

A Mulher.— Assim, meu pai, graças a esta ficção, todos os atributos da Humanidade podem ser considerados sem despertar de nossa parte nenhuma sorpreza misterioza.

O Apostolo.— Ligada de fato evidentemente ao mundo pelo conjunto de suas propriedades fizico-chimicas e pela sua existencia vegetativa, nós a devemos comtemplar de ora em diante como o mais sublime tipo do sentimento universal e a herdeira unica da inteligencia de que tudo já gozou. Melhorado por esta fórma o consenso espontaneo dos entes que nos afetão, a Humanidade póde consagrar a sua atividade a corrigir por toda a parte os desvios inevitaveis de uma cega benevolencia. A existencia real oferece desde então, e como nunca, o espetaculo de uma harmonia que tende invariavelmente para a plenitude religioza, e que permite aplicar á Terra, em relação ao Gran-Ser a suprema qualificação das uniões perfeitas.

Vergine-Madre! Figlia della tua Figlia!

O MESTRE.— Similhante crença póde tambem satisfazer uma curiozidade espontanea que, não comportando regra alguma durante a nossa infancia, tornou-se então muitas vezes abuziva, mas que nossa maturidade deve utilizar diciplinando-a. Não temos precizão e muito menos faculdade de conceber nenhuma criação absoluta, cuja noção é diretamente contraditoria, desde que a siencia demonstrou que a quantidade total de materia perziste sempre inalteravel em meio das mutações quaisquer. Convem, pelo contrario, supôr transformações anteriores á economia atual, si essas hipotezes podem

aperfeiçoar a nossa unidade, quer completando as noções filozoficas pelas ficções poeticas, quer sobretudo dezenvolvendo nossas simpatias. Todavia, é precizo restringi-las aos tempos que precedêrão e prepararão o surto humano, afim de melhor ligá-lo á ordem universal. Extendidas aos estados mais antigos, essas especulações tornar-se-ião tão vans como ociozas; e a existencia futura de nosso planeta não merece nenhuma atenção si supõe-se nele extinto o Gran-Ser que o consagra.

Reduzida a esse dominio normal, a fetichidade concorre com a pozitividade para instituir a sinteze subjetiva, de maneira a consolidar a sinergia dezenvolvendo a simpatia. É impossivel contestar a legitimidade de tal regimen quando se tem afastado suficientemente os preconceitos modernos sobre uma viciozа apreciação dos laços necessarios entre poezia e a filozofia. Importa que o dominio da ficção torne-se tão sistematico como o da demonstração, afim de que sua harmonia mutua seja conforme ás suas destinações respetivas, igualmente dirigidas para o surto continuo da unidade pessoal e social.

Considerada teoricamente, a incorporação do fetichismo no pozitivismo deve mesmo aperfeiçoar a meditação abstrata pela assistencia do sentimento. Por mais forte razão, esse regimen é apropriado para secundar as especulações concretas, que preocupão habitualmente a maioria das inteligencias. Sua eficacia mental consiste sobretudo em tornar as imagens mais vivas e mais nitidas, de maneira a facilitar uma atenção sustentada. Todavia, sua principal influencia concerne á poezia e á moral, visto sua aptidão direta para dezenvolver as emoções simpaticas e as inspirações esteticas. Concebe-se então o mundo como aspirando a secundar o ho-

mem para melhorar a ordem universal sob o impuls
do Gran-Ser.

A respeito do dominio concreto, desprezado desd
a idade fetichica, a sinteze subjetiva não exige outra
explicações. Mas a fetichidade deve, sistematizando-se
dezenvolver-se mais do que quando permanecia espon
tanea. Ela póde então extender-se ao dominio abstrato
com o auxilio de uma instituição complementar, es
boçada desde a estréia teorica. (*Ibidem*, p. 11-13)

O Apostolo.— Tendo estabelecido assim a sis
tematização da razão concreta, passa nosso Mestre
agora a constituir o estado normal da razão abs
trata. Então ficará patente que a harmonia menta
exigindo a combinação dessa dupla modalidade d
nossa inteligencia, só póde ser conseguida pela su
premacia do sentimento, fonte unica da incorpora
ção do fetiscismo no pozitivismo, sem a qual o acor
do torna-se impossivel. Não sendo, porem, realiza
vel a fetichização do genio teorico sem a instituiçã
de uma séde especial para a ordem abstrata, noss
Mestre foi conduzido a reconhecer que a solução d
tal problema rezidia na conveniente utilização d
Espaço. Um exame profundo das necessidades logi
cas dos diversos termos da jerarchia filozofica fizera
-o perceber primeiro as lacunas que, para a medita
ção, rezultavão da falta de *meios subjetivos*, destina
dos a prestar em cada siencia, serviço analogo ao d
Espaço em Matematica. Encarando, porem, final
mente o problema racional com a plenitude dogma
tica que lhe impunha a construção da *Moral*, noss
Mestre acabou por desvendar que, em vez de *meio*
diversos, bastava, para todos os casos, o propri
Espaço.

Mostrar as aptidões religiozas da primeira criação abstrata da Humanidade, tal é, pois, o objeto das considerações cuja leitura rezervamos para a conferencia futura. Indicando-o neste momento, sinto a necessidade de assinalar-vos quanto similhante elaboração é apta para realçar a fecundidade do novo regimen mental, evidenciando ao mesmo tempo a esterilidade da cultura academica. Graças á preponderancia do sentimento feminino nas suas locubrações filozoficas, pôde nosso Mestre fundir o genio teorico e a inspiração poetica, aperfeiçoando a siencia e a arte, mediante a sistematização da noção do Espaço. Entretanto que essa mesma concepção, entregue ao empirismo dos sientistas, nem siquer conseguiu extender ao calculo as suas vantagens meditativas, reveladas de sobejo pelo estudo da extensão. Limitada á mecanica a reação do uzo geometrico, e aliás de um modo implicito, a jerarchia especulativa teve de esperar que a religião definitiva se constituisse, para que fossem satisfeitas as nossas mais imprecindiveis condições logicas.

TERCEIRA CONFERENCIA

TEORIA RELIGIOZA DO ESPAÇO

SEGUNDO COMPLEMENTO DA

TEORIA DA HUMANIDADE

A Mulher.— Estimaria, meu pai, que, antes de dar começo a vossa leitura, tornasseis mais preciza a noção que possuo do Espaço; pois desconfio ser ela insuficiente para acompanhar desde já a expozição de nosso Mestre. Meditando sobre as idéias que tenho a tal respeito, reconheci que essa palavra apenas dezigna para mim, ou o vão sucetivel de ser ocupado por um objeto, ou a imensidade que da Terra se extende em todos os sentidos. A principio, apanhava a identidade entre as duas acepções, porque a segunda equivalia á primeira engrandecida até o Céu; depois que me ensinárão, porem, que essa abobada é ideal, e que a nossa atmosfera é circunscrita, sinto um vago insuportavel, pela impossibilidade de imaginar um vão sem limites, ou uma vastidão sem nada.

O Apostolo.— Na verdade, minha filha, a vossa primeira concepção, que é a do fetichismo, aproxima -se mais da noção normal, do que as teorias teologico -metafizicas que prevalecêrão mais tarde, e ainda dominão, mesmo entre os sientistas. A descoberta

de nossa atmosfera sendo tardia, ninguem imagina espontaneamente que o intervalo existente entre os corpos não seja realmente vazio ; mas esse intervalo é claramente figurado pelo conjunto de superficies que o contornão. Sendo a abobada celeste considerada um anteparo efetivo, a idéia do grande Espaço é tão nitida como a dos vãos livres mais bem definidos; pois que os dois casos só diferem pela magnitude, conforme notastes, o que não dificulta a figuração mental. Este primeiro modo de reprezentarem-se os vãos disponiveis póde, porem, ser substituido sempre por outro, que tambem é apanhado pelas inteligencias fetichistas: quando a disponibilidade provem do lugar ocupado dentro de uma substancia, em vez de ser devida á subtração de um objeto do arranjo de que fazia parte. Retirado o corpo, o seu molde fica então estampado na substancia em cujo meio se encravara, como acontece com os rastos dos animais: o que permite fixar a atenção diretamente na fórma dos corpos independentemente de tudo que os rodeia, e das outras propriedades que possuem.

Comprehendeis agora como a Humanidade foi instintivamente levada á sua primeira instituição teorica, imaginando, para séde do Sol, da Lua, das Estrelas, e de todos os corpos, uma substancia que permite contemplar os seus lugares exatos, abstrahindo das demais circunstancias, intrinsecas e extrinsecas. O Céu, limite subjetivo dela, a anunciara desde epocas imemoriais, rezumindo em si o conjunto das propriedades afetivas e intelectuais que só se descobriria caberem ao Espaço, quando a evolução de nossa Deuza atingisse a sua faze normal. Retardada até essa epoca, a apreciação defi-

nitiva do Espaço a inaugurou mesmo, quando nosso Mestre desvendou, aos vinte anos, o carater subjetivo de uma instituição, cujo relativismo passou despercebido, não só ás divagações teologico-metafizicas, como tambem ás elaborações geometricas que mais a utilizárão.

A Mulher.— O que acabais de dizer induz-me a conceber o Espaço como uma substancia que enche os intervalos celestes do mesmo modo que o nosso Ar completa os vãos deixados entre os corpos terrestres. Mas ignoro se me é licito imaginá-lo como uma continuação de nossa atmosfera, atribuindo-lhe mesmo a côr azulada que o Céu parece ter.

O Apostolo.— Não careceis sinão dezenvolver convenientemente a aproximação que estabeleceis entre o Espaço e o nosso Ar, para acabardes de sistematizar a noção do Gran-Meio. Indicarvos-ei em primeiro lugar, que, si alguma das especies marinhas ou fluviais se elevasse a similhante abstração, haveria forçozamente de idear um Espaço analogo á Agua; pois que está esta para elas, como o Ar está para nós. Mas atendendo á flexibilidade de que deve ser dotado o fluido universal, para não embaraçar os movimentos que se efetuão na sua espessura, seria sempre imprecindivel figurá-lo incomparavelmente mais tenue de que o meio real. Observai, quanto ao matiz do Espaço, que, sendo ele artificial, convem que seja escolhido de modo a melhor adaptá-lo a seu destino afetivo e logico. Donde rezulta o dever de supôr-lhe uma côr normal branca, simbolo da paz, necessaria á meditação, e emblema da abstração, por ser o limite de todas as nuanças suficientemente deluidas.

Tambem não se póde restringir o Espaço á re-

gião celeste, sem prejudicar a sua eficacia teorica. Relativamente á meditação matematica, esse afastamento da Humanidade nos obrigaria a contrariar, a cada instante, a nossa aspiração de continuidade, para dispersar pelo Ar fragmentos arrancados á massa sideral. Introduzindo, alem disso, a Fizica, logo depois, a concepção indispensavel segundo a qual os seres inorganicos são considerados como sistemas de corpusculos, separados por distancias imperceptiveis, se teria, já no segundo grau enciclopedico, de fazer o Espaço penetrar por toda parte, quer para encher os vãos infinitezimais, quer para conservar as propriedades gerais dos atomos. Naturalmente modificadas por todos os corpos ambientes, as reações chimicas mantem essa onipresença, para izolar os corpos em conflito e proporcionar-lhes os agentes fizicos cuja influencia se tiver de considerar, independentemente dos artificios praticos necessarios a tal fim. O estudo estatico dos entes organicos, finalmente, solicita do Gran-Meio um concurso inprecindivel á conservação das estruturas, que só podem perzistir no meio real enquanto dura a vida, entrando em dissolução logo que esta cessa.

A Mulher.— Rezolvendo estas dificuldades, me fazeis perceber como a contemplação habitual do Espaço póde-se incorporar á de todos os seres que nos rodeião, e a cuja existencia se acha ele subjetivamente unido. Encontro, porem, ainda, na concepção do Gran-Meio, um obstaculo que dezejaria ver removido, imaginando-o como limitado, e mesmo, si fosse possivel, pela esfera celeste. Inspirada pela redução operada em Astronomia relativamente á noção de nosso Mundo, prezumo ser-me licita a

satisfação de tal voto ; mas receio que alguma con
sideração que me escapa lhe seja contraria.

O Apostolo.— Este modesto escrupulo seri
removido por vós mesma, si refletisseis que não pód
ser vedada á uma ficção a restrição permitida en
relação á ordem real, cuja concepção aquela é ape
nas destinada a facilitar. Sendo o Espaço instituid
para auxiliar o estudo abstrato dos fenomenos,
claro que não precizamos dar-lhe uma extensã
maior do que a meditação deles exigir. Tratando-s
por exemplo, das teorias matematicas, seria inut
imaginar a porção dele alem da sala em que s
acha o espectador ; e na mais vasta contemplaçã
ele não deve ultrapassar as dimensões necessari
á apreciação dos fatos astronomicos. Ainda que
Espaço existisse objetivamente, o que não lhe far
perder, para nós, o carater de ficção, pela imposs
bilidade de jamais constatá-lo, similhante limitaç
nos seria imposta pelo dever de restringir as noss
especulações somente á parte dele que interessa
Humanidade. Relativamente á região que está fo
de nosso alcance, qualquer preocupação seria vic
za, pois que tornar-se-ia apenas a séde de fenom
nos incognociveis.

A Mulher.— Completamente satisfeita nes
ponto, permiti, meu pai, que vos detenha aind
afim de solicitar-vos que me indiqueis previamen
o plano da expozição que ides ler. O assun
me parece tão alheio aos meus habitos que rec
não poder segui-lo, sem um apanhado do seu co
junto.

O Apostolo.— Bastará, ao fim que tendes e
vista, saber que esta teoria consiste em institui
culto do Destino, identificando-o normalmente c

o do Espaço. Reconhecereis por ahi que, antes de tudo, é mister sistematizar a noção capital da Fatalidade, definindo-a com precizão, e patenteando a gratidão que lhe devemos pelo concurso que presta á Humanidade. Importando, porem, tal sistematização a assimilação do Destino ás leis abstratas, apenas reprezentadas comumente por formulas, impossivel se torna a glorificação dele sem dar a estas uma séde cuja imagem desperte em nós os sentimentos convenientes. Rezumido assim o problema da adoração do Fado, vereis que a escolha não póde deixar de recahir no Espaço, cuja região accessivel á nossa comtemplação recorda, como vo-lo mostrarei oportunamente, o conjunto das leis que dominão a Terra e a Humanidade, e cuja parte extra-celeste simboliza naturalmente o Acazo.

A Mulher.— Este esclarecimento me induz, meu pai, a perguntar-vos qual o motivo que levou nosso Mestre a rejeitar a reprezentação politeista do Destino, já que a adoração da Fatalidade exigia uma imagem.

O Apostolo.— Reconhecereis facilmente, minha filha, a impropriedade de tal simbolo, si considerardes diretamente a sua compozição. O tipo politeista, revestindo a forma humana, recorda, mau grado nosso, o conjunto dos predicados carateristicos, do Gran-Ser, o que é imcompativel com a noção do Destino, ao qual não podemos atribuir sinão uma benevolencia destituida de iniciativa e de inteligencia. Só a falta de comprehenção do verdadeiro carater da logica das imagens tem determinado, aliás, a imitação servil da antiguidade, sempre que os modernos tentão significar concretamente idéias abstratas, conforme o evidencia a seguinte passagem do nosso Mestre,

relativa á comparação estetica do politeismo com o fetichismo:

O MESTRE.—Seja como fôr, é precizo, a tal respeito, reconhecer ao dogma politeico uma aptidão especial no tocante ás imagens coletivas. Em verdade, já provei que esta propriedade convem mais á siencia do que á arte. Todavia, tal privilegio, espontaneamente rezultante da origem abstrata do politeismo, deve ter secundado muito seu surto estetico, permitindo a personificação direta dos entes compostos. Em todos os cazos deste genero, a arte moderna achou-se sempre reduzida á van imitação da antiguidade, apezar da quéda das crenças donde provinha a principal eficacia de similhante meio. Só a sinteze final é que comportará uma digna reconstrução desse poderozo artificio, ligado profundamente ao conjunto do culto pozitivo, dispondo a concentrar em tipos tomados entre os reais a melhor reprezentação das existencias coletivas. (POLITICA POZITIVA, III, p. 182-183)

O Apostolo.— Já vistes, no CATECISMO, a aplicação desta regra, pois que o calendario historico foi instituido em virtude dela. Utilizando-a, conseguiu, de fato, nosso Mestre condensar os diversos aspetos da evolução humana em treze tipos, cujas imagens bastão para despertar-nos os sentimentos e pensamentos que a contemplação do Passado sugere. Similhante preceito encontrou, porem, a sua mais tocante eficacia na escolha da nossa suave Padroeira para simbolizar universalmente a Humanidade, segundo o voto que conheceis pelas *Confissões*. (7)

A Mulher.— Tendo a Humanidade de ser reprezentada por uma mulher, senti logo que o voto

(7) Vide VOLUME SAGRADO pags. 132, 135, 138, 151, 160, 176, e 215.

de nosso Mestre vinha dar á nossa gratidão para com a egregia Senhora a melhor fórma a que podiamos aspirar. As vossas explicações cauzão-me, porem, imenso prazer, porque me permitem apreciar todo o fundamento de tão santa homenagem.

O Apostolo.— Só vos recordarei, a este propozito, a efuzão em que nosso Mestre rezume, no final de sua ultima *Santa-Clotilde*, os titulos de glorificação da imaculada Inspiradora da nossa Religião:

O MESTRE.— A medida que se instala a religião cuja fundação a Posteridade te atribuirá tanto como a mim, sinto quanto tu serias agora precioza ao pozitivismo, para o qual a necessidade de uma digna pena feminina torna-se hoje preponderante. Seja qual fôr a minha esperança de achar-te, a este respeito, nobres suplentes, o seu conjunto não poderá nunca equivaler ao que eu via espontaneamente reunido em ti. Tu foste, sem o saber, como o digo todos os Martedias, a mulher mais eminente, pelo coração, pelo espirito, e mesmo pelo carater, que a historia universal até hoje me tem aprezentado. O futuro parece-me dificilmente sucetivel de um tipo melhor. (VOLUME SAGRADO, p. 239)

A Mulher.— Ouzo agora pensar, meu pai, que me acho em condições de ouvir com fruto a precioza leitura que me vi forçada a retardar, e que vos rogo comeceis.

O MESTRE.— Reduzida á ordem concreta, a fetichidade sistematica poderia satisfazer o sentimento, e sobretudo a atividade, mas sem assistir assás a inteligencia. Ela deixaria desprovidas de socorro as meditações, mais dificeis, normalmente destinadas a dirigir todas as outras. O contraste natural entre o concreto e o abstrato se dezenvolveria ao ponto de comprometer a

harmonia mental. A razão pratica se acharia então muitas vezes arrastada a menosprezar a sua subordinação normal para com a razão teorica. Tais serião os perigos intelectuais de um regimen que dezenvolvesse, pelos sentimentos e as imagens, a preponderancia natural das especulações concretas, ao passo que as concepções abstratas ficassem reduzidas ao emprego dos sinais. Impossivel lhe seria reprezentar assás a supremacia das fatalidades imodificaveis sob as quaes vivem o Mundo, o Gran-Ser, e o Homem. Por falta de animar as leis, ele tenderia a fazer prevalecer as vontades que se lhes devem subordinar.

Não se póde apreciar bastante, tal dificuldade sinão mediante um exame geral das leis irredutiveis cujo complexo constitûi a ordem abstrata. Colecionadas segundo as suas afinidades subjetivas, elas formão dois grupos principais, confundidos durante a anarchia teorica.

O primeiro comprehende as leis verdadeiramente universais, isto é comuns, sob diversas fórmas, a todas as classes de fenomenos. Objetivas e subjetivas ao mesmo tempo, porem em diferentes graus, elas forão finalmente instituidas, pela religião pozitiva, bazeandose no conjunto das noções teoricas. Basta-me, quanto a essas quinze leis, remeter para o terceiro capitulo do ultimo volume de minha principal obra. (SINTEZE, p. 13-14)

O Apostolo.— Mencionar-vos-ia agora as leis a que nosso Mestre se refere, si não tivesse de ocupar-me com elas, ao considerar os aperfeiçoamentos introduzidos na constituição de nosso dogma. É bastante indicar-vos hoje que, embora esse grupo só houvesse sido coordenado no IV tomo da POLI-

TICA, as leis que o compõe já vos são quazi todas conhecidas pelo CATECISMO. Recordai-vos do que aprendestes sobre a teoria da religião e a vida subjetiva, bem como sobre o conjunto de nosso dogma, e tereis a parte principal desse grupo. O resto consta suficientemente da apreciação feita a propozito da Mecanica Geral, da Sociologia, e, enfim, da Historia Geral da Religião.

A Mulher.— Não tenho duvida, meu pai, em conformar-me com essa vossa decizão, conquanto pressinta o valor de uma explicação sem a qual seria eu incapaz de executar a coordenação de tais leis.

O MESTRE.—Um segundo grupo, mais vasto e menos coherente, completa a ordem abstrata pelo conjunto das leis respetivamente peculiares a cada uma das sete categorias naturais. Normalmente subordinadas ás precedentes, em virtude do principio enciclopedico, elas compõe a filozofia segunda, como estas a filozofia primeira.

Sob esse aspeto, a ultima metade da ordem abstrata constitúi uma tranzição natural para a ordem concreta. Abstratamente, a fatalidade suprema deve sobretudo consistir nas unicas leis que, comuns a todos os fenomenos, são independentes do classamento destes. Não podemos considerar as outras sinão como instituições essencialmente empiricas, cujo melhor tipo é concernente á gravitação.

De acordo com esta distinção, a ordem natural rezulta de um concurso em que a fatalidade geral domina as fatalidades especiais. Após estas, colocariamos as leis concretas, si o seu conhecimento nos fosse realmente permitido. Nossa maturidade, consagrando o re-

gimen de nossa infancia, as substitûi por vontades, sempre subordinadas á dupla fatalidade. Tal é a economia final do entendimento humano quando renuncia ao absoluto para construir uma sinteze capaz de assistir a simpatia e de guiar a sinergia. Ela exige que a fetichidade se extenda sistematicamente da ordem concreta á ordem abstrata. (*Ibidem*, p. 14)

A Mulher.— O Destino identificando-se assim com as leis abstratas prezumo, meu pai, que a ele se extende o relativismo que carateriza a estas; dezejava, todavia, que me explicasseis como a realidade e a idealidade se combinão em similhante noção.

O Apostolo.— Meditando neste assunto reconhecereis, minha filha, que a noção espontanea do Destino, surgida no Fetichismo, provem do sentimento de que ha nos acontecimentos uma ordem que nada perturba, mas tambem que nada póde prever. O rezultado é que tal crença é apenas capaz de inspirar uma rezignação indefinida, sem auxiliar diretamente nem a nossa inteligencia, nem a nossa atividade. Similhante ordem foi depois atribuida a um mandado do Céu, desde que a astrolatria conduziu a constatar a invariabilidade carateristica da abobada estrelada.

Destacando, porem, de suas respetivas sédes os diversos fenomenos, a Humanidade foi levada a induzir que só a dispozição destes é invariavel, pois que certas formulas instituidas para reprezentar, em um momento dado, as ligações deles continuavão a prestar-se indefinidamente para o mesmo fim. O arranjo caraterizado por estas formulas tornou-se desde então o verdadeiro Destino; já porque é por

elas que precizamos a vaga idéia inspirada pelo sentimento fetichista; já porque toda a nossa conduta, ativa e passiva, por elas se pauta. Reconhecendo, embora, seu carater relativo, não temos um procedimento diverso do que adotariamos, si porventura fossem elas a expressão exata da realidade. Infere-se dahi que, objetivamente, a Fatalidade é constituida pela restrição que sentimos haver na vontade dos entes, sem que a nossa inteligencia saiba exatamente em que consiste tal limitação. Convertido, porem, em noção preciza, sucetivel de guiar a atividade, dando um apoio estavel ao sentimento, o Destino torna-se uma instituição subjetiva, cuja eficacia provem da suficiente conformidade da ordem ideal com a realidade, alem da modificabilidade inherente aos seres, sobretudo o homem. Somos assim conduzidos a reconhecer que *entre o Homem e o Mundo, é precizo a Humanidade*; pois que é só obedecendo consientemente ao Gran-Ser que se consegue uma digna rezignação ás modificações impenetraveis, mas em todo cazo secundarias, que o Mundo impõe á nossa vida.

A Mulher.— O que acabais de dizer me satisfaria plenamente si não tivesse feito surgir em meu espirito dois Destinos paralelos: um vago e outro definido, pois que a nossa vida parece dominada, ao mesmo tempo, pelas leis sientificas e pela ordem efetiva. Sem perceber claramente a solução de tal embaraço, calculo que similhante duplicidade é apenas aparente.

O Apostolo.— Com efeito, minha filha, essa dualidade, que no fundo corresponde á distinção entre o concreto e o abstrato, dezaparece extendendo ao Destino a mesma consideração capital que faz

reduzir o nosso Mundo aos limites que sabeis. (8) É tão inutil para nós tomar em consideração a ligação absoluta dos fenomenos, como preocupar-nos com astros, cuja influencia, si bem que real, não póde ser por nós apreciada. Só nos importa, em ambos os cazos, proceder como si na realidade tudo se reduzisse ao que a inteligencia da Humanidade póde apanhar, sem sobrecarregar o nosso espirito com pensamentos vãos, e o nosso coração com sentimentos vagos.

A Mulher.— Afastada por esta fórma, a unica dificuldade que encontrava na concepção normal da Fatalidade, rogo-vos, meu pai, que prosigais na vossa leitura. Relativamente ás leis compostas tenho bem prezentes as reflexões feitas no CATECISMO ; (9) e a conferencia passada assás esclareceu-me acerca da concepção fetichica da ordem concreta que nosso Mestre dizia, ha pouco, dever ser extendida á ordem abstrata.

O MESTRE.— Esteticamente considerada, essa extensão não tem menos importancia do que sob o aspeto teorico. O homem regenerado sente necessidade de testemunhar sua gratidão continua a ordem imutavel sobre a qual repouza toda a sua existencia. Uma justa adoração da Terra, erigida em Gran-Fetiche, séde e sustentaculo do Gran-Ser, não basta para satisfazer, a esse respeito, as almas dignamente dezenvolvidas.

Vista no seu conjunto, a ordem universal carece naturalmente de um culto direto, por falta de um meio conveniente. Seria possivel honrar as fatalidades secundarias dirigindo-se ás principais sédes de seu dezenvo

(8) CATECISMO POZITIVISTA, p. 157 da tradução brazileira, 1ª edição.
(9) CATECISMO POZITIVISTA, p. 131-132 da tradução brazileira, 1ª ediç

vimento especial. Em relação á fatalidade suprema, que não tem dominio proprio, a adoração parece dever sempre ficar desprovida de objeto. (*Ibidem*, p. 14-15)

A Mulher.— Excuzai-me, meu pai, ainda uma interrupção, pois dezejaria que me elucidasseis como a ordem universal carece de um meio, e que me exemplificasseis como as fatalidades secundarias podem ser honradas nas principais sédes de seu dezenvolvimento especial.

O Apostolo.— Lembrai-vos, minha filha, que a ordem universal, ou a Fatalidade Suprema é constituida pelas leis da *Filozofia Primeira*, as quais manifestão-se em todos os entes, mas sempre de envolta com alguma ou algumas das fatalidades secundarias. Por isso, a contemplação de qualquer dos entes reais não nos póde permitir a evocação dessa fatalidade, abstrahindo das que lhe são subalternas. Isso já não se dá, entretanto, com os fados secundarios, cada um dos quais se nos revela mais distintamente em certos meios, reais ou ficticios. Sem esforço algum, tais sédes nos recordão logo os fados nelas predominantes, de modo a avivar pela sua imagem os sentimentos que seus beneficios nos inspirão.

Tomai, para primeiro exemplo, as leis matematicas, sobretudo caraterizadas pela geometria, e vereis como o Espaço no-las traz espontaneamente ao pensamento. Examinando cada um dos outros termos da jerarchia cosmica, reconhecereis a aptidão equivalente do Céu, para recordar-nos as fatalidades astronomicas; da Atmosfera, para caraterizar as fatalidades fizicas; e da Terra, para evocar as fatalidades chimicas. Me limitarei, a este

propozito, a assinalar-vos que os fenomenos fizic
que mais nos impressionão, desde a quéda até o s
e o raio, se passão no Ar; assim como foi das te
tativas sobre as transmutações das terras que surg
a chimica. Igual estudo nos mostra as fatalidad
biologicas reprezentadas essencialmente na Veg
talidade, séde da vida rudimentar; as fatalidad
sociologicas, na Animalidade, de cujos atributos r
zulta a existencia coletiva; e finalmente as fata
dades morais, na Humanidade, pois que o surto
estado religiozo é peculiar ao Gran-Ser.

A Mulher.— Sinto-me agora assás esclareci
sobre este assumto, para seguir as explicações
nosso Mestre, acerca da séde da Fatalidade.

O Mestre.— Não se póde apreciar bastante e
lacuna sinão a partir do advento da religião poziti
Uma confuzão empirica entre o concreto e o abstr
tinha até então impedido que se sentisse tal nece
dade e a possibilidade de satisfazê-la.

Deve-se, pois, considerar essa dificuldade como
herente ao culto final. No estado teologico, a oração é
maziado interesseira para invocar uma ordem infl
vel. Excluido de qualquer adoração, o destino não pô
apezar de sua supremacia reconhecida, obter dos an
gos o pezar de uma lacuna religioza que só os moder
percebêrão. A este respeito, o fetichismo era menos
justo e mais completo, sobretudo quando a astrola
atribuia as leis gerais ás influencias celestes. O po
vismo é o unico capaz de glorificar a imutabilidade
ordem universal sem concentrá-la em nenhum dos
pos que ela domina.

Referida á Humanidade, a unidade final inspi
precizão de cultivar a simpatia dezenvolvendo o n

reconhecimento por tudo quanto serve ao Gran-Ser. Ela deve dispôr-nos a venerar a fatalidade sobre a qual repouza o conjunto de nossa existencia.

Sob o fetichismo, esse imperio não pôde ser adorado senão atribuindo-o aos astros. Então não podia ele abraçar diretamente sinão a ordem material, objeto preponderante da religião primitiva. O teologismo alterou esse culto reprezentando a materia como passiva, e dissimulou a ordem moral sob os caprichos dos deuzes. Uma san apreciação da fatalidade suprema não podia rezultar sinão do conjunto dos estudos abstratos. Todos eles concorrem para nos provar que, sem esse acendente continuo, o sentimento tornar-se-ia vago, a inteligencia flutuante, e a atividade esteril.

Baldo de tal jugo, o problema humano ficaria insoluvel, porque o altruismo não poderia jamais superar o egoismo. Assistido pela suprema fatalidade, o amor universal póde habitualmente obter que a personalidade se subordine á socialidade. Todos os sofismas do orgulho não poderião impedir o espirito pozitivo de reconhecer que toda revolta emana dos impulsos pessoais. Uma submissão forçada tende a fazer indiretamente prevalecer o altruismo, só porque comprime o egoismo. Mas a reação moral é sobretudo eficaz quando a obediencia torna-se voluntaria, pois que a simpatia se acha diretamente dezenvolvida, sem que nenhuma murmuração impeça de saborear a sujeição.

Antes que a existencia natural dos instintos altruistas fosse sistematicamente apreciavel, a submissão parecia ordinariamente degradante. Em todas as religiões locais e temporarias que preparárão a religião universal e perpetua, o homem adorava deuzes cuja felicidade consistia sobretudo em satisfazer seus dezejos quaisquer sem suportar jugo algum. Não se podia então conceber

que a felicidade devesse rezultar da obediencia, que nã
se afigurava poder jamais tornar-se voluntaria. A ve
neração nos inferiores não era enobrecida pelo dev
tamento dos superiores, cujos mandos permanecia
arbitrarios, segundo os tipos divinos. Filozoficament
julgado, o surto sientifico tendeu a fazer gradualment
surgir uma melhor apreciação colocando a grande
intelectual em uma exata submissão do interior ao e
terior. Hezitação ou divagação, tais erão, por um co
traste decizivo, as consequencias habituais da anarchi
liberdade das abstrações metafizicas. Elas conduzirão
fazer sentir por toda parte a necessidade de fundar
sistematização final do teologismo em uma submissã
continua da razão á fé.

Prezar a sujeição, tornou-se assim o principal car
ter do ultimo regimen pelo qual a sinteze provizor
devia preparar o estado normal. Historicamente con
derada, a fé da idade media fornece o primeiro tipo d
uma digna submissão, que, parecendo dirigida para c
Deus, achava-se realmente aplicada á Humanidade, m
lhor do que sob a teocracia inicial. Imagem antecipa
da ordem final, este regimen anunciava a livre aceitaç
do imperio continuo do passado sobre o futuro e o pr
zente. Não obstante, a obediencia voluntaria não po
ser solidamente instituida por teologismo algum, p
que o proprio monoteismo, antes de seu conflito com
razão, erigia um tipo necessariamente caprichozo. E
não pôde rezultar sinão do pozitivismo, que, sistema
zando e dezenvolvendo as inspirações fetichicas, exte
as leis naturais a todos os fenomenos, e proclama a ex
tencia espontanea das propensões benevolas.

Tal preparação era necessaria para transformar
dispozições rezultantes do regimen preliminar. No
iniciação realizou-se sob uma sinteze radicalmente

ssoal que prescreve a obediencia sem enobrecê-la, em um tempo no qual a felicidade parece consistir em mandar, sobretudo arbitrariamente. É mistér aspirar á unidade simpatica para apreciar a dignidade da submissão, como a principal baze do aperfeiçoamento moral. Venerar um fadario inflexivel torna-se então o signal mais decizivo e a melhor garantia de uma verdadeira regeneração. Esta não póde ser completa e estavel sinão quando o amor se extende das prescrições voluntarias até as obrigações involuntarias. Inverter similhante marcha, seria voltar ao regimen preliminar, sem as crenças que o explicavão e o corrigião, de sorte que a obediencia tornar-se-ia tão precaria quão degradante. Sob esse aspeto, o principal carater do culto pozitivo consiste em glorificar a fatalidade, mesmo imodificavel, em nome de sua eficacia moral.

A apreciação dessas reações normais não poderia ser assás sistematizada no começo de um volume que se limita a constituir o elemento logico da sinteze subjetiva. Um estudo especial será diretamente consagrado a esta influencia na parte moral da minha construção, quer tratando da natureza humana, quer instituindo o seu aperfeiçoamento. Cumpria aqui, entre tanto, fixar distintamente a atenção sobre tal questão tão dificil como importante. Basta-me por ora constatar a necessidade de extender o culto pozitivo até o termo mais geral e mais longinquo. Estabelecida para com a Humanidade, a adoração normal se aplica depois ao Mundo, e deve completar-se abraçando o destino. (*Ibidem*, p. 15-18)

A *Mulher*.— Todas essas consoladoras promessas forão infelizmente frustradas pela mais calamitoza das mortes! Escutando-as, não me acabrunha

só a dor de não vê-las realizadas; sinto tambem avivar-se o voto de completa sujeição aos ditames de nosso santo Mestre. Recordo-me que já o CATECISMO exalta a maxima que faz consistir a principal força do meu sexo em superar a dificuldade de obedecer, (10) e vi, depois, que nosso Mestre quotidianamente proclamava que *a submissão é a baze do aperfeiçoamento*. (11) Nutro por isso a convicção de que essa vitoria habitual constitûi o melhor testemunho da sinceridade com que lamentamos a perda de ensinos que vizavão fortalecer a obediencia. Oxalá lograssemos realizar essa nobre virtude tão suficientemente quanto o exige o serviço da Humanidade.

O Apostolo.— Esta zeloza veneração, minha filha, não convem só a vosso sexo; incumbe a todos os verdadeiros crentes. Respeitar escrupulozamente as palavras de nosso Mestre constitûi a condição imprecindivel para escapar ás solicitações de nosso egoismo, evitando, ao mesmo tempo, o prolongamento da anarchia moderna com o concurso de sofistas que tentão explorar o acendente do espirito pozitivo. Graças tambem a essa sagrada disciplina é que os mais competentes poderão esperar recompôr, tanto quanto possivel, as doutrinas cuja ultimação não foi dado a nosso Mestre executar. Observai, com efeito, que nas suas obras e na sua correspondencia se encontrão os elementos essenciais para a unica restauração que é exequivel dos tratados que perdemos, como o demonstrão os programas que deles nos ficárão. Nada, porem, será conseguido, si não extendermos ao estudo desses gloriozos monumen-

(10) CATECISMO POZITIVISTA, p. 242 da tradução brazileira, 1ª edição.
(11) VOLUME SAGRADO, *Orações*.

tos a mesma dispozição com que seu Autor meditava nas cogitações dos egregios servidores do Gran-Ser.

O Mestre. — Todas estas indicações motivão a instituição complementar que permite ao pozitivismo sistematizar uma adoração que o teologismo jamais pôde esboçar. Somos obrigados a remontar até ao fetichismo para achar uma celebração qualquer do destino. Mas esse culto nacente era essencialmente fundado no medo, sem poder rezultar do amor, por falta de uma san apreciação dos efeitos morais da imutabilidade. Bem depressa apagada sob o arbitrio teologico, essa dispozição inicial devia ficar latente até o advento da vera religião. Ela supõe nesta um aperfeiçoamento, dificil mas decizivo, que completa a combinação fundamental entre o pozitivismo e o fetichismo.

Extendida até a fatalidade suprema, a adoração do destino exige a instituição de uma séde necessariamente subjetiva. Enquanto o culto pozitivo se endereça diretamente á Humanidade, nenhum artificio torna-se obrigado, pois que o sujeito coincide ahi com o objeto, em virtude de uma san apreciação do homem como servidor atual e futuro orgão do Gran-Ser. Aplicada ao Mundo, a adoração não póde mais se contentar com uma exata reprezentação da séde glorificada. Limitada á apreciação sientifica, a celebração falharia o seu alvo principal, por não poder dezenvolver assás os instintos simpaticos. A poezia, mais larga e não menos verdadeira do que a filozofia, deve então intervir para animar uma séde dogmaticamente inerte. Idealizando o Mundo e suas partes, ela supõe nele, com uma atividade nulamente contestavel, um sentimento necessario á destinação do culto. Nada é mais legitimo do que tal ficção aos olhos de quemquer que sentiu bem a natureza subjetiva e o carater relativo da sinteze pozitiva.

Graças aos privilegios normais do verdadeiro racionalismo, as concepções teoricas devem sempre admitir os embelezamentos esteticos que podem melhor adaptar-se á sua destinação real. Referidas á Humanidade, como origem e fim ao mesmo tempo, elas não instituem a sinteze sinão para consolidar e dezenvolver a simpatia, principio unico da unidade pozitiva. A esse titulo, póde-se mesmo atribuir aos corpos qualidades inteiramente ideais, contanto que não estejão jamais em opozição com as propriedades constatadas. Esta faculdade permaneceria, aliás, insuficiente para que a logica relativa fosse plenamente constituida. Ela exige um complemento essencial, que consiste em criar existencias puramente ficticias, cuja instituição subjetiva não seja nenhumamente duvidoza.

Tornada tão poetica como filozofica, a sinteze pozitiva deve sempre subordinar o dogma ao culto, sem alterar a justa independencia de ambos. Não se póde instituir a harmonia normal dos tres elementos religiozos sinão destinando a comtemplação a sistematizar a afeição e a acção. Sob este aspeto, basta, para a realidade das teorias pozitivas, que a ordem das concepções torne-se sempre conforme á dos acontecimentos. Então começão a prevalecer os motivos de utilidade, sobretudo moral, que devem completar a instituição dos pensamentos humanos. O ideal vem combinar-se com o real para consolidar a sinteze dezenvolvendo a simpatia. Eles podem assim compôr instituições ao mesmo tempo morais e mentais, nas quais a separação entre o subjetivo e o objetivo torna-se muitas vezes dificil. Elas comportão tal acendente que, até o fim da iniciação humana, as mais antigas criações do Gran-Ser forão tomadas por leis exteriores.

A este respeito, basta aqui lembrar os dois exem-

plos principais fornecidos pelas duas partes extremas da siencia profana. Nada póde ainda demover os geometras de encararem o artificio da inercia como uma realidade natural, conquanto a sua subjetividade esteja plenamente desvendada ha um quarto de seculo. (12) Todos os biologistas recuzão ver, na serie animal, uma instituição logica, cuja destinação, e mesmo conservação, comprometem, deixando prevalecer a apreciação objetiva, mau grado as explicações decizivas do pozitivismo. (13)

Vistas no seu conjunto, as opiniões que dominárão a nossa iniciação manifestão esse irrezistivel imperio da Humanidade sobre o homem. Elas forão sempre modificadas conforme as leis naturais da evolução especulativa. Nada pôde, entretanto, determinar até aqui a maior parte das inteligencias a considerar as crenças teologicas como instituições espontaneas do Gran-Ser, que deveu, durante a sua infancia, imaginar fóra de si guias que não podia então descobrir na sua propria vida. Foi precizo que a iniciação humana se achasse terminada, pela descoberta das leis sociologicas, para que os pensadores adiantados formassem, a tal respeito, convicções inabalaveis. Tal foi o acendente da razão coletiva sobre os pensamentos individuais, antes que o surto intelectual podesse se tornar sistematico. Por mais forte razão, essa autoridade deve-se dezenvolver quando a religião relativa diretamente estabeleceu a subjetividade necessaria da verdadeira sinteze. Sob este aspeto, o passado não póde fornecer sinão uma medida muito imperfeita das transformações voluntarias e sis-

(12) Desde a publicação do SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, I, p. 547 e seg. 1ª edição, 1830.— T. M.

(13) A primeira apreciação de nosso Mestre a tal respeito vem no SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, III, lição 42ª; 1ª edição. 1838.— T. M.

tematicas que devem finalmente sofrer as nossas funções mais modificaveis.

É precizo agora aplicar essas regras á instituição subjetiva que completará o culto pozitivo idealizando a fatalidade mais geral. Segundo as indicações precedentes, a dificuldade consiste em que o supremo destino não poderia ter séde objetiva, ao passo que a sua adoração exige uma rezidencia determinada. Não se póde conciliar essas condições sinão instituindo um meio geral, cuja natureza ficticia não seja jamais equivoca. O dezenlace rezulta do dezenvolvimento sistematic da instituição do Espaço, por tal modo espontanea qu a sua origem, individual ou coletiva, permanece sempr despercebida, conquanto a sua subjetividade se torn facilmente apreciavel. Ela fornece, desde o primeir surto do genio abstrato, um meio ficticio cuja destin ção, tendo ficado até aqui matematica, deve doravan abraçar todos os fenomenos exteriores.

Tal é a sahida normal do principal embaraço pec liar ao estabelecimento do laço sintetico sem o qual instinto simpatico não poderia assás prevalecer. E exige que o espaço adquira um carater mais complet e mesmo mais animado, do que aquele que até o p zente dezenvolveu. Reduzido ao seu oficio geometrico, por consequencia mecanico, esse meio conserva os v tigios que nossa imaginação nele coloca, afim de p mitir-nos pensar nas formas e situações independen mente dos corpos que no-las manifestão. É precizo nalmente extender a mesma aptidão a todos os atribu universais, para que a sua comtemplação e a sua glor cação abstratas possão dezenvolver-se com o auxilio imagens convenientes, em lugar de ficar limitadas emprego dos sinais. Isto não exige que se altere a na reza essencialmente passiva do espaço universal, c

atividade unica se reduz, em geometria, a solidificar os limites, superficiais ou lineares, de cada impressão, conservando dentro a sua fluidez geral. A mesma subtileza lhe permite conservar igualmente as densidades, os sabores, as temperaturas, os odores, as cores, os sons, e todos os outros atributos materiais, que pudermos assim separar dos corpos. (*Ibidem.* p. 18-22)

A Mulher.— Imagino, meu pai, sem deficuldade, como as fórmas, as pozições, e as cores, podem ser comtempladas no Espaço. Luto, porem, com serios embaraços para figurar no fluido universal as outras propriedades exteriores a que nosso Mestre se refere. Dezejaria, por isso, que me tornasseis mais acessivel a comprehensão deste ponto.

O Apostolo.—Bem examinada, essa diversidade provem da preponderancia que ordinariamente têm as imagens vizuais no conjunto de nossos pensamentos. Recordai-vos, no entanto que, muitas vezes, sentimos pressões, sabores, odores, sons, etc, sem que pela vista possamos distinguir os corpos que em nós determinão tais sensações, o que aliás é o cazo commum das pessoas totalmente cegas. A vossa imaginação por certo não encontrará dificuldade em atribuir subjetivamente, nessas emergencias, ao Espaço, a produção de tais sensações, donde podeis extender a mesma aptidão ás outras hipotezes. Notai apenas que então sereis forçada a reprezentar-vos uma parte do fluido universal de fórma e côr adequadas ás circunstancias. Disto não provirão maiores inconvenientes á meditação, do que da introdução de um matiz invariavel para pensar nas fórmas e situações. O fragmento escolhido do Espaço deverá, outrosim, ser considerado como constituido por moleculas segundo a concepção corpuscular.

A Mulher.— Elucidada assim a contemplação abstrata dos atributos gerais da materia, permiti que vos faça uma consulta sobre o uzo que póde ter o Espaço nas meditações chimicas. Vi, ha pouco, que ele era então indispensavel para reprezentar-nos as reações, izolando, de todos os outros, os corpos cuja influencia mutua se quer apreciar, e fornecendo-lhes ao mesmo tempo os agentes fizicos de que precizassem. Resta-me, porem, saber si o Espaço não intervem no estudo direto das compozições e decompozições.

O Apostolo.— Refletindo sobre este assunto é-se levado a pensar, em primeiro lugar, que o fluido universal é destinado a fornecer os tipos abstratos correspondentes ás substancias que, real ou conjeturalmente, entrão em conflito. A impossibilidade em que estamos de obter os corpos em estado de *pureza*, como se diz no empirismo academico, mostra que não é possivel meditar nas reações sem supô-las entre substancias ideais, identificadas desde então com uma porção conveniente do Espaço. Instituindo, porem, o estudo das leis de compozição e decompozição, mais imprecindivel se torna a intervenção do Espaço, para figurar-nos os diversos termos da serie inorganica, abstrahindo da natureza de seus constituintes. Munidos de similhante auxilio, as circumstancias e o dezenlace dos conflitos chimicos podem ser imaginados com uma facilidade comparavel á que se encontra na contemplação de suas verificações particulares.

A Mulher.— Nenhuma dificuldade encontro atualmente em comprehender a aptidão do Espaço para auxiliar as nossas meditações sobre a ordem material. Do estudo que tenho de fazer na minha

intimidade espero os esclarecimentos que porventura depois se tornarem necessarios.

O MESTRE.—Extendida tanto quanto o comporta a sua natureza, esta instituição deve mesmo abraçar o dominio vital, enquanto este é estaticamente considerado. Sob tal regimen, as concepções anatomicas, e sobretudo taxonomicas, comportão um dezenvolvimento sistematico que seria de outra fórma impossivel, por falta de uma suficiente abstração. Prolongada assim até os organismos ficticios, a comparação biologica póde ao mesmo tempo tornar-se mais eminente e mais eficaz. Aplicada dinamicamente, esta instituição tornar-se-ia esteril e mesmo vicioza. Porque as funções vitais, tanto vegetativas como animais, exigem sédes reais, sem que o seu estudo possa utilizar os fantasmas emanados do meio subjetivo. A poezia carece de ficções mais bem determinadas e mais consistentes para atribuir uma atividade suficiente aos entes que ela quer criar. Deve-se pois completar e sistematizar a instituição do espaço sem alterar a sua natureza sempre passiva, que é só o que permite ao meio geral fornecer um dominio abstrato a toda a siencia profana. (*Ibidem*, p. 22)

A Mulher.— Reduzindo o Espaço a servir de séde aos fenomenos exteriores, as explicações precedentes afastárão as dificuldades que teria em conceber que ele póde simbolizar as leis correspondentes aos fados secundarios da ordem profana. É-me porem impossivel apanhar a sua aptidão para figurar o supremo Destino, caraterizado pela Filozofia Primeira, apezar de perceber que, penetrando por toda a parte, o Gran-Meio recorda a universalidade desta. Julgo que a reprezentação de que se trata não é con-

seguida imaginando no Espaço os enunciados das leis gerais. Entretanto não vejo que outro expediente seria capaz de permitir que a simples contemplação do Gran-Meio as evocasse ao coração e ao espirito. Rogo-vos, por isso, meu pai, que me tireis do embaraço em que me acho.

O Apostolo.— Não seria possivel, minha filha, corresponder agora cabalmente á vossa espectativa, pois que teria de perturbar o carater sintetico desta conferencia. Unicamente fazendo uma digressão pelas diversas leis da Filozofia Primeira ser-me-ia, de fato, permetido conseguir similhante deziderato. Mas posso desde já fornecer-vos o principio da localização de que se trata, segundo entendo esta concepção de nosso Mestre. É bastante, para isso, lembrar-vos que a séde da Fatalidade Suprema deve ser tal que a sua contemplação nos recorde as leis universais, como, por exemplo, as imagens do Sol, da Lua, e dos Planetas nos lembrão as leis astronomicas. Refleti agora que o Espaço, sendo a mais abstrata de nossas concepções, constitũi a consequencia extrema do dominio dessas leis sobre a nossa mente. Uma experiencia facilima vos patenteará a impossibilidade de contemplar coiza alguma em que os atributos reais estejão mais atenuados. Sempre que ultrapassamos esse limite, ficamos reduzidos a puros sinais, como no cazo dos numeros; acrecendo que esses sinais, figurados fóra do Espaço, adquirem um carater concreto, prejudicial á meditação teorica.

Apanhareis este inconveniente notando que, os fenomenos tendo sempre uma séde, nos é completamente vedado imaginá-los fóra de uma materia qualquer. Por mais simples que seja um sinal, ele ha de necessariamente consistir em um certo fenomeno,

que, natural ou artificialmente, evoca as nossas concepções e sentimentos. Ora, esse fenomeno não póde ser contemplado independente de um certo corpo, como acontece, por exemplo, com os algarismos uzados para precizar os varios graus de coexistencia ou da successão. Inscritos na superficie de alguma substancia ou gravados na espessura desta, os simbolos arimeticos não podem ser figurados abstrahindo-se das propriedades de que essa substancia goza. O unico recurso de que dispomos, para superar simillhante obstaculo, consiste em imaginar os numeros no Espaço conforme a recomendação de nosso Mestre, que indicou que se destacassem ahi todos os tipos matematicos por meio de vestigios verdes.

A Mulher.— Utilizando essas explicações para o fim que tendes em vista, cumpre-me confessar que elas vierão completar a noção que já me havieis feito adquirir do Espaço. Tenho ainda, sem duvida, necessidade de ouvir as observações que rezervais para a apreciação especial de *Filozofia Primeira*. Isto, porem, não me impede de presentir, desde já, como o Espaço póde reprezentar as leis universais.

O Apostolo.—Limita-se, minha filha, o que me resta a expôr sobre este assunto, a mostrar-vos que, reduzido a seus elementos proprios, o Gran-Meio verifica todas as leis universais, de modo que a sua imagem torna-se tão inseparavel do sentimento e do pensamento delas, quanto o são habitualmente, da idéia de qualquer corpo, o sentimento e a noção das leis da gravidade.

A Mulher.— Este esclarecimento basta para não permitir-me que demore por mais tempo a continuação de vossa leitura.

O Mestre.— Historicamente encarada, a consagração do Espaço deve ser considerada como espontaneamente esboçada ha longo tempo em uma notavel parte da população humana. Um concurso especial de influencias, sobretudo sociais, dispoz a civilização chineza a dezenvolver o fetichismo alem de tudo quanto foi possivel alhures. Mais bem sistematizado do que em nenhum outro cazo, ele prevaleceu ahi sobre o teologismo, e prezervou o terço de nossa especie do regimen das castas, apezar da hereditariedade das profissões. Ele sobrepujou então todos os contatos heterogeneos, e conservou o seu acendente nacional no meio das misturas, mais toleradas do que consagradas, do politeismo exterior, sem jamais acolher o monoteismo. O culto consiste ahi sobretudo na adoração da Terra e do Céu, os quais reprezentão o Gran-Fetiche e o Gran-Meio que o pozitivismo associa ao Gran-Ser. Dado o carater concreto da sociabilidade chineza, cuja principal imperfeição rezulta da falta de surto abstrato, o Espaço se confunde então com o conjunto dos corpos celestes, sob o impulso astrolatrico. Expurgada pela relatividade, esta instituição será facilmente subordinada á Humanidade em um povo no qual a destinação social prevalece sempre.

Não se deve considerar aqui este confronto sinão como apropriado para fazer apreciar melhor o complemento necessario da sinteze final. Congraçando a elite da raça branca com a maioria da raça amarela e o conjunto da raça negra, a incorporação do fetichismo no pozitivismo é só o que póde consolidar a religião universal. Gradualmente extendida até o dominio abstrato, a sinteze relativa deve abraçar todas as existencias ligadas ao Gran-Ser. Afim de que a simpatia seja assás dezenvolvida, é precizo idealizar, não sómente o mundo

objetivo, mas tambem o meio subjetivo onde colocamos todos os fenomenos exteriores. Não devemos admitir a inteligencia sinão na Humanidade, aperfeiçoando a ordem universal pelos seus servidores e seus auxiliares. Uma atividade puramente cega é só o que fica ao serviço do sentimento nos corpos cujo conjunto constitũi a séde e a base da suprema existencia. Mas o meio geral no qual se realizão os fenomenos quaisquer não é animado sinão pela simpatia universal, sem ação como sem reflexão. (*Ibidem*, p. 22-23)

A Mulher.—Chegados ao ponto em que nos achamos, não sinto a minima dificuldade em reconhecer no Gran-Meio similhante atributo, que muito deve fortalecer as nossas meditações. Apenas interrompi-vos para manifestar a doce sorpreza que me cauza o atrativo que assim vejo adquirirem os estudos vulgarmente tidos por mais aridos.

O Apostolo.—Reparai, minha filha, alem disso, que, similhante qualidade constituindo uma propriedade ficticiamente atribuida ás minimas particulas materiais, convinha extendê-la ao fluido universal, para que este se tornasse a imagem abstrata da realidade exterior.

O Mestre.— Mau grado a anarchia moderna, a razão ocidental conservou sempre, sob fórmas que lhe são peculiares, as dispozições por toda a parte emanadas do fetichismo fundamental. Uma vaga hipoteze de Eter universal foi instituida para congraçar as abstrações teoricas durante a sua dispersão academica. Subordinada ao carater absoluto do empirismo sientifico, esta concepção oferece uma aparencia de objetividade que, dissimulando sua natureza, altera sua destinação. É precizo todavia reconhecer que o Eter dos sientistas

ocidentais e o Céu dos letrados chinezes prepararão espontaneamente a sistematização do Espaço. Eis como, sob sintezes absolutas, o Ocidente e o Oriente se dispuzerão para o advento das concepções relativas que caraterizão a sinteze final. Afim de que esses preambulos se adaptem ao seu verdadeiro destino, basta transformar neles o objetivo em subjetivo. O fluido universal é então apreciado como uma instituição sistematica da Humanidade, que purifica e completa os esboços espontaneos.

Elaborados pela nossa infancia e nossa adolecencia, os elementos sinteticos de nossa maturidade não necessitão sinão de ser convenientemente transformados para constituirem o estado normal. Uma inalteravel trindade dirige nossas concepções e nossas adorações, sempre relativas, primeiro ao Gran-Ser, depois ao Gran-Fetiche, enfim ao Gran-Meio. Fundada sobre a teoria da natureza humana e sobre a lei do classamento universal, esta jerarchia oferece um decrecimento continuo do carater peculiar á sinteze subjetiva. Venera-se ahi em primeiro lugar a inteira plenitude do tipo humano, no qual a inteligencia assiste o sentimento para dirigir a atividade. Nossas homenagens glorificão depois a séde ativa e benevola cujo concurso, voluntario embora cego, é sempre indispensavel á suprema existencia. Ele não se limita á Terra com o seu duplo envoltorio fluido, e comprehende tambem os astros verdadeiramente ligados ao planeta humano como anexos objetivos ou subjetivos; sobretudo o Sol e a Lua, os quais devemos especialmente honrar. A esse segundo culto sucede o do teatro, tão passivo como cego, mas sempre benevolo, para onde transportamos todos os atributos materiais, cuja apreciação abstrata a sua simpatica subtileza facilita aos nossos corações como aos nossos espiritos.

Relativamente aos corpos exteriores, tal doutrina aperfeiçoa a sinteze dezenvolvendo a simpatia, de maneira a reagir sobre o nosso principal melhoramento. Ela é só o que póde satisfazer a necessidade, a um tempo teorica e pratica, que caraterizei por este verso sistematico: *Para completar as leis, precizão-se vontades*. Apreciado subjetivamente, tal complemento convém tanto á vida especulativa como á vida ativa, atento a comum insuficiencia dos motivos legais. O que falta de precizão ás leis sociais para guiar a pratica humana encontra o seu equivalente na impotencia das explicações teoricas para com o espetaculo concreto: cumpre, de um lado e do outro, que o comando asista ao arranjo, afim de que a *ordem* seja completa. Tal é o regimen que deve normalmente assimilar a ordem exterior á ordem humana tanto quanto o comporta a sua opozição necessaria. Ele reprezenta a materia, e mesmo o espaço, sob o impulso continuo da simpatia fundamental, concorrendo, ativa ou passivamente, para aperfeiçoar a harmonia universal mediante a providencia gradual do Gran-Ser. Transpondo o intervalo que o Mundo, isto é a Terra, enche entre o Espaço e a Humanidade, podemos diretamente aproximar os dois elementos extremos da trindade suprema, atribuindo ao fluido geral toda a objetividade das leis mais abstratas.

Uma ultima apreciação acaba de caraterizar a sinteze subjetiva considerando-a em relação ao Gran-Ser, afim de fazer assás sobresahir quanto a inteligencia se acha enobrecida em uma dotrina sempre dominada pelo sentimento. Nossa maturidade sistematiza o empirismo de nossa infancia reprezentando o espirito como o nosso principal privilegio, sem alterar a sua subordinação normal para com o coração. Basta, para conciliar estas duas condições, substituir o ponto de vista social

ao ponto de vista pessoal que foi o unico consagrado pelo metodo teologico-metafizico. Esta transformação faz logo sentir que a inteligencia supõe a sociabilidade como a assiste, porque o surto coletivo constitúi a unica fonte da evolução ativa e especulativa; de sorte que o monoteismo é radicalmente contraditorio. Então se reconhece que a ordem não póde ser comprehendida e modificada sinão por meio do amor, que, reciprocamente, preciza do espirito para instituir a simpatia para com o futuro e o passado. Relevada e diciplinada por tal conexidade, a inteligencia acha-se livremente subordinada ao sentimento, contra o qual esteve em conflito crecente desde o principio do surto abstrato. Ela obtem a mais nobre consagração e o mais completo exercicio no regimen que faz melhor prevalecer o coração, porque só ela póde sistematizar a unidade moral.

Simplificada tanto quanto possivel, a construção da sinteze subjetiva consiste em constituir, para o entendimento, o estado mais simpatico. Póde-se garantir de antemão que ele será, por isso mesmo, o mais sintetico e o mais sinergico, de modo a dezenvolver a existencia a mais religioza. Fundada na teoria pozitiva da alma, tal construção podia apenas ser esboçada no principio de um volume cujo dominio é especialmente logico, conquanto deva instituí-la como primeiro elemento da sinteze final. Convem, pois, esperar o tratado de moral teorica e pratica para o dezenvolvimento sistematico dos apanhados acima introduzidos. Pertence excluzivamente á poezia fazer depois sentir assás a principal eficacia das instituições destinadas a generalizar o tipo humano ligando a ele, tanto quanto possivel, a materia e mesmo o espaço. (*Ibidem*, p. 23-26)

O Apostolo.— Infelizmente, minha filha, ne-

nhuma esperança mais podemos alimentar a tal respeito, embora devamos supôr que a regeneração humana ha de permitir em parte a reparação de tão incomparaveis prejuizos. Só nos resta, pois, atualmente compenetrar-nos cada vez mais dos ensinos que nos legou o mais devotado e o mais sabio dos Mestres, convergindo todas as nossas forças para o advento dessa regeneração cujo grandíozo programa ele instituiu.

Antes de separar-nos, porem, devo anunciar-vos que nas outras partes desta *Introdução* encontrareis, sobre a Trindade Pozitivista, novos esclarecimentos capitais. Muito embora as luzes então adquiridas nos fação deplorar, cada vez mais vivamente, o prematuro passamento de nosso Fundador, elas vos evidenciarão que possuimos o seu pensamento integral. A morte privou-nos, de fato, de um monumento cujos planos estavão definitivamente traçados e cujos materiais ficárão tão completamente trabalhados quanto era necessario para a execução imediata dele. Meditados com santa veneração e por fortes inteligencias que um culto assiduo de sua memoria haja identificado com o seu genio, os seus escritos permitirão que Ele realize subjetivamente as construções que objetivamente lhe forão vedadas. Assim nós podemos rezumir em uma parafraze de sua comovente efuzão as condições da regeneração humana: a tua morte mesma consolida o laço fundado em nossa gratidão e nosso entuziasmo.

SEGUNDA PARTE

Explicação final do Dogma

QUARTA CONFERENCIA

CONCEPÇÃO INICIAL DA FILOZOFIA POZITIVA

ESBOÇO ORIGINAL DO

CONJUNTO DO DOGMA

A Mulher.— Logo que me anunciastes, meu pai, em nossa segunda conferencia, o intento de aprezentar-me a refutação das criticas feitas á coordenação final da nossa fé, senti o dezejo de conhecer a marcha das idéias de nosso Mestre em tal assunto. Renunciei á manifestação imediata desse voto, á vista do plano que de antemão me havieis traçado. Satisfeita, porem, a primeira parte de vosso programa, espero hoje acompanhar a prodigioza acensão, a que tantas vezes tendes aludido, dizendo-me que a sua contemplação basta para dissipar todas as hezitações acerca de nossa Religião.

O Apostolo.—Melhor plano não póde ser adotado realmente, minha filha, para evidenciar a futilidade das objeções feitas ás decizões ultimas de nosso Mestre, do que a simples expozição da evolução de seu pensamento. A cada faze por que este

passou, vereis corresponder apenas uma maior plenitude na aplicação do relativismo e do ponto de vista social que Ele sempre proclamou constituirem a indole da nova filozofia. Remontando á sua concepção primitiva, encontrareis a sistematização das tentativas emprehendidas até então sob o impulso empirico do genio pozitivo, inconcientemente dominado pelos habitos teologico-metafizicos. Instituido assim o programa da renovação mental, conforme as excluzivas pretenções do espirito sientifico, cumpria submeter tal projeto a uma revizão definitiva, quando o problema da harmonia mental fosse encarado em sua integridade religioza. Atendendo a esta inevitavel necessidade, uma escrupuloza retidão intelectual reduzirá o exame da sinteze final peculiar ao Pozitivismo a verificar si as diferenças entre esta e o seu esboço original não rezultão apenas, como em qualquer cazo normal, da observancia cada vez mais profunda de um preceito invariavel.

Esta vista retrospectiva é aliás recomendada por um dos primeiros preceitos formulados por nosso Mestre, o qual, no seu SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, observou que *uma concepção qualquer não podia ser bem conhecida sinão pela sua historia.* (I, 3) Levado por tais motivos, foi que rezolvi expôr-vos a evolução mental de nosso Mestre, consagrando a conferencia atual e a futura á faze que precedeu a sua construção religioza, e rezervando as duas outras imediatas para a meditação da sua segunda vida. Organizei, por isso, para vosso uzo, um extrato dos trechos carateristicos em que ele abordou o problema da coordenação filozofica, a começar pela sua obra fundamental. Importa, porem, antes de tudo, recordar-vos a apreciação que, do conjunto da sua

carreira regeneradora, Ele mesmo fez no prefacio da POLITICA.

O MESTRE.—Indiquei suficientemente (no *prefacio* do 6º tomo da FILOZOFIA) como, em 1822, a minha descoberta fundamental das leis sociologicas proporcionou -me, desde a idade de vinte e quatro anos, uma verdadeira unidade cerebral, fazendo intimamente convergir as duas ordens de tendencias, sientificas e politicas, que até então me tinhão partilhado entre si. A minha convicção pessoal de haver suficientemente realizado a preparação enciclopedica indispensavel á minha missão social, permitiu que o meu ardor renovador me impelisse logo para a construção direta da doutrina destinada a terminar a imensa revolução ocidental. Desde 1826, o meu trabalho decizivo sobre o poder espiritual tinha altamente votado o conjunto da minha vida a fundar uma autoridade teorica verdadeiramente digna de dirigir a inteira regeneração das opiniões e dos costumes, substituindo definitivamente o monoteismo exhausto. Assim terminou-se a minha estréia septenaria, começada, em 1820, pela minha primeira coordenação do passado moderno.

Esta ultima parte da minha abertura conduziu-me a apreciar melhor a principal dificuldade da sinteze total que ouzava emprehender. Senti logo que a fé nova exigia, em todos os espiritos sistematicos, um fundamento sientifico equivalente áquele que eu havia penozamente adquirido, e do qual esperava a principio poder assim dispensar o publico. A minha propria lei jerarchica demonstrou-me que a filozofia social não podia tomar o seu verdadeiro carater e comportar uma irrezistivel autoridade sinão repouzando explicitamente no conjunto da filozofia natural, parcialmente elaborada durante os tres

ultimos seculos. Esta reconstrução direta do poder espiritual me sucitou prontamente uma meditação continua de oitenta horas, acabando eu por conceber, como preambulo indispensavel, a sistematização total da filozofia pozitiva, cuja expozição oral comecei na primavera do mesmo ano 1826.

Tal foi o rezultado geral dessa crize deciziva, seguida em breve de uma profunda tempestade cerebral: a imensa operação que eu tinha a principio julgado unica ficou decomposta em duas fundações successivas, uma essencialmente mental, outra diretamente social. Na primeira, a minha sociologia devia oferecer o termo necessario da dificil iniciação que, começada por Thales e Pitagoras, acabava de conduzir Bichat e Gall até o limiar do ultimo dominio peculiar á pozitividade racional. Sobre essa baze inabalavel era precizo em seguida construir a nova fé ocidental, e instituir o sacerdocio definitivo. Em uma palavra, a siencia real devia primeiro vir dar na san filozofia, capaz de fundar enfim a verdadeira religião.

Essas duas fazes conexas de uma evolução sem exemplo devião, sob pena de uma insuficiente harmonia, realizar-se no mesmo orgão da Humanidade. A primeira, retardada por suas dificuldades proprias e meus embaraços pesssois, absorveu-me até a idade da plena madureza. Terminando-a, em 1842, anunciei nitidamente a segunda elaboração, cujo preludio decizivo (DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO) publiquei seis anos depois. A' filozofia pozitiva faço pois suceder hoje a politica pozitiva, que se tornará a minha principal construção, conquanto necessariamente fundada sobre a primeira.

Tal realização do ouzado projeto da minha mocidade constitûi a melhor recompensa de meu opinaz devo-

tamento. Não menos vivas e mais profundas, as mesmas tendencias regeneradoras que fomentárão o meu zelo nacente animão hoje as aproximações da minha digna velhice. A vasta elaboração teorica que preencheu esse longo intervalo não me parece doravante sinão como um epizodio necessario da incomparavel missão que me assinou o conjunto da evolução humana.

Apezar de sua intima conexidade, esses dois grandes tratados devem pois deferir essencialmente. O espirito prevaleceu em um para melhor caraterizar a superioridade intelectual do pozitivismo sobre qualquer teologismo. Aqui domina o coração, afim de manifestar assás a preeminencia moral da verdadeira religião. O novo sacerdocio ocidental não podia dignamente terminar a fatal insurreição da inteligencia contra o sentimento sinão proporcionando primeiro á razão moderna uma plena satisfação normal. Mas, bazeadas nesse preambulo necessario, as exigencias morais devião depois retomar diretamente a sua justa preponderancia, para construir uma sinteze verdadeiramente completa, na qual o amor constitûi naturalmente o unico principio universal. (POLITICA, I, p. 1-4)

O Apostolo.— Tal é a parte deste prefacio estritamente indispensavel ao fim que temos em vista no momento atual. É por isso que deixarei á vossa intima meditação a concluzão de sua precioza leitura, limitando-me a mencionar ainda apenas a seguinte passagem :

O MESTRE.— Assim provido do tempo necessario á minha segunda carreira, faltava-me sobretudo o impulso profundo e permanente que era só o que podia utilizar dignamente essa disponibilidade cerebral. Fatigado de sua imensa carreira objetiva, o meu espirito não

bastava para regenerar subjetivamente a minha força sistematica, cuja principal destinação se tinha então novamente tornado, como na minha estréia, mais social do que intelectual. Esse indispensavel renacimento, que devia emanar do coração, me foi alcançado, ha seis anos, pelo anjo incomparavel que o conjunto dos destinos humanos encarregou de transmitir-me dignamente o rezultado geral do aperfeiçoamento gradual de nossa natureza moral. (*Ibidem*, p. 7-8)

A Mulher.— O comovente quadro que esses trechos descrevem, permite-me, meu pai, apanhar desde já o carater essencial dos epizodios cuja apreciação me anunciastes. Fitando invariavelmente a regeneração social, nosso Mestre tentou primeiro uma coordenação filozofica, como si o espirito pudesse realizá-la excluzivamente por si. Lentamente subindo, porem, das teorias inferiores ás meditações sociologicas parece-me que devia ele ir sentindo, cada vez com maior nitidez, a inpossibilidade de tal empreza. O acendente da nossa suave Padroeira, veio desde então, no momento oportuno, como Ele lhe disse, (14) revelar-lhe o dezenlace das dificuldades que o seu surto independente lhe patenteara.

O Apostolo.—Foi isso exatamente o que se deu, minha filha. Uma nova religião exigia, antes de tudo, o advento de uma nova sentimentalidade. Realizada, porem, esta transformação instintiva, pela substituição da fraternidade universal ao amor divino, conforme o evidenciara a explozão final do ultimo seculo, ficava o problema moderno dependendo da construção de uma nova fé. Tal foi o preambulo social que tornou despercebida a primazia do coração

(14) VOLUME SAGRADO. *Correspondencia.*

em uma elaboração cuja iniciativa lhe cabia, de modo a permitir o ensaio de uma coordenação puramente intelectual para servir de baze a uma sistematização total da vida humana. A matematica oferece um exemplo comparavel a esse cazo, quando os geometras tomárão as suas pesquizas como excluzivamente dedutivas, por não terem apanhado nas meditações vulgares a baze indutiva de suas mais eminentes locubrações. Dominado, pois, pela preocupação social de estabelecer a baze espiritual do novo sacerdocio, nosso Mestre começou formulando o problema da nova sinteze segundo as mais ouzadas pretenções do espirito sientifico. O seu genio lhe assinalou, porem, desde logo a impossibilidade de executar similhante programa sem uma serie de restrições, aceitas umas, como meros adiamentos, e outras, como relativas a doutrinas desnecessarias ao destino da filozofia moderna.

Graças a esses artificios espontaneos, pôde nosso Mestre emprehender a iniciassão dos seus contemporaneos na grande operação teorica que o Passado rezervara á nossa idade, sem chocar demaziado os preconceitos sientificos. A lei fundamental, que Ele descobrira na marcha das concepções humanas, autorizando-o a proclamar o relativismo como sendo o carater essencial das noções pozitivas, facilitou-lhe, e ao Publico, a aceitação do seu ponto de vista. Longe, porem, de renunciar, desde logo, ás esperanças que o metodo teologico-metafizico transmitira á cultura sientifica, o seu projeto inicial transformou-as em um ideal de perfeição inatingivel. Vão as suas proprias palavras pintar-vos essa situação de seu espirito, ao escrever o tomo inicial do SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA.

O MESTRE.— O sistema teologico chegou á mais alta perfeição de que é sucetivel, quando substituiu a ação providencial de um ente unico ao jogo variado das numerozas divindades independentes que tinhão sido imaginadas primitivamente. Do mesmo modo, o ultimo termo do sistema metafizico consiste em conceber, em lugar das diferentes entidades particulares, uma só grande entidade geral, a *natureza*, encarada como a fonte unica de todos os fenomenos. Igualmente, a perfeição do sistema pozitivo, *para a qual ele tende sem cessar, conquanto seja muito provavel que não deva jamais atingi-la*, seria poder reprezentar-se todos os diversos fenomenos observaveis como cazos particulares de um só fato geral, tal como o da gravitação, por exemplo. (FILOZOFIA I, p. 5)

. . . .

Assinando para fim á filozofia pozitiva rezumir em um só corpo de doutrina homogenea o conjunto dos conhecimentos adquiridos, relativamente ás diferentes ordens de fenomenos naturais, está longe do meu pensamento querer proceder ao estudo geral desses fenomenos considerando-os todos como efeitos diversos de um principio unico, como sujeitos a uma só e mesma lei. (*Ibidem*, p. 52)

. . . .

Em minha profunda convicção pessoal, considero essas emprezas de explicação universal de todos os fenomenos por uma lei unica como eminentemente chimericas, mesmo quando são tentadas pelas inteligencias mais competentes. Creio que os meios do espirito humano são demaziado fracos, e o universo demaziado complicado para que tal perfeição sientifica esteja jamais ao nosso alcance, e penso, aliás, que se fórma geralmente uma idéia muito exagerada das vantagens que

dahi rezultarião necessariamente, si ela fosse possivel. Em todo cazo parece-me evidente que, á vista do estado prezente de nossos conhecimentos, estamos ainda por demais longe de tal alvo, para que tentativas similhantes possão ser razoaveis antes de um lapso de tempo consideravel. Pois que, si se pudesse esperar consegui-lo, não poderia ser, segundo eu, sinão ligando todos os fenomenos naturais á lei pozitiva mais geral que conhecemos, a lei da gravitação, que já liga todos os fenomenos astronomicos a uma parte dos da fizica terrestre. (*Ibidem*, p. 53)

. . . .

Não precizo de maiores detalhes para acabar de convencer que o fim deste curso não é de modo algum aprezentar todos os fenomenos como identicos, salvo a variedade das circunstancias. A filozofia pozitiva seria sem duvida mais perfeita si pudesse ser assim. Mas essa condição não é nulamente necessaria á sua formação sistematica, nem tão pouco á realização das grandes e felizes consequencias que vimo-la destinada a produzir. *Não ha unidade indispensavel para isto sinão a unidade de metodo*, a qual póde e deve evidentemente existir, e já se acha estabelecida em maior parte. *Quanto á doutrina, não ha necessidade que ela seja uma; basta que seja homogenea.* (*Ibidem*, p. 55)

A Mulher.— Por esta citação se vê, meu pai, que nosso Mestre já sentia então a inexequibilidade de uma sinteze objetiva; e que só a impossibilidade de instituir então a sinteze subjetiva, levou-o a contentar-se com a unidade de metodo e a homogeneidade de doutrina.

O Apostolo.— A redução da coordenação filozofica a estes dois pontos equivale, demais, a insti-

tuir uma solução subjetiva do problema teorico, pois que ambos referem-se antes á Humanidade do que ao Mundo. Dada a supremacia de dignidade que nosso Mestre então reconhecia ao espirito, como vereis daqui a pouco, não era possivel aproximar-se mais da sinteze definitiva. Rezumidas assim as suas aspirações mentais, eis como ele concebeu o quadro geral dos pensamentos humanos :

O Mestre.— Todos os trabalhos humanos são, ou de especulação, ou de ação. Assim, a divizão mais geral dos nossos conhecimentos reais consiste em distingui-los em teoricos e praticos. Si considerarmos agora essa primeira divizão, é evidente que é somente dos conhecimentos teoricos que se deve tratar em um curso da natureza deste ; pois que não se viza nele observar o sistema inteiro das noções humanas, mas unicamente o das concepções fundamentais sobre as diversas ordens d fenomenos, que fornecem uma baze solida a todas a nossas outras combinações quaisquer, e que não são po sua vez, fundadas sobre nenhum sistema intelectual an tecedente. Ora, em tal trabalho, é a especulação que con vem considerar, e não a aplicação, a não ser no que e ta pode esclarecer a primeira. É isso provavelmente que entendia Bacon, conquanto muito imperfeitament por essa *filozofia primeira*, que ele indica como dever do ser extrahida do conjunto das siencias, e que tem s do tão diversamente e sempre tão extranhamente co cebida pelos metafizicos que emprehendêrão coment o seu pensamento (*Ibidem*, p. 61-62)

O Apostolo.— Notai, aqui, minha filha, a pr mitiva concepção de nosso Mestre sobre a *filozof primeira*, concepção que Ele só modificará no quar

volume da sua POLITICA, isto é, vinte e quatro anos depois.

O MESTRE.— Sem duvida, quando se considera o conjunto completo dos trabalhos de todo genero da especie humana, deve-se conceber o estudo da natureza como destinado a fornecer a verdadeira baze racional da ação do homem sobre a natureza, pois que o conhecimento das leis dos fenomenos, cujo rezultado constante é nos fazer prevê-los, é só o que póde evidentemente conduzir-nos, na vida ativa, a modificá-los em nossa vantagem uns pelos outros. Os nossos meios naturais e diretos para agir sobre os corpos que nos cercão são extremamente fracos, e completamente disproporcionados ás nossas necessidades. Todas as vezes que conseguimos exercer uma grande ação, é somente porque o conhecimento das leis naturais nos permite introduzir entre as circunstancias determinadas sob cuja influencia se realizão os diversos fenomenos, alguns elementos modificadores, que, por mais fracos que sejão em si mesmo, bastão, em certos cazos, para fazer redundar em nossa satisfação os rezultados definitivos do conjunto das cauzas exteriores. Em rezumo, *siencia, donde previdencia*; *previdencia, donde ação*: tal é a formula simplicissima que exprime, de uma maneira exata, a relação geral da *siencia* e da *arte*, tomando essas duas expressões na sua acepção total.

Porem, apezar da importancia capital dessa relação, que não deve jamais ser menosprezada, seria formar-se das siencias uma idéia muito imperfeita concebê-las sómente como as bazes das artes, e é a isso que infelizmente se é por demais propenso em nossos dias. Sejão quais forem os imensos serviços prestados á *industria* pelas teorias sientificas, conquanto, segundo a energica

expressão de Bacon, o poder seja necessariamente pr
porcionado ao saber, não devemos esquecer que as sie
cias têm, *antes de tudo, uma destinação mais direta*
mais elevada, a de satisfazer a necessidade fundame
tal que experimenta a nossa inteligencia de conhec
as leis dos fenomenos. Para sentir quanto essa preciz
é profunda e imperioza, basta pensar um instante n
efeitos fiziologicos do *espanto*, e considerar que a sens
ção mais terrivel que possamos experimentar é a que
produz todas as vezes que um fenomeno parece-nos re
lizar-se contraditoriamente ás leis naturais que nos s
familiares. Essa necessidade de dispôr os fatos em u
ordem que possamos conceber com facilidade (o q
é o objeto peculiar de todas as teorias sientificas) é p
tal modo inherente á nossa organização, que, si n
conseguissemos satisfazê-la mediante concepções pozit
vas, voltariamos outra vez inevitavelmente ás explic
ções teologicas e metafizicas a que ela deu origem p
mitivamente, como o expuz na ultima lição. (*Ibide*
p. 62-64)

O Apostolo.— Lembrando-se que na época e
que nosso Mestre escrevia essas linhas, ainda a te
ria pozitiva da natureza humana estava essencia
mente reduzida aos trabalhos de Gall, não se pód
extranhar a supremacia de dignidade aqui outorga
ao espirito. Mas a elaboração direta da sociolog
permitiu corrigir em parte essa iluzão, como tere
ocazião de verificar em breve, apreciando a retific
ção feita posteriormente a essa explicação do *espant*
Os corolarios que dahi deduz nosso Mestre não p
dião pois ficar de pé, quando a sua regeneração m
ral lhe permitisse enfim assinalar á inteligencia
seu verdadeiro papel, entrevisto durante a sua el

boração sociologica, e construir a doutrina cerebral definitiva.

O MESTRE.— É portanto evidente que depois de ter concebido, de uma maneira geral, o estudo da natureza como servindo de baze racional á ação sobre a natureza, *o espirito humano deve proceder ás pesquizas teoricas, abstrahindo completamente de qualquer consideração pratica* ; porque nossos meios para descobrir a verdade são por tal modo fracos, que si não os concentrassemos excluzivamente neste fito, e si, procurando a verdade, nos impuzessemos ao mesmo tempo a condição alheia de achar tambem uma utilidade pratica imediata, ser-nos-ia quasi sempre impossivel atingi-lo. (*Ibidem* p. 66)

O Apostolo.—Alem da consideração que fiz, ha pouco, devo mencionar-vos, minha filha, a propozito deste trecho, a seguinte ponderação capital de nosso Mestre. Instituindo as regras de nossa conduta sob qualquer aspeto, convem ter sempre prezente a faze da evolução humana a que elas são destinadas, para não tomar, como definitivas, normas cuja eficacia é apenas tranzitoria. Sem duvida que era indispensavel deixar a inteligencia completamente solta, enquanto a sua expansão não podia ser diciplinada sinão pela teologia e a guerra, ambas antagonicas ao genio pozitivo. É, porem, igualmente evidente, uma vez que se conhece a dependencia, social e moral, do espirito ao coração, que esse anarchico dezenvolvimento cessa de convir desde que o amor universal diretamente prescreve o relativismo e a industria.

O MESTRE.— Seja como fôr, é certo que o conju
to de nossos conhecimentos sobre a natureza, e o d
processos que deles deduzimos para modifica-la em
ssa vantagem, formão dois sistemas essencialmente d
tintos por si mesmo, que é conveniente conceber e c
tivar separadamente. Demais, o primeiro sistema ser
a baze do segundo, é evidentemente o que convem c
siderar a principio em um estudo metodico, mes
quando se tivesse o propozito de abraçar a totalid
dos conhecimentos humanos, tanto de aplicação co
de especulação. Esse sistema teorico parece-me de
constituir excluzivamente hoje o assunto de um cu
verdadeiramente racional de filozofia pozitiva: é as
pelo menos que eu o concebo. Sem duvida, seria possi
imaginar um curso mais extenso, versando ao mes
tempo sobre as generalidades teoricas e as generalida
praticas. Mas não penso que similhante empreza, mes
independentemente de sua extensão, possa ser con
nientemente tentada no estado prezente do espi
humano. Ela parece-me, com efeito, exigir prelimi
mente um trabalho muito importante e de uma na
reza particularissima, que ainda não foi feito, o
formar, mediante as teorias sientificas propriame
ditas, as concepções especiais destinadas a servir
bazes diretas aos processos gerais da pratica.

No grau de dezenvolvimento já atingido por no
inteligencia, não é imediatamente que as siencias
aplicão ás artes, pelo menos nos casos mais prefei
existe entre essas duas ordens de idéias uma ordem n
dia, que, ainda mal determinada no seu carater filo
fico, é mais sensivel já quando se considera a classe
cial que se ocupa dela especialmente. Entre os sien
tas propriamente ditos e os diretores efetivos dos tra
lhos produtivos começa a se formar em nossos dias u

classe intermediaria, a dos *engenheiros*, cuja destinação especial é organizar as relações entre a teoria e a pratica. Sem ter nenhumamente em vista o progresso dos conhecimentos sientificos, ela os considera no seu estado prezente para dahi deduzir as aplicações industriais de que são sucetiveis. Tal é, pelo menos, a tendencia natural das coizas, conquanto haja ainda a tal respeito muita confuzão. O corpo de doutrina peculiar a essa classe nova, e que deve constituir as verdadeiras teorias diretas das diferentes artes, poderia, sem duvida, dar lugar a considerações filozoficos de grande interesse e de importancia real. Mas um trabalho que as abraçasse conjuntamente com as fundadas nas siencias propriamente ditas, seria hoje inteiramente prematuro; porque essas doutrinas intermedias entre a teoria pura e a pratica direta não estão ainda formadas: não existem até aqui sinão alguns elementos imperfeitos relativos ás siencias e ás artes mais adiantadas, e que são as unicas que permitem conceber a natureza e a possibilidade de similhantes trabalhos para o conjunto das operações humanas... (*Ibidem*, p. 68)

Conceber-se-á tanto melhor a dificuldade de construir essas doutrinas intermediarias que acabo de indicar, si considerar-se que cada arte depende não sómente de uma certa siencia correspondente, mas ao mesmo tempo de varias, por tal forma que as artes mais importantes tomão socorros diretos a quazi todas as diversas siencias principais. É assim que a verdadeira teoria da agricultura, para limitar-me ao cazo mais essencial, exige uma intima combinação de conhecimentos fiziologicos, chimicos, fizicos e mesmo astronomicos e matematicos: o mesmo dá-se com as belas-artes. Percebe-se facilmente, á vista desta consideração, porque essas teorias não pudérão ainda ser formadas, pois que supõe o

dezenvolvimento preliminar de todos as diferentes sien-
cias fundamentais. Dahi rezulta igualmente um nov
motivo para não comprehender tal ordem de idéias
um curso de filozofia pozitiva, pois que, longe de pod
contribuir para a formação sistematica dessa filozofi
as teorias gerais peculiares ás diferentes artes princip
devem, pelo contrario, como vemos, ser verozimilmen
mais tarde uma das consequencias mais uteis de su
construção.

Em rezumo, não devemos pois considerar nes
curso sinão as teorias sientificas e de modo algum as su
aplicações. Mas antes de proceder á classificação met
dica de suas diferentes partes, resta-me expôr, rela
vamente ás siencias propriamente ditas, uma distinç
importante, que acabará de circunscrever nitidamen
o assunto proprio do estudo que emprehendemos. (*I-
dem*, p. 69-70)

A Mulher.— Interromperei, meu pai, por in
tantes, a vossa leitura, para pedir-vos um esclar
cimento acerca do posto assinado ás belas-artes ne
ta coordenação inicial de nosso Mestre. Levada pe
que acabo de ouvir, prezumo que as suas observ
ções a tal respeito rezumem-se aqui na fraze inc
dente em que faz ver que elas dependem, como
artes industriais, do conjunto das siencias fund
mentais. Dezejava, por isso, saber, si nessa époc
não havia ainda Ele percebido as afinidades q
determinão a aproximar das concepções teoricas
criações poeticas, separando-as das construçõ
technicas.

O Apostolo.— Bem que essas afinidades haj
normalmente de prevalecer, não são elas, todavi
minha filha, as mais salientes quando prepondera

ponto de vista objetivo. Referindo-se diretamente ás nossas emoções, a poezia entra então na categoria dos meios pelos quais agimos sobre a nossa propria natureza. A sua participação necessaria na elaboração dos pensamentos passa despercebida, pelo carater objetivo que se atribûi á *verdade*, considerada até radicalmente distinta da *idealidade*. Não deveis, portanto, sorprehender-vos que nosso Mestre houvesse anexado as concepções esteticas ás technicas no primeiro esboço de sua jerarchia filozofica. Dominando, porem, gradualmente os preconceitos sientificos, vê-lo-eis, no ultimo volume desta obra, anunciar a futura combinação do genio teorico com a inspiração poetica.

O Mestre.— É precizo distinguir, em relação a todas as ordens de fenomenos, dois generos de siencias naturais : umas abstratas, gerais, têm por objeto a descoberta das leis que regem as diversas classes de fenomenos, considerando todos os cazos concebiveis ; outras concretas, particulares, descritivas, e que são algumas vezes dezignadas pelo nome de siencias naturais propriamente ditas, consistem na aplicação dessas leis á historia efetiva dos diferentes seres existentes. As primeiras são, portanto, fundamentais, é sobre elas sómente que versarão os nossos estudos neste curso : as outras, qualquer que seja a sua importancia propria, não são realmente sinão secundarias, e não devem, por consequencia, fazer parte de um trabalho que a sua extrema extenção natural nos obriga a reduzir ao menor dezenvolvimento possivel.

A distinção precedente não póde aprezentar a minima obscuridade para os espiritos que têm algum conhecimento especial das diferentes siencias pozitivas,

pois que ela é pouco mais ou menos equivalente á que se anuncia ordinariamente em quazi todos os tratados sientificos comparando a fizica dogmatica com a historia natural propriamente dita. Alguns exemplos bastarão aliás para tornar sensivel essa divizão, cuja importancia não é ainda convenientemente apreciada.

Poder-se-á primeiro percebê-la muito nitidamente comparando, de um lado, a fiziologia geral, e, de outro lado, a zoologia e a botanica propriamente ditas. São, evidentemente, com efeito, dois trabalhos de carater muito distinto, o estudar, em geral, as leis da vida, ou o determinar o modo de existencia de cada corpo vivo, em particular. Este segundo estudo é, demais, necessariamente fundado no primeiro.

O mesmo dá-se com a chimica, em relação á mineralogia ; a primeira é evidentemente a baze racional da segunda. Na chimica considerão-se todas as combinações possiveis das moleculas, e em todas as circunstancias imaginaveis; na mineralogia, considerão-se somente aquelas dessas combinações que se achão realizadas na constituição efetiva do globo terrestre, e unicamente sob a influencia das circumstancias que lhe são peculiares. O que mostra claramente a diferença do ponto de vista chimico e do ponto de vista mineralogico, conquanto as duas siencias versem sobre os mesmos objetos, é que a maioria dos fatos encarados na primeira não tem sinão uma existencia artificial, de tal modo que um corpo, como o chloro ou o potassio, poderá ter uma extrema importancia em chimica pela extensão e energia de suas propriedades, ao passo que não terá quasi nenhuma em mineralogia; e reciprocamente, um composto, tal como o granito ou o quartzo sobre o qual versa a maioria das considerações mineralogicas, não oferecerá, sob o aspeto chimico, sinão um interesse muito mediocre.

O que torna, em geral, mais sensivel ainda a necessidade logica dessa distinção fundamental entre as duas grandes secções da filozofia natural, é que não sómente cada secção da fizica concreta supõe a cultura preliminar da secção correspondente da fizica abstrata, mas exige mesmo o conhecimento das leis gerais relativas a todas as ordens de fenomenos. Assim, por exemplo, não somente o estudo especial da terra, considerado sob todos os pontos de vista que ele póde aprezentar efetivamente, exige o conhecimento preliminar da fizica e da chimica, mas não póde ser convenientemente feito, sem introduzir, de um lado, os conhecimentos astronomicos, e mesmo, de outro lado, os conhecimentos fiziologicos; de sorte que tal estudo prende-se ao sistema inteiro das siencias fundamentais. O mesmo dá-se com cada uma das siencias naturais propriamente ditas. É precizamente por esse motivo que a *fizica concreta* tem feito até o prezente tão poucos progressos reais, pois que ela não pôde começar a ser estudada de uma maneira verdadeiramente racional sinão depois da *fizica abstrata*, e quando todos os diversos ramos principais desta tomárão o seu carater definitivo, o que só teve lugar em nossos dias. Até então não se pôde recolher a este respeito sinão materiais mais ou menos incoherentes, que são mesmo ainda muito incompletos. Os fatos conhecidos não poderão ser coordenados de maneira a formar verdadeiras teorias especiais dos diferentes seres do universo, sinão quando a distinção fundamental, acima lembrada, fôr mais profundamente sentida e mais regularmente organizada, e que, por conseguinte, os sientistas particularmente dados ao estudo das siencias naturais propriamente ditas, tiverem reconhecido a necessidade de fundar suas pesquizas em um conhecimento aprofundado de todas as siencias fundamentais,

condição que está ainda hoje muito longe de ser cor
venientemente preenchida.

O exame dessa condição confirma nitidamente po
que devemos, neste curso de filozofia pozitiva, reduz
as nossas considerações ao estudo das siencias gerai
sem abraçar ao mesmo tempo as siencias descritivas o
particulares. Vê-se nacer aqui, com efeito, uma nova pr
priedade essencial desse estudo proprio das generalid
des da fizica abstrata; e vem a ser o fornecer ele a ba
racional de uma fizica concreta verdadeiramente sistem
tica. Assim, no estado prezente do espirito humano
haveria uma especie de contradição em querer reuni
em um só e mesmo curso, as duas ordens de siencia
Póde-se dizer, de mais, que quando mesmo a fizica co
creta tivesse já atingido o grau de aperfeiçoamento d
fizica abstrata, e que, por conseguinte, fosse possive
em um curso de filozofia pozitiva, abraçar ao mesn
tempo a ambas, nem por isso seria menos evident
mente necessario começar pela secção abstrata, que pe
manecerá a baze invariavel da outra. É claro, aliás, qu
só o estudo das generalidades das siencias fundame
tais, é por si mesmo assás vasto, para que importe afa
tar dele, tanto quanto possivel, todas as consideraçõe
que não são indispensaveis; ora, as relativas ás sienci
secundarias serão sempre, aconteça o que acontecer, d
um genero distinto. A filozofia das siencias fundame
tais, aprezentando um sistema de concepções pozitiv
sobre todas as nossas ordens de conhecimentos reai
basta, por isso mesmo, para constituir essa *filozofia pr
meira* que Bacon procurava, e que sendo destinada
servir doravante de baze permanente a todas as esp
culações humanas, deve ser cuidadozamente reduzid
á mais simples expressão possivel.

Não precizo insistir mais neste momento em t

discussão, que terei naturalmente muitas occaziões de reproduzir nas diversas partes deste curso. A explicação precedente é assás dezenvolvida para motivar a maneira pela qual circunscrevi o assunto geral das nossas considerações.

Assim, em rezultado de tudo quanto acaba de ser exposto nesta lição, vemos: 1º que a siencia humana se compondo, no seu conjunto, de conhecimentos especulativos e conhecimentos de aplicação, só devemos ocupar-nos aqui com os primeiros; 2º que os conhecimentos teoricos ou as siencias propriamente ditas, dividindo-se em siencias gerais e siencias particulares, devemos não considerar aqui sinão a primeira ordem, e limitar-nos a fizica abstrata, por maior interesse que possa aprezentar-nos a fizica concreta. (*Ibidem*, I, p. 70-76)

O Apostolo.—Passa, em seguida, nosso Mestre a estabelecer a jerarchia das concepções abstratas, então reduzidas a seis categorias, por não haver Ele ainda reconhecido a autonomia da Moral. Anunciado espontaneamente no DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO (p. 87. edição de 1848), esse novo termo teorico só foi introduzido no primeiro capitulo do segundo volume da POLITICA POZITIVA (II, 55), e irrevogavelmente admitido no final do mesmo tomo (II, 432). Uma fatalidade mental explica porque similhante progresso foi uma das reações do benefico influxo da nossa terna e imaculada Padroeira. Logicamente, nenhuma siencia podendo ser instituida antes que os fatos sobre que ela versa tenhão se tornado objeto de um exame que revele a necessidade de uma exploração propria, a primeira condição do advento pozitivo da Moral era que o sentimento se constituisse o assunto preponderante

das cogitações de nosso Mestre. Ora, só uma profunda paixão feminina seria capaz de determiná-lo instintivamente a convergir para ahi a sua atenção, até aquela epoca sistematicamente aplicada aos fenomenos coletivos, que fazem sobresahir especialmente as leis da inteligencia e da atividade.

Bastou, porem, que o seu genio sofresse o prestigio do amor inspirado pelas ecepcionais ecelencias de Clotilde, para que se fosse dezenhando, cada vez com mais clareza e precizão, o campo peculiar á siencia final. O CATECISMO já vos ensinou os atributos carateristicos desse ultimo termo da jerarchia teorica, de sorte que estou naturalmente dispensado de insistir sobre eles. Lembrar-vos-ei, todavia, que, definindo a Moral como a siencia do sentimento, implicitamente se proclama que ela é a siencia do homem. Isto provem de formar o coração o centro de toda a nossa existencia; não sendo exequivel o estabelecimento da teoria desta, sem o conhecimento daquele, nem a comprehensão do primeiro sem a combinação de todos os elementos componentes da segunda.

A Mulher.—Vejo por ahi, meu pai, quanto era dificil que nosso Mestre conseguisse, no surto inicial do seu genio, a codificação definitiva dos pensamentos humanos. Apezar da sua assombroza superioridade, como havia Ele de preencher as condições morais que dependião de uma influencia exterior? Refletindo nessa faze de sua vida, não posso impedir a doloroza emoção que me cauza a perspetiva da possivel auzencia de uma afeição sem a qual Ele teria falhado á sua glorioza missão.

O Apostolo.— A necessidade de tão angelica influencia torna-se tanto mais patente quanto mai

se aprofunda a comparação da FILOZOFIA com a POLITICA. Verificareis, porem, que o exame de sua primeira obra revela um progresso continuo no pensamento de nosso Mestre, a medida que se aproximava a elaboração sociologica. Elevando-se da chimica á biologia já ele proclamou a futura combinação dos metodos objetivo e subjetivo, neste introito carateristico:

O MESTRE.— O estudo do homem e o do mundo exterior constituem necessariamente o duplo e eterno assunto de todas as nossas concepções filozoficas. Cada uma dessas duas ordens gerais de especulações póde ser aplicada a outra, e servir-lhe mesmo de ponto de partida. Dahi rezultão duas maneiras de filozofar inteiramente diferentes, e mesmo radicalmente opostas, conforme se procede da consideração do homem para a do mundo, ou, ao contrario, do conhecimento do mundo para o do homem. Conquanto, *chegada á sua plena maturidade, a verdadeira filozofia deva inevitavelmente tender a conciliar, no seu conjunto, esses dois metodos antagonicos*, o seu contraste fundamental constitûi todavia o germen real da diferença elementar entre as duas grandes vias filozoficas, uma teologica, outra pozitiva, que a nossa inteligencia deveu seguir sucessivamente, como o estabelecerei, de um modo especial e direto, no volume seguinte. (*Ibidem*, III, p. 269-270)

O Apostolo.— Do conjunto destas citações rezulta um apanhado geral da concepção filozofica de nosso Mestre, enquanto demorou-se Ele na contemplação da ordem exterior. O estado mental dependendo, porem, como sabeis, da situação afetiva, e

esta se traduzindo nas opiniões sobre a nossa natureza, e especialmente sobre o vosso sexo, vou citar-vos ainda alguns textos para completar esse apanhado, e habilitar-vos a melhor avaliar da intima regeneração de que carecia Ele, ao encetar o estudo da ordem humana.

O Mestre. — ... É precizo... considerar em primeiro lugar essa energica preponderancia das faculdades afetivas sobre as faculdades intelectuais, que, menos pronunciada no homem do que em nenhum outro animal, determina entretanto, com tamanha evidencia, a primeira noção essencial sobre a nossa verdadeira natureza, hoje tão felizmente reprezentada, a tal respeito, pelo conjunto da fiziologia cerebral, como o reconhecemos no fim do volume precedente.

... As faculdades intelectuais sendo naturalmente as menos energicas, a sua atividade, por pouco que se prolongue identicamente em certo grau, determina, na maioria dos homens, uma verdadeira fadiga, em breve insuportavel... Todavia é sobretudo do uzo convenientemente opinaz dessas altas faculdades que devem evidentemente depender, para a especie como para o individuo, as modificações graduais da existencia humana durante o curso natural da nossa evolução social: de sorte que, por uma deploravel coincidencia, o homem tem precizamente mais necessidade do genero de atividade a que é menos apropriado... Rezulta dahi imediatamente que quazi todos os homens são, por sua natureza, eminentemente improprios para o trabalho intelectual, e votados essencialmente a uma atividade material: de sorte que o estado especulativo, cada vez mais indispensavel, não póde ser convenientemente produzido e sobretudo mantido neles, sinão mediante um

possante impulso heterogeneo, incessantemente entretido por pendores menos elevados porem mais energicos. Qualquer que seja, a tal respeito, a alta importancia das numerozas diferenças individuais, elas consistem necessariamente em uma simples dezigualdade de grau, como em qualquer outro cazo, sem que as mais eminentes naturezas estejão jamais verdadeiramente libertadas dessa comum obrigação...

Para prevenir toda falsa apreciação filozofica dessa evidente inferioridade fundamental das faculdades intelectuais, que, no primeiro dos animais, subordina necessariamente a sua atividade sustentada á indispensavel ecitação preponderante das faculdades afetivas mais vulgares, importa agora acrecentar que se póde apenas lamentar, a este respeito, o grau real de tal inferioridade, cuja noção geral não póde aliás comportar nenhuma reclamação racional. A economia social seria, sem duvida, muito mais satisfatoria, si, na natureza essencial do homem, esta preponderancia das paixões pudesse ser menos pronunciada, o que a nossa imaginação póde azadamente supôr. Mas si similhante diminuição ideal se extendesse até a inversão total da constituição de que se trata, concebendo trausportado para as faculdades intelectuais o acendente espontaneo das nossas faculdades afetivas, essa nova dispozição da nossa natureza, bem longe de aperfeiçoar realmente o organismo social, tornaria a sua noção radicalmente ininteligivel... Pois que a preponderancia atual de nossas faculdades afetivas não é somente indispensavel para arrancar continuamente a nossa fraca inteligencia da sua letargia nativa, mas tambem para dar a qualquer atividade sua um alvo permanente e uma direção determinada, sem os quais ela se perderia necessariamente em vagas e incoherentes especulações abstratas, como

o indiquei no volume precedente, a menos de supôr a nosso entendimento uma força por tal modo superio que não pudemos conceber a menor idéia nitida dela quando mesmo imaginassemos a região frontal tornad preponderante no conjunto do cerebro humano... Assim, sob esse primeiro aspeto capital, a economia ele mentar do nosso organismo social é necessariamente que deve ser, salvo o grau que é só o que poderia se concebido de outro modo, sem que convenha aliás en tregar-se a estereis lamentações sobre essa exorbitant preponderancia da vida afetiva comparada com a vid intelectual. É precizo enfim reconhecer, a este respeito que podemos efetivamente, entre estreitos limites, di minuir gradualmente tal acendente necessario, ou ant que essa fraca retificação rezulta espontaneamente dezenvolvimento continuo da civilização humana, qu *pelo exercicio sempre crecente da nossa inteligencia tende cada vez mais a subordinar-lhe os nossos pend res, como o indicarei mais especialmente no capitu seguinte, conquanto, de resto, não se tenha por cer nunca de temer, sob esse aspeto, a inversão real d ordem fundamental.* (*Ibidem*, IV, p. 543-550)

A Mulher.— Um primeiro estudo da evoluçã humana conduziu, portanto, nosso Mestre a atribui ao acendente da inteligencia os beneficios devid á preponderancia crecente do amor.

O Apostolo.— Levado, embora, pelo conjun das fatalidades que dominárão o seu surto filozofi a exagerar o papel do espirito, notareis em bre que Ele começou desde então a perceber a influe cia capital do altruismo. Entretanto, a continuaç da passagem que estamos lendo bem mostra quan se achava Ele afastado da teoria definitiva da nos

alma. Uma constituição egoista da moral se lhe afigurava ainda o rezumo das mais nobres aspirações, como ides ver.

O Mestre.— O segundo carater essencial a que devemos atender para a apreciação sociologica preliminar da nossa natureza individual, consiste em que, alem do acendente geral da vida afetiva sobre a vida intelectual, os instintos menos elevados, os mais especialmente egoistas, têm, no conjunto do nosso organismo moral, uma irrecuzavel preponderancia sobre os mais nobres pendores, diretamente relativos á sociabilidade. Estamos felizmente dispensados hoje de discutir metodicamente as aberrações e os sofismas metafizicos que, no seculo ultimo, esforçavão-se para reduzir dogmaticamente só ao egoismo o sistema da nossa natureza moral, desconhecendo radicalmente essa admiravel espontaneidade que nos faz irrezistivelmente compadecer com as dores quaisquer de todos os entes sensiveis, e sobretudo dos nossos similhantes, bem como participar involuntariamente das suas alegrias, ao ponto de esquecer por vezes em favor deles o cuidado continuo da nossa propria conservação. A escola escoceza tinha já utilmente esboçado a refutação dessas perigozas extravagancias: mas a fiziologia cerebral sobretudo fez-lhes, em nossos dias, irrevogavelmente justiça, substituindo-lhes para sempre uma mais fiel reprezentação da natureza humana. Qualquer que seja a importancia capital dessa indispensavel retificação, sem a qual a nossa existencia moral seria necessariamente ininteligivel, é precizo todavia reconhecer, segundo essa san teoria biologica do homem, que as nossas diversas afeições sociais são desgraçadamente muito inferiores em perseverança e em energia ás nossas afeições puramente pessoais, con-

quanto a felicidade comum deva sobretudo depender da satisfação continua das primeiras, que são as unicas que, depois de nos terem espontaneamente conduzido primitivamente ao estado social, o mantem essencialmente de ordinario contra a divergencia fundamental dos mais possantes instintos individuais. Apreciando convenientemente a alta influencia sociologica desse ultimo grande dado biologico, deve-se em primeiro lugar conceber, como em relação ao primeiro, a necessidade radical de tal condição, cujo grau é só o que póde ser razoavelmente deplorado. Por motivos essencialmente analogos aos da explicação precedente, é facil comprehender, com efeito, *que esta indispensavel preponderancia dos instintos pessoais é unicamente o que póde imprimir á nossa existencia social um carater nitidamente determinado e firmemente sustentado, assinando um fim permanente e energico ao emprego direto e continuo da nossa atividade individual.* Porque, apezar das justas queixas a que póde dar lugar o acendente ezagerado dos interesses privados sobre os interesses publicos, permanece incontestavel que a noção do interesse geral não póde ter nenhum sentido inteligivel sem a do interesse particular, pois que a primeira não póde evidentemente rezultar sinão daquillo que a segunda oferece de comum nos diversos individuos. Qualquer que pudesse ser a potencia das afeições simpaticas, em uma ideal retificação da nossa natureza, não poderiamos entretanto nunca dezejar habitualmente para os outros sinão o que dezejariamos para nós mesmos, salvo os cazos muito raros e demaziado secundarios em que um requinte de delicadeza moral, essencialmente impossivel sem o habito da meditação intelectual, póde fazer-nos suficientemente apreciar, a respeito de outrem, meios de felicidade aos quais não ligamos mais

quazi nenhuma importancia pessoal. Si, portanto, pudesse suprimir-se em nós a preponderancia necessaria dos instintos pessoais, ter-se-ia radicalmente destruido a nossa natureza moral em lugar de melhorá-la, pois que as afeições sociais, desde então privadas de uma indispensavel direção, tenderião logo, apezar desse hipotetico acendente, a degenerar em uma vaga e esteril caridade, inevitavelmente desprovida de qualquer grande eficacia pratica. Quando a moral dos povos adiantados nos prescreveu, em geral, a estrita obrigação de amar os nossos similhantes como a nós mesmos, (15) ela formulou, da maneira mais admiravel, o preceito mais fundamental, com esse justo grau de exageração que exige necessariamente a indicação de um tipo qualquer, abaixo do qual a realidade não será nunca que por demais mantida. Mas, nesse sublime preceito, o instinto pessoal não cessa de servir de guia e de medida ao instinto social, como o exigia a natureza do assunto: de qualquer outra maneira, o fito do principio teria essencialmente falhado; pois, em que e como aquelle que não se amasse poderia amar a outrem? Assim, bem longe da constituição do homem ser, a este respeito, radicalmente vicioza, vê-se, pelo contrario, que seria impossivel conceber nitidamente, para o conjunto das afeições sociais, algum outro destino real que não o de temperar e modificar, em um grau mais ou menos profundo, o sistema dos instintos pessoais, cuja preponderancia habitual é tão indispensavel como inevitavel, sem o que a existencia social não póde ter sinão um cara-

(15) A essa bela formula uzual, o respeitavel Tracy cria dever altamente preferir a formula indeterminada de S. João : *Amai-vos uns aos outros.* Essa extranha predileção não é, a bem dizer, sinão um novo testemunho involuntario da tendencia caracteristica ás concepções vagas e absolutas, que toda filozofia metafizica inspira espontaneamente, mesmo aos melhores espiritos.

ter vago e indeterminado, que repeleria qualquer previdencia regular da serie das ações humanas. Não ha pois de verdadeiramente lamentavel, sob esse aspeto, como sob o primeiro ponto de vista acima examinado, sinão a demaziado fraca intensidade efetiva desse moderador necessario, cuja voz é tantas vezes abafada, mesmo nas melhores naturezas, nas quais ele consegue tão raramente comandar diretamente a conduta. Nesse sentido, unico admissivel, deve-se conceber, mediante um judiciozo confronto destes dois cazos, o instinto simpatico e a atividade intelectual como destinados sobretudo a suprir mutuamente a sua comum insuficiencia social. Póde-se dizer, com efeito, que si o homem se tornasse mais benevolo, isso equivaleria essencialmente, na pratica social, a supô-lo mais inteligente, não somente em virtude do melhor emprego que ele faria então espontaneamente da sua inteligencia real, mas tambem porque esta não seria mais tão absorvida pela diciplina indispensavel conquanto imperfeita, que ela deve forçar-se por impôr constantemente á energica preponderancia espontanea dos instintos egoistas. Mas a relação não é menos exata reciprocamente, conquanto deva ser menos apreciavel; porque todo verdadeiro dezenvolvimento intelectual equivale por fim, para a conduta geral da vida humana, a um acrecimo direto da benevolencia natural, quer aumentando o imperio do homem sobre suas paixões, quer tornando mais nitido e mais vivo o sentimento abitual das reações determinadas pelos diversos contatos sociais. Si, sob o primeiro aspeto, deve-se altamente reconhecer que nenhuma grande inteligencia póde dezenvolver-se convenientemente sem um certo fundo de benevolencia universal, que só o que póde proporcionar ao seu livre surto um alvo assás eminente e um exercicio assás largo, tambem,

sentido inverso, não se deve duvidar mais que todo nobre surto intelectual tende diretamente a fazer prevalecer os sentimentos de simpatia geral, não sómente afastando os impulsos egoistas, mais ainda inspirando habitualmente, em favor da ordem fundamental, uma sabia predileção espontanea, que, apezar da sua frieza ordinaria, póde tão felizmente concorrer para a manutenção da boa harmonia social como pendores mais vivos e mais opinazes. Os reproches morais que se tem com mais justiça endereçado á cultura intelectual, não me parecem, em geral, abstrahindo mesmo de toda exageração irracional, repouzar essencialmente sinão em uma falsa apreciação filozofica: em lugar de convir ao dezenvolvimento proprio da inteligencia, eles aplicão-se realmente, pelo contrario, na maioria dos cazos, a inteligencias por demais inferiores ás suas funções sociais, e cuja espontaneidade pouco pronunciada exigiu mais o estimulo facticio devido aos instintos mais energicos, isto é, aos menos dezinteressados. Não se póde pois contestar mais a dupla harmonia continua que liga diretamente um ao outro os dois principais moderadores da vida humana, a atividade intelectual e o instinto social, cuja influencia fundamental, conquanto assim fortificada, perziste não obstante, necessariamente, sempre mais ou menos subalterna para com a inevitavel preponderancia do instinto pessoal, indispensavel motor primitivo da existencia real. A primeira destinação da moral universal, no que concerne ao individuo, consiste sobretudo em aumentar tanto quanto possivel essa dupla influencia moderadora, cuja extenção gradual constitúi tambem o primeiro rezultado espontaneo do dezenvolvimento geral da humanidade, como o indicará mais especialmente a lição seguinte. (*Ibidem*, IV, p. 550-557)

A Mulher. Recordo-me, meu pai, que, no CATECISMO, a nossa doce Padroeira, apreciando a maxima *viver para outrem*, responde ás objeções que es passagem encerra ou sucita. (16)

O Apostolo.— Posso, portanto, continuar a indicar-vos o estado da alma de nosso Mestre durante a compozição da sua obra fundamental, sem deter-me em explicações que já vos são conhecidas. Lembrarei apenas que, confiando á sua meiga interlocutora o doce encargo de comparar a maxima catolica com o preceito pozitivista, nosso Mestre tornou sensivel que a gloria de similhante formula reverte principalmente Áquela de quem ouvira este sublime pensamento: *que prazeres podem eceder os da dedicação?* A medida que fordes ficando informada da situação afetiva dele antes de sofrer a influencia daquele Anjo malprezado, vos ireis melhor compenetrando da justiça da gratidão que nosso Mestre lhe votava, e que nós lhe devemos consagrar.

A Mulher.— Independentemente desses novos dados, a sagrada correspondencia seria suficiente para testemunhar todo o preço daquele egregio concurso. Sinto, todavia, que os documentos que forneceis multiplicão os provas da grandeza moral do nosso Mestre e da sua santa Colaboradora, avivando o meu reconhecimento e facilitando o meu prozelitismo.

O Apostolo.—Indicar-vos-ei agora o juizo que, ainda em 41, (17) (1839), nosso Mestre fazia da natureza feminina, começando por citar-vos a comparação que faz dos dois sexos.

(16) CATECISMO, p. 229-230 do tradução brazileira, 1ª edição.

(17) Cronologia pozitivista peculiar á tranzição moderna. Vide a respeito as *Notas* do CATECISMO. p. 348, da tradução brazileira, 1ª edição.

O MESTRE.— ... Confrontando, tanto quanto possivel, a analyse dos sexos com a das idades, a biologia pozitiva tende finalmente a reprezentar o sexo feminino, principalmente na nossa especie, como *necessariamente constituido, comparativamente ao outro, em uma sorte de estado de infancia continua, que o afasta mais, sob os mais importantes aspetos, do tipo ideal da raça...*

As principais considerações indicadas, na primeira parte deste capitulo, sobre o exame sociologico da nossa constituição individual, permitirião já esboçar utilmente tal operação filozofica; pois que as duas partes essenciais desse exame podem diretamente estabelecer, em principio, um a *inferioridade fundamental*, e o outro a *superioridade secundaria*, do organismo feminino, encarado sob o ponto de vista social. Considerando primeiramente a relação geral entre as faculdades intelectuais e as faculdades afetivas, reconhecemos, com efeito, que a preponderancia necessaria destas, no conjunto da nossa natureza, é entretanto menos pronunciada no homem do que em nenhum animal; e que um certo grau espontaneo de atividade especulativa constitûi o principal atributo cerebral da humanidade, assim como aprimeira fonte do carater profundamente pronunciado do nosso organismo social. Ora, sob esse aspeto, não se póde seriamente contestar hoje a evidente inferioridade relativa da mulher, muito mais impropria do que o homem para a indispensavel continuidade bem como a alta intensidade do trabalho mental, quer em virtude da menor força intrinseca da sua inteligencia, quer em razão da sua mais viva sucetibilidade moral e fizica, tão antipatica a qualquer abstração e a qualquer contenção verdadeiramente sientificas. A experiencia mais deciziva confirmou sempre eminentemente, dada

a paridade de classe em cada sexo, mesmo nas belas artes, e sob o concurso das mais favoraveis circunstancias, essa irrecuzavel subalternidade organica do genio feminino, apezar dos amaveis carateres que distinguem, de ordinario, as suas espirituozas e graciozas compozições. Quanto ás funções quaisquer de governo, mesmo reduzidas ao estado mais elementar, e puramente relativas á conduta geral da simples familia, a inaptidão radical do sexo feminino é ainda mais pronunciada, a natureza do trabalho exigindo nesses cazos sobretudo uma infatigavel atenção a um conjunto de relações mai complicado, do qual parte alguma deve ser desprezad e ao mesmo tempo uma mais imparcial independenc do espirito para com as paixões, em uma palavra, ma razão. Assim, sob esse primeiro aspeto, a invariav economia efetiva da familia humana não póde jam ser realmente invertida, a menos de supôr uma chim rica tranformação do nosso organismo cerebral. Os u cos rezultados possiveis de uma luta insensata cont as leis naturais, que, da parte das mulheres, fornece novos testemunhos involuntarios da sua propria in rioridade, não póde ser sinão interdizer-lhes, pert bando gravemente a familia e a sociedade, o unico g nero de felicidade compativel para elas com o conju dessas leis.

Em segundo lugar, reconhecemos igualmente aci que, no sistema real da nossa vida afetiva, os instin pessoais dominão necessariamente os instintos simp cos ou sociais, cuja influencia não póde e não deve sin modificar a direção essencialmente imprimida pela p ponderancia dos primeiros, sem poder nem dever jam tornar-se os motores habituais da existencia efetiva. pelo exame comparativo dessa grande relação natur tão importante conquanto secundaria para com a

cedente, que se póde sobretudo apreciar diretamente a feliz destinação social eminentemente rezervada ao sexo feminino. É incontestavel, com efeito, conquanto esse sexo participe inevitavelmente, a este respeito como ao outro, do tipo comum da humanidade, que as mulheres são, em geral, tão superiores aos homens por um maior surto espontaneo da simpatia e da sociabilidade, quanto lhes são inferiores pela inteligencia e a razão. Assim, a sua função propria e essencial, na economia fundamental da familia e por consequencia da sociedade, deve ser espontaneamente de modificar incessantemente, por uma mais energica e mais tocante ecitação imediata do instinto social, a direção geral sempre primitivamente emanada, necessariamente, da razão demaziado fria ou demaziado grosseira que carateriza habitualmente o sexo preponderante. Vê-se que, para essa apreciação sumaria dos atributos sociais de cada sexo, afastei de propozito a consideração vulgar das diferenças puramente materiais sobre as quais faz-se irracionalmente repouzar similhante subordinação fundamental, que, em virtude das indicações precedentes, deve ser, pelo contrario, essencialmente ligada ás mais nobres propriedades da nossa natureza cerebral. Dos dois atributos gerais que separão a humanidade da animalidade, o mais essencial e o mais pronunciado, demonstra irrecuzavelmente, sob o ponto de vista social, a preponderancia necessaria e invariavel do sexo masculino, ao passo que o outro carateriza diretamente a indispensavel função moderadora para sempre rezervada á mulher, mesmo independentemente dos cuidados maternos, que constituem evidentemente a sua mais importante e a mais doce destinação especial, mas sobre os quais se insiste, de ordinario, de um modo demaziado excluzivo, que não faz assás dignamente comprehender a vocação

social direta e pessoal do sexo feminino (*Ibidem*, IV, p. 570-574)

O Apostolo.—Referindo-se, no volume seguinte, ao celibato sacerdotal, que Ele demonstra ter sido indispensavel ao Catolicismo, nosso Mestre se pronuncia por esta fórma :

O Mestre.— ... Seria inteiramente superfluo re-cordar aqui os motivos assás conhecidos que, hauridos na san apreciação geral da natureza humana, explicão sua influencia necessaria sobre o melhor cumprimento intelectual ou social, das funções espirituais : devem mesmo evitar cuidadozamente intentar, de uma maneira direta ou indireta, o exame da conveniencia dessa instituição para o novo poder espiritual, ulteriormente destinado a reorganizar as sociedades modernas ; e questão delicada, hoje demaziado prematura, seria c-tamente ocioza de agitar, e talvez perigoza ; ela não póde ser decidida convenientemente, mediante uma experiencia gradual suficientemente aprofundada, sinão por esse mesmo poder já quazi constituido, a exemplo catolicismo, conquanto muito menos tarde. (*Ibidem*, V, p. 356-357)

O Apostolo.— Entretanto, já nosso Mestre havia proclamado as vantagens sociais da vida doméstica. Limitar-me-ei a citar-vos, a tal respeito, as seguintes palavras :

O Mestre.— É, portanto, excluzivamente na vida domestica que o homem deve procurar habitualmente o pleno e livre surto das suas afeições sociais ; e é tal por esse titulo especial que ela constitûi melhor indispensavel preparação para a vida social pro-

mente dita: pois que, a concentração é tão necessaria aos sentimentos como a generalização aos pensamentos. Mesmo os homens mais eminentes, que conseguem voltar, com real energia, o curso natural dos seus instintos simpaticos para o conjunto da especie ou da sociedade, são quazi sempre impelidos a isso pelos dezapontamentos morais de uma vida domestica cuja destinação falhou por falta de uma suficiente realização das condições convenientes: e por mais doce que lhes seja então uma tão imperfeita compensação, esse amor abstrato da especie não póde de modo algum comportar essa plenitude de satisfação das nossas dispozições afetuozas que só um apego muito limitado e sobretudo individual póde proporcionar. (*Ibidem*, IV, p. 591-592)

O Apostolo.— Similhante apreciação não impediu, porem, o juizo, acima apontado, sobre o vosso sexo, e que perzistiu enquanto nosso Mestre não sofreu o influxo da sua nobre e terna Inspiradora, como o atesta a correspondencia com um logicista inglez, outrora seu adepto e depois seu sofistico adversario. O ezame da natureza feminina que ahi se encontra, afim de refutar as teorias anarchicas desse metafizico, manifesta as tristes reações intelectuais da sua doloroza situação afetiva. Lerei apenas, para acabar de precizar as vossas idéias em tão importante assunto, uma passagem carateristica dessas cartas, onde vereis que igualmente conservou, até a sua incomparavel paixão, o ideal de amizade que formara em moço.

O Mestre.— Por mais imperfeita que seja ainda, a todos os respeitos, a biologia, ela parece me poder já solidamente estabelecer a jerarchia dos sexos, demons-

trando ao mesmo tempo anatomica e fiziologicamente
que, em quazi toda a serie animal, e sobretudo na nossa
especie, o sexo femenino é constituido em uma sorte de
estado de infancia radical que o torna essencialmente
inferior ao tipo organico correspondente. Sob o aspeto
diretamente sociologico, a vida moderna, caratenzada
pela atividade industrial e o espirito pozitivo, não deve
finalmente dezenvolver menos, si bem que de outra ma-
neira, essas diversidades fundamentais do que a vida
militar e teologica das populações antigas, conquanto
até aqui a novidade dessa situação não haja ainda per-
mitido uma suficiente manifestação dessas diferenças
finais, ao passo que as primeiras parecião apagar-se.
A idéia de uma *rainha*, por exemplo, mesmo sem s
papiza, tornou-se agora quazi ridicula, tanto precizav
ela do estado teologico; mas ha tres seculos sómente
ainda não era assim. Quanto á imperfeição necessar
das simpatias fundadas sobre a dezigualdade, concord
convosco; e, a esse titulo, *penso que a plenitude d*
simpatias humanas não póde existir sinão entre d
homens eminentes cuja moralidade é assás podero
para conter qualquer grave impulso de rivalidade; e
genero de acordo me parece bem superior áquilo q
jamais se póde obter de um sexo a outro. (18) Mais e
não póde ser, evidentemente, o tipo normal das relaç
mais elementares e mais comuns, onde a jerarchia n
tural dos sexos, e depois das idades, constitûi o l
mais energico. (CARTAS A STUART MILL. Carta de
de Julho de 1843, p. 175-176)

(18) Na correspondencia com Valat lê-se : Tu sentes que não falo s
das ligações (attachements) *de homem a homem*, as unicas *completas*, as u
cas verdadeiramente *duraveis*, as unicas nas quais a *simpatia* póde se
teira, e que, desgraçadamente, são de muito as mais raras (*Carta* de
Novembro de 1825, nove mezes depois do seu cazamento).

A Mulher.— As ultimas citações bem revelão, meu pai, a acabrunhadora situação intima em que nosso Mestre elaborou a sua Filozofia. Meditando em tais circunstancias, não se póde extranhar que o seu coração oprimido não houvesse proporcionado ao seu espirito os elementos imprecindiveis á regeneração dos pensamentos humanos. Á vista de similhantes passagens como obscurecer a participação da sua angelica Inspiradora na retificação das suas opiniões! Recordo-me que, na carta que escreveu-lhe sobre o cazamento (19), já nosso Mestre mostra que a perfeita amizade só é possivel na união conjugal. A quem, sinão a Clotilde, deverão, pois, os filhos, os maridos, os pais, e os irmãos o estarem habilitados para uma digna apreciação das suas mãis, espozas, filhas, e irmans; e a quem, sinão a Ela, deverá a mulher a nobilitação da eterna viuvez (20) e a redenção da afronta que lhe inflingia o celibato ecleziastico?

O Apostolo.— De fato, minha filha, é inconcebivel a ingratidão dos que conservão-se insensiveis ante os inesgotaveis beneficios de tão fecundo amor.

(19) «...Com efeito, é sómente entre os dois sexos, e em virtude da sua diversidade carateristica, primeiro natural, depois civil, que póde existir habitualmente uma inteira ligação. No mesmo sexo, a amizade fica quazi sempre exposta a inevitaveis rivalidades, que alterão-lhe a segurança antes de corromper-lhe a pureza. A concurrencia não póde totalmente dezaparecer sinão de um sexo para outro, para dar lugar, por sua união, ao mais doce concurso, rezultante de uma tendencia espontanea dos seus meios respetivos a seu fim comum. O que é com efeito, o sentimento conjugal, sinão a verdadeira amizade, consolidada e embelezada por uma incomparavel posse mutua?...» (11 de Janeiro de 1846 — Vide Robinet, *Vida de Augusto Comte*, p. 223, 2ª edição).

(20) «Entre dois entes tão diversos, será demaziada toda a vida para se conhecerem bem e se amarem dignamente? A virgindade preliminar, a fidelidade continua e a viuvez final, permanecerão sempre em honra, mesmo no sexo preponderante.» (*Ibidem*, p. 225)

O seu alcance é ainda mais incontestavel, quando se aprecia até que ponto a evolução original de nosso Mestre o conduziu na sua elaboração filozofica. Superando as dificuldades do seu izolamento, Ele chegou a proclamar categoricamente a supremacia social da moral sobre a inteligencia, e a perceber, com espantoza nitidez, os carateres gerais da futura coordenação afetiva. Escolherei os seguintes, entre os varios trechos decizivos que, a tal respeito, vo[s] podia apontar:

O Mestre.—... Assim concebida, a legitima supre macia social não pertence, propriamente falando, nem á força, nem á razão, mas á moral, dominando igual mente os atos de uma e os conselhos de outra: tal pelo menos o limite ideal do qual a realidade deve gr[a] dualmente aproximar-se, conquanto sem poder jama[is] atingi-lo rigorozamente, como em relação a qualqu[er] tipo. Desde então, o espirito póde enfim abandonar si[n] ceramente a sua van pretenção a governar o mund[o] pelo pretenso direito da capacidade; porque a orde[m] regular lhe assina excluzivamente um nobre oficio pe[r] manente, tão apropriado para entreter a sua feliz ativ[i] dade, como para recompensar os seus eminentes ser[vi] ços. (Filozofia, VI, p. 536-537)

... Reconhecemos, no capitulo precedente, qu[e] entre a soberania espontanea da força e a pretendi[da] supremacia da inteligencia, essa filozofia final tend[e] realizar diretamente a universal preponderancia moral, que a admiravel tentativa do catolicismo tin[ha] na idade-media, tão nobremente proclamado, mas s[em] poder constituir suficientemente o seu advento norm[al] então inevitavelmente subordinado a uma filozofia implicitamente caduca, cujo acendente politico exi[...]

ha muito tempo que a evolução mental se separasse provizoriamente da evolução moral. As propriedades morais inherentes á grande concepção de Deus não podem ser, sem duvida, convenientemente substituidas pelas que comporta a vaga entidade da Natureza; porem elas são, pelo contrario, necessariamente inferiores, em intensidade como em estabilidade, ás que caraterizarão a inalteravel noção da Humanidade, prezidindo enfim, após esse duplo esforço preparatorio, á satisfação combinada de todas as nossas necessidades essenciais, quer intelectuais, quer sociais, na plena madureza do nosso organismo coletivo. Essa inteira preponderancia normal da moral torna-se doravante não menos indispensavel á eficacia intelectual da evolução mental do que a sua destinação social: porque a indiferença pelas condições morais, longe de ser ainda motivada pela urgencia superior das condições intelectuais, constitûi agora um obstaculo crecente á sua realização continua, alterando diretamente a sinceridade e a dignidade dos esforços especulativos, que tendem hoje a degenerar cada vez mais em instrumentos de ambição pessoal, de maneira a sufocar gradualmente até o germen dos verdadeiros progressos sientificos. (*Ibidem*, VI, p. 691-692)

... Quando uma verdadeira educação tiver convenientemente familiarizado os espiritos modernos com as noções de solidariedade e de perpetuidade sugeridas espontaneamente, em tantos cazos, pela contemplação pozitiva da evolução social, sentir-se-á profundamente a intima superioridade moral de uma filozofia que liga diretamente cada um de nós á existencia total da humanidade, encarada no conjunto dos tempos e dos logares: a religião, (21) pelo contrario, não podia no fundo,

(21) Nas obras de nosso Mestre anteriores á sua regeneração moral, a

reconhecer sinão individuos passageiramente reunidos, todos absorvidos por uma destinação puramente pessoal, e cuja van associação final, vagamente relegada para o céu, não devia oferecer á imaginação humana sinão um tipo radicalmente esteril, por falta de fito algum comprehensivel. (*Ibidem*, VI, p. 861)

Em virtude dessa triplice aptidão fundamental, (quanto a vida pessoal, domestica, e social) a moral pozitiva tenderá cada vez mais a reprezentar familiarmente a felicidade de cada um como sobretudo ligada ao mais completo surto dos atos benevolos e das emoções simpaticas para com o conjunto da nossa especie, e mesmo em seguida, por uma indispensavel extensão gradual, para com todos os seres sensiveis que nos são subordinados, proporcionalmente aliás á sua dignidade animal e á sua utilidade social. (*Ibidem*, VI, p. 862)

A Mulher.— Com tocante surpreza vejo aqui, meu pai, o germen da concepção de nosso Mestre relativa á incorporação dos animais na Humanidade. (22)

O Apostolo.— A continuação deste trecho não é menos comovente, minha filha, pelas dispozições altruistas que revela desde então em nosso Fundador, e que anuncião a nossa diviza pratica: — *viver ás claras.*

O Mestre.— ... Antes que o futuro haja dignamente realizado o surto universal desses eminentes atributos morais peculiares á filozofia pozitiva, é aos verdadeiros filozofos, precursores naturais da humani-

palavra *religião* e seus derivados, são sinonimos de *teologia* e seus derivados.— T. M.

(22) Catecismo, p. 56 da tradução brazileira, 1ª edição.

dade, que pertence constatá-los desde já altamente aos olhos de todos, pela superioridade sustentada da sua conduta efetiva, pessoal, domestica e social, contrariamente á pernicioza maxima metafizica que quer hoje dogmaticamente interdizer toda apreciação publica da vida privada. É assim que irrecuzaveis exemplos deverão manifestar de ante-mão a possibilidade continua de dezenvolver doravante, mediante só motivos humanos, um sentimento assás completo da moral universal para determinar espontaneamente, em cada cazo, quer uma invencivel repugnancia para com toda violação real, quer um irrezistivel impulso ao mais ativo devotamento continuo. (*Ibidem*, VI, p. 863)

O Apostolo.— Nos trechos seguintes se patentea ainda mais claramente o sentimento do carater peculiar á moral definitiva:

O Mestre.— ... Constituindo por toda parte a preponderancia direta, a um tempo logica e sientifica, do ponto de vista social, a filozofia pozitiva não póde certamente menosprezá-la jamais em relação á propria moral, que deve oferecer sempre a sua principal aplicação, e na qual, *até o cazo puramente individual, tudo deve ser incessantemente referido, não ao homem, mas á humanidade.* (*Ibidem*, VI, p. 866)

... A mesma filozofia que tiver feito sistematicamente reconhecer a supremacia mental da razão comum, *fará igualmente admitir*, sem nenhum perigo de anarchia, *a preponderancia social das verdadeiras necessidades populares*, constituindo cada vez mais o universal acendente da moral, dominando ao mesmo tempo as inspirações sientificas e as determinações politicas. (*Ibidem*, VI, p. 875)

A Mulher.— Em vão tentaria manifestar-vos a profunda admiração que me cauza o pensamento de que tão sublime altruismo foi insuficiente para assegurar a nosso Mestre o preenchimento de sua glorioza missão, sem o prestigio da sua egregia Inspiradora.

O Apostolo.— Para bem avaliardes a grandeza moral que tão justamente vos entuziasma, devo recordar-vos que ela se patentea desde o inicio da carreira de nosso Mestre. Os documentos que vos poderia mencionar a tal respeito são inumeros, e constão da sua correspondencia intima. Singir-me-ei, porem, á seguinte passagem na qual, aos vinte e sete anos, Ele caraterizava assim os estimulos que sustentavão os seus esforços regeneradores:

O Mestre.— ... Infelizmente, uma operação como a dessa reorganização moral é, por sua natureza, infinitamente lenta. Trabalho nela com consiencia, e o mais diretamente possivel, pois que todos os meus trabalhos têm por fim reformar doutrinas sociais, restabelecer na sociedade alguma couza de espiritual capaz de contrabalançar a influencia do material em que nos achamos hoje tão ignobilmente mergulhados. Mas, conquanto espere alguma utilidade dos meus esforços, não me dissimulo que eles não podem produzir em minha vida nenhum rezultado sensivel, quando mesmo determinassem um impulso geral em todos os espiritos capazes de participar eficazmente nessa grande obra, o que só o futuro me fará saber. Pelo menos, enquanto espero, é um doce cònsolo a convicção de se haver conduzido o mais moralmente possivel em um seculo profundamente imoral, isso, com a gloria, é a minha principal recompensa. (Cartas a Valat, p. 165-166)

O Apostolo.— Para acabar de indicar vos o estado moral a que chegou nosso Mestre, antes de sofrer o influxo da nossa imaculada Padroeira, devo mencionar-vos a sua apreciação social da função especulativa. Um exame profundo da organização medieva revelou-lhe desde então que ao poder espiritual competia a educação, com todas as consequencias que desta decorrem. Referir-vos-ei especialmente a seguinte passagem, afim de que ajuizeis por vós mesma a superficialidade dos que contestão a perfeita continuidade da elaboração de nosso Mestre.

O MESTRE.— ...Dahi rezulta, para o poder espiritual, não sómente a necessidade de exercer sempre uma alta vigilancia sobre o movimento espontaneo do espirito humano, afim de lembrar-lhe as considerações de conjunto, mas principalmente a obrigação de instituir, á judicioza imitação do catolicismo, um sistema de habitos a um tempo publicos e privados, apropriados para reanimar energicamente o sentimento sustentado da solidariedade social. Como esse sentimento não póde ser assás completo sem o da continuidade historica peculiar á nossa especie, a filozofia pozitiva deverá dezenvolver um dos seus mais preciozos atributos politicos, prezidindo á organização de um vasto sistema de comemoração universal, do qual o catolicismo não pôde realizar sinão um fraco esboço, atento o espirito demaziado estreito e demaziado absoluto da filozofia correspondente, inpotente para conceber suficientemente o conjunto do passado social. Tal sistema, destinado a glorificar, por todos os meios convenientes, as diversas fazes sucessivas da evolução humana, e os principais promotores dos progressos respetivos, uniformemente apreciados segundo a san teoria dinamica da humanidade, po-

derá aliás ser assás felizmente combinad, para oferecer espontaneamente uma alta utilidade intelectual, popularizando o conhecimento geral dessa marcha fundamental. (FILOZOFIA, VI, p. 560-561)

A Mulher.— Bem vê-se aqui, meu pai, o germen das idéias que nosso Mestre dezenvolveu na sua primeira *Santa Clotilde*; (23) o que me leva a pensar que a apreciação catolica do sexo feminino póde ter contribuido para que Ele não se elevasse desde logo á organização do sacerdocio pozitivo. Unindo-se á sua acabrunhadora situação domestica, o espetaculo de um clero celibatario parece haver-lhe impressionado prejudicialmente, impedindo o livre surto das surprendentes dispozições afetivas que os textos acima revelão.

O Apostolo.— Tendo igualmente para essa supozição: convindo notar que similhante circumstancia corrobora a necessidade de uma intervenção feminina, sem cujo suave acendente seria impossivel desvendar os vicios da organização do poder espiritual medievo, e descobrir a insuficiencia das teorias sientificas sobre o vosso sexo. Entretanto, antes mesmo de haver experimentado o salutar prestigio da nossa doce Padroeira, já nosso Mestre tinha introduzido aperfeiçoamentos capitais nessa primitiva instituição da fé pozitiva. Rezervarei, porem, para a nossa conferencia proxima, a apreciação especial de similhantes progressos.

(23) *Epistola Filozofica sobre a comemoração social, composta para* Madame CLOTILDE DE VAUX, a propozito da sua festa, pelo autor do SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA. Reproduzida no primeiro tomo da POLITICA POZITIVA.

QUINTA CONFERENCIA

INFLUENCIA DA ELABORAÇÃO DA SOCIOLOGIA SOBRE A CONCEPÇÃO DA FILOZOFIA POZITIVA

PRIMEIRO APERFEIÇOAMENTO DO

CONJUNTO DO DOGMA

A Mulher.— Vindes, hoje, mostrar-me, meu pai, os progressos que a elaboração direta da sociologia determinou na concepção filozofica inicial de nosso adorado Mestre. Interessa-me tanto mais similhante assunto, quanto vi, pela sagrada correspondencia, que tais aperfeiçoamentos anunciárão a sua regeneração afetiva. Recordo-me, com efeito, que Ele ali os atribûi principalmente ao surto da cultura estetica, que preparou-o espontaneamente para sofrer o salutar influxo da nossa sublime Padroeira.

O Apostolo.— A vossa piedoza memoria supre, minha filha, as considerações preliminares que vos teria de aprezentar agora, acerca da grandioza vida de nosso Mestre. Retomarei, pois, imediatamente a indicação dos textos que acredito serem suficientes para julgardes do estado a que atingira a coordenação dogmatica na sua obra fundamental. Terminando-a, rezumiu Ele, em tres capitulos incomparaveis, as *concluzões gerais* da prodigioza construção que

acabava de realizar. É deles que vou tirar as passagens a que me refiro, começando por assinalar-vos a seguinte, com que fecha a deciziva refutação do materialismo matematico, e institûi irrevogavelmente, embora sob a fórma sociologica, o predominio do ponto de vista humano.

A Mulher.— Similhante indicação da origem de vossas citações atuais lhes dá um comovente realce, pois lembra-me que elas forão escritas no auge das angustias domesticas de nosso Mestre. (23)

O Mestre.— Nesta discussão final, tive de sujeitar-me escrupulozamente, segundo as condições gerais estabelecidas no principio deste tratado, a sempre deduzir as minhas provas da excluziva consideração das siencias fundamentais ou abstratas, *cujo conjunto* constitûi o que chamei, segundo Bacon, a *filozofia primeira*, destinada a fornecer a baze universal das especulações quaisquer. Porem, em cazo de contestação séria, a demonstração atual, alem dos seus dezenvolvimentos ulteriores, poderia ser poderozamente fortificada por uma conveniente adjunção dos motivos essenciais relativos á *siencia concreta*, e mesmo á *contemplação estetica*; porque este modo sociologico, para a organização da filozofia pozitiva, favorece espontaneamente o surto respetivo de ambas, ao qual a perzistencia do modo matematico seria diretamente contrario. (Filozofia, VI, p. 678)

O Apostolo.—Presentis já, minha filha, o imenso aperfeiçoamento rezultante da intervenção do ponto de vista estetico, quazi totalmente esquecido na primitiva coordenação filozofica de nosso Mestre.

(23) Vide Volume Sagrado. *Testamento*, peças justificativas, p. 51.

O MESTRE.— Sob o primeiro aspeto, (*quanto á siencia concreta*) não se deve nunca esquecer que, si a siencia abstrata teve de ser a principio o assunto excluzivo ou muito preponderante dos grandes trabalhos especulativos, ela deve entretanto ser constituida de maneira a tornar-se depois o fundamento natural da siencia concreta, que, até aqui, não pôde adquirir, em genero algum, nenhuma verdadeira racionalidade, porque todos os elementos filozoficos, cuja combinação deve prezidir á sua formação, não estavão ainda assás caraterizados, como o expliquei desde a segunda lição... Os interesses gerais dos sãos estudos concretos exigem pois certamente que a prezidencia normal da filozofia abstrata pertença finalmente á siencia na qual os inevitaveis inconvenientes de um estado de abstração a principio indispensavel, são naturalmente atenuados, tanto quanto possivel, em virtude da realidade mais completa do ponto de vista habitual; pesquizas que exigirão continuamente a aplicação combinada de todas as diversas ordens de noções sientificas não podem ser convenientemente dirigidas sinão sob o universal acendente do espirito sociologico, que é o unico sucetivel de organizar ativamente similhante combinação.

Esses mesmos carateres correlativos da sociologia, de ser a menos abstrata e a menos analitica de todas as siencias fundamentais, de fazer espontaneamente prevalecer as idéias de conjunto e o *verdadeiro ponto de vista humano*, manifestão igualmente, sob o segundo aspeto acima indicado, a sua alta aptidão excluziva para constituir tambem, quando chegar o tempo, a tranzição necessaria da filozofia sientifica, então ao mesmo tempo abstrata e concreta, para a *filozofia estetica*, que deve ahi encontrar sempre a sua baze racional... (*Ibidem*, VI, p. 678-680).

...Importa, em terceiro lugar, reconhecer, a este respeito, que a elaboração ulterior do novo corpo de doutrina, destinado a sistematizar a ação racional do homem sobre a natureza, não poderia ser dignamente realizado sinão sob a inspiração permanente da filozofia sociologica, que é a unica apta, como em relação á *siencia concreta* e á *teoria estetica*, para instituir realmente a combinação muito complexa dos diversos aspetos sientificos exigida pela natureza desse grande trabalho, cujas condições e dificuldades são ainda apenas entrevistas pelos nossos engenheiros. (*Ibidem*, VI, p. 684).

O Apostolo.— Insistindo aqui ainda na execução de uma siencia concreta, como complemento da siencia abstrata, nosso Mestre prepara, todavia, mais adiante, a sua proxima supressão, afirmando a *inteira eliminação do absoluto*, sob o acendente da filozofia sociologica.

O Mestre.— Todas as nossas especulações quaisquer são pois ao mesmo tempo profundamente afetadas bem como todos os outros fenomenos da vida, pela constituição exterior que regula o modo de ação, e pela constituição interior que determina o rezultado pessoal desta, sem que possamos jamais estabelecer em cada cazo, uma exata apreciação parcial da influencia unicamente peculiar a cada um desses dois inseparaveis elementos das nossas impressões e dos nossos pensamentos. É ao equivalente muito imperfeito dessa concepção biologica que Kant havia somente chegado, á sua maneira, com os diversos inconvenientes graves, quanto á nitidez e sobretudo á eficacia, que permanecião inherentes á sua marcha metafizica. Porem tal passo, mesmo

mais bem realizado, não póde evidentemente bastar, pois que não concerne sinão uma apreciação puramente estatica da inteligencia individual; o que constitûi um ponto de vista muito demaziadamente afastado da realidade filozofica para poder determinar, a este respeito, alguma revolução deciziva. Era, pois, indispensavel elevar-se enfim diretamente até a san apreciação dinamica da inteligencia coletiva da humanidade, convenientemente encarada no conjunto do seu dezenvolvimento continuo; o que deve certamente caraterizar a este respeito *o unico estado verdadeiramente normal*, doravante atingido neste Tratado pela creação da sociologia, *donde depende hoje a inteira eliminação do absoluto*. (*Ibidem*, VI, p. 726)

O Apostolo.— As futuras conferencias vos evidenciarão, com efeito, que a supressão da siencia concreta exige apenas a rigoroza aplicação deste principio á coordenação dos nossos pensamentos, o que requer a supremacia do ponto de vista religiozo. Neste mesmo volume, porem, tal aplicação é prezagiada ainda pela seguinte apreciação que, ao mesmo tempo, corrige o juizo primitivamente formulado sobre a influencia da espontaneidade mental nas nossas investigações.

O MESTRE.—...Segundo as nossas explicações precedentes, a inteligencia humana experimenta sem duvida, independentemente de toda aplicação ativa, e por um puro impulso mental, a necessidade direta de conhecer os fenomenos e de ligá-los: mas essa dupla tendencia é seguramente demaziado pouco pronunciada, salvo em alguns organismos ecepcionais, para fazer universalmente prevalecer um severo regimen filozofico, que

choca, a muitos respeitos, as inclinações iniciais da humanidade; ou, pelo menos, o seu advento espontaneo teria sido extremamente retardado, si as exigencias praticas não o tivessem necessariamente acelerado muito. Uma insuficiente analize dos efeitos gerais do espanto faria a principio atribuir uma intensidade muito maior a essas necessidades especulativas; pois que nada iguala, porventura, no homem normal, a profunda perturbação subitamente determinada algumas vezes, no aparelho cerebral, e em seguida em todo o resto da economia, só pela aparencia de uma grave e brusca infração da ordem acostumada dos diversos fenomenos naturais: porem uma apreciação mais completa mostra então que a principal perturbação é devida ás inquietudes praticas, diretas ou indiretas, que tal pensamento sugere naturalmente, destruindo as regras constantes que servião de baze á nossa conduta efetiva; tem-se muito amiudo ocazião de reconhecer que a subversão das leis exteriores ecitaria apenas, pelo contrario, uma ligeira atenção, si não afetasse sinão acontecimentos extranhos á nossa propria existencia, conquanto podendo ser, em si mesma, infinitamente mais pronunciada. (*Ibidem*, VI, p. 741-742)

O Apostolo.— O acendente normal do relativismo fica ainda mais patente na seguinte apreciação, em que nosso Mestre examina o carater que devem ter as nossas especulações á vista do *conjunto da sua destinação.*

O Mestre.— Considerando sob um ultimo aspeto a influencia fundamental de tal destinação, segundo o espirito da *filozofia relativa*, reconhecemos por toda parte que esta determina espontaneamente o ge-

nero de liberdade que fica facultativo á nossa inteligencia, e do qual devemos saber uzar, sem nenhum escrupulo vão, afim de satisfazer, entre os limites convenientes, as nossas justas inclinações mentais, sempre dirigidas, com predileção instintiva, para a simplicidade, a continuidade e a generalidade das concepções, respeitando embora constantemente a realidade das leis exteriores, no que nos é esta accessivel. Esta importante apreciação, ainda demaziado menosprezada, mesmo entre os melhores espiritos, não preciza, pois, sinão ser aqui diretamente sistematizada. Conquanto, de todas as criações do homem, as obras sientificas sejão necessariamente aquelas em que as suas proprias conveniencias possão ser menos consultadas, porque os nossos trabalhos referem-se ahi diretamente a uma realidade exterior, essencialmente independente de nós, é precizo no entanto reconhecer que as nossas inclinações podem modificá-las legitimamente, em grau menor, porem, com os mesmos titulos, que nas obras d'arte, quer tecnica, quer estetica, afim de melhor adaptá-las á sua *destinação fundamental, sempre finalmente relativa á humanidade.* Para este fim, cumpre distinguir, em cada genero de estudos, dois cazos essenciais, conforme se trata de pesquizas ou indefinidamente inacessiveis, conquanto de natureza pozitiva, ou sómente prematuras, e sobre as quais entretanto, para melhor fixar as nossas especulações, a nossa inteligencia, repugnando a uma demaziada indeterminação, preciza formular uma opinião atual. É claro, em principio, que em um e outro cazo, é plenamente legitimo, *quando não se aspira mais ao absoluto*, formar as supozições mais apropriadas para facilitar a nossa marcha mental, sob a dupla condição permanente de não chocar nenhuma noção anterior, e estar-se sempre disposto a modificar esses artificios

logo que a observação vier a exigi-lo. (*Ibidem*, VI, p. 746-747)

O Apostolo.— Mais adiante se encontra formulado o principio que, sistematizando definitivamente o relativismo, devia posteriormente ser erigido em lei-mãi da filozofia pozitiva, e assinaladas as suas consequencias.

O Mestre.—... Conservando sempre o grau de precizão compativel com a natureza das pesquizas correspondentes, não se póde duvidar que a *instituição da hipoteze mais simples que possa satisfazer ao conjunto das observações atuais* não seja, para a nossa inteligencia, não somente um direito muito legitimo, porem mesmo um *verdadeiro dever*, imperiozamente prescrito pela *destinação fundamental* dos nossos esforços especulativos. A evolução sientifica está, na verdade, mais proxima de uma situação verdadeiramente normal sob este aspeto do que sob o precendente: mas póde-se assegurar que, a um e outro titulo, *a van preponderancia do absoluto metafizico, e o sentimento demaziado imperfeito do metodo pozitivo* em consequencia do regimem dispersivo, impedírão até aqui de realizar os principais rezultados que comporta esta precioza faculdade para melhorar radicalmente, em todos os generos, a cultura permanente dos *verdadeiros conhecimentos humanos*. Assim, o ponto de vista mais filozofico conduz finalmente, em tal assunto, a conceber *o estudo das leis naturais como destinado a nos reprezentar o mundo exterior, satisfazendo ás inclinações essenciais da nossa inteligencia, tanto quanto o comporta o grau de exatidão exigido, a este respeito, pelo conjunto das nossas necessidades praticas*. As nossas leis estaticas corre-

pondem a essa predileção instintiva pela ordem e a harmonia, predileção de que o espirito humano é por tal modo animado que, si não fosse sabiamente contida, arrastaria muitas vezes aos mais viciozos confrontos; as nossas leis dinamicas concordão com a nossa tendencia irrezistivel a crer constantemente, mesmo mediante tres observações sómente, na perpetuidade das voltas já constatadas, segundo um impulso espontaneo que devemos tambem reprimir frequentemente para manter a indispensavel realidade das nossas concepções. (*Ibidem*, VI, p. 749-750)

O Apostolo.— Reparai agora, minha filha, como nosso Mestre, dezenvolvendo cada vez mais o relativismo, anuncia a fuzão normal do genio teorico com a inspiração poetica, a qual, sob o predominio da moral, que, na conferencia passada vos assinalei com outro intuito, augurava a regeneração da Filozofia pelo Amor.

O MESTRE.— Conquanto a divizão entre as duas sortes de contemplações, *sientifica e estetica*, seja, *no fundo, menos pronunciada do que a separação entre a especulação e a ação*, é no entretanto muito menos contestada, em razão da sua natureza muito mais puramente intelectual e quasi inteiramente libertada das inspirações apaixonadas cujo energico impulso sobre modo agrava as rivalidades precedentes. Nos tempos mesmos em que a imaginação dominava em filozofia, o espirito poetico, sem alterar em nada a sua feliz e indispensavel espontaneidade, reconheceu constantemente a sua subordinação necessaria para com o espirito filozofico propriamente dito, em virtude da relação fundamental que liga, mesmo instintivamente, em todos os

generos, o sentimento do belo ao conhecimento do verdadeiro, e que, por consequencia, sujeitou sempre a idealidade estetica ao conjunto das condições essenciais geralmente admitidas, em cada epoca, para a realidade sientifica. Quando uma educação verdadeiramente racional, a muitos respeitos comum, houver tornado as duas sortes de capacidades igualmente dignas de participar, segundo uma justa harmonia, do governo espiritual da humanidade, conforme as indicações do capitulo precedente, a sua combinação tornar-se-á sem duvida muito mais intima, sobretudo na existencia pratica, do que jamais o pôde ser até aqui, desde a sua separação primitiva do tronco teocratico. Em troca do indispensavel fundamento universal que o genio sientifico deve fornecer ao genio estetico, este, alem da sua feliz aptidão excluziva para instituir a um tempo a mais precioza diversão mental e o mais doce estimulo moral, deverá mesmo reagir sobre o outro, por uma influencia mais direta e mais intima, *apenas suspeitada hoje*, afim de aperfeiçoar, sob diversos respeitos, secundarios porem interessantes, o seu carater filozofico proprio. *Quando o espirito relativo da verdadeira filozofia moderna houver convenientemente prevalecido*, todos os pensadores comprehenderão, o que o reinado do absoluto impede agora de sentir, que as conveniencias puramente esteticas devem ter uma certa parte legitima no uzo continuo do genero de liberdade que fica facultativo para a nossa inteligencia em virtude da natureza essencial das verdadeiras pesquizas sientificas. Antes de tudo, sem duvida, como o expliquei acima, similhante liberdade deve ser empregada de maneira a facilitar o mais possivel a marcha ulterior das nossas concepções reais, satisfazendo convenientemente as nossas mais eminentes inclinações mentais. Mas esta condição primordial deixará por toda

parte subzistir ainda uma notavel indeterminação, com que convirá gratificar diretamente as nossas necessidades de idealidade, embelezando os nossos pensamentos sientificos, sem prejudicar de fórma alguma a sua realidade essencial. Esta intima reação moderada do espirito estetico sobre o espirito sientifico poderá mesmo, alem de uma feliz satisfação imediata, ou, porventura, em virtude de tal satisfação, facilitar muito a evolução geral da pozitividade racional. Todavia essa conexidade elementar, seja qual fôr a sua importancia ulterior, jamais fará certamente dezaparecer a diferença fundamental que existe necessariamente entre tendencias tão diversas, das quais a mais abstrata e a mais geral deverá sempre mentalmente prevalecer, no interesse comum do seu destino final, como o conjunto da nossa elaboração sociologica plenamente o demonstrou, sobretudo apreciando diretamente no capitulo precedente, a verdadeira natureza geral da jerarchia pozitiva. (*Ibidem*, VI, p. 753-755)

A Mulher.— Impossivel seria, meu pai, desconhecer a mais perfeita homogeneidade de vistas entre as considerações precedentes e as que prezidirão á instituição da SINTEZE SUBJETIVA.

O Apostolo.— A continuação deste volume vos mostrará, todavia, minha filha, que a supremacia do ponto de vista intelectual ainda criava bastantes obstaculos á elaboração da filozofia definitiva. No trecho que vamos ler, nosso Mestre aprezenta, porem, acerca da aptidão estetica do pozitivismo, reflexões que, prezagiando o culto abstrato da Humanidade, bem evidenciião que esses obices não erão superiores aos esforços do seu coração e do seu genio.

moderna ao mesmo tempo um inexgotavel alimento, pelo espetaculo geral das maravilhas humanas, e uma eminente destinação social, para fazer melhor apreciar a economia final. Conquanto a filozofia dogmatica deva sempre prezidir á elaboração direta dos diversos tipos, intelectuais ou morais, exigidos pela nova organização espiritual, a participação estetica tornar-se-á entretanto indispensavel, quer á sua ativa propagação, quer mesmo á sua ultima preparação; de sorte que a arte tornará a achar assim, no porvir pozitivo, um importante oficio politico, essencialmente equivalente, salvo a diversidade dos regimens, áquele que o passado politeico lhe tinha conferido, e que depois se tinha apagado sob a sombria dominação monoteica. (*Ibidem*, VI, p. 880-883)

A Mulher.—Acabais assim de mostrar-me tambem, meu pai, quanto o surto solitario de nosso Mestre tinha preparado as encantadoras considerações da sua primeira *Santa Clotilde*, cujo pensamento fundamental vi no ultimo dos trechos que me citastes na conferencia passada.

O Apostolo.— Libertando-o, porem, incompletamente dos preconceitos teoricos, esse assombrozo conjunto de dispozições, afetivas e mentais, não permitiu-lhe siquer então dissipar as esperanças de uma siencia concreta, como vistes acima e vos confirmarão os textos seguintes. Tal rezultado bem indicava que a definitiva sistematização dogmatica exigia que o Amor assumisse expressamente a supremacia a cujo influxo calorozo, embora latente, erão essencialmente devidos os triumfos que nosso Mestre atribuia sobretudo ao acendente gradual da razão sobre o sentimento. A martirizante iluzão não podia cessar sem uma emoção profundissima, deter-

minando espontaneamente em sua moralidade um surto imprevisto, e nenhumamente sucetivel de ser atribuido ao espirito, alarmado quiçá com o ateamento de similhante paixão.

A Mulher.—Recordo-me, com efeito, meu pai, que, na sagrada correspondencia, nosso Mestre confessa haver a principio combatido *o doce conjunto de sentimentos que gradualmente o arrastara* (24) para a suave Inspiradora da nossa Religião.

O Apostolo.— Meditando nestes sagrados documentos, percebe-se mesmo que tal combate foi assás demorado; porque nosso Mestre, tendo visto, pela primeira vez, a sua futura Colaboradora em Outubro de 1844 (25), mais de dois anos após a ultima dezerção da indigna espoza (26), só em Fevereiro do ano seguinte (1845), cedeu á egregia paixão que Clotilde inconsientemente despertou-lhe. (27) O confronto dessas datas é suficiente, para convencer a todas as almas honestas quanto erão tenazmente arraigadas as opiniões que, apezar das mais graves queixas, o fazião não se julgar siquer autorizado a amar a outra mulher enquanto a espoza infiel, permanecesse sob o teto conjugal. (28) Reto-

(24) VOLUME SAGRADO. *Correspondencia*. Carta de 17 de Maio de 1845. p. 247.

(25) *Ibidem*. *Testamento*. Peças justificativas p. 41.

(26) A desgraçada que a temeraria generozidade de nosso Mestre fez tomar para espoza deixou o teto conjugal pela ultima vez, depois de repetidos abandonos, a 5 de Agosto de 1842, treze dias antes do aparecimento do volume final do SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA. Para informações sobre essa mulher vide: VOLUME SAGRADO, *Testamento*, Peças justificativas, 2ª edição. CARTAS A TABARIÉ. *Revista Ocidental* de 15 de Carlos Magno de 107 (1 de Julho de 1895).

(27) VOLUME SAGRADO, *Correspondencia*, Carta de 24 de Fevereiro de 1846, p. 517.

(28) *Ibidem*, *Testamento*, Peças justificativas, p. 53.

O Mestre.— ... O principal rezultado filozofico dessa dupla progressão (de dissolução do regimen catolico-feudal e construção da ordem pozitiva) consiste na convergencia espontanea de todas as concepções modernas para a grande noção da Humanidade, cuja ativa preponderancia final deve, em todos os sentidos, substituir a antiga coordenação teologico-metafizica. Ora, essa nova *unidade mental*, necessariamente mais completa e mais duradoura do que nenhuma outra, segundo as nossas ultimas explicações, comportará certamente sem artificio algum, uma imensa aptidão estetica, quando tiver convenientemente prevalecido. Tal eficacia especial deverá ser em breve superior a que jamais a filozofia teologica pôde mostrar, mesmo no seu esplendor politeico; porque, si a arte, que por toda parte vê ou procura o homem, deveu, a esse titulo, longotempo simpatizar com a filozofia inicial que lhe oferecia, a todos os respeitos, o pensamento ficticio dele, deverá finalmente muito melhor adaptar-se a uma doutrina fundamental que substitúi a essa reprezentação chimerica e indireta, a noção efetiva e imediata da preponderancia humana em todos os assuntos das nossas especulações habituais, desde então circunscritos á ordem real primitivamente desconhecida. Ha certamente, para os que a souberem apreciar, uma fonte inexgotavel de nova grandeza poetica na concepção pozitiva do homem como chefe supremo da economia natural, que ele modifica incessantemente em sua vantagem, mediante um sabio atrevimento, plenamente libertado de qualquer escrupulo vão e de qualquer terror opressivo, e não reconhecendo outros limites gerais sinão os relativos ao conjunto das leis pozitivas desvendadas pela nossa ativa inteligencia: ao passo que até então a humanidade permanencia, pelo contrario, passivamente sujeita, a todos

os respeitos, a uma arbitraria direção exterior, donde devião sempre depender os seus emprehendimentos quaisquer. A ação do homem sobre a natureza, aliás tão imperfeita ainda, não se pôde manifestar suficientemente sinão entre os modernos, em rezultado final de uma penoza evolução social, longotempo depois que o surto estetico correspondente á filozofia inicial devia achar-se essencialmente exhausto: de sorte que não pôde comportar nenhuma idealização. Por uma irracional imitação da poezia antiga, a arte moderna continuou a cantar a maravilhoza sabiduria da natureza, mesmo depois que a siencia real diretamente constatou, sob todos os aspetos importantes, a extrema imperfeição dessa ordem tão elogiada. Quando a facinação teologica ou metafizica não impede um verdadeiro juizo, cada um sente hoje que as obras humanas, desde os mais simples aparelhos mecanicos até as sublimes construções politicas, são, em geral, muito superiores, quer em conveniencia, quer em simplicidade, a tudo o que póde oferecer de mais perfeito a economia que ele não dirige e onde a grandeza das massas é só o que constitûi ordinariamente a principal cauza das admirações anteriores. É, pois, em cantar os prodigios do homem, a sua conquista da natureza, as maravilhas da sociabilidade, que o verdadeiro genio estetico achará sobretudo doravante, sob o ativo impulso do espirito pozitivo, uma fonte fecunda de inspirações novas e possantes, sucetiveis de uma popularidade que nunca teve equivalente, porque achar-se-ão em plena harmonia, quer com o nobre instinto da nossa superioridade fundamental, quer com o conjunto das nossas convicções racionais... Todos os espiritos verdadeiramente filozoficos podem pois comprehender agora que o advento necessario da reorganização universal proporcionará espontaneamente á arte

moderna ao mesmo tempo um inexgotavel alimento, pelo espetaculo geral das maravilhas humanas, e uma eminente destinação social, para fazer melhor apreciar a economia final. Conquanto a filozofia dogmatica deva sempre prezidir á elaboração direta dos diversos tipos, intelectuais ou morais, exigidos pela nova organização espiritual, a participação estetica tornar-se-á entretanto indispensavel, quer á sua ativa propagação, quer mesmo á sua ultima preparação; de sorte que a arte tornará a achar assim, no porvir pozitivo, um importante oficio politico, essencialmente equivalente, salvo a diversidade dos regimens, áquele que o passado politeico lhe tinha conferido, e que depois se tinha apagado sob a sombria dominação monoteica. (*Ibidem*, VI, p. 880-883)

A Mulher.—Acabais assim de mostrar-me tambem, meu pai, quanto o surto solitario de nosso Mestre tinha preparado as encantadoras considerações da sua primeira *Santa Clotilde*, cujo pensamento fundamental vi no ultimo dos trechos que me citastes na conferencia passada.

O Apostolo.— Libertando-o, porem, incompletamente dos preconceitos teoricos, esse assombrozo conjunto de dispozições, afetivas e mentais, não permitiu-lhe siquer então dissipar as esperanças de uma siencia concreta, como vistes acima e vos confirmarão os textos seguintes. Tal rezultado bem indicava que a definitiva sistematização dogmatica exigia que o Amor assumisse expressamente a supremacia a cujo influxo calorozo, embora latente, erão essencialmente devidos os triumfos que nosso Mestre atribuia sobretudo ao acendente gradual da razão sobre o sentimento. A martirizante iluzão não podia cessar sem uma emoção profundissima, deter-

minando espontaneamente em sua moralidade um surto imprevisto, e nenhumamente sucetivel de ser atribuido ao espirito, alarmado quiçá com o ateamento de similhante paixão.

A Mulher.—Recordo-me, com efeito, meu pai, que, na sagrada correspondencia, nosso Mestre confessa haver a principio combatido *o doce conjunto de sentimentos que gradualmente o arrastara* (24) para a suave Inspiradora da nossa Religião.

O Apostolo.— Meditando nestes sagrados documentos, percebe-se mesmo que tal combate foi assás demorado; porque nosso Mestre, tendo visto, pela primeira vez, a sua futura Colaboradora em Outubro de 1844 (25), mais de dois anos após a ultima dezerção da indigna espoza (26), só em Fevereiro do ano seguinte (1845), cedeu á egregia paixão que Clotilde inconsientemente despertou-lhe. (27) O confronto dessas datas é suficiente, para convencer a todas as almas honestas quanto erão tenazmente arraigadas as opiniões que, apezar das mais graves queixas, o fazião não se julgar siquer autorizado a amar a outra mulher enquanto a espoza infiel, permanecesse sob o teto conjugal. (28) Reto-

(24) VOLUME SAGRADO. *Correspondencia.* Carta de 17 de Maio de 1845. p. 247.

(25) *Ibidem. Testamento.* Peças justificativas p. 41.

(26) A desgraçada que a temeraria generozidade de nosso Mestre fez tomar para espoza deixou o teto conjugal pela ultima vez, depois de repetidos abandonos, a 5 de Agosto de 1842, treze dias antes do aparecimento do volume final do SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA. Para informações sobre essa mulher vide: VOLUME SAGRADO, *Testamento,* Peças justificativas, 2ª edição. CARTAS A TABARIÉ. *Revista Ocidental* de 15 de Carlos Magno de 107 (1 de Julho de 1895).

(27) VOLUME SAGRADO, *Correspondencia,* Carta de 24 de Fevereiro de 1846, p. 517.

(28) *Ibidem, Testamento,* Peças justificativas, p. 53.

memos, pois, a leitura dos textos que, patenteando -nos a urgente necessidade de *reanimar a luz do seu espirito pela chama do seu coração*, devem avivar a gratidão que votamos a Ele e á sublime Vestal de tão sagrada pira.

O MESTRE.— A essas duas separações sucessivas, entre a especulação e a ação, e entre a realidade e a idealidade, que a sua espontaneidade necessaria deve ter feito sentir mais ou menos em todos os tempos, é preciso enfim juntar uma terceira decompozição preliminar, de instituição essencialmente moderna, e que, muito menos evidente, é entretanto tão indispensavel como as primeiras á verdadeira constituição sistematica do metodo pozitivo. Trata-se da divizão verdadeiramente capital que estabeleci, desde o começo deste tratado, entre a siencia abstrata, e a siencia concreta, e que desde então nos forneceu constantemente uma fonte fecunda de luminozas indicações filozoficas, sobretudo no que é concernente á san fizica social. O grande Bacon foi quem primeiro sentiu, posto que muito confuzamente, mais com toda a generalidade conveniente, que aquilo que ele chamou com justeza a *filozofia primeira*, por ser destinada a formar a baze primordial de todo o sistema intelectual, só podia rezultar de um estudo, essencialmente abstrato e analitico, dos diversos fenomenos elementares cuja variada combinação constitúi a existencia efetiva dos diferentes seres naturais, afim de apanhar as leis fundamentais peculiares a cada ordem essencial de acontecimentos, diretamente considerada em si mesma, sob um aspeto geral, izoladamente dos seres que fornecem a sua manifestação indispensavel. Sem que tal decizão haja jamais sido até aqui suficientemente apreciada, nem mesmo comprehendida, toda-

via prezidiu ela implicitamente, no meio de graves flutuações, á evolução sientifica dos dois ultimos seculos, segundo o privilegio natural de toda instituição real, isto é, pela impossibilidade de proceder de outro modo. Pois reconhecemos por toda parte, primeiro em principio, depois de fato, que a siencia concreta, ou a historia natural propriamente dita, não podia, em genero algum, ser racionalmente abordada, enquanto a siencia abstrata não estivesse suficientemente esboçada em relação a todas as ordens sucessivas de fenomenos elementares, cuja inteira combinação permanente é exigida pela natureza de cada elaboração concreta. Ora, similhante condição só foi realmente preenchida em nossos dias, e, ouzo dizê-lo, sómente neste Tratado, em que se acha constituida pela primeira vez a ultima e a mais importante dessas siencias fundamentais: de sorte que se deve ficar pouco espantado que as grandes especulações sientificas dezenvolvidas a partir de Bacon tenhão sido essencialmente abstratas, em virtude da impotencia necessaria das especulações concretas por vezes emprehendidas nesse intervalo. Assim, essa observancia forçada e empirica do preceito baconiano não tornava de modo algum superflua a demonstração racional que tive de estabelecer sobre tal principio, a vista dessa experiencia deciziva, que permitia apreciar todo o alcance do feliz apanhado devido a esse eminente filozofo. Conquanto a creação da sociologia, *completando e sistematizando a filozofia primeira*, deva em breve permitir tratar convenientemente as questões concretas, como o indicarei diretamente no sexagezimo capitulo, importa muito sentir que a instituição fundamental do metodo pozitivo não deve jamais cessar de repouzar sobre tal separação, sem a qual as outras duas acima apreciadas ficarião necessariamente insuficientes. Essa indispen-

savel divizão constitûi, na realidade, o mais poderozo e o mais delicado de todos os artificios gerais exigidos pela natureza da elaboração especulativa do sistema pozitivo. Uma judicioza abstração gradual foi só o que permitiu e é só o que póde manter o surto continuo do verdadeiro espirito filozofico, afastando primeiro as exigencias praticas, depois as impressões esteticas, e enfim as condições concretas, para organizar pouco a pouco o ponto de vista mais simples, mais geral, e mais elevado alem do qual não se póde reduzir mais a apreciação racional sem cahir logo em uma van ontologia. Si o terceiro grau de abstração, essencialmente fundado nos mesmos motivos logicos que os dois precedentes, não tivesse vindo completar, em tempo oportuno, a sua feliz eficacia, póde-se assegurar que a filozofia pozitiva ainda hoje permaneceria impossivel... (*Ibidem*, VI, p. 755-758)

O Apostolo.— Bastarão as seguintes palavras para evidenciar que, ao escrever estas linhas, nosso Mestre estava ainda sob o prestigio dos preconceitos teoricos que proclamão o predominio do ponto de vista intelectual, como o mais nobre dos atributos humanos. A ninguem póde, pois, surprehender que não houvesse Ele então operado a eliminação da siencia concreta; por quanto tal passo exige, como vos tenho dito, para ser comprehendido e aceito, e, por mais forte razão, para ser instituido, que se constate preliminarmente a necessidade da supremacia do coração sobre a inteligencia, como a fonte unica da racionalidade final.

O Mestre.—Si, como não se póde duvidar, o aperfeiçoamento continuo da natureza humana, individual

ou coletiva, consiste sobretudo em fazer convenientemente prevalecer, tanto quanto possivel, *as influencias puramente intelectuais*, a educação matematica constitûi por certo a primeira condição de tal progresso, dando o melhor impulso inicial ao surto elementar do espirito pozitivo, nos estudos mais bem garantidos de toda perturbação mental. (*Ibidem*, VI, p. 764)

... Enfim, a moral, cujas exigencias diretas erão implicitamente menosprezadas durante a elaboração preliminar, recobra logo os seus direitos eternos em consequencia da supremacia mental do ponto de vista social, restabelecendo, com energica eficacia, o reinado continuo do espirito de conjunto, ao qual o verdadeiro sentimento do dever permanece sempre profundamente ligado. Nos dois ultimos seculos, o acendente sientifico pôde longotempo pertencer ao impulso, essencialmente matematico, emanado das siencias inferiores, sem nehum grave perigo imediato para as condições naturais da moralidade, enquanto as exigencias sociais não se tinhão tornado ainda de novo directamente preponderantes. Afastando espontaneamente as contemplações sociais, afim de restringir-se primeiro aos estudos preliminares onde a pozitividade racional era mais azadamente sucetivel de dezenvolver-se, o instinto especulativo podia então ser sustentado por esse justo sentimento da harmonia fundamental dos nossos esforços privados com a comum destinação, que nos torna especialmente accessiveis ás inspirações morais. Porem o mesmo já não se dá desde que a crize final poz em alta evidencia a urgencia universal das necessidades politicas. Desde então, esse espirito sientifico, que, em virtude da inevitavel convicção da sua impotencia radical em relação as mais nobres especulações, tende a inspirar, a respeito delas, uma dezastroza indiferença torna-se necessaria-

mente cada vez mais imoral, conduzindo quazi sempre ao egoismo sistematico, que só o acendente familiar das vistas de conjunto póde hoje convenientemente sanar. Essa intima perturbação, tanto mais perigoza quanto corrompe diretamente a primeira fonte mental da regeneração humana, é espontaneamente dissipada pela preponderancia filozofica do espirito sociologico. *O tipo fundamental da evolução humana, tanto individual como coletiva, é, com efeito, sientificamente reprezentado como consistindo sempre no acendente crecente da nossa humanidade sobre a nossa animalidade*, em virtude da dupla *supremacia da inteligencia sobre os pendores, e do instinto simpatico sobre o instinto pessoal.* Assim sobresai diretamente, do conjunto mesmo do verdadeiro dezenvolvimento especulativo, a universal dominação da moral, tanto pelo menos quanto comporta a nossa imperfeita natureza. Seria seguramente superfluo assinalar aqui mais a aptidão moral de uma filozofia que dezenvolve sistematicamente, no mais alto grau possivel, o sentimento fundamental da solidariedade e da continuidade sociais, ao mesmo tempo que a noção geral da ordem espontanea que a economia total do mundo real erige, a todos os respeitos, em baze necessaria da nossa conduta, quer privada, quer publica. (*Ibidem*, p. 836-837)

O Apostolo.— Resta-me indicar-vos finalmente as seguintes passagens, para acabar de mostrar-vos qual era a situação mental de nosso Mestre ao concluir a sua obra fundamental. O papel de uma siencia concreta no conjunto do sistema filozofico se lhe afigurando capital, ficareis conhecendo todos os motivos que se poderião alegar hoje para sustentar a sua necessidade. Sem a minima prevenção, Ele

catalogava assim, espontaneamente, as unicas objeções valiozas que se poderião levantar contra a sua decizão final, e simultaneamente traçava a si mesmo o programa a seguir para a plena refutação delas.

O MESTRE.— Conquanto a marcha necessaria da elaboração preliminar, fielmente reproduzida no conjunto deste Tratado, devesse fazer com justiça prevalecer nele a formação gradual da siencia abstrata, cuja prioridade indispensavel tinha sido tão bem presentida por Bacon, é claro, conforme as indicações especiais do penultimo capitulo, que a construção direta da siencia concreta deverá naturalmente constituir uma das principais atribuições permanentes do novo espirito filozofico, sem cujo acendente não poderia certamente dezenvolver-se um estudo que exige inevitavelmente a intima combinação continua dos diversos pontos de vista sientificos. Tal estudo deve ser, a todos os respeitos, como o indica já a sua denominação mais uzual, eminentemente historico, por ser relativo á apreciação efetiva da existencia sucessiva peculiar aos diferentes seres reais. Alem da explendida luz que ela fará espontaneamente jorrar sobre as leis elementares dos diversos modos de atividade, e as preciozas indicações praticas de que será, por sua natureza, a fonte imediata, devo assinalar aqui, sobretudo em relação aos fenomenos mais complexos e mais elevados, uma importante determinação, que não póde ser de outra fórma obtida, e cuja reação filozofica deve ser considerada como especialmente indispensavel á plena consolidação do novo regimen mental, no qual a *inteira eliminação do absoluto não poderia, sem isso, ser suficientemente segura.* Trata-se da fixação, hoje por demais prematura, mas então diretamente accessivel, da verdadeira duração geral

assinada, pelo conjunto da economia real, a cada uma das principais existencias naturais, e entre outras a evolução acencional da humanidade. (*Ibidem*, VI, p. 848-849)

. . . .

Enfim, a quarta obra, igualmente formada de um só volume, consistirá em um Tratado sistematico da ação do homem sobre a natureza, que nunca foi, que eu saiba, racionalmente apreciada no seu conjunto. Apezar do interesse proprio desse vasto assunto, ele não póde ser concebido sinão na sua instituição filozofica; pois que a sua elaboração especial exigiria evidentemente, segundo os meus principios enciclopedicos, *a construção prévia da siencia concreta*, ainda essencialmente prematura. Nesse estado, é facil conceber a intima conexão desta ultima compozição com o Tratado fundamental: pois que seu principal objeto consistirá em organizar diretamente a verdadeira relação final que deve existir, a todos os respeitos, entre a siencia e a arte. (*Ibidem*, VI, 892-893)

O Apostolo.— Termino aqui esta serie de citações destinadas a dar-vos o pensamento de nosso Mestre ao concluir a sua obra fundamental. Importa, porem, antes de passarmos ao estudo da coordenação teorica na sua POLITICA, chamar a vossa atenção para as dispozições didaticas com que foi escrito o SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA. Tudo que vos teria a dizer sobre tal ponto acha-se consignado na seguinte passagem deste volume.

O MESTRE.—Quanto ás primeiras (refere-se ás obras destinadas a sistematizar metodicamente a filozofia matematica e a filozofia politica) convem reconhecer que

neste Tratado original, eu devia essencialmente apreciar cada elemento fundamental da sistematização final, ficando, tanto quanto possivel, na situação de espirito conforme á sua constituição atual, afim de elevar-me assim sucessivamente, ao mesmo tempo que o leitor, com plena segurança e uma eficacia mais garantida, até o estado definitivo que eu tinha a principio percebido, mas que não podia ser suficientemente caraterizado sinão por este surto gradual, reprodução espontanea, segundo o preceito carteziano, do conjunto da evolução moderna. (*Ibidem*, VI, p. 888)

O Apostolo.— Bem que já na sua ASTRONOMIA POPULAR se fação sentir as consequencias da emancipação de simillhante cautela, a perzistencia do preconceito intelectual verifica mais uma vez que só a regeneração afetiva o podia dissipar totalmente. Julgareis assás do estado racional de nosso Mestre, á vista das seguintes passagens. A primeira refere-se á espontaneidade da inteligencia que Ele continua a supôr preponderante na evolução filozofica.

O MESTRE.—Conquanto as necessidades puramente mentais sejão, sem duvida, as menos energicas de todas as que são inherentes á nossa natureza, a sua existencia direta e permanente é todavia incontestavel em todas as inteligencias: elas constituem o *primeiro estimulo indispensavel aos nossos diversos esforços filozoficos*, com demaziada frequencia atribuidos sobretudo aos impulsos praticos, que as dezenvolvem muito, é verdade, mas não poderião fazê-las nacer... (ASTRON. POPULAR, p. 19)

O Apostolo.— Mas a impossibilidade de qualquer sinteze objetiva, e a necessidade e a exequi-

bilidade de uma coordenação subjetiva, são já afirmadas mais categoricamente, como o evidencia o seguinte trecho :

O Mestre.— Importa todavia reconhecer em principio, que, sob o regimen pozitivo, a harmonia de nossas concepções acha-se necessariamente limitada, até certo grau, pela obrigação fundamental de sua realidade, isto é, de uma suficiente conformidade com tipos independentes de nós. No seu cego instinto de ligação, a nossa inteligencia aspira quazi a poder sempre ligar entre si dois fenomenos quaisquer, simultaneos ou sucessivos; mas o estudo do mundo exterior demonstra, ao contrario, que muitos desses confrontos serião puramente chimericos, e que uma multidão de acontecimentos se realizão continuamente sem nenhuma verdadeira dependencia mutua; de sorte que esse pendor indispensavel preciza tanto como qualquer outro ser regulado mediante uma san apreciação geral. *Longo tempo habituado a uma sorte de unidade de doutrina*, por mais vaga e iluzoria que devesse ter sido, sob o imperio das ficções teologicas e das entidades metafizicas, o espirito humano, passando para o estado pozitivo, tentou a principio reduzir todas as diversas ordens de fenomenos a uma só lei comum. Mais todos os ensaios efetuados durante os dois ultimos seculos para obter uma explicação universal da natureza só tem conseguido dezacreditar radicalmente similhante empreza, doravante abandonada ás inteligencias mal cultivadas... Todavia, é precizo reconhecer com franqueza essa impossibilidade direta de tudo referir a uma unica lei pozitiva como uma grave imperfeição, consequencia inevitavel da condição humana, que nos força a aplicar uma debilissima inteligencia a um universo complicadissimo.

Mas, essa incontestavel necessidade, que importa reconhecer, afim de evitar todo vão desperdicio de forças mentais, não impede de modo algum a siencia real de comportar, sob um outro aspeto, uma suficiente unidade filozofica, equivalente áquelas que constituirão passageiramente a teologia ou a metafizica, e aliás muito superior, tanto em estabilidade como em plenitude. Para sentir a sua possibilidade e apreciar a sua natureza, é precizo primeiro recorrer á luminoza distinção geral esboçada por Kant entre os dois pontos de vista *objetivo* e *subjetivo*, peculiares a qualquer estudo. Considerada sob o primeiro aspeto, isto é, quanto á destinação exterior de nossas teorias, como exata reprezentação do mundo real, a nossa siencia não é certamente sucetivel de uma plena sistematização, em consequencia de uma inevitavel diversidade entre os fenomenos fundamentais. Nesse sentido, não devemos procurar outra unidade sinão a do metodo pozitivo encarado no seu conjunto, sem pretender a uma verdadeira unidade sientifica, aspirando sómente á homogeneidade e á convergencia das diferentes doutrinas. O cazo é diverso sob o outro aspeto, isto é, quanto á fonte interior das teorias humanas, *encaradas como rezultados naturais da nossa evolução mental*, ao mesmo tempo individual e coletiva, destinados á satisfação normal de nossas proprias necessidades quaisquer. Assim referidos, não ao universo, mas ao homem, ou antes á humanidade, os nossos conhecimentos reais tendem, pelo contrario, com uma evidente espontaneidade, para uma inteira sistematização, *tanto sientifica como logica*. Não se deve mais então conceber, no fundo, sinão uma unica siencia, a siencia humana, ou mais exatamente social, da qual a nossa existencia constitûi a um tempo o principio e o fim, e na qual vem naturalmente fundir-se o estudo racional

do mundo exterior, sob o duplo titulo de elemento necessario e de preambulo fundamental, igualmente indispensavel quanto ao metodo e quanto á doutrina, como explicarei abaixo. É unicamente assim que os nossos conhecimentos pozitivos podem formar um verdadeiro sistema, de maneira a oferecer um carater plenamente satisfatorio... Tal é pois a dispozição geral que deve finalmente prevalecer na filozofia verdadeiramente pozitiva, não sómente quanto ás teorias diretamente relativas ao homem e á sociedade, mas tambem no tocante as que concernem os mais simples fenomenos, os mais afastados, aparentemente, dessa comum apreciação: conceber todas as nossas especulações como produtos da nossa inteligencia, destinados a satisfazer as nossas diversas necessidades essenciais, *não se afastando nunca do homem sinão afim de melhor voltar a ele*, depois de haver estudado os outros fenomenos como sendo indispensaveis de conhecer, quer para dezenvolver as nossas forças, quer para apreciar a nossa natureza e a nossa condição. Póde-se desde então perceber como a noção preponderante da Humanidade deve necessariamente contituir, no estado pozitivo, *uma plena sistematização mental, pelo menos equivalente* áquela que tinha finalmente comportado a idade teologica mediante a grande concepção de Deus, tão fracamente substituida depois a este respeito, durante a tranzição metafizica, pelo vago pensamento da Natureza. (*Ibidem*, p. 22-25)

A Mulher.— Como essa teoria se aproxima de nossa doutrina definitiva! O que acabo de ouvir me induziria, sobretudo á vista dos trechos anteriores, a supôr que já nessa epoca nosso Mestre se havia elevado ao dogma da Humanidade. Nenhuma duvida porem, é admissivel em similhante assunto, pois que

em sua terceira *Santa Clotilde*, Ele mesmo atribûi tão sublime revelação á intima assistencia da nossa terna Padroeira. Sempre me recordo comovida da tocante passagem reativa ao acolhimento publico dado á formula que pela primeira vez anunciou o advento da nossa Religião.

O Apostolo.— Terminando a sua POLITICA, nosso Mestre referiu-se a este ponto em termos que bem precizão a situação de seu grande espirito antes da santa paixão, a que deveu as suas inspirações religiozas. Agradecendo o inestimavel concurso da nossa imaculada Padroeira, diz Ele na *Invocação final*:

O MESTRE.— ... A minha obra fundamental tinha irrevogavelmente desvendado a existencia composta e continua que domina cada vez mais o conjunto dos negocios terrestres. Ela havia mesmo proclamado gradualmente a preponderancia do coração sobre o espirito, como unica fonte, espontanea ou sistematica, da harmonia humana. A natureza e o destino do Gran-Ser achando-se dest'arte revelados, bastava, para instituir a religião universal, que uma santa ternura me tornasse assás familiar o principio fundamental a que acabava de chegar a minha primeira vida. Eis como o dogma da Humanidade surgiu, no aniversario inicial da nossa catastrofe, no curso decizivo do qual deriva todo este tratado. Quem quer que sentiu bem esta filiação deve agora reconhecer que é precizo fazê-la remontar até a dedicatoria que, alguns mezes antes, formulou a primeira manifestação de todos os germens de tal progresso. (POLITICA POZITIVA, IV, p. 546-547)

. . . .

Aqui começa a discordancia crecente entre os po-

zitivistas que se qualificão de intelectuais, sem ser mais inteligentes, e os pozitivistas completos, isto é, religiozos. Conquanto a maioria dos primeiros limitem sua adhezão ao meu tratado fundamental, *alguns já levárão a sua evolução até o dogma da Humanidade, cuja ligação com o conjunto da sociologia só escapa aos sofistas*. Mas essa concluzão puramente intelectual, permanece neles esteril, sem poder instituir um ponto de partida, por falta de impulso moral... (*Ibidem*, p. 548)

O Apostolo.— No prefacio do primeiro volume da mesma obra, já Ele havia indicado exatamente a sua evolução mental na seguinte passagem:

O Mestre.— ... Tambem o meu principal pezar rezultará sempre da impossibilidade em que ela ficou de assistir ao dezenvolvimento decizivo dos imensos progressos que o pozitivismo deveu ao seu imortal acendente. Eles surgírão, no entanto, no meio mesmo de minha justa exaltação inicial, como o testemunha já a minha carta filozofica de 2 de Junho de 1845, cuja publicação vai mostrar a primeira fonte privada das novas inspirações pozitivistas.

A partir dessa estréia carateristica, as minhas concepções e as minhas formulas mais bem acolhidas emanárão sempre de meu culto intimo. Esta santa harmonia entre a vida privada e a vida publica, que tornar-se-á o privilegio pratico do pozitivismo, devia primeiro dezenvolver-se em mim. Antes do fim do meu luto, ela dominou meu curso decizivo de 1847, no qual a nova filozofia adquiriu a dignidade final de uma religião real e completa. O volume sistematico que dele rezultou, no ano seguinte, determinou todos os outros progressos do pozitivismo religiozo. A sua principal teoria emanou da

sessão carateristica na qual ouzei solenizar o primeiro aniversario da minha eterna viuvez, produzindo a verdadeira doutrina feminina. (POLITICA, I, p. 10)

O Apostolo.— Jamais seria possivel, á vista de tais documentos, desconhecer que o dogma da Humanidade foi o primeiro rezultado religiozo da glorioza paixão inspirada pela nossa suave e imaculada Padroeira. O seu conjunto torna facil, por outro lado, evidenciar, mediante um exame direto, que os textos anteriores de nosso Mestre de modo algum formulão similhante dogma. A passagem mais carateristica a tal respeito, é talvez o trecho da ASTRONOMIA, que acabo de assinalar-vos. Quem refletir sobre ele reconhecerá logo que não se trata ahi sinão de uma coordenação teorica, segundo o enunciado que já vistes acima: «*O tipo fundamental da evolução humana, tanto individual como coletiva, é sientificamente reprezentado como consistindo sempre no acendente crecente da nossa humanidade sobre a nossa animalidade em virtude da dupla supremacia da inteligencia sobre os pendores e do instinto simpatico sobre o instinto pessoal.*» Isto está longe de erigir a Humanidade *no Gran-Ser, do qual somos sientemente os membros necessarios, e ao qual se referirão sempre as nossas contemplações para conhecê-lo, nossas afeições para amá-lo, e nossas ações para servi-lo,*—conforme a solene proclamação que recordastes. (29) Não é a mesma coiza considerar todas as concepções como fatos humanos, ou erigir habitualmente a especie em objeto sistematico dos pensamentos quaisquer de todos os homens. Ainda menos é a mesma coiza encarar as siencias particulares

(29) VOLUME SAGRADO, *Confissões*, p. 124.

como fundidas assim na sociologia, e rezumir todos os afetos no amor da Humanidade, convergindo para Ela todos os nossos atos, *sem nenhum ponto de vista imediatamente pessoal*, ao inverso do que vistes na FILOZOFIA, a propozito da grande maxima catolica.

Bastão as reflexões precedentes para que se avalie a distancia que medeava ainda entre a FILOZOFIA e a POLITICA. Entretanto julgo corresponder aos votos de nosso Mestre e aos vossos dezejos, aprezentando-vos novas provas que concorrem para garantir o acendente do coração sobre a inteligencia, corroborando ao mesmo tempo a nossa gratidão para com a egregia Inspiradora da nossa fé. Reparai, em primeiro lugar, que, si já nessa epoca nosso Mestre houvesse chegado ao dogma em questão, não teria Ele deixado de tirar logo a sua consequencia imediata proclamando não simplesmente a supremacia da moral sobre a inteligencia, mas o predominio sistematico do amor sobre o espirito, e portanto a superior dignidade de vosso sexo sobre o masculino. Nada, porem, se encontra nos seus escritos anteriores em tal sentido, e, pelo contrario, a correspondencia com o logicista inglez, a que aludi na conferencia passada, mostra que só depois do influxo da nossa doce Padroeira percebeu Ele o verdadeiro carater da sua segunda obra. Referirei antes, porem, a sua propria apreciação do DISCURSO SOBRE O ESPIRITO POZITIVO, quando este se imprimia, em Fevereiro de 1844:

O MESTRE.— Publicando á parte esse discurso, de uma centena de paginas, sob o titulo proprio de *Discurso sobre o Espirito Pozitivo*, propuz-me a dar uma idéia sumaria da nova filozofia áqueles que não podem

ou não querem arrostar a leitura de seis enormes volumes, cujas principais concepções são todas ahi rapidamente indicadas, com um carater conveniente de unidade filozofica. É, em uma palavra, uma sorte de manifesto sistematico da nova escola... (CARTAS A STUART MILL, Carta de 6 de Fevereiro de 1844, p. 221)

O Apostolo.— Depois de ter sofrido o acendente regenerador da sua Bem-Amada, faz-se a luz no espirito de nosso Mestre, e Ele escreve estas tocantes confidencias:

O MESTRE.— Esta carta indispensavel tomou tal extenção, que sou forçado a adiar interessantes explicações sobre uma grave molestia nervoza, determinada, sem duvida, pela primeira retomada da minha compozição filozofica, alguns dias depois da minha ultima carta (de 15 de Maio)... Conquanto a minha elaboração nacente tenha sido assim suspensa, e deva ficá-lo por prudencia até algum tempo (as minhas ferias vão começar inteiramente em meados de Julho), o conjunto da minha compozição terá ganhado muito neste periodo ecepcional, no qual a minha meditação estava longe de experimentar a atonia da minha motilidade; é sobretudo a esse respeito que vos queria dar interessantes detalhes, que não ficarão perdidos. De resto, a nova reforma fizica que acabo de ser levado a operar no meu regimen, diminuindo a minha alimentação de cerca de metade, incluzive a inteira abstinencia do vinho, muito melhorou o meu orgão fraco, o estomago, o que determina-me a perzistir nela. (*Ibidem*, Carta de 27 de Junho de 1845 p. 340-341)

... O momento parece-me, pois, oportuno para indicar-vos rapidamente, como me tinha prometido na mi-

nha ultima carta, o principal carater do melhoramento radical efetuado no conjunto dessa nova obra (a POLITICA) durante o curso muito ativo dessa singular suspensão involuntaria.

Esta meditação excepcional conduziu-me a constatar nitidamente que a segunda metade da minha vida filozofica deve notavelmente diferir da primeira, sobretudo em que o sentimento deve nesta tomar uma parte, sinão ostensiva, pelo menos real, tão grande como a da inteligencia (*Ibidem*, Carta de 14 de Julho de 1845, p. 356)

. . . .

Vedes qual foi naturalmente, durante esses dois mezes, a tendencia continua das minhas meditações involuntarias, tendencia que não se tornou agora em mim verdadeiramente sistematica sinão depois de ter ficado puramente espontanea todo o tempo conveniente para assegurar a sua realidade e consistencia. Acabo de fazer nesse sentido alguns estudos especiais sobre o catolicismo da idade media, e sobretudo lendo, pela primeira vez, a grande obra de Santo Agostinho (*A Cidade de Deus*). (*Ibidem*, p. 359)

O Apostolo.— Importa notar, minha filha, que nessa epoca ainda nosso Mestre não havia experimentado toda a eficacia regeneradora da sua nobre paixão. Na seguinte passagem da carta em que Ele comunica a horrivel provação pela qual acabava de passar, com a prematura morte da sua imaculada Inspiradora, é que se manifesta bem a imensidade da sua transformação:

O MESTRE.—...Mas eu sinto profundamente, e cada vez mais, que a idade das paixões privadas acaba de se

terminar para mim: ela não poderia encerrar-se melhor. Não posso esperar outras satisfações intimas sinão as rezultantes do culto assiduo das puras e nobres recordações que me deixa para sempre este incomparavel ano de virtuoza ternura reciproca. A vida publica deve doravante empregar só todo o tezouro de santas afeições assim dezenvolvido em mim. Sob esse aspeto, ouzo dizer que nada perdi de essencial alem de uma nobre assistencia social. O aperfeiçoamento fundamental devido á evolução decisiva da vida afetiva estava já realizado suficientemente ; eu espero que ele dará frutos assás grandes para que possa render com eles uma digna homenagem solene á memoria adorada. (*Ibidem*, Carta de 6 de Maio de 1846, p. 416)

A Mulher.— Apezar, porem, de tão sublime adoração, o dogma da Humanidade não surgiu sinão no ano seguinte, segundo o testemunho do nosso extremozo Mestre! Melhor prova não póde existir de que similhante revelação era inaccessivel sem as reações de uma incomparavel paixão. É possivel imaginar o contrario, quando se considera que, depois da construção da sua FILOZOFIA, e depois de passar pelas profundas emoções de um amor sem igual, só o ardente culto da memoria da nossa terna e imaculada Padroeira permitiu que nosso Mestre atingisse esse supremo ideal?

O Apostolo.— Lembrar-vos-ei, demais, minha filha, que nesse mesmo DISCURSO SOBRE O ESPIRITO POZITIVO, nosso Mestre enumera os varios sentidos da palavra *pozitivo*, sem falar do mais carateristico. Isto é, Ele mostra como tal vocabulo significa simultaneamente, *real*, *util*, *certo*, *precizo*, *organico*, e *relativo*; mas não proclama ainda que ele equivale a

simpatico. Este passo é, no entanto, inseparavel da concepção do dogma da Humanidade, cujo advento estava ligado á instituição da teoria definitiva da nossa unidade individual e coletiva, e, portanto, á verdadeira apreciação da mulher.

O Mestre.— Como todos os termos vulgares assim elevados gradualmente á dignidade filozofica, a palavra *pozitivo* oferece, nas nossas linguas ocidentais, varias acepções distintas, mesmo afastando o sentido grosseiro que a principio se liga a ele entre os espiritos mal cultivados. Mas importa notar aqui que todas essas diversas significações convêm igualmente á nova filozofia geral, da qual elas indicão alternativamente diferentes propriedades carateristicas: assim, essa aparente ambiguidade não oferecerá doravante nenhum inconveniente real. Deve-se ver, pelo contrario, nisso um dos principais exemplos dessa admiravel condensação de formulas que, nas populações adiantadas, reune, sob uma só expressão uzual, varios atributos distintos, quando a razão publica chegou a reconhecer a ligação permanente deles.

Considerada primeiro na sua acepção mais antiga e mais comum, a palavra *pozitivo* designa o real, por opozição ao chimerico: sob esse aspeto, ela convem plenamente ao novo espirito filozofico, assim caraterizado pela sua constante consagração ás pesquizas verdadeiramente accessiveis á nossa inteligencia, com excluzão permanente dos impenetraveis misterios de que se ocupava sobretudo a sua infancia. Em um segundo sentido, muito vizinho do precedente, mas no entanto distinto, esse termo fundamental indica o contraste do util com o ociozo: então ele lembra, em filozofia, a destinação necessaria de todas as nossas sans especulações

para o melhoramento continuo da nossa verdadeira condição, individual e coletiva, em lugar da van satisfação de uma esteril curiozidade. Segundo uma terceira significação uzual, esta feliz expressão é frequentemente empregada para qualificar a opozição entre a certeza e a indecizão: ela indica assim a aptidão caraterística de tal filozofia a constituir espontaneamente a harmonia logica no individuo e a comunhão espiritual na especie inteira, em lugar dessas duvidas indefinidas e desses debates interminaveis que o antigo regimen mental devia sucitar. Uma quarta acepção ordinaria, muito amiudo confundida com a precedente, consiste em opôr o precizo ao vago: este sentido lembra a tendencia constante do verdadeiro espirito filozofico a obter por toda parte o grau de precizão compativel com a natureza dos fenomenos e conforme a exigencia das nossas verdadeiras necessidades; ao passo que a antiga maneira de filozofar conduzia necessariamente a opiniões vagas, que não comportavão uma indispensavel diciplina sinão mediante uma compressão permanente, apoiada em uma autoridade sobrenatural.

Deve-se enfim notar especialmente uma quinta aplicação, menos uzada do que as outras, conquanto aliás igualmente universal, quando se emprega a palavra *pozitivo* como o contrario de *negativo*. Sob esse aspeto, ele indica uma das mais eminentes propriedades da verdadeira filozofia moderna, mostrando-a destinada sobretudo, por sua natureza, não a destruir, mas a organizar. Os quatro carateres gerais que acabamos de recordar a distinguem a um tempo de todos os modos possiveis, quer teologicos, quer metafizicos, peculiares á filozofia inicial. Essa ultima significação, indicando aliás uma tendencia continua do novo espirito filozofico, oferece hoje uma importancia especial para cara-

terizar diretamente uma de suas principais diferenças, não mais com o espirito teologico, que foi longo tempo organico, mas com o espirito metafizico propriamente dito, que nunca pôde ser sinão critico. Seja qual tenha sido, com efeito, a ação dissolvente da siencia real, essa influencia foi nela sempre puramente indireta e secundaria: a sua falta mesmo de sistematização impedia até aqui que pudesse ser de outra fórma; e o grande oficio organico que agora lhe toca, se oporia doravante a tal atribuição accessoria, que ela tende aliás a tornar superflua. A san filozofia afasta radicalmente, é verdade, todas as questões necessariamente insoluveis: mas, motivando a rejeição delas, evita negar seja o que fôr a tal respeito, o que seria contraditorio com esse dezuzo sistematico, unico meio pelo qual devem extinguir-se todas as opiniões verdadeiramente indiscutiveis. Mais imparcial e mais tolerante para com cada uma delas, a vista da sua comum indiferença, do que o podem ser os seus partidarios opostos, ela atem-se a apreciar historicamente a sua influencia respetiva, as condições de sua duração e os motivos de sua decadencia, sem pronunciar jamais nenhuma negação absoluta, mesmo quando se trata das doutrinas mais antipaticas ao estado prezente da razão humana entre as populações de elite. É assim que ela rende escrupuloza justiça, não sómente aos outros sistemas de monoteismo diversos do que expira hoje entre nós, mas tambem ás crenças politeicas, ou mesmo fetichicas, referindo-as sempre ás fazes correspondentes da evolução fundamental. Sob o aspeto dogmatico, ela professa aliás que as concepções quaisquer da nossa imaginação, quando a sua natureza as torna necessariamente inacessiveis a toda observação, não são mais sucetiveis de negação do que de afirmação verdadeiramente decizivas. Ninguem, sem duvida,

jamais demonstrou logicamente a não-existencia de Apolo, de Minerva, etc., nem a das fadas orientais ou das diversas criações poeticas; o que em nada impediu o espirito humano de abandonar irrevogavelmente os dogmas antigos, quando eles cessárão enfim de convir ao conjunto da sua situação.

O unico carater essencial do novo espirito filozofico que não é ainda indicado diretamente pela palavra *positivo*, consiste na sua tendencia necessaria a substituir por toda parte o relativo ao absoluto. Mas esse grande atributo, ao mesmo tempo sientifico e logico, é por tal modo inherente á natureza fundamental dos conhecimentos reais, que a sua consideração geral não tardará a ligar-se intimamente aos diversos aspetos que essa formula já combina, quando o moderno regimen intelectual, até aqui parcial e empirico, passar comumente ao estado sistematico. A quinta acepção que acabamos de apreciar é sobretudo apropriada para determinar esta ultima condensação da nova linguagem filozofica, desde então plenamente constituida, em virtude da evidente afinidade das duas propriedades. Concebe-se, com efeito que a natureza absoluta das antigas doutrinas, quer teologicas, quer metafizicas, determinava necessariamente cada uma delas a tornar-se negativa para com as demais, sob pena de degenerar em um absurdo ecletismo. É, pelo contrario, em virtude de seu genio relativo que a nova filozofia póde sempre apreciar o valor proprio das teorias que lhe são mais opostas, sem todavia incorrer jamais em nenhuma van concessão, sucetivel de alterar a nitidez das suas vistas ou a firmeza das suas decizões. Ha, pois, verdadeiramente lugar de prezumir, em virtude do conjunto de tal apreciação especial, que a formula empregada aqui para qualificar habitualmente esta filozofia definitiva lembrará doravante, a todos os bons es-

piritos, a inteira combinação efetiva das suas diversas propriedades carateristicas. (ASTRONOMIA POPULAR, p. 40-44)

A Mulher.— O conjunto desta apreciação não me oferece, meu pai, sómente a admiravel condensação dos atributos da nossa fé. Tambem encontro nela um tocante exemplo da corajoza dedicação com que nosso Mestre se consagrava á elevação do proletariado. É, com, efeito de prezumir que as considerações precedentes rezumão apenas as suas entuziasticas lições populares. Reconhece-se assim que a dependencia material em que Ele se achava para com os dominadores do dia, não conseguia alterar a digna liberdade do seu ensino. O espetaculo de tão nobre abnegação me comove tanto mais quanto sei que o governo constituia o seu ultimo apoio contra a iniqua perseguição que, nessa epoca mesmo, mais encarniçadamente lhe movião os sientistas.

O Apostolo.— Guiando-vos pela ardente veneração que nosso Mestre vos inspira, advinhastes minha filha, um dos mais gloriozos epizodios da sua vida. A liberdade que conjeturais constituiu, com efeito, um dos carateres que mais impressionavão no curso popular de Astronomia. Levado pelas reclamações clericais, o Governo chegou mesmo a mandar sindicar até que ponto ia a audacia do Filozofo. Importa alem disso notar que a independencia deste extendia igualmente ás apreciações politicas. Não hezitou Ele, por exemplo, um dia em propôr a glorificação de Joana d'Arco, acrecentando que: *essa manifestação espontanea constituiria uma digna compensação da deploravel apoteoze decernida a Bo*

parte. (30) Dando similhante conselho, nosso Mestre receava entretanto ecitar murmurações; de sorte que foi com sorpreza que viu, pelo contrario, as suas palavras determinarem, em todas as partes do seu numerozo auditorio, energicos aplauzos, como nunca obtivera. Os rasgos deste genero são suficientes para fazer-nos comprehender que a influencia da Rainha, conforme se disse então, houvesse contribuido para que o Marechal Soult o deixasse afinal ser sacrificado pela pedantrocacia. (31)

A Mulher.— Muita gratidão será necessaria, meu pai, para corresponder ao ardor com que nosso Mestre votou-se á sua incomparavel missão! A lembrança de tantas amarguras constitûi aliás, ao mesmo tempo, o maior incentivo para o culto dos Anjos que lhe trouxerão os mais eficazes lenitivos que elas comportavão.

O Apostolo.— Indicais assim, minha filha, as dispozições afetivas sem as quais não se póde apreciar convenientemente a concluzão que devo agora aprezentar-vos da primeira faze da evolução de nosso Mestre.

As nossas duas ultimas conferencias vos mostrão, em rezumo, que a sorprehendente coordenação dos pensamentos humanos a que nosso Mestre consagrou a primeira parte de sua vida, foi instituida com o fim de estabelecer a baze intelectual indispensavel ao advento do novo poder espiritual. Não era, porem, exequivel naquela epoca similhante projeto, porque uma insuficiente teoria da natureza humana tornava impossivel a exata apreciação da totalidade

(30) CARTAS A STUART MILL, Carta de 3 de Setembro de 1846, p. 431.

(31) *Ibidem*, Cartas de 25 de Dezembro de 1844, p. 285, e de 10 de Janeiro de 1845, p. 292.

piritos, a inteira combinação efetiva das suas diversas propriedades carateristicas. (ASTRONOMIA POPULAR, p. 40-44)

A Mulher.— O conjunto desta apreciação não me oferece, meu pai, sómente a admiravel condensação dos atributos da nossa fé. Tambem encontro nela um tocante exemplo da corajoza dedicação com que nosso Mestre se consagrava á elevação do proletariado. É, com, efeito de prezumir que as considerações precedentes rezumão apenas as suas entuziasticas lições populares. Reconhece-se assim que a dependencia material em que Ele se achava para com os dominadores do dia, não conseguia alterar a digna liberdade do seu ensino. O espetaculo de tão nobre abnegação me comove tanto mais quanto sei que o governo constituia o seu ultimo apoio contra a iniqua perseguição que, nessa epoca mesmo, mais encarniçadamente lhe movião os sientistas.

O Apostolo.— Guiando-vos pela ardente veneração que nosso Mestre vos inspira, advinhastes, minha filha, um dos mais gloriozos epizodios da sua vida. A liberdade que conjeturais constituiu, com efeito, um dos carateres que mais impressionavão no curso popular de Astronomia. Levado pelas reclamações clericais, o Governo chegou mesmo a mandar sindicar até que ponto ia a audacia do Filozofo. Importa alem disso notar que a independencia deste se extendia igualmente ás apreciações politicas. Não hezitou Ele, por exemplo, um dia em propôr a glorificação de Joana d'Arco, acrecentando que: *essa manifestação espontanea constituiria uma digna compensação da deploravel apoteoze decernida a Bona-*

parte. (30) Dando similhante conselho, nosso Mestre receava entretanto ecitar murmurações; de sorte que foi com sorpreza que viu, pelo contrario, as suas palavras determinarem, em todas as partes do seu numerozo auditorio, energicos aplauzos, como nunca obtivera. Os rasgos deste genero são suficientes para fazer-nos comprehender que a influencia da Rainha, conforme se disse então, houvesse contribuido para que o Marechal Soult o deixasse afinal ser sacrificado pela pedantrocacia. (31)

A Mulher.— Muita gratidão será necessaria, meu pai, para corresponder ao ardor com que nosso Mestre votou-se á sua incomparavel missão! A lembrança de tantas amarguras constitûi aliás, ao mesmo tempo, o maior incentivo para o culto dos Anjos que lhe trouxerão os mais eficazes lenitivos que elas comportavão.

O Apostolo.— Indicais assim, minha filha, as dispozições afetivas sem as quais não se póde apreciar convenientemente a concluzão que devo agora aprezentar-vos da primeira faze da evolução de nosso Mestre.

As nossas duas ultimas conferencias vos mostrão, em rezumo, que a sorprehendente coordenação dos pensamentos humanos a que nosso Mestre consagrou a primeira parte de sua vida, foi instituida com o fim de estabelecer a baze intelectual indispensavel ao advento do novo poder espiritual. Não era, porem, exequivel naquela epoca similhante projeto, porque uma insuficiente teoria da natureza humana tornava impossivel a exata apreciação da totalidade

(30) CARTAS A STUART MILL, Carta de 3 de Setembro de 1846, p. 431.
(31) *Ibidem*, Cartas de 25 de Dezembro de 1844, p. 285, e de 10 de Janeiro de 1845, p. 292.

das condições de uma sinteze definitiva. Desde o começo, esta fatalidade ficou bem caraterizada pela auzencia da MORAL no conjunto da jerarchia teorica, e pela preponderancia de dignidade reconhecida á inteligencia no sistema dos nossos atributos superiores. Reagindo sobre as concepções filozoficas, tais lacunas forçárão-no a entreter a esperança de uma siencia concreta. Esta situação perzistiu fundamentalmente a mesma até a concluzão do tomo final da sua FILOZOFIA; embora a elaboração da Sociologia patenteasse cada vez mais a necessidade do acendente do *relativismo* e do predominio da *moralidade*, ambos inherentes ao surto estetico e á supremacia do ponto de vista social. Apreciada no seu conjunto, essa construção inicial do dogma pozitivo satisfez todavia suficientemente ao seu destino, permitindo a concepção geral da ordem futura, mediante um esboço capaz de determinar nas almas seletas a completa eliminação das simpatias teologicas e metafizicas.

Lançadas as bazes mentais da regeneração humana, começava para nosso Mestre uma nova faze, cujo exito dependia essencialmente de uma iniciação afetiva que proporcionasse ao seu coração uma cultura analoga áquela por que havia passado a sua inteligencia. Urgido pela situação social, Ele percebera desde o começo da sua carreira que, para a reorganização mental, não bastava um confuzo e vago acendente do espirito sientifico. Inpoz-se, por isso, o dever de assimilar o conjunto do saber pozitivo, percorrendo, um após outro, todos os termos da jerarchia teorica até então instituidos. Similhantemente, tratando-se agora de proceder á coordenação da vida individual e coletiva, não era suficiente

apanhar de um modo implicito a necessidade da supremacia do altruismo, mediante o reconhecimento geral do acendente da moralidade. Era indispensavel que Ele experimentasse as fortes emoções de uma nobre paixão feminina cuja sistematização é só o que póde impedir que o amor se consuma em indefinidos dezejos, por um lado, e sucumba, por outro lado, sob as energicas solicitações do egoismo.

Para evidenciar quanto era inprecindivel essa cultura do seu coração bastará, como dissestes, a meditação da sagrada correspondencia objetiva e subjetiva, por meio da qual podemos acompanhar hoje a incomparavel acensão religioza de nosso Mestre. Tristemente entregue ao seu izolamento, apezar das mais gloriozas emoções filozoficas e dos mais grandiozos entuziasmos sociais, nós o vemos vitima de solicitações egoistas, ao receber o primitivo influxo da sua imaculada Inspiradora. Sem a doce energia e a espontanea retidão mental desse Anjo inigualavel, a quem os infortunics imerecidos não conseguírão amargurar o coração, nem turvar a inteligencia ou abater o carater, não nos seria dado atualmente contemplar, com justo desvanecimento, e izentos da minima perturbação, o quadro desse ecepcional enlace. E tal situação não contituiu apenas um acidente pessoal; porque a renovação social impunha ao pensador que a tentasse, como inevitavel preambulo, uma completa emancipação mental e moral, e bem assim uma contenção teorica, que não se podião aliar com a cultura afetiva, sem a intervenção de uma mulher egregia. O cazo de nosso Mestre foi, portanto, dominado por fatalidades sociais que explicão a tormenta de sua primeira vida, realçando ao mesmo tempo os dotes sem par de uma alma que teve a

ventura de encontrar o ente capaz de assegurar a sua plena expansão.

Graças a esse salutar concurso, pôde ser enfim construida a Religião definitiva, e, portanto, instituida a eterna coordenação dos pensamentos humanos. Como vereis, em nossas conferencias futuras, a reação intelectual de uma santa paixão privada era só o que faltava para imprimir ao espirito pozitivo o seu cunho final: *a simpatia.*

SEXTA CONFERENCIA

REGENERAÇÃO FUNDAMENTAL DA FILOZOFIA POZITIVA

ADVENTO DA PREPONDERANCIA SISTEMATICA DO AMOR NO

CONJUNTO DO DOGMA

A Mulher.— Antes de entrarmos no assunto de nossa conferencia de hoje, eu sinto, meu pai, a necessidade de manifestar-vos a profunda impressão que me cauzou o contraste entre a primeira e a segunda vida de nosso Mestre. Meditando a sós os trechos que me havieis comunicado foi que senti bem toda a justiça com que Ele apreciou na sua santa correspondencia (32) a imensidade da influencia de nossa terna e imaculada Padroeira. Inspirar uma paixão capaz de tão fecundas reações é quanto basta para atestar a ecelencia d'Aquela que será eternamente a bendita entre as benditas das mulheres. Converter-se, porem, a tal ponto, sob o influxo do amor, se me afigura o mais maravilhozo dos espetaculos oferecidos pela alma humana. É possivel conceber-se demonstração mais deciziva da eficacia regeneradora do altruismo, e da inutilidade atual das ficções teologicas?

O Apostolo.— Mas convem não esquecer nunca, minha filha, que a transformação que vos sucita tão

(32) Vide especialmente a carta n. 32.

justo entuziasmo, constitûi apenas a faze mais caracteristica e mais tocante de uma continuidade sem exemplo. Investigando as metamorfozes historicas, desde o mais remoto fetichismo até hoje, nosso Mestre permitiu que nos reprezentassemos, sem sorpreza, a serie de civilizações, que, á primeira vista, parecem desconexas. Guiado por este antecedente, todo espirito animado de sincero ardor social não terá dificuldade em descobrir a mais perfeita unidade na prodigioza vida que, rezumindo o Passado, anunciou o Porvir, atravez de um Prezente convulcionado. Em un cazo qualquer a filiação só póde ser apanhada, comparando cada faze do dezenvolvimento com os estremos que ela é destinada a ligar, e referindo o conjunto da evolução ao tipo final. Limitando-se a considerar izoladamente um dos estados, não se conseguirá estabelecer siquer a distinção entre os atributos essenciais e as propriedades passageiras, ou mesmo as aberrações accessorias.

Jamais se poderá, portanto, apreciar convenientemente a *Filozofia Pozitiva*, sem partir de uma exata comprehensão do problema humano. O exame deste é só o que permite conhecer a missão rezervada a nosso gloriozo Mestre, bem como compenetrar-se das condições indispensaveis á sua solução. Similhante exame, porem, só tornou-se exequivel graças á benigna influencia da nossa suave Padroeira, porque foi na *Politica* que ficou ele instituido. É por isso necessario começar o estudo da evolução mental de nosso Mestre pela meditação de sua principal obra. Formada ahi a opinião definitiva sobre a verdadeira religião, fica-se habilitado para voltar ao seu passado, e perceber a harmonia de sua *Filozofia*, já com os seus primeiros opusculos, já com a

sua *Politica*. A mesma marcha logica é seguida desde a biologia; pois que é estudando o adulto que nos preparamos para instituir a apreciação das fazes preparatorias de cada ente, e não é começando por estas que conseguimos prever o estado de pleno dezenvolvimento.

Insistindo sobre este ponto, tenho por fin evidenciar-vos o vicio fundamental dos sofistas que afetão encontrar um antagonismo entre as duas partes da carreira filozofica de nosso Mestre. Zelando supostamente a pureza da logica pozitiva, eles a izolão de seu destino religiozo, pretendendo instituir o metodo final em separado da doutrina definitiva. A superficial invocação da *Filozofia* permite-lhes explorar a credulidade de um Publico, vitima da irreverencia revolucionaria, e ao qual a falta de preparação e de lazeres torna quazi inaccessivel a leitura dos livros para que apelão. Bastava, pois que nosso Mestre não houvesse publicado a sua *Filozofia*, para que tal mistificação não tivesse surgido nunca. Ele mesmo foi quem fez esta observação, no seguinte topico de uma carta escrita a um dos seus dicipulos: (33)

O Mestre.— Na vossa carta de domingo á tarde, recebida hoje de manhan, tocou-me especialmente a nobre apreciação em que presinto o juizo final da Posteridade pela minha santa colega eterna. Recentemente conquistei a esse respeito uma segurança completa reconhecendo que sua glorificação moral está irrevogavelmente ligada á convicção intelectual da incontestavel superioridade da minha *Politica* sobre a minha *Filozofia*. Afim de melhor medir essa preeminencia deci-

(33) Carta ao Dr. G. Audiffrent.

ziva, reli especialmente, nestes dias, a melhor parte da *Filozofia Pozitiva*, isto é, os tres capitulos extremos das *conclusões gerais*, que não vira mais, ha quinze anos. Alem da sua sequidão moral que me fez imediatamente ler um canto de Ariosto para reerguer-me, senti profundamente a sua inferioridade mental em relação ao verdadeiro ponto de vista filozofico em que o coração estabeleceu-me plenamente. Nenhum pensador digno poderá agora desconhecer tal contraste, nem, conseguintemente, esquecer a angelica influencia que o produziu, em virtude de uma filiação cujas fazes essenciais são todas nitidamente apreciaveis.

Eu não poderia nunca achar melhor ocazião de comunicar-vos o meu juizo final, que minha biografia consagrará, mas que já circula, ha seis mezes, entre os meus dicipulos parizienses. Consiste ele em que, conquanto eu devesse professar, e mesmo escrever, o curso de *Filozofia Pozitiva*, não devia publicá-lo, salvo no fim da minha carreira, a titulo de puro documento historico, com o meu volume pessoal, em 1864. A preparação que ele realizou me era realmente indispensavel: mas eu podia e devia evitá-la ao publico, no qual a marcha do pozitivismo teria certamente sido mais firme e mais rapida, si não me tivesse diretamente manifestado sinão pela minha *Politica Pozitiva*, depois da minha regeneração moral, de uma maneira plenamente conforme ao principal espirito de meus opusculos fundamentais, diretamente dirigidos para minha destinação social, sem sucitar uma estação inteletual que faz agora surgir, sobretudo na Inglaterra, graves obstaculos á nossa instalação religioza.

Esse erro primitivo, não deixou-me finalmente verdadeira compensação duradora sinão assinalar melhor, por um irrecuzavel contraste, a profunda reação filozo-

fica devida ao acendente espontaneo de minha incomparavel padroeira; nesse sentido, nada devo lamentar. Ninguem espera ver-me finalmente julgar a minha propria carreira com tal severidade, que no entanto não é exagerada. Si o pretendido pozitivismo *intelectual* nos sucita tantos embaraços, é sobretudo a mim que se deve hoje exprobrar a aparente consistencia que seus mesquinhos adeptos jamais terião adquirido sem a consagração sistematica que a minha primeira grande obra parece oferecer-lhes, e que bastaria para vos explicar o cuidado especial que envido, de alguns anos a esta parte, para afastar os novos dicipulos de tal leitura, a qual os antigos devem as suas principais imperfeições. (*Carta de 8 de S. Paulo de 69*)

A Mulher.— Graças ao modo pelo qual efetuou-se a minha iniciação pozitivista vi-me izenta dos perigos que nosso Mestre assinala. O contraste que me patenteastes entre a sua *Filozofia* e a sua *Politica*, apenas contribuiu para mais arraigar o amor que lhe consagrava e á nossa doce Padroeira. Dominada pelas recordações do seu *Volume Sagrado* e do *Catecismo*, só encontrei então novos motivos de reconhecimento e admiração, sem desconhecer a unidade da sua vida glorioza. Foi por isso que quando começastes a ler o juizo que acabo de ouvir, ocorreu-me logo a consideração com que nosso Mestre o atenúa. Realmente, como se poderá condenar uma publicação que fornece a prova irrefutavel da suprema influencia de Clotilde na regeneração humana! Do que me tendes dito acerca das dificuldades levantadas á propaganda da nossa Religião, deprehendo que a falta da *Filozofia* apenas teria impedido uma certa classe de sofismas.

O Apostolo.— Bazeado nesta reflexão, sinto-me tambem arrastado a pensar que a bondade de nosso Mestre tornou-o demaziado severo quanto á responsabilidade que a si atribûi nos pecados alheios. Gravemente afetados pelo revolucionarismo no começo de sua mocidade, alguns dicipulos, posteriormente dos mais fieis, tiverão a desgraça de aceitar a critica dos que alegão rejeitar a Religião da Humanidade, em nome de *Filozofia Pozitiva*. Examinando, porem, escrupulozamente essa triste quadra da sua vida, eles percebêrão, cada vez com maior evidencia, que foi ela devida essencialmente a uma ingrata e leviana prezunção. Inspirando-se na justa veneração devida ao nosso incomparavel Mestre, ninguem jamais será vitima de tão grosseiro embuste, insustentavel ante a fé e a razão. Racionalmente, basta o confronto das obras em questão, quando se está nos cazos de efetuá-lo, para dissipar qualquer objeção leal. Aqueles, porem, que não dispuzerem da instrução indispensavel para tal comparação, tendo de louvar-se na opinião de alguem, não podem sensatamente depozitar menos confiança no Fundador da Filozofia Pozitiva do que nos seus detratores.

A Mulher.— Deploro sinceramente, meu pai, ter provocado, sem querer, uma penoza recordação cuja magua profundamente partilho. Utilizando, ao menos, a sua cruel experiencia, esses dicipulos poderão contribuir para a salvação de outros que porventura se achem em situação analoga áquela que eles já atravessárão. Lenitivo melhor não lhes seria dado encontrar para as amarguras que a lembrança dessa quadra lhes produz.

O Apostolo.— Sem desconhecer o valor da con-

solação a que generozamente aludís, cumpre ter sempre prezente que o *olvido não é mais facultativo em moral do que em arimetica*, como dizia nosso Mestre. Inplacavelmente unido ao pecado, o remorso constitûi a sanção iniludivel de toda falta de que temos consiencia, não conseguindo a mais perfeita reparação izentar-nos totalmente dele. Nas delicias de uma continua dedicação para com o Mestre, o dicipulo que uma vez lhe foi ingrato, sentirá o pezar de o ter amado mal um dia.

As considerações que precedem colocão-me naturalmente nas humildes dispozições com que devemos meditar os ensinos da Humanidade. Libertada do egoismo, graças ao pleno acendente do amor social, a alma do verdadeiro pozitivista póde enfim quebrar todos os laços absolutos, quer teologicos, quer metafizicos, quer sientificos. Vê-se então que não nos deve cauzar nenhum alarma mesmo a perspetiva de não alcançar mais a Humanidade novas aquizições teoricas, de sorte que a siencia ficasse indefinidamente na situação em que nosso Mestre a deixou. Esta conjetural imobilidade seria, com efeito, sem a minima reação essencial sobre a felicidade humana, porque o que existe basta para assegurar, a todos os homens, a mais eminente grandeza moral, como o demonstra o inecedivel exemplo de nosso Fundador. Sentis assim, minha filha, com quanta justiça Ele escrevia a seguinte sentença:

O Mestre.— Não posso reconhecer como verdadeiros dicipulos meus sinão aqueles que, renunciando a fundar eles proprios uma sinteze, considerão a que eu construi como essencialmente suficiente e radicalmente preferivel a qualquer outra. O dever deles é então pro-

pagá-la e aplicá-la sem pretender criticá-la ou mesmo aperfeiçoá-la. (CARTAS A HUTTON, pgs. 72-73)

A Mulher.— A julgar pelo que tenho observado, creio que o meu sexo e o proletariado não terão duvida em colocar-se neste ponto de vista, logo que a nossa Religião lhes fôr suficientemente conhecida. Lamento, porem, não poder contar com a breve realização desta condição, pelas dispozições atuais do patriciado que vejo continuamente entuziasmado com os inventos industriais. Zombando das solicitudes das mulheres, e menosprezando as queixas dos operarios, os ricos preferem os teoristas que partilhão de suas despreocupações sociais e morais. Infelizmente, esta liga dos fortes contra os fracos é tornada ainda mais consistente pelo apoio que lhes presta o clero teologico, depozitario da confiança feminina. Repetindo contra a nossa religião as acuzações feitas ao materialismo, esse clero impede que as mulheres escutem os novos apostolos. Ao passo que os trabalhadores, tantas vezes ludibriados em suas esperanças, involvem a estes na desconsideração que votão aos sacerdocios exhaustos, e na desconfiança com que encarão os sientistas.

O Apostolo.— Conquanto a liga a que aludis ofereça serios obstaculos á penetração da nossa fé no meio feminino e proletario, a sua rezistencia é menor do que imaginais. Um exame mais profundo da sociedade atual patenteia que a vitoria da Religião da Humanidade tem sido mais retardada pela insuficiente dedicação dos seus adeptos do que pela repugnancia do Publico. Tanto assim que os nossos piores adversarios são justamente alguns daqueles que se intitulão pozitivistas e que tiverão a imere-

cida felicidade de gozar da confiança de nosso Mestre. Reparai, por outro lado, que já a melhor parte do clero teologico procura tomar para si uma denominação que só nosso Mestre pôde arrancar da sua materialidade primitiva. Intitulando o catolicismo de *verdadeiro pozitivismo*, os ignacianos inplicitamente fazem a suprema apologia da fé que veio satisfazer o conjunto do programa medievo.

Já não é mais possivel manter, em torno da nova Igreja, a conspiração do silencio. Uma avidez crecente de conhecer a doutrina regeneradora sucede enfim á indiferença e á opozição com que foi acolhido o inicio da sua propaganda. Longe de prejudicar-nos, os ataques que se multiplicão assinalão ás almas capazes de concorrer ativamente na regeneração humana, onde se acha a solução das dificuldades modernas. Instalado definitivamente em varios pontos do Ocidente, o apostolado da Humanidade implora, cada vez com mais energia, a iniciativa redentora de Paris. Apezar, portanto, da abstenção a que a cidade Santa parece condenar-se agora, não é de esperar que ela se conserve por muito tempo surda á voz de nosso Mestre. (33)

A Mulher.— Não reparei a principio quanto era capital, para a conversão do Mundo, o advento de Paris á Religião que dezabrochou em seu seio. Uma experiencia quotidiana veio, porem, em breve

(33) Quando este trecho foi escrito, achava-se em Paris o nosso inolvidavel confrade Jorge Lagarrigue, empenhando todas as forças da sua nobilissima alma no mais ardente e esclarecido apostolado da nossa fé. As esperanças que emitiamos tinhão, pois, um fundamento precizo. Hoje essas esperanças só se bazeião no conjunto das fatalidades humanas, rezumidas nesta consoladora lei: *o homem se agita e a Humanidade o conduz*. Como antes do abnegado esforço do nosso egregio irmão, a catedra apostolica da Religião da Humanidade continua vazia na incomporavel Metropole.

patentear-me o alcance de similhante adhezão, pela frequencia com que vejo fazerem consistir a maior das objeções contra o Pozitivismo, na prezente atitude do prestigiozo berço da nossa Padroeira.

O Apostolo.—Nessa adhezão rezide, com efeito, minha filha, o passo decizivo para a vitoria da nossa Religião. Enquanto a nova fé não prevalecer em Paris, os seus mais esplendidos triunfos alhures não poderão arrastar a Terra, e nem siquer inspirar a inabalavel confiança indispensavel a uma perfeita paz. Similhante fatalidade ficou assás fundamentada por nosso Mestre na seguinte apologia:

O Mestre.— Paris não é uma cidade. Paris é a França; Paris é a Europa; Paris é o Ocidente; Paris é a Terra.

O Apostolo.— Francamente colocados no ponto de vista relativo instituido pelo amor social, podemos, pois, encetar a apreciação da evolução final do pensamento do nosso Mestre. Sabeis que o pozitivismo religiozo começou realmente, «na precioza entrevista inicial de venerdia 16 de Maio de 1845, quando o seu coração proclamou inopinadamente, com sorpreza da familia de Clotilde, a sentença caracteristica (*não se póde pensar sempre, mas se póde amar sempre*) que, completada, tornou-se a diviza especial da sua *Politica*». Inaugurada assim, a supremacia do amor não tardou em produzir a regeneração da logica até então reduzida dogmaticamente á combinação dos sinais para a demonstração da *verdade*. Seria impossivel retraçar-vos essa comovente evolução melhor do que o fez a seguinte passagem que já vos é familiar.

O Mestre.— ...Tal é a missão fundamental que tanto amadureceste em mim. Ela requer sobretudo um concurso permanente entre o digno padre (filozofo ou poeta) e a santa mulher (espoza ou mãi).

O verdadeiro regimen intelectual exige tambem essa intima coalição, unica capaz de instituir, segundo o conjunto do passado, a logica final, a um tempo de sentimentos, imagens, e sinais. Desde então a expressão abstrata, a reprezentação ideal e a impressão afetiva se assistirão regularmente segundo as leis apreciaveis de sua harmonia natural, afim de concorrerem alternativamente para o aperfeiçoamento habitual dos pensamentos humanos até aqui entregues a um surto empirico. Essa consagração definitiva da inteligencia ao serviço da sociabilidade devia primeiro realizar-se em mim sob nossa a santa união, antes de poder ser regulada e formulada para os outros. Indo abrir o meu curso de 1846, no qual a tua influencia foi já tão profunda, exprimi-te similhante convicção por esta passagem carateristica: *Vosso nobre acendente ligou profundamente o surto habitual dos meus mais altos pensamentos ao dos meus mais ternos sentimentos*. Esta intima conexidade constituia por tal forma a baze espontanea da religião final que agora meu coração repete secretamente, cada domingo, essa mesma formula, perante a tua imagem ideal, subindo á catedra pontificia. A minha constante gratidão, quotidiana, hebdomadaria, e anual, não oferecerá jamais sinão o dezenvolvimento sempre novo desse assunto inesgotavel, que já domina toda a nossa precioza correspondencia. (Vol. Sagr., 5ª *Santa Clotilde*, p. 147)

A Mulher.— Como é comovente esse quadro de uma grande alma transformando nos mais altos beneficios sociais os extazes de uma sublime afeição privada!

O Apostolo.—Si a perda de um ente idolatrado apenas pelos seus dotes domesticos, determina tão frequentemente o dezespero, nos corações amantes, quem medirá a imensidade de uma dôr na qual se confundião as mais cruciantes angustias de espozo, de pai e de regenerador? O acabrunhamento que rezultou da rudeza de tal golpe mal póde ser imaginado por estas palavras de nosso Mestre:

O MESTRE.— Foi precizo todo o poder das minhas convicções filozoficas contra o suicidio, fortificado pelo sentimento fundamental da alta missão social que me resta preencher, para sobreviver sem hezitação a similhante catastrofe! (CARTAS A STUART MILL. Carta de Maio de 1846, p. 415.)

A Mulher.— Talvez nos seja licito conceber a conservação de nosso Mestre como o primeiro fruto da assistencia subjetiva da sua eterna companheira. Era possivel dezempenhar, sem viver, o compromisso que Ele tantas vezes tomara e confirmou junto da sua Inspiradora moribunda: *Não vos souberão conhecer, mas eu vos farei apreciar...*? (35)

O Apostolo.— O exame da nossa natureza não permite, creio eu, pensar de outra fórma. Donde, sinão do altruismo exaltado por aquela adoração sem exemplo, poderia vir a força capaz de manter a unidade cerebral? Rezignando-se a uma fatalidade irremediavel, Ele sentiu que a sua vida constituia o mais preciozo legado da sua Bem-Amada, e aplicou -se a não permitir que similhante tezouro se esgotasse, antes que as almas dignas houvessem podido avaliar a ecelencia da nossa santa Padroeira. Ani-

(35) VOLUME SAGRADO, *Orações* p. 88.

mado por esse zelo, o seu coração transbordou de gratidão por um Passado que se rezumia em tão angelica produção; de dedicação por uma Posteridade que havia de glorificá-la; de amor por um Publico que, embora inconsientemente, lhe garantia o exito da sua missão.

Bastava, pois, o culto assiduo da memoria idolatrada para desvendar-lhe o supremo atributo da Humanidade,— a simpatia. Erigido em objetivo dos mais intimos afetos, o Gran-Ser, cuja aptidão sintetica e sinergica a sociologia patenteára, assumiu a inecedivel dignidade de eterno centro religiozo. Não fôra nunca, e nem jamais seria dado oferecer ao coração, á inteligencia, e á atividade, um rezumo mais completo de todos os esforços humanos. Era impossivel perceber simílhante reação dogmatica enquanto a violencia da dôr absorvesse o seu cerebro na contemplação do quadro funebre. Dominando, porem, o seu acabrunhamento, para entregar-se á glorificação da sua Bem-Amada, a imagem da Especie que só poderia ressucitá-la subjetivamente, iria aos poucos combinando-se com a da peregrina Senhora. E á medida que se fosse tornando mais habitual a dupla evocação, os dois ideais tenderião á fundir-se, convertendo-se Clotilde na reprezentação sintetica do Ente-Supremo que a criára, e que Ela revelára. Tal fuzão devia efetuar-se mesmo, segundo todas as probabilidades, quando a primeira reprodução das unicas condições objetivas da terrivel catastrofe sucetiveis de espontanea repetição, viessem sublimar uma dôr que se aliava já com a ardente esperança da apoteoze.

A Mulher.— Longe estava de imaginar que a tocante conexão que eu supunha devida á uma

consoladora coincidencia, rezultava de tão augusta identificação.

O Apostolo.— Uma investigação escrupuloza confirmará sempre o leal testemunho de nosso Mestre acerca da filiação entre as suas descobertas relijiozas e as inspirações do seu culto intimo. Sob o prestigio objetivo da nossa imaculada Padroeira, vistes como Ele reconheceu logo a supremacia do amor sobre a inteligencia, e percebeu a eficacia logica do sentimento. Instituido assim espontaneamente o metodo subjetivo, «o primeiro rezultado filozofico da sua renovação final consistiu, a 2 de Novembro de 1846, após o surto necessario da mais justa dôr, no quadro cerebral do qual data o curso ininterrompido da sua segunda carreira publica». (36) A teoria da nossa alma não adquiriu, porem, desde essa epoca a fórma que vos é conhecida, como o indicão as seguintes palavras da POLITICA:

O MESTRE.— Esta classificação pozitiva das funções centrais do cerebro não cessou nunca mais de ocupar-me, quer escrevendo o meu discurso preliminar, quer durante os dois cursos pozitivistas, um dogmatico, outro historico, pelos quais foi aquele precedido ou seguido. Nesses trez anos aperfeiçoei gradualmente o referido quadro sistematico, mediante dez redações sucessivas, a ultima das quais (de 4 de Janeiro de 1850) parece-me enfim o ter conduzido ao seu estado normal, segundo o qual vou expor a minha teoria cerebral. (I, 679-680)

A Mulher.— Ser-me-ia bem grato, meu pai, conhecer a serie de fazes por que passou o pensamento

(36) POLITICA POZITIVA I, p. 679.

de nosso Mestre em tão sublime assunto. As redações sucessivas a que Ele alude devem naturalmente permitir-nos apanhar a influencia da sua doce Colaboradora na rezolução de um problema que tanto interessa a meu sexo.

O Apostolo.—Ligando a necessaria importancia a este ponto, ja tencionava chamar a vossa atenção para os aludidos documentos, que se achão no tratado patologico de um nosso confrade. (37) Uma *nota explicativa* que os acompanha vos facilitará o estudo comparativo deles. Será, portanto, suficiente indicar-vos agora a santa filiação que sobretudo vos preocupa.

Tive, ha pouco, ensejo de recordar-vos as comoventes circunstancias em que surgiu o dogma da Humanidade. Implicitamente, similhante revelação transformou a Filozofia em Religião, patenteando o carater simpatico das concepções pozitivas, e instituindo altruistamente a existencia humana. A palavra *religião* não aparece, porem, de um modo sistematico (38) com a formula *viver para outrem*, (39) sinão na redação de 11 de Cezar de 61 (3 de Maio be 1849). Na redação precedente, de 21 de Novembro de 1848, vem pela primeira vez a nossa formula sagrada, no seu enunciado primitivo: *O Amor por principio, a ordem por baze, e o progresso por fim*; que, entretanto, ja rezumia o Pozitivismo no seu DISCURSO SOBRE O CONJUNTO. A maxima que cara-

(37) Dr. Audiffrent. *Maladies du Cerveau.*

(38) No DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO (1ª edição, pagina 321) lê-se a fraze: «É assim que o Pozitivismo torna-se enfim uma verdadeira religião». (Julho de 1848)

(39) *Ibidem* (pagina 348): «Viver para outrem, torna-se assim a felicidade suprema.»

teriza o conjunto da nossa existencia (*agir por afeição, e pensar para agir*), surge enfim na redação de 21 de Shakespeare de 61 (30 de Setembro de 1849), com uma ligeira alteração no primeiro hemistichio (*agir porque se ama, e pensar para agir*).

É incontestavel que esta serie de progressos constitûi apenas a sistematização da existencia espontaneamente instituida pelo seu culto intimo. Distingue-se a santa colaboração da nossa ecelsa Padroeira mesmo na formula que rezume o Pozitivismo, em relação á qual a sociologia apenas podia fornecer-lhe a baze e o fim. Unicamente aquela incomparavel adoração era, porem, sucetivel de revelar-lhe o principio de toda ordem e o fito de todo progresso.

A Mulher.— A aplicação posterior da nossa formula religioza ao culto particular da nossa doce Padroeira (40) não mostra demais, meu pai, que Esta poderia tê-la sugerido integralmente?

O Apostolo.— Racionalmente nada se opõe a tão grata conjetura. Deveis, porem, não esquecer que toda a evolução de nosso Mestre rezultou da combinação do seu nobre ardor social com a sua inecedivel paixão privada. Os dois afetos erão indispensaveis para patentear a completa eficacia do altruismo, um evidenciando as qualidades comuns que no outro erão espontaneamente menos pronunciadas.

Cada uma das formulas sistematicas que acabamos de recordar traduzindo um melhor conhecimento da nossa natureza, podeis ja sentir a participação da nossa inclita Padroeira na sinteze cerebral. Ha, porem, na *Invocação Final* da POLITICA a se-

(40) VOLUME SAGRADO, *Confições*, p. 162.

guinte observação, que nos induz a apanhar melhor similhante influencia:

O Mestre.— A minha construção da teoria cerebral liga-se por tal fórma á instituição do metodo subjetivo que todas as almas assás simpaticas para tornarem-se verdadeiramente sinteticas sentirão o teu concurso necessario em uma elaboração *mais feminina do que masculina*. (IV, p. 548)

O Apostolo. — Independentemente das redações sucessivas do quadro cerebral, a colaboração de Clotilde nessa teoria patenteia-se, com efeito, a vista da distribuição que, das leis naturais, encontrastes no Catecismo. Lembrai-vos que estas sendo fizicas, intelectuais, e morais, «as primeiras pertencem espontaneamente ao sexo ativo, e as ultimas ao sexo afetivo, ao passo que a ordem intermediaria constitûi o dominio proprio do sacerdocio, o qual devendo sistematizar o concurso dos dois sexos participa dezigualmente na dupla vida de ambos». (41) O estudo da alma preocupando, portanto, sobretudo a mulher, o exito das locubrações frenologicas de nosso Mestre estava, como vêdes, indissoluvelmente ligado á perfeita assimilação das qualidades mentais femininas.

Mas essa identificação requeria primeiramente que Ele reconhecesse que o raciocinio normal exige a combinação das imagens e dos sinais com os sentimentos, conforme o tipo habitualmente oferecido pelas mulheres, e imitado pelos poetas. A essa convicção cumpria juntar as dispozições verdadeiramente femininas, na aplicação de um metodo que só

(41) Catecismo, p. 123 da tradução brazileira, 1ª edição.

é plenamente cultivado pelo vosso sexo. Rezumem-se essas duas condições em uma hipoteze sintetica; pois que, o estudo da alma preocupando espontaneamente a mulher, e o metodo feminino sendo o unico eficaz em tal assunto, bastava para rezolver o problema, que uma mulher eminente o abordasse, após uma conveniente preparação teorica. Intrinsecamente considerado, esse aperfeiçoamento de um cerebro feminino, constitũi um problema mais accessivel do que a renovação de um genio masculino, mediante a aquizição dos dotes peculiares ao sexo amante. A cultura moral indispensavel a esta regeneração aprezenta de fato, ao homen, maiores dificuldades, do que as que a iniciação filozofica oferece á mulher. Nenhum esforço intelectual sendo aliás capaz de substituir as reações que formão o apanagio do exercicio afetivo, percebe-se que, sem o influxo de uma nobre paixão, nunca teria um pensador penetrado os refolhos da alma humana. Acrece que o exame de um tipo feminino superior, intimamente conhecido do Filozofo era uma condição indispensavel para assegurar o sucesso da meditação, em consequencia da nitidez atingida pelos atributos mais nobres, então no maximo de energia, e menos velados pelas qualidades subalternas.

Fazendo, pois, um estudo consienciozo da evolução mental de nosso Mestre, ninguem poderá desconhecer a gloria que dela reverte para a sua angelica Inspiradora. Rediviva por um culto incessante, a sua imagem arrebatava-o ao ideal religiozo, já aperfeiçoando a natureza dele, já oferecendo em si mesma, o tipo supremo da grandeza humana. Assim foi Ele colhendo sucessivamente todos os frutos dessa imaculada união, que a morte viera sublimar com a

sua irrevocabilidade. Na primitiva instituição do quadro cerebral patenteou-se já a eficacia teorica de tão incomparavel padroado. Sendo a concepção do metodo inseparavel da apreciação da doutrina, o esboço de similhante construção devia coincidir com a primeira manifestação carateristica da logica normal. Inaugurando assim espontaneamente o acendente mental do coração, era ainda necessario o advento do dogma da Humanidade, afim de que fosse possivel sistematizar o predominio intelectual do sentimento. Sem esse dogma torna-se inpraticavel a regeneração pozitiva do metodo subjetivo, porque só a Humanidade póde coordenar os nossos afetos, assegurandc ao espirito a unidade de impulso e de fito.

A Mulher.— Comprehendo como, para sistematizar o metodo subjetivo, nosso Mestre devia sentir-lhe previamente a eficacia por uma aplicação espontanea e decíziva. Antes, porem, da sua *Quinta Santa Clotilde* formular diretamente a combinação das imagens e dos sinais com os sentimentos, a sua *Dedicatoria* parece-me ter preparado esse passo, proclamando que no amor rezidia o *principal carater definitivo do pozitivismo.* (4 de Outubro de 1846)

O Apostolo.— Lembrando essa sentença de nosso Mestre, assinalais de fato o principio cardeal que consolidou a sua elaboração filozofica, e constituiu ao mesmo tempo a origem da sua segunda carreira. A ele se prende imediatamente, como acabais de ver, os tres passos iniciais da acensão religioza de nosso Mestre, os quais caraterizão o primeiro volume da POLITICA. Uma apreciação preliminar de tais passos é só o que permite emprehender com segurança o estudo da evolução final do

dogma pozitivo, que não póde oferecer a minima dificuldade, para quem os houver plenamente assimilado. Refletindo nos textos que vou ler-vos, encontrareis os fundamentos diretos da constituição definitiva da nossa fé, e, portanto, a cabal refutação dos sofismas que se lhe opõe. As nossas primeiras citações referem-se ao DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO (1ª edição, Julho de 1848), quando o nosso Mestre não havia sistematicamente rezumido na palavra *Religião* as aptidões regeneradoras da sua doutrina.

Demonstrando a superioridade afetiva da nova filozofia, faz Ele logo as seguintes ponderações:

O MESTRE.— Porem um exame mais aprofundado retificará plenamente essa primeira apreciação, mostrando que a sequidão com justiça exprobrada até hoje ás inspirações pozitivas provêm sómente da especialidade empirica do seu surto preliminar, sem ser de modo algum inherente á sua verdadeira natureza. Surgida primeiramente dos impulsos materiais, e longo tempo circunscrita aos estudos inorganicos, a pozitividade não perziste, de ordinario, antipatica ao sentimento sinão por não se ter ainda tornado assás completa e assás sistematica. Extendendo-se ás especulações sociais, que devem formar o seu principal dominio, ela perde necessariamente os diversos vicios peculiares á sua longa infancia. Em consequencia mesmo da sua realidade carateristica, a nova filozofia acha-se arrastada a tornar-se ainda *mais moral do que intelectual*, e a colocar na vida afetiva o centro da sua propria sistematização, para reprezentar exatamente os direitos respetivos do espirito e do coração na verdadeira economia da natureza humana, quer individual, quer coletiva. A elabo-

ração das questões sociais a conduz hoje a dissipar radicalmente as *orgulhozas iluzões inherentes á sua preparação sientifica, quanto á pretendida supremacia da inteligencia*. Sancionando a experiencia universal, ainda melhor do que o pôde fazer o catolicismo, o pozitivismo explica porque a felicidade privada e o bem publico dependem muito mais do coração do que do espirito. Alem disso, porem, o exame direto da questão de sistematização o conduz a proclamar que a unidade humana só póde rezultar de uma justa preponderancia do sentimento sobre a razão e mesmo sobre a atividade.

A nossa natureza sendo caraterizada ao mesmo tempo pela inteligencia e pela sociabilidade, a unidade parece a principio poder estabelecer-se segundo dois modos diferentes, conforme a supremacia pertence a um ou a outro atributo. Não existe, todavia, sinão um só modo de sistematização, porque os dois atributos estão longe de poder igualmente prevalecer. Quer se considere a natureza propria de cada um deles, ou se comparem as suas energias respetivas, póde-se claramente reconhecer que a inteligencia não comporta realmente outra destinação duradoura sinão servir á sociabilidade. Quando, em lugar de constituir-se dignamente o principal ministro, ela aspira ao dominio, não consegue jamais realizar as suas orgulhozas pretenções, que so pódem vir a dar em uma dezastroza anarchia.

. . . .

Por mais real que seja, sem duvida, a satisfação ligada á pura descoberta da verdade, não possûi ela nunca assaz intensidade para dirigir a conduta habitual; o impulso de uma paixão qualquer é mesmo indispensavel á nossa mesquinha inteligencia para determinar e sustentar quazi todos os seus esforços. Si esta inspiração emana de uma afeição benevola, torna-se notavel

por ser mais rara e mais estimavel; a sua vulgaridade impede, pelo contrario, de distingui-la quando é devida aos motivos pessoais de gloria, de ambição, ou de cubiça: tal é, no fundo, a unica diferença ordinaria. Quando mesmo o impulso mental rezultasse, com efeito, de uma especie de paixão ecepcional pela pura verdade, sem nenhuma mistura de orgulho ou vaidade, este exercicio ideal, desprendido de toda distinação social, não cessaria de ser profundamente egoista. Terei brevemente ensejo de indicar como o pozitivismo, ainda mais severo do que o catolicismo, imprime necessariamente um energico estigma sobre similhante tipo metafizico ou sientifico, no qual o verdadeiro ponto de vista filozofico faz altamente reconhecer um criminozo abuzo das facilidades que a civilização proporciona, para fim bem diverso, á existencia contemplativa.

É assim que o principio pozitivo, espontaneamente emanado da vida ativa, e sucessivamente estendido a todas as partes essenciais do dominio especulativo, acha-se, em sua plena maturidade, inevitavelmente conduzido, por uma consequencia natural da sua realidade carateristica, a abraçar tambem o conjunto da vida afetiva, onde ele coloca logo o unico centro da sistematização final. O pozitivismo erige pois doravante em *dogma fundamental, a um tempo filozofico e politico, a preponderancia continua do coração sobre o espirito.* (*Ibidem*, p. 12-16)

O Apostolo.— Explicando em seguida os vicios intelectuais da tentativa de coordenação afetiva realizada pelo teologismo, nosso Mestre observa:

O Mestre.— Por isso a humanidade não póde mais dar passo algum decizivo sem renunciar total-

mente ao principio teologico, que já não conserva, no Ocidente, outra eficacia essensial sinão manter, por sua resistencia necessaria, a verdadeira pozição da questão principal, obrigando a nova sistematização a se *concentrar assim na vida afetiva*, mau grado os preconceitos e os habitos peculiares á imensa tranzição revolucionaria que dura desde o fim da idade-média. Mas o pozitivismo, preenchendo, ainda melhor do que qualquer teologismo, essa condição fundamental de toda organização, termina necessariamente a longa insurreição do espirito contra o coração; pois que, por uma decizão, a um tempo espontanea e sistematica, concede á inteligencia a livre participação total que lhe pertence no conjunto da vida humana. Em virtude da interpretação pozitiva do grande principio organico, o espirito não deve essencialmente tratar sinão as questões postas pelo coração para a justa satisfação final das nossas diversas necessidades. A experiencia já demonstrou sobejamente que, sem essa regra indispensavel, o espirito seguiria quazi sempre o seu pendor involuntario para as especulações ociozas ou chimericas, que são ao mesmo tempo as mais numerozas e as mais faceis. (*Ibidem*, p. 18)

O Apostolo.— Santificando assim a inteligencia pela sua subordinação ao coração, nosso Mestre passa a mostrar como dahi rezulta a digna participação do espirito na instituição da unidade humana, em virtude da excluziva aptidão deste para formar os elementos objetivos da fé, sem a qual o amor não poderia vencer o egoismo e dirigir a atividade. Insistindo então sobre o verdadeiro carater indutivo do dogma pozitivo, Ele premunia os espiritos emancipados contra qualquer tendencia absoluta, já na

sua comprehensão propria, já nas deduções que dele se pretendessem tirar:

O MESTRE.— A seu principio subjetivo, a preponderancia do sentimento, o pozitivismo associa, portanto, uma baze objetiva, a imutavel necessidade exterior, que é só o que permite realmente subordinar á sociabilidade o conjuncto da nossa existencia.

. . . .

Esse dogma fundamental do pozitivismo deve ser concebido, não como o produto instantaneo de uma inspiração geral, mas como o rezultado gradual de uma imensa elaboração especial, que começou com o primeiro exercicio da razão humana, e que está apenas acabada hoje nos seus orgãos mais adiantados. Ele constitûi a mais precioza aquizição intelectual do conjunto da humanidade, preparando com esforço, durante a sua longa infancia, o unico regimen que convenha finalmente á sua verdadeira natureza. Em todos os cazos fundamentais, ele não é realmente demonstravel sinão pela observação, *salvo a extensão por analogia.* Jamais comporta ele provas dedutivas sinão para com os fenomenos evidentemente compostos daqueles nos quais ele já está constatado. É assim, por exemplo, que somos logicamente autorizados a admitir, *em geral*, leis meteorologicas, conquanto a maioria delas seja ainda ignorada, e deva talvez ficar sempre desconhecida: pois que, similhantes acontecimentos não rezultão por certo sinão de um concurso de influencias naturais, astronomicas, fizicas, chimicas, etc., cada uma das quais foi reconhecida estar sujeita a uma ordem invariavel. Mas em relação a todos os fenomenos verdadeiramente irredutiveis a outros, uma indução especial é só o que póde determinar, a esse respeito, a nossa convicção: como

poderia ser deduzido um principio necessariamente destinado a fornecer a baze tacita de toda dedução real? (*Ibidem*, p. 23-25)

O Apostolo.— O quarto volume da POLITICA tornará ainda mais relativa a concepção desse grande principio, patenteando o seu carater mais subjetivo do que objetivo.

A Mulher.— Mesmo quanto á sua extensão dedutiva aos fenomenos complexos, já vi que comportava certas reduções. É concebivel, com efeito, que um acontecimento esteja sujeito a leis naturais, sem excluir a participação de vontades subalternas. Limitando-se aos cazos morais, essas restrições são tão evidentes que não sei como possão ser contestadas. O conjunto das leis naturais domina sem duvida os fatos sociais; mas como esplicá-los totalmente sem completar as leis pelas vontades, conforme o preceito de nosso Mestre?

O Apostolo.— Bastaria qualquer dos fenomenos da vida de relação e muitos da vida vegetativa, para evidenciar a conciliação a que aludis. É só por desconhecer o carater relativo do dogma das leis naturais que muitos são levados a preferir uma capcioza dedução objetiva a essa interpretação subjetiva dos acontecimentos concretos. Negando as vontades de um modo absoluto eles afirmão que estas só nos parecem existir porque nós desconhecemos as leis correspondentes. É facil entretanto ver o carater metafizico de uma hipotese antipatica e anti-estetica que, por natureza, será eternamente inverificavel. Variando infinitamente os acontecimentos compostos, dentro de certos limites, como será possivel explicar tudo pelas leis, sem cahir no vago ontologismo?

Instituindo a hipoteze mais simples, e a mais simpatica, não se póde deixar de preferir a explicação indutiva dos fatos concretos, mediante a intervenção secundaria das vontades, á nebuloza conjetura dedutiva de leis eternamente inacessiveis. Destituida de qualquer vantagem, similhante chimera serve apenas para fomentar o orgulho teorico, privando o sentimento, a atividade, e a propria inteligencia dos recursos que só podem provir da consiente fetichização da ordem concreta.

Todavia não chegou nosso Mestre a essa completa subordinação do espirito ao coração sinão mediante uma evolução gradual, cujo termo definitivo ja vos é conhecido. Regenerado pelo amor, começou Ele por firmar, em principio, a necessidade de uma inteira coordenação subjetiva, como vereis na seguinte passagem :

O Mestre.— Sentir-se-á como a principal dificuldade desta sinteze definitiva consistia, ouzo dizê-lo, na descoberta da minha teoria fundamental da evolução humana, si considerar-se que similhante teoria, ao mesmo tempo que completa e coordena essa baze objetiva, a subordina espontaneamente ao principio subjetivo, *que deve sempre dirigir o conjunto da construção filozofica*. Apreciando assim a ordem universal, a inteligencia, demaziado ufana por um oficio indispensavel que só ela póde preencher, é muitas vezes disposta a desconhecer a sua destinação necessaria ao serviço continuo da sociabilidade : ela tende a seguir livremente o seu pendor natural para as divagações especulativas, tão fortificadas hoje pelos habitos empiricos peculiares ao surto preliminar das especialidades pozitivas. É precizo, portanto, que a inspiração subjetiva a chame incessan-

temente á sua verdadeira vocação, impedindo que as suas contemplações tomem um carater absoluto e uma extensão ilimitada, que reproduzirião, sob a fórma sientifica, os principais inconvenientes do regimen teologico-metafizico. *O universo deve ser estudado não por si-mesmo, mas para o homem, ou melhor para a humanidade.* Qualquer outro dezignio seria, no fundo, tão pouco racional como pouco moral : porque *é sómente como subjetivas, e jamais como puramente objetivas,* que as nossas especulações reais pódem ser verdadeiramente satisfatorias, quando se limitão a descobrir, na economia exterior, as leis que, de uma maneira mais ou menos direta, influem de fato sobre os nossos destinos. Fóra desse dominio, *determinado pela sociabilidade*, os nossos conhecimentos perzistirão sempre tão imperfeitos como ociozos, mesmo no que concerne aos mais simples fenomenos, como o atesta a astronomia. Sem essa constante preponderancia do sentimento, o espirito pozitivo retrogradaria em breve para as predileções espontaneas da sua longa infancia em relação ás contemplações mais afastadas do homem, que são tambem as mais faceis. Enquanto a sua iniciação estava incompleta, essa tendencia natural para proseguir indistintamente todas as pesquizas verdadeiramente acessiveis, pôde justificar-se pela eficacia logica que comportava a maioria das que erão desprovidas de qualquer utilidade sientifica. Porem, desde que o metodo pozitivo se acha assás dezenvolvido para dever ser diretamente votado á sua verdadeira destinação, esses exercicios ociozos prolongão viciozamente o regimen preliminar. Essa vaga anarchia especulativa toma mesmo um carater cada vez mais retrogrado, tendendo a destruir os principais rezultados obtidos pelo espirito de detalhe, enquanto este conservou-se verdadeiramente progressivo. (*Ibidem*, p. 34-35)

O Apostolo— A aplicação de similhante norma conduziu logo nosso Mestre a reconhecer que a plena sistematização da vida humana apenas exigia a instituição da siencia abstrata. Julgando embora ainda exequivel o projeto de construir-se uma siencia concreta, Ele patenteou desde então que esta podia ser dispensada sem o minimo inconveniente.

O MESTRE.— Para restringir convenientemente a construção da nossa baze objetiva, devemos primeiro distinguir, na ordem exterior, duas classes gerais de leis naturais, umas simples ou abstratas, outras compostas ou concretas. A minha obra fundamental por tal modo estabeleceu e aplicou essa indispensavel distinção, doravante incontestavel, que basta-me aqui caraterizar a sua origem e uzo.

Ela rezulta, em principio, do fato de poderem os nossos estudos pozitivos sempre concernirem ou os seres existentes, ou sómente os seus diversos fenomenos. Conquanto os corpos reais não se nos tornem apreciaveis sinão pelo conjunto dos fenomenos que nos oferecem, podemos contemplar abstratamente cada sorte de fenomeno sob um aspeto comum a todos os entes que no-lo aprezentão, ou fazer o exame concreto do grupo particular de fenomenos que carateriza cada um deles. Neste ultimo cazo, estudamos os diferentes sistemas de existencia; no outro, determinamos os diversos modos de atividade. O exemplo, acima indicado, dos estudos meteorologicos, constitûi o melhor tipo dessa distinção geral; pois que os acontecimentos ahi considerados não são jamais, sinão evidentes combinações de fenomenos astronomicos, fizicos, chimicos, biologicos, e mesmo sociais, cujas leis proprias comportão e exigem outras tantas teorias diferentes. Si todas essas leis abstratas

nos fossem assás conhecidas, a questão concreta não nos ofereceria outra dificuldade capital sinão a de combiná-las bastante para delas deduzir a ordem necessaria desses efeitos compostos; conquanto similhante construção pareça-me aliás eceder tanto as nossas fracas faculdades dedutivas que não poderiamos ainda abandonar, a esse respeito, a marcha puramente indutiva.

Em virtude de similhante distinção, o nosso estudo fundamental da economia natural deve certamente concernir primeiro á sua apreciação abstrata, decomposta em tantos cazos gerais quantos fenomenos verdadeiramente elementares existirem, isto é, irredutiveis a outros, e exigindo desde então, apezar da sua conexidade necessaria, outras tantas induções diversas, sem que a sua teoria possa jamais estabelecer-se só por meio da dedução. A sistematização especulativa não póde diretamente abraçar sinão essas contemplações simples, que tornar-se-ão em seguida o fundamento racional das contemplações compostas. *Quando mesmo estas, por sua complicação superior, não comportassem nunca uma plena coordenação, a unidade teorica poderia limitar-se ás primeiras, sem ficar abaixo da sua verdadeira destinação, como baze objetiva da grande sinteze humana.* Porque, esse fundamento abstrato nos permitiria ja introduzir por toda parte, em certo grau, a marcha dedutiva, de maneira a ligar assás todos os nossos pensamentos quaisquer para tornar possivel uma suficiente sistematização habitual dos nossos sentimentos e dos nossos atos, segundo o fim da san filozofia. *O estudo abstrato da ordem exterior oferece-nos pois a unica sinteze que seja verdadeiramente indispensavel á elaboração direta da unidade total.* Ela constitûi, em si mesma, um fundamento bastante para o conjunto da nossa sabedoria, que ahi encontra essa *filozofia primeira*,

tão confuzamente postulada por Bacon como a baze necessaria do regimem normal da Humanidade. Desde que temos coordenado todas as leis abstratas dos diversos modos gerais da atividade real, a apreciação efetiva de cada sistema particular de existencia cessa logo de ser puramente empirico, conquanto a maioria das leis concretas nos fique ainda desconhecida. Isso é sobretudo sensivel para com o cazo mais dificil e mais importante; porque basta-nos, evidentemente, conhecer as principais leis, estaticas e dinamicas, da sociabilidade, para sistematizar convenientemente toda a nossa existencia publica e privada, de maneira a aperfeiçoar muito o conjunto dos nossos destinos. Si a filozofia atingir similhante fim, o que já não é duvidozo, dever-se-á lastimar pouco que ela não possa explicar assás todos os regimens sociais que o tempo e o espaço aprezentão ás nossas contemplações. *Diciplinada pelo verdadeiro sentimento, a razão moderna saberá doravante regular sabiamente uma curiozidade indefinida, que consumiria em pesquizas ociozas as poucas potencias especulativas donde a humanidade tira os seus mais preciozos recursos na sua luta tão dificil contra os vicios da ordem natural.* A descoberta das principais leis concretas poderia, sem duvida, contribuir muito para o melhoramento dos nossos destinos, exteriores e mesmo interiores; é sobretudo nesse campo que o nosso porvir sientifico comporta uma ampla mésse. Mas o seu conhecimento *não é de modo algum indispensavel* para permitir hoje a sistematização total que deve preencher, em relação ao regimem final da Humanidade, o oficio fundamental que realizou outrora a coordenação teologica quanto ao regimen inicial. Essa inevitavel condição não exige certamente sinão a simples filozofia abstrata: *de sorte que a regeneração seria possivel, quando*

mesmo a filozofia concreta jamais devesse tornar-se satisfatoria. (*Ibidem*, p. 37-40)

A Mulher.— A admissão da filozofia concreta ficava, pois, desde então dependendo mais do reconhecimento das suas vantagens accessorias, do que da convicção da sua exequibilidade.

O Apostolo.— Não se póde realmente pensar de outra fórma, á vista das considerações precedentes. O seguinte trecho do capitulo final deste mesmo DISCURSO, confirma aliás, de um modo decizivo, simillhante concluzão:

O MESTRE. — Subzistir em outrem constitûi um modo muito real de existencia, pois que é assim que se realiza, no fundo, a melhor parte da nossa. A impotencia em que nos achavamos até aqui de colocar-nos sistematicamente no ponto de vista social impedia-nos de apreciar tal verdade. Mas uma sinteze completa, que o culto estetico da Humanidade deve tornar familiar a todos, abrir-nos-á em breve as imensas satisfações morais peculiares ao pleno surto direto dos sentimentos de solidariedade e sobretudo de continuidade. Essa faculdade de prolongar livremente a nossa vida pelo passado e pelo futuro, a fim de melhor desenvolvê-la no prezente, constitûi a reparação necessaria das pueris ilusões que perdemos irrevogavelmente. Chegada enfim á sua maturidade, a mesma siencia que nos roubou essas consolações subjetivas constroi hoje a baze objetiva de uma compensação dantes impossivel, permitindo a cada um uma inteira incorporação no Gran-Ser, cujas leis estaticas e dinamicas ela nos revela. Sob esse alicerce inabalavel, só a poezia póde organizar o culto publico e privado que nos associará intimamente a essa

universal existencia, ininteligivel aos espiritos não emancipados. Assim esclarecida pela razão, a imaginação tomará um surto mais completo e mais eficaz do que na sua estréia politeica. *Os padres da Humanidade saberão reduzir a siencia a construir o dominio fundamental da arte, tanto estetica como tecnica.* Mas, assim constituida, a poezia tornar-se-á, segundo a nossa natureza, a principal ocupação, ativa ou passiva, das nossas faculdades especulativas. (*Ibidem*, p. 342-343)

O Apostolo.— São bastantes essas citações para que as almas simpaticas compenetrem-se de que o carater decizivo da racionalidade pozitiva rezide na plena subordinação da inteligencia ao altruismo. Adquirida sinceramente essa convicção, ninguem hezitará em reconhecer, no imenso progresso dogmatico que a *Introdução* da POLITICA aprezenta em relação ao DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, apenas o dezenvolvimento desse carater. Não se deve, todavia, estranhar que nosso Mestre não houvesse desde logo tirado todas as consequencias de similhante preceito; porque só a pratica assidua do seu culto intimo podia assinalar o inteiro alcance dele. Tal é o motivo que explica porque só então foi eliminado do Pozitivismo, como ides ver, em nome da moral e da razão, qualquer tentativa de construção de uma siencia concreta. A rapidez desse passo nos deve até admirar; pois que, como sabeis, *não se destrói sinão o que se substitúi*, e entretanto nosso Mestre só mais tarde sistematizou a incorporação do fetichismo na nova sinteze, afim de satisfazer as necessidades que essa ordem de tentativas traduz.

A Mulher.— Mencionando esta circunstancia, fazeis lembrar-me, meu pai, a carta em que nosso

Mestre manifesta as suas impressões ao receber a suave *canção* da nossa terna Padroeira. Antes de conhecer a teoria da incorporação do fetichismo ao pozitivismo, tinha-me passado despercebido o modo porque Ele aplaude nessa mimoza compozição: « a delicada apreciação espontanea do justo grau de fetichismo poetico que sempre comportará a virilidade da razão humana». (42) Relendo, porem, essa passagem, não pude impedir-me de supôr que, desde esse tempo, similhante problema o preocupasse intimamente.

O Apostolo.— Incontestavelmente o trecho que recordais fundamenta tanto mais a vossa conjetura, quanto sabeis que nosso Mestre atribuia ao concurso dessa *canção* e da *santa novela* da nossa egregia Padroeira a instituição da sua sinteze historica. A implicidade, porem, das reações que esse apanhado acerca do fetichismo deve ter exercido sobre as concepções de nosso Mestre, bem evidencía quanto era dificil a elaboração filozofica com que vos entreterei na nossa conferencia futura.

---

(42) VOLUME SAGRADO, *Correspondencia*, carta de 2 de Dezembro de 1845, p. 424.

SETIMA CONFERENCIA

INSTITUIÇÃO DEFINITIVA DO DOGMA POZITIVO

SISTEMATIZAÇÃO NORMAL DA PREPONDERANCIA DO AMOR NO

CONJUNTO DO DOGMA

A Mulher.— Refletindo, meu pai, no objeto da nossa conferencia de hoje, concebi a esperança de que o estudo da faze extrema da evolução da nossa fé, explicar-me-ia um fato que muito me impressiona. Indicastes-me, nas vossas explicações anteriores, que nosso Mestre foi sucessivamente conduzido: primeiro, a eliminar a siencia concreta; depois, a destacar a Moral da Sociologia; e, finalmente, a instituir a Filozofia Primeira. Todavia os dois ultimos aperfeiçoamentos são aceitos, conforme me informastes, por pessoas que recuzão o que os precedeu. A falta de veneração é sem duvida o motivo essencial de tão flagrante incoherencia; mas suspeito tambem que esta denuncía, no progresso contestado, algum carater decizivo que me escapa.

O Apostolo.— Para o esclarecimento que dezejais, basta o conhecimento do texto categorico que vou mencionar-vos, e no qual nosso Mestre instituiu o passo aludido. Ahi vereis, com efeito, que a eliminação da siencia concreta assinala a completa extinção do absoluto, pela inteira subordinação do

espirito ao coração. Não admira, portanto, que todos os que conservão uma secreta pretenção á supremacia da inteligencia sobre o sentimento, rejeitem similhante diciplina das nossas forças especulativas.

O MESTRE.— Para caraterizar assás este regimen definitivo das siencias preliminares, devo agora consagrar a segunda parte deste capitulo á distinção fundamental entre as especulações abstratas e as especulações concretas, sobre a qual repouza toda concepção verdadeiramente enciclopedica.

Essas duas ordens de contemplações diferem por tal fórma que devem, a meu ver, ser separadas na nossa constituição cerebral, como o explicarei no fim deste volume. Segundo o meu discurso preliminar, a observação é concreta ou abstrata, conforme concerne os seres ou os acontecimentos. Conquanto esses dois modos concorrão em todas as nossas construções intelectuais, o primeiro, essencialmente sintetico, convem mais á arte, estetica ou tecnica, e o segundo, primitivamente analitico, se aplica sobretudo á siencia propriamente dita. Todos os pensadores adiantados já se apropriárão dessas diversas noções filozoficas, estabelecidas pela minha obra fundamental. Devo sómente aplicá-las aqui a restringir o verdadeiro dominio sientifico aos unicos limites necessarios que podem consolidar a sua constituição racional e assegurar a sua santa missão.

Para isso, basta considerar essa distinção geral como essencialmente equivalente á que existe entre as especulações compostas, ou redutiveis a outras, e as especulações simples ou irredutiveis. As primeiras poderião ser inteiramente dedutivas, si todos os seus elementos nos fossem assás conhecidos, e si a nossa potencia logica

se tornasse assás consideravel. Pelo contrario, as segundas exigem sempre outras tantas bazes indutivas que lhes sejão proprias, por maior preponderancia que em relação a elas possa depois adquirir a dedução. *A grande construção teorica que deve fundar a religião demonstrada póde, pois, limitar-se ao sistema das concepções abstratas*, contanto que este abrace todos os generos de fenomenos. Pois que, assim constituida, ela fornecerá uma baze racional ao conjunto da sabedoria humana, sempre segura então de possuir exatas noções sistematicas sobre as leis elementares que cooperão em cada rezultado.

Por mais dificil que seja muitas vezes a descoberta dessas leis fundamentais, o seu pequeno numero permite esperar uma suficiente apreciação, já muito adiantada em relação aos fenomenos inorganicos. *Pelo contrario, não ha esperança alguma razoavel de conhecer jamais a maioria das leis concretas rezultantes das suas inumeras combinações. Mas tambem não temos, no fundo, nenhuma verdadeira precizão disso.* Para dirigir a nossa conduta pratica, *mesmo em relação aos nossos mais eminentes fenomenos*, basta sempre que as indicações gerais da siencia abstrata venhão guiar e coordenar os diversos dados diretos fornecidos, em cada cazo, por um judiciozo empirismo. O projeto de submeter os nossos atos quaisquer a uma diciplina puramente sistematica, independente de toda apreciação especial, não passa de uma irracional utopia do orgulho especulativo. Póde-se assegurar que ela não se tornará jamais realizavel, mesmo para com as artes matematicas e astronomicas, nas quais a pratica prevalecerá sempre, por mais preciozo uzo que se tenha de fazer cada vez mais das luzes teoricas.

Não ha, portanto, sinão a siencia abstrata que

possa e deva ser sistematizada, pela coordenação religioza de todos os seus elementos sob a prezidencia da sociologia, que é o centro necessario dela. Para melhor estabelecer essa redução fundamental, *sem a qual a construção teorica seria impossivel*, é precizo ainda encará-la como indispensavel á generalização das leis reais. (POLITICA, I, p. 423-425)

O Apostolo.— Reparai, minha filha, que nessa epoca ainda nosso Mestre não havia erigido a Moral em termo distinto da jerarchia teorica. O predominio da Sociologia equivalia então, portanto, á supremacia da siencia humana.

O MESTRE.— A sabedoria vulgar sempre reconheceu que não ha regra sem eceção; mas, ao mesmo tempo, a razão filozofica não tem cessado de aspirar a regras invariaveis. Essas duas apreciações, que parecem incompativeis, são no entanto igualmente sans, colocando-nos no ponto de vista conveniente. A sua conciliação natural rezulta sempre da distinção precedente, entre as leis abstratas ou simples, e as leis concretas ou compostas. Estas não podem ser sinão particulares, ao passo que as outras comportão uma plena generalidade, que constitûi o seu verdadeiro merito. Todos os diversos elementos de cada existencia são respetivamente sujeitos a leis invariaveis, comuns aos entes quaisquer nos quais se encontra o mesmo acontecimento. *No fundo, é nisso que consiste sobretudo a ordem natural, cuja verdadeira noção, de modo algum dedutiva, rezume sempre as induções correspondentes, assistidas pelas analogias convenientes.* Si as leis elementares de que ela rezulta não fossem inteiramente gerais, as nossas previzões racionais não comportarião segurança algu-

ma. Mas essa indispensavel generalidade, unica fonte de uma precioza coherencia, não se obtem nunca sinão mediante uma abstração que *altera mais ou menos a realidade das nossas concepções teoricas*. Os acontecimentos não podendo ser estudados sinão nos entes, é precizo, com efeito, afastar as circunstancias peculiares a cada cazo para apanhar a lei comum. É assim, por exemplo, que ignorariamos ainda as leis dinamicas da gravidade si não tivessemos abstrahido primeiro da rezistencia e da agitação dos meios. Mesmo em relação aos menores fenomenos, somos pois obrigados a decompôr para abstrahir antes de poder obter essa redução da variedade á constancia que as nossas sans meditações procurão sempre. Ora, essas simplificações preliminares, sem as quais a verdadeira siencia não existiria nunca, exigem por toda parte restituições correspondentes, quando se trata de previzões reais. Esta passagem do abstrato ao concreto constitûi a principal dificuldade das aplicações pozitivas, e a fonte necessaria das restrições finais que comportão todas as indicações teoricas. Então surgem enormes decepções, como as que o tiro efetivo dos projetis aprezenta aos orgulhozos calculos dos puros geometras. Eis donde provêm, na vida pratica, a alternativa habitual dos melhores espiritos teoricos entre a hezitação e o engano. É esse um dos motivos essenciais da inaptidão notoria deles para os negocios temporais.

A inteira generalidade é, portanto, incompativel com uma perfeita realidade. O nosso verdadeiro regimen logico exige que essas duas condições igualmente indispensaveis sejão a principio separadas convenientemente para serem depois avizadamente combinadas. Toda a nossa conduta normal institûi assim um feliz concurso final entre o dogmatismo e o empirismo, que

serião igualmente incapazes de dirigi-la izoladamente, um por iluzão, o outro por imprevidencia. Leis puramente empiricas só convirião aos cazos que as tivessem fornecido, e constituirião uma esteril erudição, muito diferente da verdadeira siencia. Por mais completas que elas fossem, a diversidade necessaria das circunstancias concretas impediria de deduzir delas novas previzões, onde rezide toda a eficacia das nossas especulações pozitivas. Mas, a seu turno, o puro dogmatismo abstrato não nos seria menos funesto, conquanto de outra maneira. A inteira generalidade e a ligação perfeita das suas concepções não se referirião sinão a uma esteril existencia ascetica. Na vida real, as suas prezunçozas previzões nos exporião continuamente ás mais graves aberrações. (*Ibidem*, I, p. 425-427)

A Mulher.— Descubro em tudo quanto acabais de ler apenas o dezenvolvimento das noções condensadas pelo CATECISMO.

O Apostolo.— Reconhecereis nos trechos seguintes a mesma conformidade de vistas, acrecendo que o CATECISMO encerra progressos que nosso Mestre não havia realizado na epoca que estamos considerando. Indicando como a conciliação normal entre o dogmatismo e o empirismo era peculiar ao regimen pozitivo, Ele faz a seguinte observação capital.

O MESTRE.— . . . A nossa providencia não póde tornar-se racional sinão por uma suficiente previzão, que exige leis gerais. Ora, essa generalidade supõe sempre a decompozição preliminar das existencias particulares *em fenomenos universais, unicos sucetiveis de regras invariaveis*. É assim que a san constituição logica repouza

sobre a distinção geral entre o estudo abstrato e o estudo concreto. (*Ibidem*, I, p. 428)

O Apostolo.— Guiado, portanto, pelo sentimento, já nosso Mestre formulava no primeiro volume da sua POLITICA, como o confirmaria na sua SINTEZE, a restrição das leis naturais ao dominio abstrato. Esta sentença é ainda justificada pelas seguintes considerações que Ele aprezenta, depois de ter mostrado como a sistematização da siencia concreta só era possivel em seguida á coordenação das siencias abstratas.

O MESTRE.— Essa explicação historica conduz naturalmente a pensar que chegou enfim o tempo de construir a sciencia concreta, pois que as seis ordens de teorias que devem concorrer para tal fim achão-se agora esboçadas. *Mas esta condição coincide tambem com o advento sistematico da religião final*, que prezidirá doravante a todos os trabalhos sientificos, para afastar, *em nome do sentimento e da razão*, todas as tentativas ociozas ou chimericas, reduzindo tudo ao serviço continuo do Gran-Ser. *Ora, eu ouzo hoje garantir que as siencias verdadeiramente concretas permanecerão sempre interditas á nossa fraca inteligencia, e inuteis á nossa sabia atividade. As nossas necessidades teoricas não exigem, no fundo, sinão a siencia abstrata, que é só o que nos é assás accessivel.*

Sem tal redução, a sinteze final tornar-se-ia impossivel. Comprehendendo nela só as teorias abstratas, a sua construção já está essencialmente fundada, mediante a minha descoberta das duas grandes leis de filiação e de classamento qne constituírão a sociologia. Por mais incoherentes que parecessem até então as diversas con-

cepções pozitivas, elas manifestárão assim as suas dependencias mutuas e a sua comum relação com o seu laço universal. A multiplicidade provizoria das siencias abstratas acha-se, portanto, já substituida, para todos os verdadeiros pensadores, pela unidade definitiva delas. *Mas essa construção teorica seria profundamente perturbada si quizessemos introduzir nela as siencias concretas*, que perzistirão sempre multiplas, á vista da independencia e da diversidade dos seus numerozos objetos.

Não haverá jamais lugar de construir um sistema concreto, mesmo como emanação do sistema abstrato. A constituição racional de uma só siencia concreta, como a meteorologia ou a geologia, ecederia os nossos verdadeiros meios indutivos e dedutivos, quer pela dificuldade de conhecer assás todas as teorias que deverião concorrer para tal, quer pelo embaraço de as combinar. Mas a nossa impotencia real para com esses estudos, tão extensos como multiplos, *não nos deve inspirar nenhuma lastima essencial*, pois que a maioria deles seria com certeza baldos de qualquer utilidade elevada, mesmo logica. Entre as inumeras existencias que nos cercão, muitissimas poucas ha que mereção a nossa atenção especial pela sua relação direta com o Gran-Ser que devemos ter sempre em vista. Esses estereis trabalhos zoologicos, geologicos, etc, consumirião mal a propozito forças que importa rezervar para sua santa destinação, desde que as nossas diversas faculdades não carecem mais de um exercicio puramente preparatorio. *Sem proveito algum real para o nosso aperfeiçoamento material e fizico, nem mesmo intelectual, eles prejudicão muito ao nosso aperfeiçoamento moral pelo orgulho e a sequidão que dezenvolvem.* A religião demonstrada, que assegura ao espirito a sua digna parte,

será mais firme ainda do que a religião revelada no tocante a essas *frivolidades sientificas*, que nos afastão do fito universal, em lugar de nos aproximar dele. Quando a siencia abstrata tiver enfim construido suficientemente o fundo geral da sabedoria humana, os unicos exercicios teoricos que prevalecerão habitualmente serão esteticos e não sientificos. Alem de convirem mais á nossa inteligencia, tendem eles melhor para o nosso alvo principal. Então o sentimento e a razão serão acordes em reprovar especulações tão desprovidas de eficacia mental como de tendencia moral. A abstração não se torna recomendavel sinão em virtude da generalidade que só ela proporciona. Do mesmo modo, a especialidade das vistas não póde merecer estima sinão em virtude da utilidade dos rezultados. Mas as especulações abstratas que não são gerais e as especulações concretas que não são uteis serão energicamente estigmatizadas no regimen final, no qual o sacerdocio e o publico velarão sempre sobre o conjunto das operações humanas. (*Ibidem*, I, p. 431-433)

A Mulher.— Suprimindo assim a siencia concreta e incorporando a filozofia na poezia, o primitivo quadro das concepções humanas, organizado por nosso Mestre fica reduzido á distinção entre a especulação e a ação como o indica o CATECISMO. (43)

O Apostolo.— O trecho seguinte expõe justamente os fundamentos dessa redução, mencionando mesmo a concentração futura dos praticos, mediante o dezaparecimento da corporação dos engenheiros. Si a contemplação dessa classe dubia facilitou a inteligencia da coordenação inicial de nosso Mestre, a sua eliminação por vir permite melhor

(43) CATECISMO, p. 131 da tradução brazileira, 1ª edição.

apanhar, como ides ouvir, o verdadeiro carater da sistematização normal.

O MESTRE.— Essas reflexões conduzem-me naturalmente a melhor apreciar a distinção real entre os estudos abstratos e os estudos concretos, reduzindo-a finalmente á divizão fundamental entre a teoria e a pratica. *Vê-se assim que não existe*, a falar propriamente, *siencia concreta. Toda siencia torna-se necessariamente abstrata*, quando se desprende assás da arte que dela mais depende. Os unicos estudos concretos que devem subzistir são os que são exigidos pelas nossas diversas necessidades especiais, privadas ou publicas. Mas então eles tornão-se essencialmente praticos, e ganharão muito em ser doravante concebidos e cultivados como tais. A especialidade toma assim logo o seu verdadeiro carater, de acordo com o seu verdadeiro destino, que concerne á execução e não á concepção. Devemos e podemos conceber tudo; mas não podemos nem devemos tudo executar. Eis porque o espirito teorico deve sempre ser geral e o espirito pratico sempre especial. Mas essa indispensavel especialização das concepções praticas se concilia então plenamente com o carater sintetico exigido pela diversidade dos aspetos elementares que se tem de combinar continuamente, sob pena de falhar o rezultado final.

Estabelecerei mais tarde as verdadeiras diferenças entre o genio teorico e o genio pratico, tão mal concebidas até hoje pelo orgulho especulativo. Elas não consistem nem na natureza das operações mentais, nem na sua marcha, mas sómente no grau e na destinação direta. O regimen final não comportará outros sientistas especiais sinão os dignos praticos, imperfeitamente anunciados hoje pela *classe tranzitoria* dos engenheiros.

Todos os puros teoristas serão verdadeiros filozofos, ou antes padres, votados a construir e aplicar a sinteze fundamental. Nessa fonte universal, os praticos haurirão as bazes racionais das suas sintezes especiais, que só eles podem avizadamente constituir, por serem os unicos capazes de conhecer-lhes assás a natureza e o fim. Essa atribuição não parece hoje eceder ás suas faculdades ordinarias sinão por falta de uma educação conveniente. Sob o regimen didatico caraterizado já no meu discurso preliminar, eles serão assás racionalmente preparados para preencher, a esse respeito, todas as condições essenciais. Então a san cultura das concepções concretas adquirirá naturalmente a importancia e a atividade que lhe convem, sem exigir a esteril consagração de uma classe excluziva. No campo indefinido dessas especulações, só os praticos podem dicernir o pequeno numero das que lhes são indispensaveis, afastando a multidão das que ficarão sempre ociozas. Esse dicernimento, tão dificil para os nossos sientistas, e mesmo para os nossos engenheiros, realiza-se espontaneamente no industrial esclarecido, como diretamente ligado ao sucesso total das suas operações. Ao mesmo tempo, essa ligação aumenta o merito logico da sinteze correspondente, juntando-lhe uma condição final, propria para melhor dirigir todas as combinações preliminares. Um justo sentimento contínuo da utilidade social dos rezultados tende aliás a prezervar essas especulações praticas da sequidão moral muito frequentemente inherente ás meditações teoricas.

Assim, o imenso dominio das siencias concretas acha-se finalmente dissolvido por um profundo exame, quando nele se afastão radicalmente as pesquizas ociozas, incorporando as outras nas artes correspondentes. Reduzidos á sua verdadeira destinação, esses estudos

especiais constituirão as diversas ordens de concepções intermediarias entre a teoria e a pratica, que são ainda tão imperfeitas por exigirem o concurso de todos os elementos fundamentais sistematizados na siencia abstrata. Mas essas preciozas combinações *não podem ser bem construidas sinão pelos praticos*, pois que a direção de qualquer instrumento, intelectual ou material, pertence a quem o aplica e não a quem o fornece. Esse sabio regimen é só que permite evitar, a tal respeito, divagações tão estereis para o espirito como prejudiciais ao coração. (*Ibidem*, I, p. 433-435)

A Mulher. — Como, nessa epoca, a siencia final era a sociologia, prezumo que tal diciplina se extendia então aos estudos sociais, conforme indica o nosso CATECISMO em relação ás teorias morais. (44)

O Apostolo.— A importancia dessa prescrição não permitia que nosso Mestre deixasse de mencioná-la explicitamente, como fez no seguinte trecho.

O MESTRE.— A religião final será tanto mais inflexivel em tal assunto, quanto extenderá mesmo essas restrições normais aos estudos sociologicos, apezar da sua justa preponderancia. Não é uma van curiozidade que deve prezidir ao estudo direto do verdadeiro Gran-Ser; como por toda parte alhures, o sentimento deve ahi sempre dominar a inteligencia, sob pena de comprometer a moralidade fundamental. Sem duvida, o grande fenomeno do dezenvolvimento social constitúi o mais admiravel de todos os espetaculos reais, e mesmo, por consequencia, ideais. Mas a nobre satisfação mental ligada á sua pura contemplação não deve jamais fazer desconhecer ou desprezar a sua santa destinação. No fundo, não devemos estudar o verdadeiro Ser Supremo

(44) CATECISMO, p. 144-145 da tradução brazileira, 1ª edição.

sinão para melhor servi-lo e o amar mais. A nossa principal recompensa pessoal, em similhante estudo, rezulta dos novos aperfeiçoamentos de todo genero, e sobretudo morais, que ele nos proporciona necessariamente. Ora, sem uma constante diciplina religioza, na qual o publico auxiliará o sacerdocio, *a elaboração dessa siencia final poderia degenerar em trabalhos academicos, tanto como as siencias preliminares.* Conquanto *essas divagações* oferecessem mais interesse teorico, nem por isso comportarião maior eficacia moral nem mental. O seu perigo tornar-se-ia mesmo superior, porque ahi o ponto de vista concreto difere mais do abstrato, de modo que exige maiores esforços, cuja esterilidade prejudicaria a melhores serviços. Eis porque, ahi mais do que alhures, a elaboração concreta deve sempre referir-se ás verdadeiras exigencias praticas, comprimindo todo desvio teorico. Não existe aqui outra diferença essencial para com os cazos ordinarios sinão que os filozofos são os proprios engenheiros da arte correspondente, cuja pratica deve ser universal. Mas essa distinção não infiûi de modo algum sobre a natureza dos sãos estudos concretos, nem sobre a criterioza subordinação contínua deles ás precizões praticas.

Sem duvida, será necessario enfim tomar em alta consideração sociologica as condições de clima e de raça que tive cuidadozamente de afastar fundando a sociologia abstrata. Mas isso ha de ser sómente quando aproximar-se o momento de extender dignamente a regeneração ocidental ás diversas populações retardadas. Então similhante destinação dará um profundo atrativo á elaboração concreta, e previnirá toda divagação teorica, bem como toda perturbação moral. Até lá, é á sociocracia e á sociolatria que deverão consagrar-se as altas inteligencias sacerdotais tornadas disponiveis por uma

suficiente instalação da sociologia. Esse duplo campo pratico é verdadeiramente inexgotavel para o espirito, e sempre preciozo ao coração. O aperfeiçoamento da nossa conduta, publica ou privada, e sobretudo o melhoramento dos sentimentos que a dominão, constituem pesquizas accessiveis a todos, e que no entanto comportão o emprego das maiores inteligencias. Nenhuma arte poderia ser nem tão importante nem tão dificil, e nenhuma admite sucessos tão extensos, pois que ela concerne os fenomenos os mais modificaveis, em virtude de sua complicação superior. Depois que as suas leis proprias começão a desvendar-se, eles tendem a formar o principal objeto das nossas especulações, tanto praticas como teoricas, ao passo que até então o coração tinha de substituir, e muitas vezes retificar, o espirito, em lugar deste o ajudar. *O culto privado bastaria por si só para sucitar por toda parte tocantes e engenhozos artificios esteticos, que comportão muito mais eficacia moral, e mesmo intelectual, do que a maioria dos trabalhos sientificos.* Podemos conceber já a sua importancia, considerando as eminentes produções misticas que honrárão o declinio do catolicismo, e que, sem conterem descoberta alguma teorica, anuncião tamanho poder especulativo e tanta superioridade afetiva. (*Ibidem*, I, p. 435-437)

O Apostolo. — Recapitulando finalmente esse dificilimo exame, nosso Mestre condensa nas seguintes linhas o imenso alcance do passo que acabava de realizar, dissipando para sempre as pretenções relativas á siencia concreta.

O MESTRE.—*Eliminando assim a siencia concreta,* doravante reduzida ás generalidades praticas, simplifica-se muito a grande construção enciclopedica, e, por

consequencia, o conjunto da sinteze humana. A separação necessaria entre a teoria e a pratica torna-se então a unica divizão fundamental cuja verdadeira natureza explicarei no segundo volume deste tratado. Evita-se logo uma imensa elaboração intermediaria que, entravando a sistematização final, devia retardar o estado normal da humanidade. Ao mesmo tempo, carateriza-se melhor a constituição geral da sociedade futura, na qual desde então o poder teorico e o poder pratico se distinguem tão nitidamente pela generalidade ou a especialidade das suas vistas como pela diversidade das suas atribuições moderatrizes ou diretrizes. (*Ibidem*, I, p. 437)

O Apostolo.— Sabeis já, minha filha, que essa elaboração não bastou para conduzir o nosso dogma ao seu estado definitivo. A harmonia mental exigia a combinação da razão abstrata com a razão concreta, o que não é realizavel sem a incorporação sistematica do fetichismo ao pozitivismo. Tal passo devia naturalmente ser precedido da concepção final da ordem social, mediante uma coordenação, para sempre indissoluvel, das relações domesticas, civicas, e planetarias. Unicamente o exame, cada vez mais profundo, das condições de similhante concerto permitiria compenetrar-se da necessidade afetiva, teorica, e pratica, da fuzão desses dois estados extremos da evolução humana. Rezumindo-se, porem, todo o edificio religiozo em assegurar a supremacia do amor, a sua construção importa logo na instituição, dogmatica e politica, do acendente da moral. Nosso Mestre foi assim levado a esse duplo progresso quando elaborou a sua *Estatica Social*, erigindo por um lado o estudo do homem em ultima siencia, e fundando por outro lado a sociocracia na sinergia das patrias

industriais, graças á dedicação de um sacerdocio universalmente venerado. Indicar-vos-ei, a este propozito, os termos em que Ele assinalou o concurso da nossa glorioza Padroeira em ambos esses aperfeiçoamentos.

O Mestre.— Quemquer que bem sentiu a conexão normal dos tres passos que constituem a progressão propria ao meu primeiro volume, aprecia sem dificuldade os outros quatro degraus do pozitivismo religiozo. Essa extensão torna-se sobretudo facil em relação aos dois realizados no tomo segundo, e principalmente para aquele que, formando o meio de regeneração simpatica, será em breve considerado como o mais decizivo de todos. Instituindo, no principio da estatica social, a supremacia enciclopedica da moral, mesmo sobre a sociologia, sistematicamente elevei a minha construção religioza acima da minha fundação filozofica, segundo a verdadeira teoria da unidade. A influencia feminina, cujo melhor tipo deveste fornecer-me, não poderia ser desconhecida em relação a um tal progresso, que melhor distingue o pozitivismo social do pozitivismo intelectual. O teu concurso não é mais contestavel quanto ao grau conexo, que completa o meu segundo volume fundando a sociocracia na separação normal dos dois poderes, separação que permaneceu familiar ao teu instinto catolico, apezar das perturbações septicas. (*Ibidem*, IV, p. 549, *Invocação final*)

A Mulher.— Na palavra *Matria*, escolhida por nosso Mestre, para dezignar as futuras republicas está bem patente quanto a sua angelica Inspiradora influiu na sua concepção sociocratica. O nome de *Patria* lembra naturalmente o predominio da força, de modo a conciliar-se com as agregações violentas;

mas seria inadmissivel chamar de *Matria* nações em que a união civica não rezultasse de um concurso plenamente voluntario.

O Apostolo.—Limitando-se tal concurso a uma pequena extensão territorial, a harmonia das Matrias seria impossivel sem a assistencia de um sacerdocio universal. Assim, essa denominação que por si mesma indica o acendente feminino na associação em que mais preponderão as qualidades masculinas, implicitamente assinala a supremacia do amor nas relações internacionais, em virtude de uma fé comum. Graças a essa apreciação, vê-se logo a conexão que existe entre a organização da sociocracia e a instituição normal da serie enciclopedica; pois que aquele progresso é a consequencia pratica imediata desta evolução teorica. A vista de similhante correlação, a influencia da nossa suave Padroeira em ambos esses passos torna-se intuitiva, ninguem podendo desconhecer que só a adoração dela permitiu que nosso Mestre instituisse a Moral como a siencia final e a arte suprema.

A Mulher.— Recordo-me, meu pai, das ponderações que me fizestes, a tal respeito, em nossa quarta conferencia, e que as vossas considerações atuais acabão de completar. Indicastes-me tambem já a participação direta que teve a nossa cara Padroeira na instituição da sinteze historica, que conduziu nosso Mestre a incorporar o fetichismo ao pozitivismo. Guardo igualmente sempre viva a lembrança da emoção que me cauzárão as palavras de nosso Mestre (45) que me referistes, ao explicar-me

(45) Caraterizando a assistencia de Clotilde nesse passo final, nosso Mestre se exprime assim: «...Conquanto todos os meus verdadeiros dicipulos tenhão imediatamente adotado a rezolução sistematica que me con-

que na preponderancia do culto sobre o dogma e o regimen consistia o ultimo passo da sua glorioza acenção religioza. Em tudo quanto ja sei acerca da constituição final da nossa fé reconheço apenas as consequencias de tal passo; e isto induz-me a crer que a mesma apreciação se aplica ao que me tendes ainda que ensinar neste assunto.

O Apostolo.—Vossa observação é perfeitamente justa, minha filha, porque só o progresso a que aludis póde garantir a completa subordinação da inteligencia ao sentimento, tornando explicito o fito continuo da evolução mental de nosso Mestre. Ides ver as grandes reações dogmaticas de tal passo no tomo mesmo em que foi ele instituido, começando por apreciar a sua influencia sobre a sinteze historica que o precedera. Eis como nosso Mestre fundamenta a fuzão do fetichismo com o pozitivismo, depois de mostrar a inevitavel eliminação do teologismo.

O MESTRE.— A sinteze final deve proceder de outra fórma em relação á primeira cauzalidade. Já reprezentei o fetichismo como comportando uma relação direta com o pozitivismo, sem tranzição alguma teologica; e anunciei mesmo que a fuzão de ambos tornava-se indispensavel para completar a unidade definitiva Eis o momento de explicar similhante harmonia.

Intelectualmente encarada, esta combinação final é

duziu definitivamente a classificar o culto antes do dogma, nenhum deles podia superar assás o empirismo teologico e septico para sugerir-me tal conselho. Mas, em ti, a simpatia teria assistido tanto a sinteze que esse aperfeiçoamento teria sido já realizado no santo opusculo (CATECISMO) em que a tua colaboração foi sómente subjetiva. Por falta de tal concurso, estive a ponto de falhar o progresso final que, rezumindo o conjunto do meu surto religiozo, deve, mais do que os seis passos precedentes, chocar os pozitivistas incompletos.» (POLITICA, IV, p. 550, *Invocação final*).

primeiramente destinada a preencher, tanto quanto possivel, as inevitaveis lacunas da pozitividade, tanto empirica como sistematica. *Essencialmente peculiares á coordenação abstrata, as nossas leis não podem quazi nunca reprezentar assás os cazos concretos*, mesmo suprindo as deduções teoricas pelas induções praticas. Devemos então recorrer ás cauzas, como a principio, para ligar provizoriamente os fatos, assistindo a pozitividade pela fetichidade. Sem iludir-nos de modo algum sobre a realidade dessas explicações secundarias, facilitamos assim especulações indispensaveis, seguindo dignamente uma tendencia espontanea, sempre conciliavel com a verdadeira racionalidade. Quando podemos instituir laços reais, afastamos logo os socorros provizorios que essas vontades ficticias fornecião ás nossas contemplações, e mesmo ás nossas meditações.

Similhante assistencia é melhor apreciavel sob o aspeto estetico, no qual a pozitividade só difere da fetichidade por adorar os produtos em logar dos materiais. Elas se conciliião espontaneamente em virtude da nossa dispozição a venerar, em cada substancia ou fenomeno, os diversos frutos que dahi póde tirar a ativa sabedoria do Gran-Ser. O pozitivismo deve assim dezenvolver dignamente a aptidão poetica do fetichismo, que a nossa primeira infancia pôde somente esboçar.

Enfim, sob o ponto de vista moral, a combinação das duas sintezes torna-se tão precioza como facil; porque, amando e venerando tudo, a fetichidade permanecerá sempre apta para secundar muito o *principal oficio* da pozitividade, que é dezenvolver a ternura e consolidar a submissão.

Eis como a religião final combina diretamente a maturidade do Gran-Ser com a sua primeira infancia. Assim se conciliião, tanto quanto possivel, as leis reais

e as vontades imaginarias, suprindo-se a todos os respeitos. Limitado espontaneamente á ordem exterior, o fetichismo jamais aspirou, como o teologismo, a reprezentar a ordem humana, que só o pozitivismo devia conceber e regular. Ele esboçou a nossa verdadeira sabedoria, pratica e teorica, instituindo o fatalismo, que tornou absoluto unicamente por não conhecer modificações cuja apreciação estava rezervada ao pozitivismo. A sinteze inicial e a religião definitiva admitem o mesmo principio fundamental, no começo espontaneo, e depois sistematico, concordando ambas em proclamar a preponderancia contínua do sentimento sobre a inteligencia e a atividade. Essas afinidades naturais entre os dois estados extremos da humanidade devião receber uma irrevogavel consagração participando na instituição da sua unidade normal. Acabo de explicar essa fuzão complementar, sem a qual a verdadeira religião não poderia ligar assás o nosso porvir qualquer ao nosso primeiro passado, sempre reproduzido na evolução espontanea de cada servidor do Gran-Ser.

Essa incorporção do fetichismo ao pozitivismo deve no entanto parecer contraditoria com a excluzão do teologismo, emanado de um e tendendo para o outro. Mas a contradição é apenas aparente, pois que as duas religiões extremas comportão um contato direto, que em breve tornar-se-á frequente, sobretudo individualmente. O fetichismo não se acha finalmente aceito sinão em virtude da sua plena espontaneidade, sem poder então conservar ligação alguma com o teologismo, sempre incapaz de subordinar-se ao pozitivismo. Em tal fuzão, a fetichidade fica, segundo a sua natureza, limitada á ordem exterior, cessando de desviar para a ordem humana. Todavia, o seu dominio, puramente concreto outrora, deve tornar-se assim sobretudo abstrato; porque o seu

uzo, afetivo ou especulativo, concernirá mais aos fenomenos do que ás substancias, mas sem separar nunca umas das outras. (*Ibidem*, IV, p. 42-45)

A Mulher.— Reconhece-se em tudo que precede os seguros delineamentos de uma concepção cujo estado final já me fizestes apreciar.

O Apostolo.— As seguintes passagens vos mostrarão um grau mais proximo dessa teoria definitiva, oferecendo-vos o dezenvolvimento das reflexões esteticas acima mencionadas.

O MESTRE.— Superando os prejuizos modernos, a religião pozitiva, instituindo a ordem de dignidade, *coloca a arte acima da siencia*, porque aquela refere-se mais ao sentimento e esta a atividade. Dahi rezulta uma jerarchia sintetica, reprezentada pela sucessão normal das principais fazes da educação universal, no começo afetiva, depois estetica, em seguida teorica, e finalmente pratica. Esse classamento, conforme o principio enciclopedico, rezume as afinidades naturais das nossas diversas aptidões, cuja comparação facilita caraterizando o seu encadeamento.

A arte corresponde melhor do que a siencia ás nossas necessidades mais intimas. Ela é não só mais simpatica como tambem mais sintetica. Ao mesmo tempo, repele sempre o estado puramente especulativo, e tende diretamente para a ação mais nobre, que consiste em aperfeiçoar os nossos sentimentos mediante a sua idealização. Nenhuma outra existencia é tão conforme á formula sagrada do pozitivismo: pórque a simpatia universal é a sua fonte; ela aspira ao mais eminente progresso, apoiando-se na ordem suprema. O seu surto normal concilia espontaneamente a independencia e o

concurso, destinando á mais vasta harmonia as obras que são mais individuais.

Exagera-se ordiñariamente o oficio final da siencia julgando-o segundo a sua função preparatoria. Enquanto foi precizo sobretudo dezenvolver as nossas diversas forças, cumpriu exercitar especialmente as nossas faculdades teoricas, as menos energicas de todas, e das quais no entanto dependia a construção de uma baze exterior para a sabedoria humana. Agora que é precizo regular diretamente os nossos meios quaisquer, a religião deve empregar mais a arte do que a siencia, por estar mais proxima do principio da unidade. Conquanto ambas tendão, sob uma cultura vicioza, a superecitar o orgulho e a vaidade, o surto teorico exerce, alem disso, uma reação moral mais pernicioza, que não póde evitar nunca, afastando da vida afetiva pela concentração que exige. *A sua influencia normal deve pois ser convenientemente reduzida á sua destinação necessaria: conhecer assás a ordem universal para suportá-la com dignidade e modificá-la com sabedoria.* Essa precizão só prevalece em virtude das exigencias materiais que nos impõe sempre uma atividade primitivamente egoista; ao passo que, em uma situação suficientemente favoravel, *na qual a siencia tornar-se-ia superflua*, a arte conservaria a sua intima aptidão de encantar melhorando. Mesmo quanto á elaboração objetiva exigida pela nossa sabedoria, ela tem uma parte maior na apreciação da ordem mais importante e mais recondita, pois que a poezia precedeu até hoje a filozofia para esboçar as leis intelectuais e sobretudo morais.

No conjunto da educação pozitiva, a arte não deve ter uma parte menor do que a siencia. Mas ela prevalece na vida real, para a qual esta fornece somente a baze racional de uma atividade que, apezar desse guia, jamais

póde dispensar um complemento empirico. *Em todas as classes, sem ecetuar o sacerdocio, o exercicio mental será, de ordinario, mais estetico do que sientifico, afim de melhor concentrar os nossos esforços no conhecimento e melhoramento da nossa natureza.* As produções da siencia devem ser raras vezes relidas, *mesmo pelos teoristas*, ao passo que as da arte são indefinidamente admiradas. Seria aqui superfluo insistir mais sobre a tendencia estetica de uma sinteze que ha de fazer naturalmente prevalecer as dispozições de coração e de espirito mais favoraveis á poezia.

Esse porvir normal da pozitividade acha-se espontaneamente confirmado em virtude do conjunto do passado, que, desde a extinção da teocracia, multiplica as obras primas poeticas, a medida que o Ocidente se desprende do teologismo e da guerra. O advento sistematico do pozitivismo constata diretamente a sua afinidade para com a arte, que já lhe deve uma filozofia estetica em vão procurada pelos pensadores metafizicos.

Afim de melhor caraterizar essa aptidão deciziva, devo indicar aqui a instituição geral de uma nova ordem de meios poeticos, sucitados pela fuzão normal da fetichidade na pozitividade (*Ibidem*, IV, p. 51-53)

O *Apostolo*.— O trecho seguinte contem o germen da teoria religioza do Gran-Meio, conforme anunciei-vos ao estudarmos essa sublime concepção.

O Mestre.— Por similhante incorporação, (do fetichismo no pozitivismo) a madureza da arte entra novamente na posse do mundo exterior, que só conveio plenamente á sua infancia, na qual todavia essa idealização pôde apenas ser esboçada. Dezenvolvendo esse dominio inicial, a poezia pozitiva deverá estendê-lo tanto aos fenomenos como ás substancias, em virtude

do surto abstrato por toda parte realizado desde o fetichismo. Ora esse novo campo exige a instituição preliminar dos meios subjetivos, sem a qual não se poderia ordinariamente evitar uma degeneração metafizica essencialmente contraria á arte, considerando os acontecimentos em separado dos entes quaisquer.

Encarado sob o seu verdadeiro aspeto, o espaço oferece o primeiro exemplo, e até aqui o unico completo, de similhante artificio logico, cuja interpretação objetiva sucitou tantas divagações. Porque não se deve ver nele sinão um fluido universal, espontaneamente imaginado, na infancia do genio humano, para permitir conceber a extensão, e mesmo o movimento, independentemente dos corpos reais. Em falta de tal meio, sinais sem imagens tornar-se-ião o nosso unico recurso para o surto abstrato das especulações geometricas e mecanicas. Conquanto um intimo habito impeça á razão ocidental de apreciar assás a eficacia dessa instituição primitiva, póde-se, supondo-a suspensa, medir a lacuna que a falta de tal intermedio deixa em relação a todos os outros fenomenos. A pozitividade deve pois elaborar sistematicamente para as propriedades fizicas, chimicas, e mesmo vitais, meios equivalentes ao que o espaço nos fornece espontaneamente no dominio matematico.

Tal é o unico modo segundo o qual a maturidade da arte poderá suficientemente idealizar o espetaculo exterior, animando essas sédes ficticias como a sua infancia animou os entes reais. Então a filozofia estetica torna-se tão completa como a filozofia sientifica, instituindo, segundo o seu genio proprio, o seu duplo imperio comum, o mundo e o homem, cuja primeira metade não está ao nivel poetico da segunda. Em virtude de similhante plenitude, a arte achar-se-á mais apta do que a siencia para caraterizar e dezenvolver a logica

pozitiva na qual as imagens, que só ela póde elaborar assás, fazem convergir os sinais com os sentimentos para facilitar o pensamento. (*Ibidem*, IV, p. 53-54)

A Mulher.— Limitando-me ás linhas que acabo de ouvir, jamais seria eu capaz de compreender o alcance do pensamento de nosso Mestre. Graças, entretanto, ás teorias do Gran-Fetiche e do Gran-Meio, que já me explicastes, percebo que o conjunto do que precede contem tudo quanto ha de mais essencial em similhante doutrina. Apezar de atribuir esse fato sobretudo á minha propria insuficiencia, sinto confranger-se-me o coração pensando que a falta de esclarecimentos posteriores é que dá lugar muitas vezes ás objeções contra a nossa Religião.

O Apostolo. — Uma compaixão muito natural vos induz a atribuir á deficiencia mental aberrações motivadas primitivamente pelos extravios do coração. Refleti que uma profunda veneração, rezultado inevitavel de um sincero reconhecimento pelos inestimaveis serviços devidos a nosso Mestre, não póde deixar de conduzir a uma fé inabalavel em suas palavras. A perfeita dedicação social ainda mais consolida similhante respeito, mostrando-nos neste o melhor fruto do relativismo da nossa doutrina, pois que o termo da anarchia moderna depende de uma plena confiança no Supremo Interprete da Humanidade. Nenhum dicipulo seu que se inspirar no amor deixará, portanto, de repelir, como uma tentação nefanda, a minima pretenção de corrigir, e muito menos revogar, as suas sentenças. Isto prova que a hipoteze por vós figurada só se aplicaria ás pessoas sem conhecimento da nossa Religião, si não fosse contraditorio supô-las, não obstante, capazes de formular honestamente juizo proprio, parcial ou geral, contra ela.

A difuzão crecente da nossa doutrina vai mesmo tornando cada vez menos admissivel que qualquer alma digna aceite criticas em detrimento da reputação moral ou mental do nosso incomparavel Fundador.

A Mulher. — Mostrando a origem afetiva de objeções que eu atribuia a falta de luzes, fortaleceis a minha esperança na conversão de muitos que hoje se insurgem contra a nossa fé. Não é, com efeito, prezumivel que os melhores dos nossos adversarios perzistão na sua atitude, quando perceberem que a sua opozição é apenas devida á reação do egoismo sobre a inteligencia.

O Apostolo.— Tendes razão em formar acerca dos nossos antagonistas a hipoteze mais simpatica que comporta a sua conduta. Não ha duvida que é incomparavelmente mais facil patentear a necessidade politica e moral de uma completa subordinação ás decizões de nosso Mestre, do que evidenciar a justeza de cada uma destas em particular. Esta ultima demonstração exige, nos cazos vulgarmente contestados, notaveis esforços de espirito, e a combinação de numerozos documentos, o que expõe o raciocinio a ser preza dos sofismas egoistas. Garantida, porem, das mais energicas aberrações pelo caracter sintetico do problema social, toda alma bem intencionada reconhecerá sem dificuldade que a preponderancia de uma digna fé, fórma doravante a baze do bem publico e da felicidade privada. Robustecendo tambem a humildade dos verdadeiros crentes, essas considerações permitem melhor comprehender a instituição final do nosso dogma, que passo a indicar-vos :

O MESTRE.— A instituição sistematica do dogma pozitivo exige que se determine preliminarmente a sua

natureza geral depois os seus principios universais, enfim a sua constituição normal.

Sob o primeiro aspeto, é precizo reconhecer que as nossas especulações reais não poderião atingir a sua destinação essencial sem oferecer sempre um carater abstrato, que consiste em coordenar os acontecimentos, independentemente dos seres. Para dirigir a nossa obediencia ou a nossa intervenção, as leis naturais devem aprezentar uma inteira generalidade, unica baze de uma previzão racional, nunca possivel para com os cazos concretos. A nossa conduta fica flutuante, enquanto não instituimos regras sem eceção; o que supõe que o estudo dos entes acha-se substituido pelo dos acontecimentos. Os fenomenos não pódem manifestar-se sinão nas suas sédes; e as substancias não se tornão apreciaveis sinão pelas suas propriedades. Apezar dessa dupla conexidade, o genio abstrato póde instituir uma separação habitual entre os acontecimentos e os seres, considerando, ora o atributo comum a muitos corpos, e ora o conjunto das qualidades que compõe cada existencia. É de similhante decompozição que rezulta o surto teorico, quando, nos fins da primeira infancia, individual ou coletiva, a contemplação abstrata começa a prevalecer sobre a contemplação concreta. Até então a razão perzistia incapaz de assistir o sentimento, por não comportar noções fixas donde surgissem previzões apropriadas a guiar a nossa conduta, ativa ou passiva, dissipando a indecizão espontanea das nossas rezoluções quaisquer.

Deve-se considerar esse passo fundamental como instituindo ao mesmo tempo a divizão normal e a verdadeira harmonia entre a teoria e a pratica. Porque a generalidade de uma e a especialidade de outra rezultão dos seus carateres respetivamente abstrato e concreto, pois que a especulação concerne aos acontecimentos e a

ação se aplica aos entes. Mas esse contraste não impede o concurso, visto como não agimos sobre os corpos sinão afim de modificar os fenomenos, que são unicamente o que interessa ao mesmo tempo aos nossos pensamentos e aos nossos dezignios. As leis abstratas constituem, pois, o dominio comun da siencia e da arte, que as destinão respetivamente a diciplinar a nossa inteligencia e regular a nossa atividade. A nossa ignorancia das leis concretas não oferece graves inconvenientes, pois que não impede que a nossa existencia, tanto pratica como teorica, adquira uma suficiente racionalidade mediante as indicações gerais que as regras simples fornecem para os cazos compostos. Conquanto a atividade pareça exigir um conhecimento mais completo do que aquele que basta para a submissão, as noções essenciais são necessariamente comuns aos dois modos, a nossa conduta sendo sempre fundada na imutabilidade da ordem universal. Com efeito, as modificações que esta comporta não podendo concernir sinão á intensidade dos fenomenos, a sua realização acha-se assás dirigida mediante um exame empirico dos limites de variação peculiares a cada um dos rezultados praticos, *sem requerer uma siencia concreta que nos é interdita.* (*Ibidem*, IV, p. 170-172)

A *Mulher*.— Mais uma vez fica assim justificada a eliminação da siencia concreta.

O Apostolo.— Li-vos essa confirmação da sentença que já conheceis para bem patentear a continuidade da evolução mental de nosso Mestre. Ainda melhor sentireis o alcance de tal confirmação, quando notardes que ela coincide com uma mais profunda sistematização do dominio abstrato. Comparando cada vez mais acuradamente o alcance das diversas leis, no intuito de descobrir as bazes definitivas de

uma perfeita coordenação filozofica, foi Ele levado, como sabeis, a distinguir entre elas duas categorias. Instituiu a primeira reunindo os principios indispensaveis á teoria da inteligencia, e verdadeiramente universais, portanto, visto como se aplicão, subjetivamente ou objetivamente, a todos os acontecimentos sem distinção. A segunda categoria ficou formada pela serie de relações especiais, concernentes a cada ordem de fenomenos.

Guardo para as nossas futuras conferencias a explicação do primeiro sistema, que forma a parte central da *Filozofia Primeira*. A apreciação da evolução mental de nosso Mestre ficaria, porem, incompleta si não vos assinalasse desde já o grau inesperado de relativismo atingido então pelo nosso dogma. Bazeando todo o edificio teorico na regra que nos prescreve de formar a hipoteze mais simples e mais simpatica que comporta o conjunto dos documentos a coordenar, expurgou Ele, com efeito, o Pozitivismo de qualquer solidariedade, mesmo aparente, com o absolutismo sientifico. Reconhece-se logo o alcance desta decizão vendo, já a pozição subordinada em que fica o dogma das leis naturais, já o modo por que é este instituido. Indicar-vos-ei, a este proposito, as proprias palavras da POLITICA:

O MESTRE.— O segundo principio, ordinariamente considerado como superior ao primeiro, consiste na imutabilidade das leis quaisquer, que regem os entes mediante os acontecimentos, conquanto só a ordem abstrata permita apreciá-las. Apezar do carater excluzivamente objetivo que se atribui a esse dogma, não tenho mais precizão de demonstrar a sua subjetividade, menos contestavel no fundo do que a sua objetividade. Porque

esta rezultará sempre de uma indução puramente empirica, si bem que tornada, ha muito, irrezistivel, pelo menos quanto ao espetaculo inferior; ao passo que aquela repouza naturalmente sobre motivos racionais. Podemos demonstrar a necessidade de instituir leis para dirigir a nossa conduta; mas só a experiencia nos ensina que elas reprezentão a ordem universal, tanto quanto precizamos conhecê-la. No fundo, esta ultima convicção não é direta e espontanea sinão quanto ao espetaculo humano, e não a extendemos ao mundo sinão depois de uma longa exploração, sucitada sobretudo pelas exigencias praticas. *Tal certeza, que não póde nunca tornar-se plenamente satisfatoria, perziste no entretanto indispensavel á instituição do dogma pozitivo*, de outra fórma reduzido a contentar o interior sem refletir o exterior. Eis porque o segundo principio da pozitividade normal é tão inferior ao primeiro em dignidade como em utilidade, o metodo tendo, sob todos os aspetos, mais valor do que a doutrina, como as vontades comparadas com os atos. (*Ibidem*, IV, p. 174-175)

A Mulher.— É-me facil perceber a importancia de tal pogresso, porque no CATECISMO nosso Mestre reduziu a san logica á regra que agora prezide a sua filozofia. Lembro-me, todavia, que, dando então a teoria do entendimento, começou Ele por mencionar a lei que mostra a subordinação das nossas construções mentais aos materiais objetivos.

O Apostolo.— Basta remontar a uma epoca mais afastada, para sentir todo o pezo da vossa aluzão, pois que, como vistes, achava-se nosso Mestre ainda na sua faze filozofica, quando teve a primeira intuição de tal norma. É escuzado, porem, insistir agora mais neste ponto, sobretudo á vista da vossa espontanea obser-

vação. Retomando o assunto direto da nossa conferencia, passarei a completar as citações anteriores, com mais alguns trechos carateristicos. Na seguinte passagem vereis como nosso Mestre, mais uma vez, dezenvolve o relativismo do dogma das leis naturais.

O MESTRE.— Estudando a ordem universal afim de suportá-la com dignidade e modificá-la com criterio, devemos apreciar separadamente cada um dos graus essenciais cuja sucessão normal constitûi a sua concepção relativa, afastando a sua noção absoluta. Alem de que essa separação torna-se indispensavel ás nossas necessidades contínuas de especulação e de ação, só ela é que póde fazer-nos sentir assás o principio fundamental da imutabilidade. Porque este jamais comportará uma demonstração dedutiva, pois que fornece naturalmente a baze comum de todas as deduções pozitivas. Ele repouzará sempre sobre convicções essencialmente indutivas, que devem, portanto, surgir distintamente para as diversas classes de fenomenos irredutiveis. Seja qual fôr a potencia da analogia filozofica, o conjunto da iniciação teorica provou que a razão humana perziste em desconhecer a inteira generalidade do principio pozitivo, até que este haja especialmente abraçado todas as categorias naturais. Apezar dos preconceitos sientificos, póde-se, sem inconsequencia, considerar a maioria dos fenomenos como submetidos a leis imutaveis ao passo que só uma classe ecepcional permanece sujeita a vontades arbitrarias. Tal estado não cessa em virtude da conexidade real das diversas leis, a qual não é sucetivel de ser julgada sinão em virtude do surto respetivo; mas unicamente pela extensão direta e especial do principio pozitivo a cada parte do dominio abstrato.

A apreciação concreta é a unica que comporta uma

demonstração verdadeiramente dedutiva da imutabilidade, que não poderiamos mesmo neste cazo conceber de outra forma, pois que ignoraremos sempre a maioria das leis peculiares aos acontecimentos compostos. Mas a sua dependencia necessaria para com os fenomenos simples autoriza-nos plenamente a considerá-los como igualmente submetidos ao principio pozitivo, conquanto a dificuldade das induções e das deduções nos impeça de dezenvolvê-lo ahi de um modo especial. Então a palavra *azar* cessa de indicar o imperio do capricho e dezigna sómente o conjunto das leis desconhecidas; ao passo que o *destino* rezume o das leis conhecidas. Similhante distinção exige nomes convenientes, pois que *a ignorancia das relações equivale a sua não-existencia*, interdizendo-nos igualmente de prever para agir. Todavia, sob o aspeto filozofico, essa situação mental, que jamais poderá cessar, não impede a generalização decisiva do principio pozitivo, quando se acha enfim verificado de uma maneira especial para com todas as classes de fenomenos irredutiveis. (*Ibidem*, IV, p. 190-192)

A Mulher.—Recordo, meu pai, que, no CATECISMO, se encontra uma apreciação analoga (46) acerca da ordem natural. Dessas passagens conclûi-se que, eliminando a siencia concreta, manteve nosso Mestre a extensão do principio da imutabilidade aos cazos compostos. Igual consequencia se tira dos textos da SINTEZE, que me explicastes. Não póde, portanto, haver duvida que tal generalização se concilia com a admissão das vontades para completar as leis. O acordo dessas decizões já me foi mesmo explicado, de um modo geral, pelas vossas reflexões anteriores.

O Apostolo.— Unicamente preocupado com a vossa iniciação, cingir-me-ia ao que já vos tenho

(46) CATECISMO, p. 144 da tradução brazileira, 1ª edição.

dito a tal respeito. Mas o vosso digno prozelitismo exige ainda alguns esclarecimentos especiais. É por isso que começarei lembrando-vos textualmente as passagens da SINTEZE, a que acabais de aludir. Limitar-me-ei todavia ao que fôr estritamente indispensavel ao fim que temos em vista.

O MESTRE.— Considerando que cada grupo de fenomenos não póde jamais ser inteiramente fixo, reconhece-se que a *imutabilidade das leis naturais não póde convir aos acontecimentos compostos, e fica sempre limitada aos seus elementos irredutiveis.* (SINTEZE, p. 7)

Em virtude desta destinção (entre a Filozofia Primeira e a Filozofia Segunda), a ordem natural rezulta de um concurso no qual a fatalidade geral domina as fatalidades especiais. Em seguida a estas colocariamos *as leis concretas, si o seu conhecimento nos fosse realmente permetido.* A nossa *maturidade*, consagrando o regimen da nossa infancia, *as substitúi por vontades*, sempre subordinadas á dupla fatalidade. Tal é a *economia final* do entendimento humano *quando ele renuncia ao absoluto* para construir uma sinteze capaz de assistir a simpatia e de guiar a sinergia. Ela exige que a fetichidade seja sistematicamente extendida da ordem concreta á ordem abstrata. (*Ibidem*, p. 14)

O Apostolo.— Meditando no conjunto desses dois textos com a veneração devida ao seu autor, ninguem hezitará em reconhecer que nosso Mestre ahi proclama a existencia das leis concretas. É impossivel dar outro sentido a esta fraze: *em seguida colocariamos as leis concretas si o seu conhecimento nos fosse realmente permitido.* Não ha duvida tambem que Ele ahi afirma que o conhecimento de tais leis *não nos é realmente permitido.* Dahi rezulta que,

afetivamente, praticamente, e mesmo intelectualmente, para nós, *é como si tais leis não existissem*. (CATECISMO, 122, POLITICA, IV, 191). O que aproveita ao altruísmo, á poezia, á siencia, e ao trabalho, a vaga afirmação da existencia de regras que não conhecemos, nem conheceremos nunca? Nessas condições é nosso dever instituir o regimen mental que fôr mais favoravel ás nossas necessidades, morais, intelectuais, e fizicas. Satisfez nosso Mestre a esse dever, substituindo as leis concretas por vontades sempre subordinadas á dupla fatalidade.

A sabedoria dessa rezolução fica patente, considerando-se a modificabilidade da ordem natural, por um lado, e por outro lado, a harmonia geral, si bem que insuficiente, que espontaneamente existe entre essa ordem e as exigencias humanas. Limitando-nos a construir uma *sinteze relativa, capaz de assistir a simpatia e de guiar a sinergia*, podemos sempre supôr a Terra animada de sentimentos benevolos para com a Humanidade, de acordo com essa modificabilidade e essa harmonia. Tal hipoteze não é sucetivel de produzir decepções que sejão evitaveis por outro meio; porque a atividade dos seres inorganicos é suposta cega e subordinada á dupla fatalidade. E entretanto essa ficção permite introduzir por toda parte ligações que encantão o coração, entuziasmão a atividade, e arrobão a inteligencia. No proprio dominio abstrato, e durante o acendente dos sientistas, se encontra frequentemente o exemplo da substituição consiente de uma *ordem ficticia á ordem real*, porque o conhecimento desta nos é inacessivel, como o atesta especialmente a teoria dos movimentos planetarios.

Melhor exemplo não se poderia invocar para

fazer sentir a futilidade das criticas dirigidas contra a coordenação final da nossa fé. A realidade não é menos violada, quando se substitúi uma lei cega complicada que se ignora por uma lei igualmente cega mais simples, do que quando se imaginão vontades para suprir leis eternamente impenetraveis. Reconhece-se a racionalidade de ambos os cazos, desde que se toma para supremo fito o conjunto das necessidades humanas; porque só o que é importante e exequivel é construir uma reprezentação ideal do mundo, capaz de assistir a simpatia e dirigir a sinergia. Inquietando-se, porem, com preocupações *absolutas*, as duas instituições têm de ser igualmente repelidas, como notoriamente *subjetivas;* e ficariamos estupidamente imoveis ou loucamente agitados, pela impossibilidade de conhecer efetivamente a *verdade objetiva*. Uzando de tal criterio, as siencias inferiores, sem excluir a propria matematica, estarião hoje dissolvidas, como a teologia ou a metafizica. Si não fosse a pressão espontaneamente exercida pelos praticos sobre os sientistas, o delirio e o empirismo academicos já as terião aliás conduzido a este rezultado.

A Mulher.— Fica evidente, á vista destas considerações, que o acendente continuo do ponto de vista humano acabará por demonstrar a todos os espiritos a racionalidade da nova sinteze. Grande será mesmo a surpreza de muitos, quando perceberem a incoherencia em que incorrem, recuzando, em cazos identicos, a sabedoria de um mesmo principio.

O Apostolo.— É precizo ainda, minha filha, para bem compenetrar-vos do pensamento de nosso Mestre, lembrar-vos que a sinteze subjetiva não atendeu só ás nossas exigencias afetivas, esteticas, e praticas, mas considerou tambem as nossas nece-

ssidades teoricas. Referem-se estas especialmente á ligação mutua dos acontecimentos e dos seres (CATECISMO, p. 193) o que se torna inexequivel sem a circunscrição previa dos objetos a considerar, e a fixação do grau a que deve atingir a coordenação. Esta dupla determinação só é realizavel mediante a suprémacia do sentimento impulsionando a atividade a realizar por toda parte o bom e o belo, inseparaveis apenas do conhecimento *relativo* do verdadeiro. Dada a desconexão que existe entre o *Universo* e o nosso *Mundo*, bem como averiguada a inutilidade e a impossibilidade de conhecermos a maioria dos entes que conosco convivem, que pretenções razoaveis ouzaria ter o espirito alem da *sinteze subjetiva*? O regimen intelectual mais simpatico é, portanto, ao mesmo, tempo o unico capaz de satisfazer ás dignas aspirações teoricas.

Mais bem apreciada, a extensão dedutiva do principio das leis naturais aos cazos concretos consolida a sinteze relativa do Pozitivismo. Instituindo de fato, similhante generalização, fica-se prezervado de admitir jamais a existencia de vontades arbitrarias. Libertamo-nos assim dos vicios peculiares ao metodo teologico, ao passo que a impossibilidade verificada de construir leis concretas nos izenta do absolutismo sientifico. Traça-se assim a verdadeira esfera das almas emancipadas pelo amor da Humanidade.

A Mulher.— O que acabais de dizer satisfaz de antemão á uma pergunta que a extensão do principio da imutabilidade aos cazos compostos me tinha sucitado. Não via, com efeito, a razão por que nosso Mestre insistia em manter similhante extensão, depois de haver mostrado a necessidade de substituir as leis concretas pelas vontades ficticias.

O Apostolo.— Julgo o que precede suficiente para dissipar nos espiritos retos os principais preconceitos que hoje se opõe á aceitação da fé pozitiva. Esclarecido no seu conjunto o pensamento de nosso Mestre, só resta agora, com efeito, interpretar de acordo com ele os textos que parecerem de dificil comprehensão. Reconhece-se assim, por exemplo, a perfeita harmonia de tudo quanto ficou atraz com o seguinte trecho já acima mencionado:

O MESTRE.— Considerando que cada grupo de fenomenos não póde jamais ser inteiramente fixo, reconhece-se que a imutabilidade das leis naturais não póde convir aos acontecimentos compostos, e fica sempre limitada aos seus elementos irredutiveis. (SINTEZE, p. 7)

A Mulher.— O mesmo conceito ja foi enunciado na POLITICA, como me mostrastes ha pouco.

O Apostolo.— Ninguem que se colocar no ponto de vista subjetivo terá dificuldade de perceber a exatidão de tal sentença. Imaginai, em primeiro lugar, a totalidade dos elementos, intrinsecos e extrinsecos, que concorrem para cada acontecimento composto, e vereis que este jamais póde ser inteiramente fixo, mesmo objetivamente considerado. Mas essa instabilidade fica mais patente quando se a encara em relação a nós, pela impossibilidade em que estamos e estaremos sempre, já de enumerar siquer exatamente esses elementos, já de medir-lhes o verdadeiro grau, já, enfim, de combinar assás os que conhecemos suficientemente. O principio da imutabilidade das leis naturais dezaparece, pois, *para nós*, de fato, nos cazos concretos, e perziste apenas para com os seus elementos irredutiveis.

Forão ponderações dessa ordem que conduzírão nosso Mestre a esta outra propozição: *As leis sendo sempre restritas ao dominio abstrato, as explicações concretas ficarião impossiveis sem a assistencia das vontades.* Em suma, tudo se rezume neste lema irrecuzavel: não conhecendo nós, e não podendo conhecer nunca, sinão leis abstratas, somos forçados a proceder, isto é, sentir, pensar, e agir, como si só elas existissem. Regras praticas, por mais multiplicadas que sejão, não poderão jamais alterar similhante condição; porque constituem expedients grosseiros, mais ou menos afastados da realidade. Não se deve esperar conseguir um dia principios empiricos comparaveis á lei da gravitação. A insuficiencia filozofica de tal norma que liga as translações sem coordenar as rotações planetarias, bem mostra o que podemos esperar nos outros cazos concretos, por sua natureza, incomparavelmente mais complicados.

A Mulher.— Não creio, meu pai, que sejão necessarias maiores explicações para evidenciar a perfeita continuidade do pensamento de nosso Mestre. Dezejaria, porem, que rezumisseis em um quadro a sua concepção final do nosso dogma.

O Apostolo.— Nesse intuito, limitai primeiro as investigações normais ao que é exigido pelas nossas necessidades morais, dando a estas a sua inteira plenitude, como concernindo ao mesmo tempo á nossa natureza e á nossa situação. O dominio mental achando-se assim unificado, distinguem-se nele duas classes de especulações, intimaments conexas, uma abrange as contemplações indispensaveis á ação sobre o Homem, o outro contem os conhecimentos especialmente relativos á ação sobre a Terra. Grupão-se na primeira a poezia e a siencia ou filo-

zofia, habitualmente combinadas sem confuzão em cada concepção pozitivista, como se dá com a arimetica e a algebra em um calculo qualquer. Embora contenha essa classe a maioria das noções necessarias á sistematização da atividade industrial, exige esta ainda uma serie de preceitos complementares que, no seu conjunto, constituem a segunda categoria das investigações pozitivas. Incumbidas respetivamente aos teoricos e aos praticos, essas duas secções comportão sempre uma cultura religioza, já em virtude da indivizibilidade do sistema especulativo, já em consequencia da convergencia de todos os aspetos elementares na apreciação de cada questão concreta. Recordai-vos demais que o carater sintetico dos oficios industriais é apenas parcial, pois que o exercicio de qualquer um exclûi o da quazi totalidade dos outros. Achareis no quadro junto *(Quadro A)* as decompozições secundarias, bastando-me assinalar-vos agora que a divizão do departamento sientifico, em *Filozofia Primeira* e *Filozofia Segunda*, permite estabelecer uma tranzição suave da sabedoria teorica para o engenho industrial.

A Mulher.— Antes de despedir-vos de mim, meu pai, sinto necessidade de agradecer-vos especialmente as preciozas luzes que acabais de dar-me. Minha profunda gratidão para com a imensidade dos serviços de nosso Mestre levou-me, a principio, a não ver neste estudo sinão um poderozo meio de facilitar o meu prozelitismo. Entretanto, percebo agora que a minha adoração adquiriu uma inesperada intensidade, graças ao melhor conhecimento de tão prodigioza elaboração. Reagindo sobre o culto da nossa terna e imaculada Padroeira, mediante uma admiração mais consiente do seu prestigiozo influxo, as vossas explicações

proporcionão, ao mesmo tempo, á idolatrada imagem dela uma vivacidade que mais realça os santos vultos da augusta Mãi e da devotada Filha de nosso estremozo Pai espiritual.

O Apostolo.—Isto vos mostra, minha filha, quanto a san cultura do espirito póde contribuir para fortalecer o coração, assinalando-vos tambem o mais alto destino do dogma. Concebei, pelo que se acaba de passar em vossa alma, com relação a nosso Mestre e seus tres Anjos, a que grau não deve atingir o amor da Humanidade, quando é ele asistido por uma plena compenetração da natureza, do destino, e da situação do Gran-Ser. O supremo dezejo de saborear tão sublimes emoções que só a digna iniciação enciclopedica é capaz de proporcionar, constituirá sempre, para as almas egregias, o mais forte dos estimulos teoricos.

Concluido o estudo da evolução peculiar á nossa fé, devo indicar-vos o assunto das nossas duas conferencias futuras. Limitar-se-ão elas a coordenar e dezenvolver as indicações que já possuís acerca da *Filozofia Primeira*, graças ao nosso CATECISMO. Ahi vereis como o Espaço é sucetivel de dispertar as salutares emoções inherentes á regeneração pozitivista da Fatalidade, mediante a evocação das leis involuntarias que a contemplação religioza do Gran-Meio determina. Reconstruindo, porem essa teoria com os materiais deixados por nosso Mestre, tereis o ensejo de verificar que, apezar do essencial preenchimento da sua missão, a sua morte deixou-nos irreparaveis lacunas secundarias! Assim a mais grata reação das nossas proximas entrevistas consistirá em corroborar a identificação, que até aqui temos constatado, dos mais altos destinos da Humanidade com a perfeita submissão ao seu Interprete Supremo.

OITAVA CONFERENCIA

APRECIAÇÃO DA SECÇÃO MAIS SUBJETIVA DA FILOZOFIA PRIMEIRA

PRIMEIRA PARTE DO COMPLEMENTO DOUTRINARIO DO

CONJUNTO DO DOGMA

A Mulher.— Quando tratastes da teoria do Espaço, aludistes, meu pai, ás passagens do nosso Catecismo relativas á *Filozofia Primeira* que ficastes de começar a ensinar-me hoje. O dezejo de preparar-me para melhor comprehender as vossas explicações levou-me a rever esses pontos, onde vem indicada a conexão mutua de algumas das leis universais e mesmo a sua dependencia para com as leis mentais. Não consegui, todavia, perceber o principio da coordenação do seu conjunto, desde que elas são independentes da jerarchia dos fenomenos, embora a supremacia do dogma da Humanidade me faça conjeturar que nele rezide o dezenlace de similhante embaraço.

O Apostolo.— Grave é realmente, minha filha, a dificuldade que assinalais, porque a construção de que se trata, fornecendo o alicerce de todo o edificio dogmatico, não póde repouzar em nenhuma outra baze teorica. Reconhecereis, entretanto, a plenitude sintetica dessas quinze regras, dezenvolvendo apenas

os esclarecimentos que a tal respeito possuis. Encerrão elas, com efeito, por um lado, a sistematização direta do culto, dando-nos as leis fundamentais do sentimento, da inteligencia e da atividade, e conduzem, por outro lado, á instituição da jerarchia especulativa, indispensavel sobretudo para o digno estabelecimento do regimen. Vou mostrar-vos como essa dupla propriedade dimana de um confronto imediato das referidas leis com o principio afetivo do Pozitivismo.

Recordai para isso, antes de tudo, que a natureza dessas leis as torna universais por motivos de diversa especie. Em primeiro lugar, a ordem só podendo ser conhecida pela Humanidade, as normas peculiares á função apreciatriz do Gran-Ser influem na instituição de quaisquer outras, como vistes no CATECISMO. (47) Bazes subjetivas de todas as noções, essas regras devem, portanto, ser estudadas antes de abordar-se as demais investigações. Em segundo lugar, as condições supremas do acordo espontaneo que existe entre a Humanidade e o Mundo verificando-se indiferentemente na constituição tanto do Gran-Ser como do Gran-Fetiche, a teoria do entendimento seria incompleta si as não tomassemos em conta. Compõe elas, portanto, uma outra categoria de leis, subjetivamente subordinadas ás primeiras, e universais como elas, por serem indispensaveis ao conhecimento da inteligencia; mas nas quais prevalece o objetivismo, porque subzistirião em relação ao Mundo, quando mesmo não existisse a Humanidade. Essas considerações, ao mesmo tempo que assinalão a principal divizão das leis universais, indicão que foi a coordenação das leis mentais, cuja

(47) CATECISMO, p. 124 da tradução brazileira, 1ª edição.

A Mulher.— Frizando especialmente este ponto, acabastes de dissipar todas as nevoas que o meu espirito encontrava em tal assunto. Espero, por isso, poder agora seguir a vossa explicação das quinze leis universais.

O Apostolo.— Não devo, porem, entrar neste estudo sem ter caraterizado inteiramente o campo da *Filozofia Primeira*, cuja parte media apenas vos mencionei até aqui.

De fato, as quinze regras que temos considerado não podem ser convenientemente apreciadas sem que se tenha de ante-mão estabelecido a natureza abstrata do dogma. Já havendo as conferencias anteriores dezenvolvido cabalmente o que, sobre essa instituição necessaria, aprendestes no CATECISMO(48), estou hoje dispensado de insistir nela. Logo em seguida ás leis universais é precizo, porem, examinar a constituição da jerarchia sientifica que delas procede. Muito embora o CATECISMO (49) contenha o principio de tal explicação, será precizo dezenvolvê-lo, sobretudo para ligar as nossas conferencias ás partes da *Introdução* da SINTEZE SUBJETIVA que vos faltão estudar.

A Mulher.— Á vista destas indicações, sou levada a considerar a teoria do conjunto do dogma que vem no CATECISMO, como uma antecipação da *Filozofia Primeira.*

O Apostolo.— Fórma realmente essa teoria, minha filha, o primeiro esboço completo da construção que estamos considerando. Entretanto não deveis esquecer que o seu germen acha-se nas duas primeiras lições do SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA.

(48) CATECISMO, p. 131 da tradução brazileira, 1ª edição.
(49) *Ibidem*, p. 135.

Lendo novamente os trechos que delas estrahi para o vosso uzo, apanhareis a filiação entre a concepção definitiva da *Filozofia Primeira* e a instituição inicial do dominio especulativo, segundo elas. Indico-vos sumariamente esta observação, porque os dados que possuis bastão para que a explaneis por vós mesma convenientemente. Cingindo-me, pois, doravante á coordenação das leis universais, aprezentar-vos-ei os topicos respetivos de nosso Mestre, grupando-os em torno da apreciação que a tal respeito se encontra no IV tomo da POLITICA.

O MESTRE.— Depois de haver assás caraterizado a natureza abstrata do dogma pozitivo, devo determinar os principios universais sobre os quais ele repouza, antes de apreciar a jerarchia que o constitûi.

Esses principios, confuzamente entrevistos, ou antes dezejados, por Bacon, sob o nome vago de filozofia primeira, consistem em tres grupos de leis gerais: um tão objetivo como subjetivo; os outros dois essencialmente subjetivos ou sobretudo objetivos.

Instituo o primeiro combinando duas leis sientificas, naturalmente conexas, com uma lei logica que as deve preceder, conquanto pareça depender delas.

Ela consiste no principio, verdadeiramente fundamental, que por toda a parte prescreve que se forme a hipoteze mais simples que comporta o conjunto dos documentos a reprezentar. Esta unica baze da verdadeira racionalidade póde ser igualmente apreciada como objetiva ou subjetiva, pois que ela regula diretamente a susubordinação do subjetivo ao objetivo, satisfazendo ao mesmo tempo as nossas propensões e os nossos deveres. Mas esse preceito deve sempre aplicar-se com o complemento afetivo que o volume precedente definitivamente

introduziu na constituição, puramente especulativa, que se lhe supõe ainda. A complicação sendo tão vicioza, para o espirito e o coração, quando emana dos sentimentos como quando provem dos pensamentos, as nossas hipotezes devem ser expurgadas tanto de malevolencia como de sobre-carga. Si a segunda purificação facilita diretamente a elaboração mental, a primeira a assiste indiretamente, aperfeiçoando o concurso necessario dos impulsos morais, mais perturbadores, conquanto mais intensos, desde que o egoismo os prezide em lugar do altruismo. Tal conplemento não importa menos ao destino exterior dos esforços intelectuais do que a sua realização interior; pois que o ecesso de subjetividade perturba a reprezentação tanto quando provem do coração, como emanando do espirito. Assim concebido, este preceito sistematiza ao mesmo tempo a constituição e o dezenvolvimento da logica pozitiva, instituindo a combinação dos sentimentos com as imagens e os sinais para assistir, e mesmo regular, a inteligencia. (POLITICA POZITIVA, IV, p. 173-174)

A Mulher.— As passagens que já conheço de nosso Mestre e as explicações que me destes quando tratastes desta lei no CATECISMO nenhuma duvida me deixão acerca do sentido e do fundamento dela. No entanto, não posso descobrir como a simples contemplação do Espaço é sucetivel de no-la recordar.

O Apostolo.— Brevemente reconhecereis a aptidão do Gran-Meio quanto á evocação que vos preocupa. Antes, porem, de satisfazer-vos sobre este ponto, precizo mencionar-vos um trecho do III volume da POLITICA, afim de habilitar-vos a dissipar as pretenções dos que afetão ter ampliado, em pontos capitais, a obra de nosso Mestre. Zelando assim o

vosso digno prozelitismo, vereis que contribuo tambem para melhor apanhardes todo o alcance de similhante principio.

O MESTRE.— ...A extensão, a perzistencia, e a unanimidade das pretendidas aberrações fetichicas bastarião mesmo a qualquer filozofo verdadeiro para considerar o conjunto delas como constituindo então o melhor sistema que comportasse a nossa situação teorica.

Alem dessa justificação relativa, *a tendencia primitiva a crer o que se dezeja* deve ser diretamente julgada conforme ao espirito fundamental da san logica. Sem indicar aqui a sua reação moral, que será abaixo apreciada, eu continuo a caraterizar sómente sua influencia intelectual. É precizo *então* considerar similhante dispozição como o *complemento necessario* do principio universal relativo á simplicidade das hipotezes.

Com efeito, essa prescrição geral não é menos normal afetivamente do que especulativamente. Porque, toda sinteze exige que reportemos ao nosso proprio destino a apreciação da ordem exterior, a menos que se não procure o absoluto, mais viciozo objetivamente do que subjetivamente. O conhecimento real da economia natural é só o que póde conter o nosso arrastamento espontaneo para as opiniões que melhor favoressem os nossos instintos dominantes. Mas, alem disso, essa predileção permanece teoricamente legitima, enquanto concorre para facilitar a sinteze universal, aumentando a um tempo a simplicidade das nossas hipotezes e a nossa união com o exterior.

Sem que a ordem real nos seja tão favoravel quanto o sonha o optimismo monoteico, a existencia e o progresso da Humanidade provão que ela não nos é radicalmente hostil, e mesmo que se nos torna cada vez mais

propicia, sobretudo mediante a nossa criterioza intervenção. Já que devemos principalmente estudar as suas boas dispozições, afim de melhor dezenvolvê-las, importa que a nossa propria tendencia nos prepare para dicerni-las. A admiração preliminar, reconhecida indispensavel para a apreciação do belo, não é menos conveniente ao estudo do verdadeiro como á elaboração do bom.

Toda tendencia antipatica que não é assás motivada torna-se tão contraria ao dezenvolvimento do espirito como á satisfação do coração. Assim, na situação primitiva da nossa inteligencia, na qual, por falta de baze exterior, o principio teorico emana necessariamente da inspiração moral, ele deve provir sobretudo das nossas inclinações benevolas. O dezespero, a denigração, e a desconfiança deverião, pois, ser então afastados sistematicamente, mesmo no que concerne á ordem material, si não se achassem espontaneamente contrarios ás nossas tendencias dominantes. Porque eles impelem a complicar as nossas hipotezes, de maneira a nos afastar da verdade. Apezar da imperfeição maior da ordem humana, é sobretudo a seu estudo real que convem essas prescrições gerais. Não se apreciará jamais o verdadeiro espetaculo historico sem uma profunda veneração para com o conjunto do passado.

Conquanto a ordem individual seja ainda mais imperfeita em virtude da sua complicação superior, todo espirito criteriozo extenderá até ela a nossa predileção espontanea para as hipotezes as mais favoraveis, como sendo necessariamente mais simples do que as que são inspiradas pelo temor e a desconfiança. Muitas vezes me tenho felicitado por haver quazi sempre seguido similhante regra nos meus juizos sobre as pessoas, mesmo quando a experiencia acabou finalmente por contradizer

as minhas primeiras suposições. Com efeito, toda suspeita não ainda motivada constitûi, em tais problemas, uma complicação logica tão vicioza como a do geometra que sobrecarrega a curva alem do que é indicado atualmente pela equação. Em ambos os cazos, a confirmação ulterior seria igualmente fortuita, e não dissiparia a irracionalidade de similhante desvio. Que a complicação superflua das nossas hipotezes provenha do coração ou do espirito, ela tende sempre a arrastar-nos para aberrações indefinidas, determinando um ecesso de subjetividade que não comporta freio algum direto. Assim, a ingenua confiança dos fetichistas deve ser finalmente julgada como tão favoravel ao nosso dezenvolvimento intelectual como ao nosso melhoramento moral, enquanto permanece compativel com a apreciação efetiva da ordem natural. Esse regimen da nossa infancia convem igualmente á nossa maturidade, que deve somente modificá-lo sempre segundo o progresso dos nossos verdadeiros conhecimentos, substituindo o absoluto pelo relativo.

As nossas sans teorias não podendo e não devendo oferecer sinão aproximações constantemente imperfeitas do espetaculo exterior, a sua natureza e a sua destinação deixão á nossa inteligencia uma certa liberdade, que convem aplicar á melhor satisfazer as nossas boas inclinações. É precizo, antes de tudo, empregar essa faculdade para simplificar mais as nossas hipotezes, afim de facilitar o seu uzo especulativo. Somos em seguida autorizados, e mesmo convidados, a embelezá-las tanto quanto o permite a indeterminação que ainda assim nelas se encontra, pois que dest'arte elas se tornão mais favoraveis ás nossas meditações. Enfim, devemos tambem aperfeiçoar o seu carater moral, como podendo influir muito sobre as reações afetivas que se ligão a qualquer exercicio inte-

lectual. Tal é o triplice complemento, sientifico, estetico, e simpatico, exigido pelo principio fundamental da san logica sobre a construção das hipotezes quaisquer, concebidas primeiro objetivamente, e depois subjetivamente.

O seu digno enprego é só o que póde regularizar o concurso espontaneo dos sinais, das imagens, e dos sentimentos, para secundar a elaboração teorica. A partir do divorcio dezenvolvido pela anarchia moderna entre o espirito e o coração, estima-se menos a moralidade das hipotezes do que a sua beleza e sobretudo a sua simplicidade. Entretanto a sua influencia real sobre as nossas operações mentais é, no fundo, maior, conquanto mais indireta, aos olhos de quem quer que bem aprecie o conjunto da nossa constituição cerebral. Ela adquire uma importancia crecente a medida que as nossas especulações se complicão. Os fetichistas inaugurárão, pois, espontaneamente a verdadeira logica, aplicando ao mundo exterior, objeto unico das suas teorias, o feliz instinto que supõe por toda a parte a perfeição moral, sem a qual o embelezamento estetico e a simplificação sientifica jamais bastão ás nossas necessidades especulativas. Essa dispozição normal achar-se-á consagrada pelo regimen final, que a ha de utilizar mais, destinando-a sobre tudo aos estudos mais nobres e mais dificeis. Tornando-se relativa em lugar de perzistir absoluta, ela se dezenvolverá mais livremente, emancipando-se dos escrupulos objetivos por sua instituição subjetiva. (50) (*Ibidem*, III, p. 94-98)

(50) Quando escrevemos a *nota A* do opusculo acerca da *Filozofia Chimica*, não tinhamos prezente esta passagem de nosso Mestre. O leitor, comparando as atuais reflexões com a referida nota, reconhecerá que essa circunstancia não nos permitiu assinalar desde então a origem da pretendida lei complementar de que ali se trata.

A Mulher.— Isto tudo concorrendo para corroborar a incorporação do fetichismo ao pozitivismo, faz-me sentir o alcance dos esclarecimentos de que ia ficando privada, sem a vossa espontanea solicitude.

O Apostolo.— Lerei ainda sobre este assunto o seguinte trecho de nosso Mestre, antes de aprezentar-vos as reflexões que se me afigurão necessarias para habilitar-vos a dissipar todas as duvidas alheias, acerca da plenitude de similhante principio.

O Mestre.— Quanto melhor se comparão o fetichismo e o pozitivismo, tanto mais se reconhece a sua afinidade fundamental. Embora essas duas sintezes extremas sejão uma espontanea e a outra sistematica, oferecem elas uma equivalente subjetividade, condição necessaria de toda ligação universal. A sua opozição essencial reduz-se ao contraste geral entre o carater absoluto da primeira e o espirito relativo da segunda; de conformidade com as suas tendencias respetivas para as cauzas ou para as leis, bem como com o emprego do tipo humano, pessoal ou social, que lhes é peculiar. Ora, essas diversidades radicais, cuja manifestação foi aliás tardia, não determinárão a principio antagonismo algum. Porque, o absoluto fetichico difere muito do absoluto teologico, em rezultar aquele instintivamente de uma insuperavel necessidade, ao passo que o outro supõe uma preferencia refletida da pesquiza das cauzas sobre o estudo das leis. O acendente espontaneo do primeiro não é hostil ao surto simultaneo da pozitividade, que não póde, pelo contrario, dezenvolver-se depois sinão reduzindo sempre a preponderancia do segundo.

Por todos os titulos essenciais, a influencia filozofica do fetichismo acha-se admiravelmente de acordo com os melhores preceitos do pozitivismo; o que motiva mais

o seu advento respetivo. A preponderancia fundamental do coração sobre o espirito, que a sistematização final estabelece dificilmente em um meio viciado pela teologia e a metafizica, emanou sem esforço da espontaneidade primitiva. Esse unico principio da sinteze humana conduziu, desde o começo, a constituir instintivamente a verdadeira logica, que sempre permaneceu popular, apezar das alterações doutorais, aquela que faz dignamente concorrer os sentimentos, as imagens, e os sinais na elaboração dos pensamentos.

Sob o impulso fetichico, a influencia afetiva prevaleceu ahi espontaneamente, como prevalecerá sistematicamente quando a diciplina pozitiva sobrepujar as rezistencias dos sofistas que pretendem regular o espirito sem participação alguma do coração. A feliz dispozição dos fetichistas á confiança habitual para com os seres e os acontecimentos quaisquer é eminentemente conforme á verdadeira racionalidade. Porque ela conduz a simplificar mais todas as nossas hipotezes. Com efeito, a simplificação destas consiste na eliminação, artificial ou natural, de cada influencia puramente subjetiva estranha á sua destinação objetiva. Ora, quer tal complicação seja moral quer seja mental, a purificação torna-se igualmente conveniente, e a sua importancia se proporciona á intensidade real das perturbações quaisquer.

A tocante logica dos menores negros é, portanto, mais criterioza do que a nossa secura academica, que, sob o pretexto empirico de uma imparcialidade sempre impossivel, consagra de ordinario a suspeição e o medo. Já observei aliás que o principio fetichico acha-se espontaneamente de acordo com a condição fundamental da instituição das sans hipotezes. Porque as inspiradas por ele são sempre sucetiveis de verificação, e desde então comportão uma refutação deciziva, a que escapão as su-

pozições teologicas ou metafizicas, cujo imperio só cess por dezuzo.

Enfim, conquanto o fetichismo se dirija necessariamente para as cauzas, o seu dogma conviria primeiro para as leis, si o estudo destas pudesse surgir então. Ele rezulta, com efeito, de uma assimilação geral entre os dois elementos fundamentais do grande dualismo teorico, a existencia inorganica e a atividade vital. Antes que as diferenças de ambos se tornassem assás apreciaveis, era precizo exagerar as suas similhanças para descobrir a sua verdadeira subordinação.

Deve-se, pois, remontar até o fetichismo afim de conceber a verdadeira instituição de uma logica que, apezar do estupido orgulho dos nossos pedantes, perderia necessariamente o seu principal valor si não fosse popular e perpetua... (POLITICA, III, p. 119-121)

O Apostolo. — Incidentemente lembra nosso Mestre, nesta passagem, que a condição fundamental da instituição das sans hipotezes consiste na verificabilidade delas. Não se refere, porem, essa prescrição sinão áquelas em que prevalece a destinação objetiva; porquanto já em sua FILOZOFIA justificou Ele, como vistes, a introdução de artificios puramente logicos. A combinação normal da poezia com a siencia, mediante a construção da sinteze subjetiva, veio enfim estabelecer plenamente o regimen intelectual, legitimando o uzo de ficções sobretudo simpaticas.

Farei agora as observações que vos anunciei ha pouco, no intuito de esclarecer-vos, tanto quanto está em mim, acerca do alcance desse principio fundamental. Reduzem-se elas a chamar a vossa atenção para a verificação da primeira lei universal, nas

duas fazes sempre assinalaveis em nossa elaboração mental. Ao passo que em uma se combinão os materiais fornecidos pelo mundo, na outra se decide acerca da conformidade entre o tipo criado e a realidade exterior. Notareis sem dificuldade que em ambos os cazos o juizo reprezenta a hipoteze mais simples, mais simpatica, e mais estetica de acordo com os dados de que dispõe a Humanidade e o homem. Com efeito, na quadra do dezenvolvimento inicial, o individuo, como a especie, nem siquer tem consiencia da diferença entre a *realidade* e a *ficção*: tudo quanto surge no cerebro é considerado como existindo fóra. Longo tempo decorre antes que a experiencia permita formular, como a hipoteze mais simples, a distinção das imagens e pensamentos em reais e ficticios. Inaugurado, porem, esse progresso pelo acendente continuo de tal lei, fornece ela tambem sempre o criterio que permite dicernir entre as chimeras e as verdades.

A vista do que precede comprehendeis porque nosso Mestre, examinando a *tendencia primitiva* (51) a crer o que se dezeja, exprimiu-se nos termos acima mencionados. No estado final da razão humana, a ninguem é licito desconhecer que as *nossas sans teorias não podem nem devem oferecer sinão aproximações constantemente imperfeitas do espetaculo exterior*. (52) Jamais, portanto, um pozitivista coherente imaginará que as suas concepções traduzem a realidade de um modo absoluto. Encarada, porem, como tendencia primitiva e aplicavel sobretudo á infancia individual ou coletiva, similhante dispozição torna-se o *complemento necessario do principio universal relativo á*

(51) Vide supra, pagina 248, a citação da POLITICA.
(52) *Ibidem*, pagina 250.

simplicidade das hipotezes. (53) Limita-se de fato tal complemento a especificar, nessa epoca, a manifestação do referido principio na operação logica que tem por fim decidir acerca da objetividade das nossas concepções.

Podeis assim julgar do valor de um aditamento, vizivelmente inspirado por essa passagem da POLITICA, e com o qual se afeta haver aperfeiçoado a grande lei de nosso Mestre. Longe de possuir qualquer originalidade, o acrecimo a que me refiro não passa de uma emenda infeliz do pensamento que vos acabo de assinalar, porque proclama como uma propensão geral o que constitûi apenas a dispozição das almas não emancipadas. Indiquei-vos, todavia esse suposto aditamento para habilitar-vos a dissipar as iluzões dos que, por ignorarem os escritos de nosso Mestre, se deixão arrastar por sofisticas aparencias de superioridade filozofica.

A Mulher.— Na prezente situação dos animos, terei frequentemente ensejo de utilizar-me das explicações que precedem, para sustentar a integridade da elaboração de nosso Mestre. Inclinava-me já a não crer que alguma coiza de essencial lhe houvesse escapado. O meu presentimento, porem, apenas permitia defender intimamente a minha fé, sem habilitar-me a transmiti-la aos outros.

O Apostolo.— Só resta-me, a respeito dessa primeira lei, mostrar-vos, milha filha, como a contemplação do Espaço no-la evoca espontaneamente. Uma reflexão inicial já vos conduziu a reconhecer a aptidão excluziva do Gran-Meio para reprezentar a *ordem abstrata*, a vista da plenitude do seu imperio. Livre de entes perceptiveis em quazi toda a sua vas-

(53) Vide supra, pagina 248, a citação da POLITICA.

tidão, Ele nos recorda a supremacia dessa ordem, que só póde ser estudada separando-a dos seres que domina. Mas a inaccessibilidade de qualquer exploração objetiva das suas propriedades, sucetiveis apenas de serem instituidas pelo espirito, patenteia tambem o que ha de ideal na noção sistematica da Fatalidade. Assim o Espaço nos traduz imediatamente o duplo atributo do dominio teorico que não póde ser geral sem tornar-se ao mesmo tempo ficticio até certo ponto. Não tereis agora dificuldade em perceber que o concurso de similhantes aptidões erige o paramo etereo em simbolo do relativismo proclamado pela lei-mãi da Filozofia Pozitiva.

A Mulher.— As vossas considerações me levão, de fato, a notar que a noção do Espaço é a manifestação mais nitida da irrezistivel tendencia do nosso espirito, para a simplicidade, a bondade, e a beleza das hipotezes. Nada mais simples do que figurar o nosso Mundo mergulhado em um fluido analogo áquele em que vivemos. Tão pouco era possivel outra conjetura para reprezentar de modo mais encantador a harmonia universal do que imaginar que o Espaço alimenta e inspira a nossa inteligencia, como o Ar nutre e estimula continuamente o nosso corpo. O culto pozitivista ha de aliás dezenvolver essas emoções peculiares á espontanea contemplação do Gran-Meio, mantendo, na adolecencia e no estado adulto, as propensões da infancia e da meninice a adorar a abobada estrelada.

O Apostolo.— Notai alem disso, minha filha, que essa lei é o primeiro pensamento que nos desperta a contemplação do Espaço, o que dispõe-nos a objetivar poeticamente essa inclinação da nossa inteligencia, atribuindo-a a uma influencia do Gran

-Meio. Instituido, primeiro espontaneamente, e depois sistematicamente pela Humanidade, o Espaço tem, com efeito, uma certa realidade subjetiva exterior ao individuo: é uma construção que nos veio de fóra, como é, por exemplo, o plano de uma machina. Na verdade, a Humanidade sofre e nos impõe a ação combinada das influencias peculiares ao Mundo, e das condições, concretas e abstratas, que a sua sabiduria vai estabelecendo.

Fica-se vendo assim que o Gran-Meio possûi uma existencia subjetiva tão distinta da nossa, como a serie de gerações que o elaborárão. Embora a sua idéia primitiva surja espcntaneamente em todos os cerebros, a sua concepção final é o rezultado da prodigioza evolução do Gran-Ser. Longe de ser um mero produto da nossa inteligencia individual, é no seu seio, conforme sentistes, que a Humanidade faz todas as almas haurirem o alimento, o estimulante, e o regulador de que carece a vida teorica. Imaginando, pois, que as leis abstratas traduzem a supremacia do Espaço sobre tudo quanto Ele ficticiamente encerra, não nos colocamos em uma situação puramente chimerica. Sente-se melhor a justeza dessa ponderação, considerando que a execução de uma substancia com os atributos do Gran-Meio apenas aumentaria a intensidade da sua eficacia atual, sem fazê-la perder o seu carater artificial. Dar-se-ia então o que se passa em relação aos produtos industriais e esteticos. Oriundos do Gran-Ser que os inventa, eles passão em seguida a atuar sobre Ele e sobre seus filhos como si fossem emanações diretas do Mundo. A poezia e a siencia não precizão, porem, como a industria, de simillhante concreção para produzir os seus efeitos, afetivos, intelectuais, e praticos.

A Mulher.— A explicação que terminais permite-me, meu pai, ligar a imagem do Espaço á concepção geral da ordem abstrata e especialmente á lei inicial da *Filozofia Primeira*. Muito embora precize de algum tempo para familiarizar-me bem com essa conexidade, sinto que similhante rezultado não depende de novos esclarecimentos. Eis, porque me considero habilitada a pedir-vos que comeceis a apreciação da segunda lei.

O Apostolo.— Relativamente á nossa segunda regra universal nada tenho que acrecentar ao que já sabeis. Insistirei, todavia, na seguinte apreciação de nosso Mestre.

Mestre. — O segundo principio, ordinariamente considerado como superior ao primeiro, consiste na imutabilidade das leis quaisquer, que regem os entes mediante os acontecimentos, conquanto só a ordem abstrata permita apreciá-las. Apezar do carater excluzivamente objetivo que se atribúi a esse dogma, não tenho mais precizão de demonstrar a sua subjetividade, menos contestavel no fundo do que a sua objetividade. Porque esta rezultará sempre de uma indução puramente empirica, si bem que tornada, ha muito, irrezistivel, pelo menos quanto ao espetaculo inferior; ao passo que aquela repouza naturalmente sobre motivos racionais. Podemos demonstrar a necessidade de instituir leis para dirigir a nossa conduta; mas só a experiencia nos ensina que elas reprezentão a ordem universal, tanto quanto precizamos conhecê-la. No fundo, esta ultima convicção não é direta e espontanea sinão quanto ao espetaculo humano, e não a estendemos ao mundo sinão depois de uma longa exploração, sucitada sobretudo pelas exigencias praticas. Tal certeza, que não póde nunca tornar

-se plenamente satisfatoria, perziste no entretanto indispensavel á instituição do dogma pozitivo, de outra fórma reduzido a contentar o interior sem refletir o exterior. Eis porque o segundo principio da pozitividade normal é tão inferior ao primeiro em dignidade como em utilidade, o metodo tendo, sob todos os aspetos, mais valor do que a doutrina, como as vontades comparadas com os atos. (*Ibidem*, IV, p. 174-175)

O Apostolo.— Caraterizadas assim a natureza e o alcance desta lei, só me cumpriria mostrar-vos a aptidão do Espaço para no-la evocar, si a serena magestade do Gran-Meio não fosse um dos seus atributos mais salientes.

A Mulher.— Resta-me todavia uma duvida a tal respeito, a vista das alterações que temos de imaginar na sua substancia para reprezentar-nos os diversos fenomenos que nele supomos. O aspeto fundamental do Gran-Meio é, na verdade, sempre o mesmo; mas a constancia do espetaculo geral se alia á variabilidade das senas mais ou menos passageiras de que Ele é teatro.

O Apostolo.— Similhante consideração, minha filha, adapta ainda melhor o Espaço á simbolização do dogma da imutabilidade, porque, como sabeis, este exprime apenas a constancia das relações atravez da variedade dos termos ligados. Assinalastes assim, espontaneamente, a tendencia do Gran-Meio para recordar-nos tambem a lei da modificabilidade, em cujo estudo vamos entrar.

O Mestre.—É precizo destinar o terceiro principio a completar o segundo, pois que as modificações quaisquer da ordem universal achão-se limitadas á intensidade dos fenomenos, cujo arranjo perziste inalteravel.

Em virtude das explicações do volume precedente, esta lei da modificabilidade deve separar-se da da imutabilidade, que poderia restringir-se a manter a natureza dos acontecimentos enquanto a sua sucessão mudasse. Como o segundo principio perderia então da sua principal eficacia, similhante apreciação faz sobresahir bem ao mesmo tempo a independencia e a utilidade do terceiro. A reação teorica deste tende a reduzir todas as questões reais ás especulações de quantidade, conquanto tal transformação não possa realizar-se assás sinão para os fenomenos inferiores. A sua influencia pratica institúi a subordinação racional da ação á contemplação, restringindo a nossa intervenção, mesmo subjetiva, a mudar o grau sem perturbar o arranjo. (*Ibidem*, IV, p. 175)

O Apostolo. — Similhante principio já vos é conhecido pelo CATECISMO. (54) Entretanto, ficareis mais bem compenetrada do seu alcance meditando nos seguintes topicos, onde nosso Mestre indica, já a filiação das suas idéias a tal respeito, já a escala da modificabilidade dos fenomenos.

O MESTRE. — Ele (o principio fundamental da modificabilidade) rezulta de uma suficiente generalização do admiravel aforismo, ao mesmo tempo logico e sientifico, construido pelo grande Broussais para subordinar a patologia á biologia. No volume precedente, (I da POLITICA) extendi primeiro essa bela concepção até o organismo coletivo, depois de o haver aplicado ás mais altas funções individuais. Mas os espiritos verdadeiramente enciclopedicos reconhecerão sem dificuldade que ela convem ainda melhor á ordem material, que mesmo o deveria ter sugerido, si as vistas sinteticas fossem mais

(54) CATECISMO, p. 45 e 148 da tradução brazileira, 1ª edição.

familiares aos cosmologistas. Com efeito, já notei que simples existencia astronomica torna por toda a part evidente a similhança essencial entre as forças perturb doras e as forças diretrizes, a partir do dezenvolviment especial da mecanica celeste. Si esta concordancia nec ssaria é menos sensivel na ordem fizica propriament dita, e sobretudo na existencia chimica, é isso provenier te só do estado mais atrazado da cosmologia terrestr em virtude da sua complicação superior. Porque a su principal aplicação concreta, a saber, a pretensa sienci geologica, conduziu já todos os bons espiritos a não ad mitirem ahi sinão as forças normais, mesmo em relaçã aos fenomenos que outróra fazião sonhar com catastrof inexplicaveis. Os tres modos ou graus da existenci material bastavão, pois, para fornecer uma baze indutiv capaz de sugerir o principio geral da modificabilidade si o regimen academico não houvesse tornado por d mais raros os verdadeiros pensadores sientificos. F em uma economia mais complicada, mas tambem ma alteravel, que ele foi enfim descoberto por um gen verdadeiramente sintetico, conquanto mal cultivado. S a sua importancia superior tratando-se de tal ordem s licitava mais a sua pesquiza perseverante, a abstraçã mais dificil que esse cazo exigia deve aumentar a noss admiração e o nosso reconhecimento por essa lumino indução. Extendido aqui a todos os graus enciclope cos, o aforismo fundamental de Broussais poderá, se perder o nome do seu imortal autor, tornar-se doravan o verdadeiro principio geral peculiar á teoria da mo ficabilidade quanto aos fenomenos quaisquer. Porqu si, como esse grande pensador o estabeleceu, a iden dade necessaria entre as influencias perturbadoras e potencias normais existe, em todo organismo, mesm nas molestias plenamente caraterizadas, ela deve conv

tambem ás simples modificações. Póde-se pois concluir por toda a parte que a existencia regular e as suas alterações quaisquer não diferem jamais sinão pela intensidade dos fenomenos, estaticos ou dinamicos, sem exigir nenhuma diversidade de leis. Em similhante reconstrução final do principio de Broussais, a minha propria participação limita-se á sua generalização completa, seguida de uma inteira sistematização, mediante uma aplicação oportuna dos meus habitos enciclopedicos.

Afim de melhor caraterizar essa lei fundamental da modificabilidade, importa compará-la com a que eu construi, terminando, ha dez anos, o meu tratado filozofico, para ligar por toda a parte o movimento á existencia. As duas descobertas parecem tanto mais analogas quanto esta afigura-se rezultar tambem de uma generalização sistematica do celebre principio matematico posto por d'Alembert, afim de reduzir os problemas dinamicos ás questões estaticas. Assinalei com lealdade esse confronto incontestavel, no momento mesmo em que introduzia tal vista filozfica, afim de facilitar a sua adoção. Mas, comparando suficientemente os dois cazos, sentir-se-á que eu levaria demaziado longe a abnegação pessoal si atribuisse a d'Alembert o principio que liga os dois modos de cada natureza, como o faço para Broussais quanto á subordinção do estado modificado ao estado regular. Porque o primeiro pensador, pouco sintetico no fundo, limitou essa concepção á mais simples existencia material, sem mesmo a conceber aplicavel á ordem fizico-chimica, e sobretudo ao estado vital. Ela não pareceu, com efeito, comportar sinão uma destinação matematica até que Blainville tentou transportá-la, demaziado confuzamente, ao dominio biologico, mediante uma generalização antes verbal do que real, que todavia secundou a minha. As minhas proprias medita-

ções á esse respeito não se tornarão verdadeiramente decizivas sinão quando a indução sociologica fez diretamente surgir um principio equivalente do cazo mais apropriado para determinar a sua sistematização final. Foi só depois de havê-la executado, que fiquei ferido pela sua concordancia necessaria com o aforismo especial que d'Alembert tinha a principio construido para a mecanica racional, sem que tal inicio pudesse sugerir uma suficiente generalização. O cazo é, porem, totalmente diverso com o principio de Broussais, falhado pelos geometras dos quais podia verdadeiramente emanar, e descoberto diretamente em uma emergencia muito complicada. Porque, estabelecendo-o para uma existencia tão alteravel, o seu autor devia implicitamente extendê-lo áquelas que o são menos, conquanto o curso dos seus trabalhos o haja afastado de formular explicitamente essa facil operação logica. Sem insistir mais em similhante explicação incidente, conservo-a aqui como apropriada a guiar os jovens pensadores para uma san apreciação, tão rara em um seculo anarchico, da nossa marcha intelectual e do verdadeiro merito teorico. Sendo sempre absurdo ensinar o metodo em separado da doutrina, cumpre utilizar todas as ocaziões em que se póde tirar do exercicio sientifico uma san instrução logica.

Seja como fôr acerca de tal incidente, ao mesmo tempo historico e dogmatico, devo agora indicar como a verdadeira teoria de qualquer existencia se rezume necessariamente em uma justa combinação entre os dois principios que acabo de comparar sem uni-los. Com efeito, a lei de Broussais subordina por toda a parte as modificações ao estado normal; ao passo qne a minha, decompondo este, liga sempre então o movimento á estrutura. O seu conjunto permite, pois, instituir, em relação a cada assunto sientifico, uma verdadeira unidade

logica. Para isso, basta fundar assim, no simples estudo estatico da existencia regular, primeiro a apreciação dinamica da sua evolução propria, e depois o exame complementar das suas alterações quaisquer. Poder-se-ia mesmo conceber afinal o principio de Broussais como uma simples extensão do meu, levado até as suas derradeiras consequencias. Porque, si o progresso é por toda a parte o dezenvolvimento da ordem, a alteração entra sempre na evolução, em alguns cazos restrita, e o mais das vezes exagerada. Mas, apezar desta incontestavel conexidade logica e sientifica, que eu devia caracterizar aqui, será necessario, de preferencia, empregar esses dois principios como si fossem radicalmente distintos, quando a nitidez das vistas tiver mais importancia do que a ligação destas. (*Ibidem*, II, p. 440-444)

A Mulher. — Mediante os esclarecimentos que precedem, fiquei tambem conhecendo mais profundamente o principio que bazeia o estudo do progresso no conhecimento previo da ordem. Esta apreciação antecipada não perturbou, porem, a marcha da vossa expozição, porque as duas leis já me sendo igualmente familiares, a minha atenção concentrou-se agora especialmente na regra concernente á modificabilidade.

O Apostolo. — Refletindo justamente no grau a que já chegou a vossa preparação pozitivista, espontanea e sistematica, foi que não hezitei em reproduzir-vos integralmente essa passagem de nosso Mestre. Isto vos permitindo ver logo que tal juizo comparativo deve normalmente ser feito a propozito do segundo dos principios em questão, nada poderia justificar que eu sindasse as considerações anteriores. Este mesmo criterio determina-me á mencio-

nar-vos o seguinte trecho onde se encontra o complemento da lei da modificabilidade anexado á lei da jerarchia:

O Mestre.—Para completar a instituição historica da minha escala enciclopedica, importa sentir que, á vista da sua fonte objetiva, ela determina tanto a ordem concreta dos seres ou das existencias como a ordem abstrata dos fenomenos. A coordenação sistematica das concepções praticas coincide, pois, com a das concepções teoricas; de sorte que o encadeamento e o classamento das artes são os mesmos que os das siencias. Ligão-se diretamente essas duas apreciações completando o principio jerarchico por este axioma geral: os fenomenos tornão-se mais modificaveis á medida que se complicão mais. Assim, a modificabilidade e a dignidade seguem necessariamente a mesma marcha. (*Ibidem*, III, p.53)

O Apostolo.—Basta juntar ás observações precedentes, as seguintes ponderações de nosso Mestre, para que fiqueis de posse de tudo quanto ha de essencial nessa teoria da modificabilidade. O trecho que vou ler-vos esclarece especialmente a relação entre a terceira e a segunda lei de *Filozofia Primeira*.

O Mestre.—A teoria fundamental da evolução humana acha-se assás estabelecida agora para prezidir á construção direta da filozofia da historia. Todavia, concerne ela sómente o movimento original rezultante sempre da sucessão natural das populações mais adiantadas. Eis porque devo, antes de terminar este capitulo inicial, caraterizar ainda as modificações normais que similhante marcha comporta no cazo das civilizações

retardadas. Quer elas fiquem entregues ao seu surto espontaneo, quer sobretudo este experimente a intervenção sistematica da vanguarda humana, a arte social, e mesmo a sociologia, tem precizão de determinar a natureza e a extensão de tais variações. Importa, não obstante, instituir agora sómente o principio filozofico de similhante apreciação, que deve ser dezenvolvida pelo curso normal da elaboração historica.

Este complemento geral da dinamica social deve fornecer á san politica a teoria pozitiva das tranzições artificiais. Ele repouza necessariamente na doutrina estatica da modificabilidade, que completa e termina o volume precedente. (II da POLITICA). Ora, eu demonstrei que essa teoria se condensa inteiramente neste principio universal, rezultante da extensão sistematica do grande aforismo de Broussais: toda modificação, artificial ou natural, da ordem real concerne sómente á intensidade dos fenomenos correspondentes. Si reduzir-se a palavra *ordem* a significar *arranjo*, conforme a sua verdadeira acepção filozofica, esta regra geral torna-se uma consequencia necessaria do dogma fundamental da religião pozitiva, a invariabilidade das leis quaisquer. Porque, ela consiste em reconhecer que, apezar das variações de grau, os fenomenos conservão sempre o mesmo arranjo; toda mudança de *natureza* propriamente dita, isto é, de classe, sendo aliás reconhecida contraditoria. Supondo a dispozição mutua tão variavel como a propria quantidade, a fixidez de especie tornar-se-ia insuficiente para constituir uma economia sucetivel de previzão racional, e, por consequencia, de modificação voluntaria.

Toda a nossa existencia real exige, pois, que as variações da ordem universal se limitem sempre á intensidade dos fenomenos, sem afetar jamais a sua sucessão, e

nem tão pouco á sua natureza. Então, por mais extensas ou complicadas que possão tornar-se essas mudanças não poderião elas impedir uma verdadeira previzão, propria para guiar a intervenção. Sómente os rezultados, teoricos ou praticos, poderão oferecer assim grandes dificuldades quanto á verdadeira quantidade dos efeitos considerados. Tal é a concepção definitiva do principio da modificabilidade, doravante inseparavel do dogma pozitivista. (*Ibidem*, III, p. 70-72)

O Apostolo.— Não teria agora, para concluir a apreciação desta lei, sinão de mostrar-vos como a imagem do Gran-Meio é apta para evocá-la. Indicastes, porem, vós mesma simillhante conexão ao concluirmos o estudo do principio da imutabilidade, pelo que me julgo dispensado de demorar-me mais em tal assunto.

A Mulher. — Nenhum embaraço encontro de fato atualmente em apanhar essa propriedade do Espaço; podeis, pois, entrar na explicação das outras regras universais.

O Mestre.— Tal é o primeiro grupo das leis universais, não menos relativas á constituição interior das nossas especulações do que á sua destinação exterior. Achão-se elas, desde este começo, assás multiplicadas para interdizerem toda esperança de construir uma sinteze absoluta, objetiva ou subjetiva; pois que, apezar do seu concurso, elas perzistem plenamente distintas. O segundo grupo, diretamente relativo ao entendimento, decompõe-se em dois, formado cada um de tres leis, segundo se considera a natureza estatica ou o surto dinamico da inteligencia. Conquanto o dominio dessas seis novas leis pareça mais restrito do que o das tres

precedentes, nem por isso são elas menos universais. Porque, regulando a existencia e o movimento da razão, elas regem tambem os objetos quaisquer do seu exercicio, sem o qual estes ficarião desconhecidos.

Na ordem estatica, a lei fundamental, estabelecida por Aristoteles, dezenvolvida por Leibnitz, e completada por Kant, consiste em subordinar as construções subjetivas aos materais objetivos. Mas esse principio não basta para caraterizar a razão, pois que convem igualmente á loucura, passageira ou permanente. Eis porque a constituição estatica do entendimento exige uma segunda lei, que reprezenta as imagens interiores como menos vivas e menos nitidas do que as impressões exteriores. Sem tal inferioridade, que a alienação faz cessar, o exterior não poderia jamais regular o interior conquanto continuasse a alimentá-lo e mesmo a estimulá-lo. Todavia, esse complemento ficaria insuficiente para instituir o estádo normal do entendimento, si todas as imagens coexistentes oferecessem, como nos prodromos da loucura, uma igual intensidade, aliás inferior á das impressões correspondentes. Uma terceira lei deve, pois, prescrever a preponderancia da imagem normal sobre aquelas que a agitação cerebral faz simultaneamente surgir. Assim completada, a teoria estatica do entendimento não exigirá nunca regras novas; pois que o interior cessa então de poder perturbar o imperio do exterior. (*Ibidem*, IV, p. 175-177)

O Apostolo.— O CATECISMO já vos deu esclarecimentos essenciais acerca dessas leis, (55)com eceção da ultima, que só posteriormente foi destacada de um modo nitido. No seguinte trecho da POLITICA encontra-se, porem, o primeiro apanhado de simi-

(55) CATECISMO, p. 70-72, 123-127 da tradução brazileira, 1ª edição.

lhante principio, alem de observações que contribuem para melhor apreciardes as condições da harmonia mental.

O Mestre.— Em virtude dessa luminoza destinação (*a organização e o dezenvovimeto da educação universal*), sentir-se-á sempre que a nossa existencia intelectual, profundamente ligada ás nossas afeições e á nossa atividade, se subordina, como elas, á dupla fatalidade rezultante da ordem exterior e da ordem interior. Ela deve mesmo depender mais de cada uma destas ultimas, pois que tem sobretudo por fim uni-las.

Toda teoria devendo acabar por fielmente reprezentar o exterior, os nossos sucessos especulativos dependem sempre de uma digna submissão das inspirações subjetivas ás impressões objetivas. Conquanto a nossa inteligencia devesse repelir longo tempo essa diciplina como incompativel com o seu primeiro surto sistematico, não podemos obter de outro modo rezultados inalteraveis. A nossa independencia inicial achou-se aliás contida espontaneamente pela reação necessaria das nossas exigencias praticas sobre concepções teoricas que a sua propria subjetividade tornou incapazes de rezistir a tais modificações. Entretanto a verdadeira harmonia entre a contemplação e a açaõ não póde ser constituida sinão no estado plenamente pozitivo. Então reconhece-se diretamente que o fim mais dificil e mais importante da nossa existencia intelectual consiste em transformar o cerebro humano em um espelho exato da ordem exterior. É somente assim que ela póde tornar-se a fonte direta da nossa unidade total, ligando a vida afetiva e a vida ativa á sua destinação comum.

A possibilidade de similhante transformação repouza na parte necessaria que tem a ordem exterior no

nosso proprio exercicio mental, cujos primeiros materiais são fornecidos por ela. Alem dessa alimentação elementar, ela inflûi tambem como estimulante, e mesmo como regulador, conforme se dá com todas as outras funções vitais, vegetativas ou animais. Essas tres influencias são profundamente conexas, e derivão todas de uma só lei cerebral, cujo alcance sistematico foi sempre menosprezado, conquanto se haja muitas vezes notado os fatos correspondentes. Ela consiste na preponderancia normal das impressões objetivas sobre os seus rezultados subjetivos.

Si as nossas imagens interiores pudessem oferecer tanta intensidade como as nossas sensações exteriores, o nosso estado mental não comportaria nenhuma consistencia; e,porconseguinte, a nossa existencia pratica tornar-se-ia incoherente, ou antes, indiciplinavel. Primeiramente a apreciação do exterior achar-se-ia radicalmente perturbada por essa energica concurrencia do interior. Porem, alem disso, a perturbação proviria ao mesmo tempo de muitas imagens independentes cuja igualdade de força impediria qualquer harmonia mutua. É só a comum preponderancia do espetaculo exterior que póde regularizar essa contemplação interior, assim subordinada naturalmente a uma fonte inalteravel. Quando a nossa agitação cerebral torna, pelo contrario, as lembranças mais intensas do que as sensações correspondentes, o nosso entendimento passa ao estado patologico. Todavia, o aparelho meditativo póde ainda retificar essas aberrações interiores, si elas são limitadas ao aparelho contemplativo. Similhante preponderancia do subjetivo constitûi o principal carater da alienação completa.

Assim a subordinação constante do interior ao exterior fornece a baze necessaria da harmonia mental, e, por consequencia, de toda a economia cerebral. Conquanto

tal regulador não possa imediatamente dominar sinão a contemplação, ele afeta indiretamente a meditação, em virtude da sua conexidade natural, sobretudo quando o pensamento realiza-se em um meio suficientemente fixo, e sob a assistencia dos sinais. Esse espetaculo habitual secunda, sem que o percebamos, a elaboração mental, quer lembrando-lhe seu destino por meio de ligações mais ou menos diretas, quer contendo as diversões subjetivas em virtude da sua preponderancia objetiva. A san filozofia, completando e sistematizando o apanhado fundamental de Aristoteles, reprezenta pois o homem como não menos submetido ao mundo quanto ao espirito do que pelo corpo.

Cada classe de fenomenos tem, sem duvida, as suas leis proprias, que não derivão do resto da economia natural. Mas elas são sempre subordinadas ás de todos os fenomenos menos complicados e mais gerais. Si a inteligencia pudesse ser libertada dessa preponderancia exterior, as suas divagações não se tornarião indefinidas. Antes de tudo seria ela submetida aos impulsos afetivos, e por conseguinte ás influencias que os seus orgãos recebem das viceras vegetativas. Seria precizo afastar tambem esse regulador interno para observar diretamente as leis peculiares ao nosso entendimento. Estas não podem, pois, manifestar-se sinão indiretamente, mediante a sua participação constante nas nossas principais noções, para com as quais similhantes reações cerebrais exercem um imperio muito variavel, que dezaparece espontaneamente na evolução coletiva.

Mas essa baze essencial do nosso estudo mental deixa sempre subzistir, e mesmo faz melhor prevalecer o impulso exterior, segundo elemento invariavel do grande dualismo que não comporta portanto nenhuma repartição preciza. Duas observações inversas podem

quotidianamente verificar essa dependencia geral do nosso entendimento para com a ordem exterior. Quando o meio acha-se gravemente perturbado, todo exercicio regular torna-se em breve impossivel á nossa inteligencia. O vago e a incoherencia das nossas meditações quando fechamos por demaziado tempo os olhos confirmão, mesmo durante a vigilia, essa dependencia normal, embora os objetos que nos rodeião não sejão aqueles nos quais pensemos diretamente. É portanto impossivel contestar a tendencia natural da nossa inteligencia a se subordinar ao espetaculo exterior cuja reprodução sistematica deve ela por fim fornecer-nos. Não obstante, esta dispozição espontanea não prevalece sinão muito tardiamente, quer em virtude das dificuldades proprias á manifestação da ordem objetiva, quer tambem por cauza das perturbações subjetivas emanadas do nosso começo e entretidas por nossos instintos pessoais. Póde-se assegurar, sem exagero algum, que tal harmonia, principal rezultado da nossa longa iniciação, acha-se apenas assás estabelecida hoje nos melhores espiritos, nos quais as menores paixões a suspendem aliás com demaziada frequencia.

Quanto á outra dominação fundamental que sofre a nossa inteligencia, ela é igualmente incontestavel doravante apezar do estupido orgulho dos metafizicos. Depois de Cabanis e Gall, podemos dispensar-nos de provar que o pensamento não constitûi uma função izolada, subtrahida ao consenso universal dos fenomenos vitais. Mas a sua dependencia sociologica perziste mais desconhecida até hoje do que essa conexidade biologica. Não obstante, ela torna-se tão manifesta como a preponderancia cosmologica, quando nos mantemos no ponto de vista exigido pela sua apreciação sistematica. (*Ibidem*, II, p. 382-385)

O Apostolo.— Retomando esta questão no terceiro volume de sua POLITICA, por ocazião de tratar da teoria pozitiva da evolução humana, nosso Mestre conseguiu dar ás duas primeiras leis a sua fórma definitiva. A terceira, porem, ficou ainda implicita, apezar das novas luzes que, como ides ver, tal apreciação projeta sobre ela.

O MESTRE.— Este estudo dinamico repouza necessariamente, como qualquer outro, e mesmo mais, sobre a doutrina estatica correspondente. É precizo pois rezumir primeiro as vistas fundamentais do volume precedente em relação á existencia intelectual, afim de torná-las assás precizas e coherentes para dirigirem depois a apreciação sistematica de tal movimento.

Toda a economia do entendimento humano acha-se regulada em virtude da lei geral da ordem real, que por toda parte subordina os mais nobres fenomenos aos mais grosseiros, sempre mais simples e mais regulares. Com efeito, essa regra universal estabelece primeiro a subordinação total do homem para com o mundo, como a de cada ente vivo para com o meio correspondente. Ora, o principio essencial da constituição intelectual rezulta logo de uma justa extensão dessa dependencia biologica até as funções mentais. Porque ele consiste, segundo o apanhado fundamental de Aristoteles, esclarecido por Leibnitz, e completado por Kant, na subordinação necessaria e continua das nossas construções subjetivas aos seus materiais objetivos. Mas, no ponto de vista biologico, similhante dependencia cerebral é inteiramente similhante á das funcções corporais para com o meio que domina toda a existencia vital.

Este fornece a cada uma delas o alimento, o estimulante, e o regulador, sem os quais a atividade espon-

tanea do ser vivo não comportaria nenhum rezultado normal. É a esse triplice titulo que ele rege tambem o proprio entendimento. Assim, a verdadeira economia intelectual, entrevista pelo mais eminente e o mais antigo dos meus precursores, torna-se, sob o pozitivismo, uma simples aplicação da principal lei biologica, a qual, ao seu turno, entra igualmente na regra universal da ordem natural. Similhante conexidade proporciona ao luminozo aforismo de Aristoteles uma consistencia inabalavel, que doravante sobrepujará espontaneamente todos os sofismas.

Alem desta sistematização final, o principio estatico do entendimento humano recebe do pozitivismo um complemento necessario, sem o qual não poderia ele tornar-se assás aplicavel á dinamica intelectual. Para que o subjetivo se subordine plenamento ao objetivo, não basta que o fundo dos nossos pensamentos emane sempre das nossas sensações. É precizo ainda que as imagens interiores sejão mais fracas do que as impressões exteriores que lhes correspondem. É sómente assim que póde-se estabelecer uma verdadeira *subordinação* do cerebro para com um meio verdadeiramente preponderante. Sem similhante condição, o comercio mental do homem com o mundo não comportaria nenhuma regra fixa. Porque, as nossas impressões interiores virião sempre perturbar os impulsos exteriores, a ponto de impedir muitas vezes as nossas menores apreciações. A confuzão poderia tornar-se tanto mais insuperavel quanto o mesmo objeto sucita frequentemente, em virtude da diversidade das circunstancias, muitas imagens diferentes, cada uma das quais tenderia a dominar, si a comum preponderancia de fóra não comprimisse a anarchia de dentro.

Afim de melhor caraterizar esta segunda condição

da harmonia mental, é precizo notar que o espirito nunca é passivo nas suas relações com o mundo. O estado do sujeito traz sempre uma modificação qualquer ás impressões vindas do objeto. Mesmo nos menores juizos, o cerebro é só quem fornece a hipoteze segundo a qual cada grupo de sensações determina o ser correspondente. Conquanto não possa instituí-la sinão em virtude dos elementos primitivamente emanados de fóra, as suas diversas aplicações e combinações lhe permitem uma escolha assás variada para introduzir muitas vezes a confuzão e mesmo o erro, si as suas proprias dispozições são perturbadoras.

A inteligencia acha-se colocada constantemente entre duas obrigações opostas, uma das quais tende a torná-la demaziado passiva e a outra demaziado ativa. Porque, ela deve ao mesmo tempo esforçar-se por fielmente refletir o mundo exterior, e formar o laço sem o qual as impressões que ela recebe dele ficarião incoherentes. Ora, esta indispensavel conciliação tornar-se-ia frequentemente impossivel, si as lembranças podessem adquirir tanta energia e nitidez como as sensações.

Vê-se que o aforismo de Aristoteles não bastava para fundar a estatica intelectual, antes que o pozitivismo lhe ajuntasse esse complemento geral. Ambos derivão igualmente da grande lei biologica que subordina o homem ao mundo. Ela conduz, com efeito, a uma ou a outra, conforme se aprecia a influencia exterior como alimentar e estimulante, ou como regulatriz.

Conquanto a segunda condição da harmonia mental seja unicamente destinada a completar a primeira, e apezar de provirem da mesma fonte natural, elas são por tal fórma distintas que a sua coexistencia habitual póde ecepcionalmente cessar. Tal é, com efeito, o cazo geral da loucura propriamente dita, sempre caraterizada

pelo ecesso de subjetividade, como o idiotismo pela falta. O exterior não cessa então de fornecer todos os materiais das construções do interior. Nos sonhos e nos delirios os mais pronunciados, póde-se sempre discriminar a origem exterior dos elementos peculiares ás concepções cerebrais. A perturbação consiste sómente em ficarem as lembranças mais vivas e mais nitidas do que as sensações, em consequencia da superecitação interna. Desde então, o exterior não póde regular o interior, conquanto continue a alimentá-lo e mesmo a estimulá-lo. Eis porque o pricipio de Aristoteles não permitia de modo algum instituir a teoria da loucura, cujo contraste é só o que póde fazer comprehender assás o estado normal. Concebe-se assim toda a importancia, mesmo estatica, da lei pozitivista, ao tempo que se constata a sua plena independencia, apezar da sistematização comum que combina finalmente essas duas condições necessarias e suficientes da harmonia mental. (*Ibidem*, III, p. 18-21)

A Mulher.— Tratando dessas leis, nosso Mestre mostra no CATECISMO, (56) como bem me recordo, que o estado de razão caraterizado por elas nada tem de absoluto, e que toda a evolução mental consiste de fato na série de variações normais de tal estado.

O Apostolo.— O trecho que continua a passagem que acabo de citar-vos dezenvolve justamente o pensamento a que vos referis, razão pela qual deixo de o ler neste momento.

Vou agora indicar-vos, de um modo sumario, a aptidão do Espaço para retraçar-nos naturalmente o conjunto dessas tres leis. Imediatamente percebe-se essa propriedade quanto á primeira das leis consideradas, observando a impossibilidade não só

(56) CATECISMO, p. 126-127 da tradução brazileira, 1ª edição.

de figurar o Gran-Meio a não ser como uma atenuação do nosso Ar, mas tambem de ver na sua espessura elementos que se não encontrem na Humanidade e no Mundo. Comparando depois a impressão da nossa atmosfera com a imagem do fluido universal, reconhecereis facilmente a inferior intensidade da segunda em relação á primeira. Tal contraste resalta mais nitidamente mediante o confronto de todas as sensações que nos cauzão os corpos exteriores com os fantasmas que povoão a substancia eterea. O Espaço possuindo excluzivamenne a faculdade de concretizar as abstrações contidas no nosso cerebro, a tenuidade da sua massa geral e a subtileza dos seus tipos especiais patenteião logo a segunda lei estatica que a Fatalidade impõe ao nosso entendimento. Idealizando simillhante aptidão, é-se levado a atribuir á suposta influencia objetiva do Gran-Meio essa tendencia do nosso espirito. Resta-nos, pois, unicamente a considerar a conexão entre a terceira das regras que estamos estudando e a contemplação do Espaço.

Bem examinada, a preponderancia da imagem normal se nos oferece sob um duplo aspeto, conforme se considerão, já as idéias especiais que, em relação a cada cazo, correspondem ao estado de razão, já o tipo para o qual convergem todas as recordaçoes. Limita-se esta distinção a caraterizar dois graus de um mesmo trabalho mental; pois que em ambas as hipotezes se trata de assegurar a supremacia da lei-mãi do Pozitivismo. Simillhante lei é, com efeito, o criterio unico de que dispomos para definir a imagem normal. Assim para a harmonia mental não se exige só que, acerca de qualquer ente ou de qualquer fenomeno, prepondere o tipo que a seu respeito é ins-

tituido pela lei inicial da Filozofia Primeira. Requer-se tambem que toda elaboração intelectual seja prezidida por uma imagem suprema, capaz de rezumir o conjunto da atividade especulativa. Isto equivale a reconhecer que não é possivel o equilibrio cerebral fóra da unidade religioza. A identificação do Espaço com a terceira lei estatica do entendimento exige, portanto, que se descubra nele a faculdade de evocar-nos essa dupla condição da sanidade espiritual.

Relativamente ao primeiro ponto, convem lembrar-vos que a imagem normal do Espaço consiste em figurá-lo como um fluido gazozo em continua e benevola placidez. Unicamente a intervenção do Mundo e da Humanidade o tira dessa magestoza quietude, imprimindo á sua massa as modificações momentaneas e parciais exigidas pela atividade do Gran-Fetiche e do Gran-Ser. Formão-se dest'arte imagens acessorias do Gran-Meio, nas quais a eterna serenidade da maioria do seu aspeto se concilia com as variações secundarias, passivamente toleradas. Insensivelmente apagão-se, porem, em nossa mente essas alterações passageiras, e a sua simpatica imutabilidade envolve quazi sempre a nossa inteligencia. Notai, finalmente, quanto ao segundo ponto, que a imagem do Espaço nos evoca desde logo a da Humanidade, que o instituiu, e a da Terra sobre a qual esta repouza, como, em outros tempos, foi a sua contemplação inseparavel da dos tipos divinos aos quais o Gran-Ser confiou provizoriamente a direção dos seus destinos.

A Mulher.— Bastão estas observações para que se perceba que o Espaço constitûi uma das mais belas verificações da terceira lei estatica do entendimento.

O Apostolo.— Refleti, porem, alem disso, que,

em virtude da evolução abstrata da Humanidade, somos levados a ver por toda parte nos seres concretos, izolada ou combinadamente, os tipos ideais que só existem na amplidão do Espaço. Assim é que tendemos a referir as fórmas, as quedas, os brilhos, os sons, as reações, etc., que o Mundo nos oferece aos modelos que a inteligencia da nossa Deuza subjetivamente hauriu nas profundezas do paramo etéreo. Similhantes modelos constituem, portanto, de fato para nós as imagens normais dos seres e dos acontecimentos correspondentes. Ligão-se tanbem a esses tipos os sinais que formão a linguagem e que não podemos convenientemente objetivar sinão reportando-os ao Espaço. Eis a serie de motivos que decidem a reprezentar poeticamente a ultima regra estatica do entendimento, como si ela traduzisse uma das beneficas manifestações do Gran-Meio, cuja onimoda prezença faz destacar por toda parte a imagem que deve prevalecer. Ratificando por este modo as suas propensões iniciais a contenplar fóra o que se passa dentro de si, o Gran-Ser, dá ás suas eternas instituições a estabilidade que rezulta da transformação de crenças absolutas em opiniões relativas.

A Mulher.— Na verdade, ser-me-ia imposivel, á vista das vossas explicações, separar da imagem do Espaço a recordação das leis estaticas do entendimento.

O Apostolo.— A este respeito, devo, porem, fazer-vos uma observação que se aplica ás demais regras universais. Nosso Mestre não tendo entrado em tais especificações nos seus escritos, o que vos tenho dito é apenas a comunicação do modo pelo qual comprehendo o seu pensamento. Sinto-me, porem, apoiado, em similhante interpretração pela inteira

submissão com que empenhei-me em recolher e meditar as sagradas lições que Ele nos legou.

Terminada a apreciação da primeira serie das leis mentais, vejamos como nosso Mestre carateriza a segunda.

O MESTRE.—Quanto á sua teoria dinamica, eu a instituí suficientemente no volume anterior (III da POLITICA) estabelecendo as tres leis fundamentais da evolução humana, tanto individual como coletiva. Elas regulão respetivamente os movimenos simultaneos da inteligencia, da atividade, do sentimento. A primeira consiste na sucessão dos tres estados, ficticio, abstrato, e pozitivo, que aprezenta cada entendimento relativamente ás concepções quaisquer, mas com uma velocidade proporcianada á generalidade dos fenomenos correspondentes. Pela segunda, reconhece-se uma progressão analoga para a atividade, primeiro conquistadora, depois defensiva, enfim industrial. Na terceira, extende-se a mesma marcha á sociabilidade, a principio domestica, depois civica, enfim universal, segundo a natureza peculiar a cada um dos tres instintos simpaticos. Sem que as duas ultimas leis concirnão diretamente á inteligencia, elas são realmente indispensaveis para caraterizar o seu movimento. Porque, elas regulão a relação necessaria e continua das concepções teoricas, quer com as operações praticas quer com os impulsos morais, que constituem respetivamente a sua destinação e a sua fonte.

Segundo essa triplice progressão, o segundo grupo das leis universais oferece uma completa harmonia. Com efeito, a sua primeira metade faz consistir a ordem no estabelecimento da unidade, ao passo que o segundo reduz o progresso ao dezenvolvimento de simillhante estado. Tornando-se ao mesmo tempo mais sintetica, mais

sinergica, e mais simpatica, a natureza humana tende assim para a sistematização rezultante do acendente crecente do altruismo sobre o egoismo. (*Ibidem*, IV, p. 177)

O Apostolo.— O que sabeis acerca dessas tres leis (57) apenas exige atualmente que vos indique o modo pelo qual nosso Mestre encarou por fim a primeira delas. Mas, antes disso, vou citar-vos um trecho em que Ele examina as reações que exerceria sobre esses principios um meio assás favoravel para que a alimentação solida exigisse tão poucos cuidados habituais como a nutrição liquida ou gazoza. Apanhareis bem a importancia da consideração dessa situação ideal, notando que ela carateriza o limite para o qual tende o dezenvolvimento industrial da Humanidade.

A Mulher.— Similhante hipoteze realizando-se desde já durante a infancia e a meninice, e devendo verificar-se, cada vez mais, mesmo durante a adolecencia, percebo tambem o seu alcance para apreciar convenientemente o problema da educação.

O MESTRE.— Quanto á evolução necessaria de tal sociedade, a lei fundamental dos tres estados se acharia nela profundamente modificada, sobretudo em que a idade intermediaria dezapareceria quazi inteiramente. Nada poderia dispensar então da iniciação fetichica, que seria mesmo mais pura e mais prolongada, pois que a atividade material perturbaria pouco a preponderancia espontanea do sentimento. Todavia, não hezito em pronunciar que o advento do pozitivismo final tornar-se-ia ahi mais rapido e mais facil. Para dissipar essa aparente contradição, *basta considerar*, segundo o capitulo prece-

(57) CATECISMO, p. 127-130, 269-273 da tradução brazileira, 1ª edição.

dente, o *teologismo propriamente dito como uma longa tranzição, primeiro politeica, depois monoteica, do fetichismo ao pozitivismo.* (58) Ora já notei que tal intermediario é sobretudo exigido pelas condições sociais, que, na nossa hipoteze, perderia esse acendente. Sob o aspeto intelectual só, que então prevaleceria, reprezentei o pozitivismo como podendo imediatamente suceder ao fetichismo, nas populações convenientemente submetidas a uma evolução sistematica. (59) Ora, essa aptidão se extenderia até a evolução puramente espontanea, para o cazo hipotetico que acabo de apreciar. Ele prolongaria mais a ingenua crença nas vontades diretas, porque o espirito sientifico achar-se-ia então menos estimulado. Mas permitiria mais facilmente transformá-la na concepção final das leis naturais, sem nenhuma grave interpozição dos deuzes e das entidades. Conquanto a inteligencia estivesse então desprovida dos principais impulsos praticos, que tanto secundárão o nosso surto pozitivo, o seu proprio exercicio natural a conduziria finalmente a distinguir assás da vida propriamente dita a atividade espontanea. Ora, não existe, no fundo, nenhuma outra diferença teorica entre o fetichismo e o pozitivismo, cuja sucessão tornar-se-ia assim direta. Esta concluzão espiritual se acha muito fortificada pela apreciação temporal si se considerar que, conquanto a vida industrial fosse então pouco pronunciada, a existencia militar que a precede ficaria então balda de todo estimulo intenso ou duravel. Nenhum grave conflito habitual podendo perturbar profundamente nesse cazo a evolução simpatica, ela se elevaria em breve da Familia até a Humanidade, sem demorar-se longo tempo na Patria, principal dominio do teologismo. Esse advento

(58) POLITICA, II, p. 84-86,
(59) *Ibidem.*

mais pronto do sentimento supremo deveria aliás acelerar a concentração intelectual correspondente, cujo proprio surto seria já facilitado diretamente. (POLITICA, II, p. 146-147)

A Mulher.— A necessidade de incorporar o fetichismo no pozitivismo adquire assim uma nova confirmação.

O Apostolo.— Tudo que vos tenho ainda de mencionar acerca dos principios que estamos considerando contribûi para a mesma concluzão. Não hezitareis em reconhecer essa aptidão no seguinte trecho, que encerra a concepção final da lei dos tres estados e a que ha pouco aludi.

O MESTRE.— Quanto á parte principal da vossa memoravel carta, devo sobretudo esboçar a sistematização direta das reflexões gerais que vos indiquei precedentemente sobre a emancipação sientifica, especialmente indicada no cazo mais decizivo, conquanto sob um modo espontaneamente latente, no volume que agora reledes. É precizo diretamente considerar similhante emancipação como o complemento normal da evolução fundamental que carateriza a lei dos tres estados. O ultimo estado deve ser, para esse fim, decomposto nos seus dois modos sucessivos, um sientifico, outro filozofico, respetivamente analitico e sintetico É sómente ao segundo que pertence a qualificação de *definitivo*, a principio aplicada confuzamente ao seu conjunto. No fundo, a *siencia* propriamente dita é tão preliminr com a teologia e a metafizica, e deve ser igualmente eliminada pela religião universal, em relação á qual esses tres preambulos são um provizorio, o outro tranzitorio, e o ultimo preparatorio. Ouzo mesmo recuzar ás siencias o atributo da plena pozitividade, que não consiste só na plena

realidade das especulações, mas na combinação contínua com a *utilidade*, sempre referida ao Gran-Ser, e desde então não podendo ser dignamente apreciada sinão por meio da sinteze total, isto é, subjetiva e relativa. Na construção final, a estréia teologica da preparação humana não possûi menos eficacia do que a sua terminação sientifica. Si esta fornece os materiais exteriores, a outra esboça as dispozições interiores, compensando a imaginariedade pela generalidade, cuja auzencia interdiz toda verdadeira racionalidade teorica.

Sob um aspecto mais sistematico, a primeira vida distingue-se sobretudo para o individuo como para a especie, pela van pesquiza continua de uma *sinteze* essencialmente *objetiva*, ao passo que a segunda contem e dezenvolve a *sinteze* puramente *subjetiva*, cujos materiais necessarios forão espontaneamente fornecidos pela outra. Mesmo quando a siencia já sentiu a inanidade das *cauzas* e faz gradualmente prevalecer as *leis*, ela aspira tanto como a teologia e a metafizica pela objetividade completa, sonhando a universalidade de esplicação exterior mediante uma só lei, não menos absoluta do que os deuzes e as entidades, segundo a utopia academica. A esse respeito, devo ingenuamente estender uma passagem da minha ultima circular que prolonga essa exprobação até a mim, em virtude da minha obra fundamental, na qual, quando não fosse isso, a posteridade apenas verá, como já sei dizê-lo nobremente, uma construção de estréia, um trabalho de primeira vida, só tendendo para a segunda no termo final, todos os outros tendo ficado mais ou menos submetidos ao prestigio sientifico, de que só o estado plenamente religiozo emancipou-me... (CARTAS AO DR. AUDIFFRENT. Carta de 15 de Omero de 69) (60)

(60) *Le Positivisme des Derniers Temps*, pelo Dr. Audiffrent, p. 56-58.

O Apostolo.— Este modo de ver é confirmado na carta de 27 de Aristoteles seguinte, dirigida ao mesmo dicipulo.

O Mestre.— Vejo que apreciastes agora o meu novo volume, de maneira á utiliza-lo mais do que ninguem. A sua reação geral sobre a vossa final emancipação sientifica me é sobretudo precioza, como garantindo a integridade das vossas dispozições sinteticas e a sua eficacia religioza. Sentistes dignamente que a siencia, longe de constituir o estado pozitivo, limita-se a fornecer-lhe, após a teologia e a metafizica, uma ultima preparação necessaria que, como as outras duas, tem tanto seus incovenientes como as suas vantagens, e torna-se profundamente nociva prolongando-se fóra de medida. Para caraterizar a *pozitividade* das nossas concepções, é precizo sempre que a sua *realidade* se combine com a sua *utilidade*, a qual não é verdadeiramente sucetivel de ser julgada sinão religiozamente, em virtude da relação de cada parte com o conjunto. Sente-se que a siencia seria menos apta do que a teologia para constituir um estado fixo, pois que o entendimento não poderia nunca tomar para uma verdadeira rezidencia uma simples escala, unicamente apropriada para subir ou decer entre o mundo e o homem, quando as nossas necessidades o exigem, e de modo algum capaz de fornecer-nos um domicilio permanente. É tempo que os verdadeiros teoristas se libertem, a tal respeito, de uma dominação degradante, afim de poderem dignamente instalar as grandes noções religiozas contra as quais a siencia será em breve insurgida com mais animozidade do que a teologia e a metafizica, porque ela aspira mais a perpetuar o interregno espiritual. (61)

(61) *Le Positivisme des Derniers Temps*, pelo Dr. Audiffrent, p. 59-60.

O Apostolo.— Assentada assim a formula definitiva da lei que rege diretamente a evolução mental só resta-me, para concluir o estudo do segundo grupo das leis universais, mostrar-vos a conexidade entre a sua ultima serie e a contemplação do Gran-Meio.

A Mulher.— O que me tendes ensinado até aqui indica-me, meu pai, de certo modo, a correspondencia entre a primeira das leis de tal serie e o Espaço. Foi, com efeito, o culto do Céu que, marcou a maxima expansão do fetichismo astrolatrico, como vi em uma das passagens anteriores de nosso Mestre. Em seguida o Gran-Meio passou a povoar-se de Deuzes que, condensando-se sucessivamente, derão lugar aos tres monoteismos, judaico, catolico, e islamico. Lembro-me finalmente que a noção pozitiva do Espaço foi precedida pela concepção do eter que constitûi sem duvida um dos aspetos da sua faze metafizica. Imagino, pois, de um modo geral, como a contemplação do Espaço acha-se intimamente ligada á lei dos tres estados; mas não percebo a sua conexão com as leis da atividade e do sentimento.

O Apostolo— Refletindo melhor sobre similhante objeto, chegarieis por vós mesma a apanhar a relação que existe entre o Gran-Meio e as duas leis dinamicas a que aludis. Em satisfação, porem, do vosso dezejo antecipar-me-ei á vossa meditação, assinalando-vos o principio da correspondencia que vos preocupa. Insistirei todavia ainda um pouco acerca da identificação da lei da evolução mental com a imagem do Espaço, no intuito de completar o vosso apanhado.

Em primeiro lugar, devo mencionar-vos, a tal respeito, que o Meio Subjetivo foi um dos assuntos sobre que mais exerceu-se a divagação metafizica. Mas seria inutil evocar agora essas locubrações on-

tologicas, bastando ponderar-vos que o Espaço as retraça com tanta fidelidade quanto a que apreciastes no exame do teologismo. Importa pelo contrario chamar a vossa atenção para a aptidão que possûi o Gran-Meio, de recordar-nos a dezigual velocidade com que as nossas concepções atravessão as tres fazes. Limitar-me-ei, a este propozito, a ponderar-vos que na mesma ocazião e na mesma região do Espaço se vêm coexistir as concepções pozitivas com os fantasmas da teologia e as nebulozidades da metafizica, subordinadas sempre ao principio jerarchico.

A Mulher.— A contemplação das tres fazes sucessivas me havia feito realmente esquecer esta observação indispensavel á justa apreciação da lei que estou estudando.

O Apostolo.— Precizo, em segundo lugar, mencionar-vos o alcance que tem, para a educação, a conexidade entre a referida lei e o Espaço. A criança começa, como sabeis, espontaneamente pelo periodo fetichista que se assimila diretamente ao pozitivismo, sem que essa identificação ofereça a minima dificuldade. Rapidamente atinje, porem, ela a uma idade em que as fazes anteriores da Humanidade começão a ser objeto das suas interrogações, dispertadas sobretudo pela leitura dos poetas e da vida dos principais reprezentantes do Gran-Ser. Graças á cultura religioza, já na segunda infancia, os meninos começão a indagar o que são os deuzes, os anjos, os genios, as fadas, etc. Uma resposta absoluta, com o fim de patentear-lhes desde logo o carater ficticio de tais entes, seria contraria ao seu dezenvolvimento afetivo e mesmo intelectual. Ao passo que dizendo-lhes que o Espaço formou esses tipos porque então o Gran-Ser carecia deles, e depois os apagou quando

para nada mais servião, satisfaz-se ao coração e á imaginação infantis. Introduz-se dest'arte o ponto de vista relativo no primitivo surto da razão abstrata, enunciando, sob forma objetiva, o grande principio subjetivo da criação e da eliminação das divindades e das entidades quaisquer.

A Mulher.— Já vejo, meu pai, por esta explicação, como é que podemos objetivar a setima lei da *Filozofia Primeira*. Os poetas, celebrando o Espaço, poderão proporcionar a todas as idades da vida individual, no futuro, as dispozições afetivas e mentais mais favoraveis á nossa identificação com a Humanidade. Naturalmente a assimilacão das leis da atividade e do sentimento com o Gran-Meio ainda mais dezenvolverão essa capacidade estetica.

O Apostolo.— Quanto á lei da atividade, notai que toda a ação do fluido subjetivo reduz-se a guardar as senas que a Humanidade nele imagina. Uma simples objetivação de similhante fato, basta para que o Espaço se nos aprezente como entregue a uma atividade militar conquistadora durante a faze politeista, conforme o testemunho das primitivas teogonias. Incessantes lutas fabrica assim a eterea substancia até produzir o monoteismo ocidental, graças á conquista romana. Então o espetaculo celeste toma o aspeto de um vasto sistema defensivo caraterizado pela luta entre o Céu e o Inferno, dominada pela imagem sublime da Deuza Ocidental, e incomparavelmente celebrada por Milton. Rezignadas á sua impotencia, as côrtes divinas contentão-se com manter-se, defendendo-se não só umas contra as outras, mas tambem todas contra a atividade sientifico-industrial que vai adquirindo o Espaço. Este cunho é já suficientemente pronunciado na bela concepção

por meio da qual Descartes explicou os movimentos planetarios. Só no regimen pozitivo, porem, dominará ele inteiramente; porque, extintos todos os simbolos teologicos e metafizicos, o Gran-Meio modelará apenas os ideais poeticos, os tipos teoricos, e os projetos dos aparelhos com que a Humanidade auxilia a ação benefica da Terra.

A Mulher.—Manifestando-me esta conexão entre o Espaço e a lei que rege a evolução pratica, acabais de sugerir-me o principio da relação entre o Gran-Meio e a lei da evolução afetiva. O exercicio da atividade militar só se conciliando com as fazes iniciais da simpatia, o Espaço parece-nos a principio dominado por um altruismo mais ou menos restrito como os tipos que a Humanidade nele supõe na mesma epoca. Não percebo, porem, no fluido etereo, a separação entre a faze da simpatia domestica e a do civismo, embora, apanhe o estado final constituido pela fraternidade universal, quando Ele só conserva tipos pacificos, poeticos, sientificos, e industriais.

O Apostolo.— Para descobrir a distinção a que aludis bastar-vos-á refletir que o Espaço é uma concepção que surge no periodo Fetichista. Enquanto similhante estado se dezenvolve espontaneamente, os nossos afetos têm um cunho essencialmente familiar, em virtude da constituição patriarcal das cabildas primitivas, o que supôe no Céu apenas um interesse domestico. Longe de extinguir esse carater da simpatia inicial, o periodo teocratico o dezenvolve, sistematizando pelas *castas*, a hereditariedade das profissões. Isto conduz o Espaço a fabricar sómente divindades domesticas que vêm assim substituir os *lares*, até que o monoteismo as transforme

em *anjos* da guarda. É só mais tarde que o Gran-Meio fornece deuzes patrios, concedendo tão magestoza investidura aos patronos celestes das familias preponderantes em cada lugar. Recordando a historia do mozaísmo, encontrareis um tipo memoravel dessa evolução na serie de transformações que fez do deus de Abrahão o chefe nacional da teocracia judaica, antes que S. Paulo o metamorfozeasse no elemento inicial da Trindade Catolica, e Mahomet o erigisse em centro do Islamismo.

A Mulher.— Por essa explicação, julgo-me habilitada a comprehender a aptidão do Espaço para evocar-nos as leis da evolução humana. Admiro, sobretudo, o inesperado encanto que o Gran-Meio adquire desde que se torna sucetivel de dispertar emoções religiozas que só a contemplação direta da nossa Deuza parecia-me a principio poder proporcionar-nos. Realizada a sua identificação com os dois primeiros grupos das leis universais, presinto que me será mais facil extender a mesma assimilação ao grupo final.

O Apostolo.—Independentemente de vos achardes agora mais preparada para apanhar similhante conexão, cumpre notar que a propria concepção do Espaço, como destinado a instituir o laço subjectivo dos fenomenos exteriores, o torna mais accessivel ao oficio que nos falta apreciar. Similhantes motivos contribuem para abreviar as considerações que vos terei de fazer na nossa proxima conferencia, á propozito do ultimo grupo das leis universais.

NONA CONFERENCIA

APRECIAÇÃO DA SECÇÃO MAIS OBJETIVA DA FILOZOFIA PRIMEIRA E INSTITUIÇÃO DA FILOZOFIA SEGUNDA

SEGUNDA PARTE DO COMPLEMENTO DOUTRINARIO DO

CONJUNTO DO DOGMA

A Mulher.— Desejaria, meu pai, que, antes de entrardes no estudo especial dos principios universais que formão o terceiro grupo das leis da Filozofia Primeira, aprezentasseis um apanhado do seu conjunto.

O Apostolo.— A apreciação que dessas leis faz nosso Mestre começa exatamente por uma vista sintetica sobre elas. Repetindo, portanto, textualmente as suas palavras, correspondo do melhor modo á vossa justa preocupação.

O MESTRE.— Devo agora completar o conjunto das leis universais considerando o seu terceiro grupo, no qual domina a objetividade. Composto tambem de seis leis, ele se divide, como o precedente, em duas series iguais, segundo uma distinção conforme com a natureza dessas regras, e sobretudo assinalada no seu advento. Porque umas, mais objetivas, não forão a principio apreciadas sinão em relação aos fenomenos matematicos,

sem esperar a sistematização pozitiva, que elas concorrêrão para preparar, e que foi só o que lhes proporcionou uma verdadeira universalidade. As outras, pelo contrario, são por demais misturadas de subjetividade para ter podido surgir antes que a pozitividade se extendesse até o seu principal dominio, conquanto a evolução preparatoria devesse oferecer germens insuficientes delas. Conquanto tal distinção tenda a apagar-se no estado normal, ela conservará ahi sempre alguma importancia, em virtude da analogia necessaria entre a iniciação individual e a preparação coletiva.

Primitivamente percebida pelos geometras, quando o espirito sientifico havia já perdido o seu antigo carater filozofico sem ter adquirido ainda o novo, a primeira serie das leis objetivas perziste essencialmente menosprezada até aqui. Pois que ela provem de uma generalização sistematica das tres leis que se acredita serem limitadas ao movimento material, e cuja noção pozitiva mantem-se profundamente alterada pela liga metafizica rezultante da anarchia academica. A primeira, tão conforme ao dogma da imutablidade como á nossa necessidade de fixidez, consiste em que todo estado, estatico ou dinamico, tende a perzistir espontaneamente, sem nenhuma alteração, rezistindo ás perturbações exteriores. Na segunda, o movimento se concilia com a existencia, em virtude da aptidão de um sistema qualquer a manter a sua constituição, ativa ou passiva, quando os seus elementos experimentão mutações simultaneas, contanto que elas lhes sejão exatamente comuns. Enfim, a terceira rege as influencias mutuas, proclamando por toda parte uma equivalencia necessaria entre a reação e a ação, si a intensidade de ambas fôr medida conforme a natureza de cada conflito. É facil de reconhecer que as leis especiais respetivamente instituidas, por Kepler, Galileu, e New-

ton ou antes Huyghens, para fundar a mecanica racional, constituem os germens sientificos desses teoremas filozoficos, aplicaveis a quaisquer fenomenos. Mas vê-se tambem que essa sistematização, surgida no meu tratado fundamental, exigia que a pozitividade se tivesse gradualmente elevado até a generalidade que convem á sua destinação. (POLITICA POZITIVA, IV, p. 177-179)

O Apostolo. — A propozito da comprehensão dessas tres leis, nada precizando acrecentar ao que já sabeis pelo nosso CATECISMO, (62) limitar-me-ei a indicar-vos sumariamente a espontaneidade com que a imagem do Espaço no-las evoca. Todos os fenomenos que contemplamos no Gran-Meio nos revelão logo a primeira dessas leis, sobretudo manifesta na regularidade do espetaculo astronomico. Essa propriedade se patenteia não menos nitidamente na tenacidade com que o fluido universal conserva as outras imagens que a Humanidade lá tem colocado, como o testemunha o conjunto da evolução do Gran -Ser. Numes, anjos, genios, fadas, atomos, turbilhões, etc., sucessivamente construidos pelo Espaço para atender ás necessidades morais e mentais do Ente Supremo, tudo tendeu sempre a perzistir indefinidamente, mesmo depois de esgotadas as suas aptidões. Atualmente todos verificão á cada instante como a eterea substancia auxilia a nossa meditação dando uma consistencia indefinida aos tipos abstratos que avivamos a cada momento. Superando as perturbações inherentes á agitação cerebral dos diversos individuos, a benevola cegueira da Fatalidade garante assim a eternidade das construções normais que Ela inspira ao genio da nossa Deuza.

(62) CATECISMO, p. 153-154 da tradução brazileira, 1ª edição.

Reconhecereis igualmente no Espaço a prezen ça da lei da coexistencia, notando que a supremaci da sua uniforme participação em todos os fenomeno permite que os Fados peculiares á cada classe s exerção como si a soberana Fatalidade não existisse O espetaculo celeste constitûi a recordação mais fa miliar dessa propriedade, pois que vemos o trans porte subjetivo de toda a massa sideral, no giro di urno, aliando-se ás atividades proprias do sistem terreno. Muito embora se trate de uma rotação, natureza do fluido imaginario permite que Ele izol os efeitos geometricos, abstrahindo-os das circuns tancias dinamicas inherentes aos movimentos circu lares, nos cazos concretos. A sua influencia redu -se então a fazer com que todos os astros descrevã em torno da Terra, num sentido comun, e ao mesm tempo, uma revolução identica.

A Mulher.— Em virtude dessa observação, a contemplação dos movimentos aparentes do espetaculo celeste podia ter conduzido os antigos á lei de Galileu.

O Apostolo.—Sem duvida, minha filha, que eles terião efetuado a descoberta a que aludis, si a situação historica não lhes interdissesse toda apreciação dinamica, como vistes no CATECISMO. (63) Tanto mais dificil lhes era similhante indução quanto o cazo celeste, tido por verdadeiro objetivamente, está em contradição com todos os fatos apreciaveis na Terra. Basta, porem, que ele se dê subjetivamente para que o erijamos em simbolo poetico da lei de Galileu, substituindo a consideração habitual da diversidade objetiva das mutações simultaneas, pela uniformidade do seu destino humano. Uma simples transfor-

(63) CATECISMO, p. 124 da tradução brazileira, 1ª edição.

mação do ponto de vista filozofico, tornando relativa uma concepção absoluta, permite logo harmonizar a crença fetichista primitiva com a noção pozitiva final. Ligão-se desta arte as fazes extremas da evolução coletiva, garantindo tambem a continuidade da existencia individual.

A identificação do Espaço com o principio da mutualidade é uma consequencia imediata do genero de atividade que se alia á sua passiva benevolencia. Impossivel lhe seria incorporar em si todas as abstrações, sem dezenvolver uma influencia proporcionada aos efeitos de cada fenomeno considerado. Tratando-se das fórmas, por exemplo, a ação de cada corpo consistindo em imprimir ao fluido universal o seu contorno, a reação do Gran-Meio limita-se a fazer o corpo perder exatamente o grau de energia dezenvolvido em similhante modelação. Igual ponderação sujerem os outros fenomenos, que só são guardados na substancia ideal, em virtude das reações que Ela exerce sobre os diversos seres, determinando-os a perder e deixar em si o grau de ecitação que empregárão para transmitir-lhe o seu estado proprio.

A Mulher.— Com esta ultima explicação me fornecestes uma imagem mais nitida da abstração, pois que ela fica assim reduzida poeticamente a verificar o principio da mutualidade nas ações que reciprocamente se exercem entre os seres e o Gran-Meio.

O Apostolo.— A observação que fazeis acabando de caraterizar o Espaço, sob o aspeto que estavamos considerando, podemos retomar a nossa leitura.

O Mestre.— A segunda serie das leis objetivas se liga á primeira mediante uma lei emanada do mesmo

modo de um germen matematico, conquanto tal origem se torne então menos apreciavel. Ela consiste em subordinar por toda parte a teoria do movimento á da existencia, concebendo todo progresso como o dezenvolvimento da ordem correspondente, cujas condições quaisquer regem as mutações que constituem a evolução. Limitada, entre os geometras, a reduzir as questões de movimento aos problemas de equilibrio, esta lei não podia ser generalizada sinão pelo pozitivismo, quando eu a apanhei nos fenomenos sociais, donde rezulta a sua principal destinação. Mas o seu berço matematico merece uma lembrança duradoura, permitindo, alem da apreciação historica, um confronto dogmatico com a ultima lei da primeira serie, como o indica a sua confuzão inicial. Esta analogia, que liga melhor as duas metades do terceiro grupo, se achará sempre lembrada pelos termos consagrados á prezente lei, cuja objetividade deve assim sobresahir mais. (*Ibidem*, IV, p. 179)

O Apostolo.— Chamarei por óra a vossa atenção unicamente para a conexão que nosso Mestre assignala entre este principio e o da mutualidade. Investigando os fundamentos da *Mecanica Geral*, começou Ele por descobrir que a ultima das mencionadas leis constituia um cazo particular da que foi depois formulada por d'Alembert, generalizando uma observação capital de Diogo Bernoulli. As suas meditações sociologicas levando-o mais tarde a desvendar a relação que existe, no organismo coletivo, entre o progresso e a ordem, Ele não tardou a reconhecer em tal dependencia, como vistes em nossa conferencia passada, uma generalização do principio mecanico da conversão. Seria inutil entrar atualmente em maiores detalhes a similhante respeito

O MESTRE.— Apreciando a lei seguinte, vê-se surgir uma intima ligação entre esse grupo e o precedente, pois que as suas segundas metades parecem inseparaveis. Ela consiste, de fato, na regra fundamental do classamento pozitivo, segundo a generalidade crecente ou decrecente, tanto subjetiva como objetiva. Ora, esse principio se confunde com a lei dos tres estados, do qual torna-se o complemento necessario, quando se o destina a arrumar as concepções sem pensar nas existencias. A simultaneidade do seu advento no meu opusculo fundamental bastaria para constatar a sua conexidade, que o surto do pozitivismo tornou familiar aos pensadores ocidentais. Mas, concebida assim, a penultima lei do terceiro grupo pertenceria essencialmente ao segundo, do qual deve no entanto ficar distinta. A sua principal apreciação consiste pois em considerá-la como objetiva, destinando-a sobretudo aos fenomenos, e mesmo aos seres, ou pelos menos ás existencias. Então ela submete a nobreza á força, fazendo por toda parte depender os mais eminentes fenomenos dos atributos mais grosseiros, sem tornar jamais opressiva uma dominação necessaria, na qual a regularidade compensa a dignidade.

Completo o ultimo grupo das leis universais pela que subordina todo intermedio aos dois extremos cuja ligação ele opera. O frequente uzo que fiz dela nos diversos volumes deste tratado me dispensa aqui de insistir a tal respeito. Conquanto o grande Buffon pareça-me tê-la entrevisto, creio finalmente dever atribui-la a mim mesmo tanto como a maioria das quatorze precedentes, todas mais ou menos suspeitadas pelos meus diferentes precursores, e no entanto peculiares á minha sistematização. A sua aparencia subjetiva, devida sobretudo á sua aptidão mais logica do que sientifica, não deve fazer desconhecer a sua objetividade. Porque esta lei pro-

clama tanto a dependencia dos estados como o encadeamento dos seus estudos. (*Ibidem*, IV, p. 179-180)

O Apostolo.— Antes de ler-vos a apreciação sintetica que em seguida passa a fazer nosso Mestre em relação ás quinze leis universais, devo indicar-vos a conexão das tres ultimas com o Espaço. Lembrando-vos a evolução do Gran-Meio, reconhecereis imediatamente que ela constitúi a confirmação do primeiro dos principios a que nos referimos. Mantendo sempre a sua constituição inicial, o seu aperfeiçoamento consistiu em adaptar-se cada vez melhor ás necessidades afetivas, mentais, e mesmo praticas da Humanidade. Na sua fluidez se estampárão as abstrações sucessivas do Gran-Ser, apenas mediante o dezenvolvimento da mesma benevolencia com que ela acolheu as primeiras criações do genio da nossa Deuza. E a medida que esta progredia, a natureza relativa do Espaço, implicita no seu primitivo surto, se foi acentuando, em virtude dos tipos objetivamente antagonicos com que foi sendo povoado, até tornar-se completamente manifesta.

O modo pelo qual as abstrações se achão dispostas no Espaço evidencia tambem imediatamente o principio que prezide ás jerarchias quaisquer. Localizando tudo segundo as suas dependencias, o Gran-Meio foi arrumando os tipos divinos, os simbolos metafizicos, e as construções pozitivas, sempre de acordo com simillhante principio, como pode-se verificar especialmente na constituição das côrtes celestiais. A mesma lei prezide tanto ao arranjo total como aos grupamentos parciais de que aquele é composto. Não só as abstrações obedecem a essa ordem em qualquer momento, mas tambem foi se

gundo tal regra que o fluido universal as foi sucessivamente produzindo, como vos fiz notar, a propozito da lei evolutiva do pensamento. Devo unicamente especificar a realização de similhante norma na organização da trindade religioza, na qual o Espaço constitûi o elemento mais simples, e a Humanidade o termo mais complicado. Animado apenas pela simpatia universal, o Gran-Meio abraça ao mesmo tempo o Gran-Fetiche e o Gran-Ser, cuja mutua atividade é esclarecida pela inteligencia peculiar a este.

Ficais assim tambem habilitada a perceber por que a mesma séde convem á ultima das leis universais, que é só o que permite-nos satisfazer ôs nossos votos de continuidade. Reconhecereis, com efeito, similhante aptidão examinando as condições de ligação entre tres termos consecutivos da serie abstrata, em vez de considerar a dependencia de dois elementos conjuntos, como acabamos de fazer, para descobrir o principio do classamento. A continuidade aprezenta-se desde então como rezultando da subordinação do termo medio aos dois extremos para os quais ele serve de nexo. Notando o modo pelo qual o Espaço foi aperfeiçoando sucessivamente a jerarchia das abstrações, mediante a instituição de novos elementos, é que melhor se apanha o ultimo dos seus atributos universais. Conquanto a historia do par fizico-chimico seja bem carateristica a tal respeito, devo assinalar-vos de preferencia a propria evolução pela qual o Gran-Meio manifesta-se como excluzivamente capaz de constituir o elo entre a razão abstrata e a razão concreta. Essa aptidão só ficou patente depois que a Humanidade conduziu nosso Mestre a reconhecer com inteira nitidez os carateres religiozos da ordem pratica e da ordem especulativa.